

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PUC-SP**

ANGELA MARIA BALTIERI SOUZA

**O agir e o representar por meio de linguagem: gênero Memórias
Literárias**

Mestre em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo

2018

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PUC-SP**

ANGELA MARIA BALTIERI SOUZA

**O agir e o representar por meio de linguagem: gênero Memórias
Literárias**

Dissertação apresentada à Banca de Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Professora Dra. Clarilza Prado de Sousa.

São Paulo

2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Clarilza Prado de Sousa
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
(Orientadora)

Prof. Dra. Eliane Gouvêa Lousada
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Rios sem discurso¹

Quando um rio corta, corta-se de vez
O discurso-rio que ele fazia;
Cortado, a água se quebra em pedaços,
Em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
A uma palavra em situação dicionária:
Isolada, estanque no poço dela mesma,
E porque assim estanque, estancada;
E mais: porque assim estancada, muda,
E muda porque com nenhuma se comunica,
Porque cortou-se a sintaxe desse rio,
O fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
Chega raramente a se reatar de vez;
Um rio precisa de muito fio de água
Para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
Lhe impondo interina outra linguagem,
Um rio precisa de muitas águas em fios
Para que todos os poços se enfrasem:
Se reatando, de um para outro poço,
Em frases curtas, então frase e frase,
Até a sentença-rio do discurso único
Em que se tem voz a seca ele combate.

(MELO NETO, 1999, p. 350-351)

¹ MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

A aproximação entre a Teoria das Representações Sociais e a visão psicossociológica² do gênero textual começou com as discussões entre a orientadora desta dissertação e a professora Anna Rachel Machado da PUC-SP, que trouxe o Interacionismo Sociodiscursivo para o Brasil e ampliou o ensino de língua em nosso país.

² MACHADO, Anna Rachel. Para (re)pensar o ensino de gêneros. *Calidoscópico*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, p. 23, jan.-jun. 2004b.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa (PROEX) concedida que promoveu minha formação e a realização desta pesquisa.

À minha querida mãe, MARIA HELENA LOPES BALTIERI, por sempre ter me incentivado a aprender e que por inúmeras vezes me deu apoio e cuidou do meu filho para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos meus amados esposo FÁBIO DIAS DE SOUZA e filho MATEUS BALTIERI, que me apoiaram e compreenderam a minha ausência por diversas vezes, quando as leituras tomavam o tempo que seria dedicado a eles.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação (PED), por serem exemplos tão dedicados e que de maneiras diversas contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

À professora CLARILZA PRADO DE SOUSA, por sua dedicação aos estudos de Representações Sociais desenvolvidos no Brasil e pelo tempo destinado a mim durante todo o curso de mestrado e dissertação. Sempre com muito entusiasmo e alegria que contagiava a todos ao seu redor e a quem sou imensamente grata.

Às professoras ELIANE GOUVÊA LOUSADA e MITSUKO APARECIDA MAKINO ANTUNES, pelos preciosos comentários que orientaram a minha qualificação para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos membros do grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa internacional em Representações Sociais – PUC/SP (Nears), que me receberam com muito carinho e atenção. O grupo me oportunizou muito conhecimento e sou feliz por fazer parte.

E por último, mas não menos importantes, aos colegas professores que fizeram parte de minha trajetória profissional nesses 11 anos como professora de Língua Portuguesa da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

RESUMO

SOUZA, Angela Maria Baltieri. *O agir e o representar por meio de linguagem: gênero Memórias Literárias*. 2018. 358 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

O texto apresentado discute os resultados do estudo realizado, a partir de produções textuais do gênero Memórias Literárias de alunos/autores e finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – 2014. Objetivou-se analisar a linguagem expressa em uma situação de comunicação real, identificar como esses autores descrevem e estão sendo orientados a discutir o lugar em que vivem, incluindo também a sua própria experiência. No presente estudo, buscando uma articulação entre a Teoria das Representações Sociais (TRS) e Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), elegeu-se um material didático, construído com o suporte teórico do ISD para compreender as possibilidades e os limites dessas duas teorias. Escolheu-se o gênero Memórias Literárias (produção escrita) dos alunos, buscando compreender as imagens, os discursos e as representações linguísticas do processo de produção textual. Mediante um referencial postulado pela Teoria das Representações Sociais, estudos de gêneros textuais e Interacionismo Sociodiscursivo, o estudo permitiu, com a temática “O lugar onde vivo”, analisar a voz do sujeito (aluno), suas relações interpessoais/marcas de convivência (relação eu/outro/mundo/nós/família/comunidade) no texto, considerando os processos para chegar à produção textual. O emprego do *software* Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d’ un Ensemble de Segments de Texte*), um programa de análise de dados textuais cuja finalidade é quantificar e extrair as estruturas mais significativas, apoiou a análise dos textos e possibilitou aprofundar os estudos quantitativos e qualitativos. Na abordagem qualitativa, também, realizou-se a análise psicolinguística das produções. Por essas análises, em duas dimensões, foi possível observar que o aluno/autor traz elementos do passado do outro, valorização dos sentimentos da época e descrição do tempo para falar do lugar onde vive, revelando a priorização do texto do sujeito/autor para descrever o lugar em que vive, valorizando um Brasil rural, localizado em um passado distante, longe da infância de quem o está vivendo. Também facultou revelar o contexto de produção (contexto *físico* e *sociosubjetivo*) do agir do sujeito. O estudo oferece ao professor a reflexão sobre como discutir a realização de uma produção textual, sobre o lugar em que vive o aluno, contando com recursos de entrevista de antigos moradores, sem desconsiderar a experiência e vivência do próprio aluno. Discutindo o passado do outro, inter-relacionando e valorizando o seu próprio presente, integrando-o na sua construção de futuro.

Palavras-chave: Gênero textual, Interacionismo Sociodiscursivo e Representações Sociais.

ABSTRACT

SOUZA, Angela Maria Baltieri. *Literary Memories*: a genre used to teach how to act and to represent through language. 2018. 358 p. Thesis (Master in Education: Education Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

This text discusses the results of a study based on written productions of the genre Literary Memories of the finalists of the *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro – 2014*. The objective of this study was to analyze the language in a real life communication and to identify how these authors describe and how they are guided to discuss where they live, including their own experience. An articulation between the Theory of Social Representations and Sociodiscursive Interactionism and the material which gave support to comprehend the possibilities and limitations of both theories. The theme Literary Memories (written production) of students, was to comprehend the images, the discourses and linguistics representations of the written process. Through this Theory of Social Representations, genre studies and Sociodiscursive Interactions, the study with the theme “Where I live” allowed an analyses of the voice of the subject (students), his interpersonal relationship (I/other/world/we/family/community) in the text, considering the processes to the final written production. The use of the software Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d. um Ensemble de Segments de Texte*), a program of textual analysis that aims to quantify and extract the most significant structures, supported the analysis of the texts and allowed a deep qualitative and quantitative study. In the qualitative analyses, it was possible a written psychoanalysis. Through this analyses, in two dimensions, it was possible to observe that the student/author brings elements of the past from the other, values the feelings of the time and at the same time talks about the place where he lives prioritizing the subject/author to describe the place where he lives, It values a rural Brazil located in a distant past, far from the childhood of those who are talking about it. It also showed the written production context (physical context and social subjective) of the subject action. The study allows teachers to reflect and discuss on how a written production process about the place where students live, provided by the interviews which were resources from former residents can enhance students’ own experience. Discuss the past of the other, integrating and valuing your own present, considering it while integrating it to the future

Keywords: Discursive genres, Sociodiscursive Interactionism and Social Representations.

LISTA DE FIGURAS E ORGANOGRAMA

Figura 1 – Representação <i>Alter-Ego</i> -Objeto de Moscovici.....	19
Figura 2 – Esquema da Sequência Didática	27
Figura 3 – Tripolaridade do instrumento.....	33
Figura 4 – Porcentagem de alunos (finalistas da OLP) no ano de 2014 por Estado brasileiro.....	61
Figura 5 – Porcentagem de alunos (finalistas da OLP) no ano de 2014 por regiões brasileiras	62
Figura 6 – Dicionário com as palavras e valor do χ^2	64
Figura 7 – Dendrograma sobre a Classificação Hierárquica Ascendente	65
Figura 8 – Representação da análise fatorial correlacional (eixos X e Y)	66
Figura 9 – Núcleos de Sentido construídos a partir do Alceste	71
Figura 10 – Escolha de discursos dos participantes.....	78
Figura 11 – Escolha de sequências dos participantes.....	79
Figura 12 – Voz do aluno/autor.....	81
Figura 13 – Voz que intervém como agente nos discursos	90
Figura 14 – Instâncias externas.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Oficinas do Caderno do Professor: <i>Se bem me lembro</i>	28
Quadro 2 – Mundos formais.....	31
Quadro 3 – Agrupamento de gêneros.....	34
Quadro 4 – Capacidades de linguagem e suas respectivas operações de linguagem (<i>arquitetura textual</i>)	37
Quadro 5 – Tipos de discurso	40
Quadro 6 – Matriz de análise de textos.....	41
Quadro 7 – Grade de Correção OLP	55
Quadro 8 – Matriz de análise de textos.....	67
Quadro 9 – Síntese do Núcleo de Sentido – Subjetividade	73
Quadro 10 – Síntese do núcleo de Sentido – Espaço/tempo das Memórias Literárias	74
Quadro 11 – Síntese do núcleo de Sentido – Prática Social e Norma Social	74
Quadro 12 – Elementos que compõem as capacidades de ação.....	75
Quadro 13 – Escolhas verbais dos participantes.....	80
Quadro 14 – Voz que intervém como agente	81
Quadro 15 – Voz que não intervém como agente.....	82
Quadro 16 – Modalizações encontradas no <i>corpus</i> textual	83
Quadro 17 – Síntese das Capacidades de Linguagem.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO SOB O OLHAR PSICOSSOCIAL DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (TRS), A PARTIR DE UM MATERIAL DIDÁTICO BASEADO NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD).....	18
2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA (OLP)	24
2.1 Como o aluno chega à produção?	26
2.2 Abordagem didática do trabalho com o gênero textual	29
2.3 As capacidades de linguagem e suas respectivas operações de linguagem (<i>arquitetura textual</i>)	36
2.4 O gênero como um instrumento que possibilita a comunicação escrita.....	42
2.5 Gênero Memórias Literárias: as oficinas para a produção textual	47
3 MÉTODO	58
3.1 Sujeitos	60
3.2 Procedimentos para organização dos dados	62
A – Primeira Etapa.....	62
B – Segunda Etapa.....	67
4 DESCRIÇÃO, DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS	71
A – Análise semântica dos resultados do Alceste	71
B – Análise dos textos produzidos a partir das categorias do Interacionismo Sociodiscursivo	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	94

APÊNDICE A – ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	97
--	----

ANEXOS

ANEXO 1 – CADERNO DO PROFESSOR – ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS – SE BEM ME LEMBRO... ..	109
ANEXO 2 – <i>CORPUS</i> MEMÓRIAS LITERÁRIAS 2014.....	261
ANEXO 3 – RELATÓRIO DO ALCESTE GERADO A PARTIR DO PROCESSA- MENTO DO <i>CORPUS</i>	291

INTRODUÇÃO

A pesquisa buscou compreender o processo de produção textual como direcionamento para investigar pistas do agir do sujeito (aluno) e de suas representações. Essa abordagem procurando articulação da psicologia da linguagem (trabalho didático com gênero textual) e da psicologia social, é ainda pouco explorada, nesse sentido, o estudo se apresenta como uma tentativa inicial a ser continuada em estudos futuros.

Para tanto, o trabalho com gêneros textuais em sala de aula traz elementos das práticas sociais e torna-se instrumento para o processo de ensino-aprendizagem da produção textual. Para Ivana Marková (2006, p. 128), a utilização de diversos gêneros textuais como instrumentos visa o desenvolvimento da dialogicidade “que gera os tipos diversos de pensamento e de comunicação”. Apoiando esse tipo de estratégia do ensino estariam as observações da autora:

A história e a cultura impõem demandas nos estilos dialógicos de pensamento e comunicação e os restringem em direções específicas. Por exemplo, existem tipos diferentes de restrições do passado e do presente [...]. Como também a enorme variedade de situações nas quais o pensamento e a comunicação acontecem, resultam na característica essencial da dialogicidade: sua natureza multifacetada, multivocal e polifásica (MARKOVÁ, 2006, p. 136).

Assim, ao se basear nessas proposições, o presente estudo pretende discutir como a linguagem expressa pela atividade linguística, produzida em uma situação de comunicação real pode revelar pistas do agir do sujeito e as Representações Sociais sobre o lugar em que vivem. O objeto de estudo são as produções textuais do gênero Memórias Literárias de alunos/autores e finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – 2014, com idades entre 12 e 13 anos, da Rede Pública de Ensino, promovido em parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

O trabalho em sala de aula desenvolvido pelo professor de Língua Portuguesa imprime um processo de produção textual entendido como uma atividade humana. Para Joaquim Dolz (2011, p. 4-5), “a tarefa do professor é

abrangente”, pois “compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas”, que mobiliza as capacidades de linguagem.

O texto pode ser linguístico (oral e escrito), visual, olfativo, gestual, entre outros. Contudo, neste estudo procurou-se discutir os sentidos e os significados do texto escrito (autoral) produzido em interação social, cujo objetivo é analisar a linguagem humana, expressa pela atividade linguística (simbólica e material).

Tomando os textos produzidos pelos alunos, após esse processo didático, procurou-se analisar como diferentes modos de pensamento contribuem para desvelar as pistas do agir do sujeito e de suas representações.

Analisando a situação de linguagem humana, expressa pela atividade linguística (simbólica e material), investigou-se como os alunos descrevem e estão sendo orientados a discutir o lugar em que vivem. Para tanto, foram analisadas as produções dos alunos/autores e finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa em 2014, objetivando-se encontrar a voz do sujeito (aluno), suas relações interpessoais/marcas de convivência (relação eu/outro/mundo/nós/família/comunidade) e, sobretudo, quais os processos para se chegar à produção textual.

O gênero Memórias Literárias foi priorizado neste estudo com o tema “O lugar onde vivo”, pois propicia resgatar histórias, estreitar vínculos com a comunidade, aprofundar o conhecimento sobre o lugar onde os alunos vivem e as relações que se estabelecem na convivência humana.

Essa interação entre o eu, o outro e o mundo desses discursos engloba diferentes formas de pensar, expressas por meio de linguagem e em um contexto historicamente construído, que, segundo Moscovici (2015, p. 150), possibilita um olhar psicossocial dos objetos, dos sujeitos e de sua subjetividade, auxiliando a inserção de um olhar que considere o contexto social e o sujeito.

Ao agir e representar por meio de linguagem, o ser humano faz escolhas, as quais, segundo Marková (2015), são éticas. E, de acordo com a autora,

[...] é o que torna humanos os seres humanos, podemos argumentar que é algo que separa o universo reificado que estuda objetos no mundo externo e o universo consensual – que examina as formas como a sociedade se torna visível e em que os seus membros atuam e interagem com o mundo (MARKOVÁ, 2015, p. 84).

Ao se compreender os modos de agir e representar nas práticas de linguagem situadas (textos-discursos), instrumentos para o desenvolvimento humano, articula-se uma aproximação entre a Teoria das Representações Sociais (TRS) e o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Para tanto, ao escrever, o aluno participante da Olimpíada presume quem lerá o seu texto e por meio de quais elementos para a construção do gênero textual. O sujeito (aluno) faz escolhas ao escrever, baseadas em Representações Sociais, que permitem construir a consciência, possibilitando observar a condição do seu comportamento e o desenvolvimento de sua prática (história, cultura), bem como agir em determinada direção.

Nesse contexto, a investigação apoiou-se no estudo de gêneros textuais de Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly e no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), adotando-se a perspectiva de Jean Paul Bronckart, que intensificou o processo didático de produção dos textos analisados.

Essa abordagem abrange o trabalho com o gênero textual e uma análise linguística, discursiva e linguístico-discursiva do texto do aluno, sobre o emissor/enunciador, o receptor/destinatário, a instituição social onde se dá a interação e o objetivo ou os efeitos que o produtor quer atingir com relação ao destinatário.

Procurando, também, conhecer e tecer pistas expressas na linguagem escrita (gênero Memórias Literárias), que revelam os sentidos e significados que os alunos atribuíram ao “lugar onde vivem”, pretendeu-se analisar as representações sociais presentes nos textos à luz da Psicologia Social, utilizando o aporte teórico de Serge Moscovici e Ivana Marková sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS).

A TRS desenvolvida por Moscovici (2015) considera como uma teoria que pretende discutir um fenômeno que se constitui na comunicação e se expressa pelos diferentes tipos de linguagem (verbal e não verbal).

Para tanto, Moscovici (2015, p. 35), afirma que “nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura”.

Marková (2006, p.212-215) sustenta que Moscovici elegeu a articulação entre o pensamento e a linguagem como representação social, baseada no pensamento de senso comum, no conhecimento e na comunicação. Ademais, que os componentes da “tríade dialógica” (*Alter-Ego-Objeto*) são internamente relacionados por meio de gestos verbais e não verbais. Assim, as atividades que fazem sentido estão orientadas em relação o passado e as interpretações retrospectivas, podendo antecipar “quais as direções que o conhecimento e a comunicação podem adotar”.

A autora (2006, p. 269-274) afirma, ainda, que os “gêneros de comunicação são fatos do ambiente social (convencionais e institucionais)”, pois, quando escolhemos um gênero para nos comunicarmos, adotamos também “estilos de pensamento”. Para tanto, “o poder comunicativo está em sua capacidade de expressar imagens”.

Para Moscovici (2015), a representação social é uma modalidade específica de conhecimento, que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos, no quadro da vida cotidiana. Significa que o sujeito que produz sistemas simbólicos e sociais na construção da realidade é construtor da realidade e também é construído pela realidade social.

Marková (2006, p. 128), analisando o processo de comunicação, introduz a questão da antinomia *Alter-Ego* como a hipótese da “dialogicidade”. E dialogicidade, como afirma a autora, é a “capacidade fundamental da mente humana em conceber, criar e comunicar sobre realidades sociais”. E prossegue a autora dizendo que o *Alter-Ego* é “uma ontologia da comunicação e, por implicação, uma ontologia da mente humana”, então “é a dialogicidade que gera os tipos diversos de pensamento e de comunicação”.

É, portanto, o pensamento expresso pela linguagem quando concebe o mundo e cria realidades sociais (indivíduo e o grupo).

Assim, segundo Marková (2015, p. 94), a compreensão das representações expressas e construídas na comunicação estabelece “as relações de *Alter-Ego-Objeto*”, que são éticas (avaliativas e críticas) e, portanto, permitem identificar as crenças e os valores dos sujeitos envolvidos no processo.

Nesse contexto, foi possível hipotetizar que os textos dos alunos construídos na cotidianidade poderiam estar orientados por representações sociais que eles têm sobre os objetos e as coisas.

Diante disso, formularam-se os seguintes problemas que orientaram o desenvolvimento do presente estudo:

- desvelar pistas do agir *linguageiro* do sujeito;
- desvelar as Representações Sociais (RS).

Visa-se, com os problemas, desvelar a subjetividade e o agir do sujeito (aluno) expressos nas produções.

O ponto de partida para a investigação é a compreensão de alguns conceitos da psicologia da linguagem e da psicologia social. Portanto, no primeiro capítulo, compreende-se a Teoria das Representações Sociais na comunicação a partir de considerações de Serge Moscovici e Ivana Marková; e, no segundo, como se trabalha na didática do gênero textual no contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa, cujos textos analisados são provenientes desse processo didático de ensino.

Os procedimentos para a organização dos dados são explicitados no terceiro capítulo, em que se utilizaram as metodologias qualitativa e quantitativa. No quarto há descrição, discussão e avaliação dos resultados.

E, finalmente, as considerações das análises realizadas e proposições a partir dos referenciais teóricos dos estudos de gêneros textuais e de Representações Sociais.

1

A CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO SOB O OLHAR PSICOSSOCIAL DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (TRS), A PARTIR DE UM MATERIAL DIDÁTICO BASEADO NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD)

A TRS foi desenvolvida por Moscovici pretendendo discutir como o fenômeno da representação se constitui na comunicação e se expressa pelos diferentes tipos de linguagem, envolvendo também as emoções e indo além “do significado semântico” (MARKOVÁ, 2006, p. 274).

O conceito de Representação Social surgiu em 1961, da tese de Moscovici intitulada *La Psychanalyse, son image et son public* (A Psicanálise, sua imagem e seu público), que buscou por respostas ao questionamento: *o que acontece quando um tipo de conhecimento (conhecimento científico) circula na estrutura social para além de sua origem e contexto de produção?* (MOSCOVICI, 2015, p. 312).

Com essa pesquisa, Moscovici (2015) observou como um sistema de saber (a psicanálise) pode se transformar à medida que penetra em diferentes ambientes sociais, ou seja, de que modo foram realizadas a apropriação, a resignificação e a transformação do conceito da psicanálise por diferentes setores da população francesa na década de 60.

Seu estudo deu origem à Teoria das Representações Sociais (TRS), afirmando que o processo de transformação do *saber* serve, segundo Sá (2015, p. 183-185), “a outros usos e funções sociais”, que chamou de “estudos psicossociais” ou um campo de “estudos psicossociais”, pois considera os comportamentos individuais, os fatos sociais, bem como sua concretude e singularidade histórica dos contextos sociais sobre os comportamentos. Segundo Sá (2015) o conceito de Representação Social de Moscovici designa

[...] uma forma específica de conhecimentos, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio social, material e ideal. Enquanto tais, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. A marcação social dos conteúdos ou dos processos de representação refere-se às condições e aos contextos nos

quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas servem na interação com o mundo e com os outros (MOSCOVICI, 1984, p. 361-362 apud SÁ, 2015, p. 196).

Ao desenvolver a psicossociologia do conhecimento, Moscovici (2015), passou a discutir a representação social como uma modalidade específica de conhecimento, que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos no quadro da vida cotidiana.

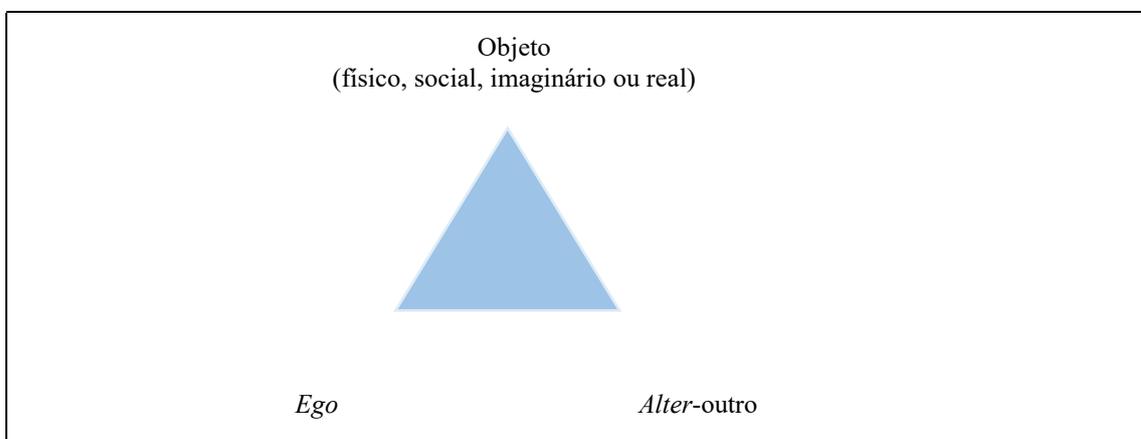
Significa a linha de chegada à ênfase psicossocial, de um sujeito que produz sistemas simbólicos e sociais na construção da realidade, que é construtor da realidade e também é construído pela realidade social.

Trata-se, portanto, do interesse pelas representações da sociedade presente, que se referem ao

[...] nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornasse tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, ideologias – e às mudanças pelas quais eles devem passar a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum (MOSCOVICI, 1948a, p. 18-19 apud SÁ, 2015, p. 186).

O olhar psicossocial da teoria moscoviciano concebe, segundo Sousa e Bôas (2011, p. 28-29), a construção simultânea do pensamento em “interação e mediação constante entre *Ego* (sujeito individual), *Alter* (sujeito social) e Objeto”, como se observa na Figura 1:

Figura 1 – Representação *Alter-Ego-Objeto* de Moscovici



Fonte: (SOUSA e BÔAS, 2011, p. 28).

Esse esquema exemplifica a construção psicossocial do pensamento, quando o concebe e cria realidades sociais (indivíduo e o grupo).

Para tanto, Moscovici (2015, p. 312) afirma que, “quando uma nova ideia, ou conhecimento científico, penetra na esfera pública, a vida cultural de uma sociedade”, temos polêmicas (lutas culturais) e oposição entre diferentes modos de pensar, um processo de transformação do conhecimento (nova representação social).

Portanto, poderia haver relação entre essa transformação (representação social) e a linguagem, pois é pela utilização de uma palavra, por exemplo, que podemos associar a “novos sentidos e categorias sociocognitivo-afetivas” segundo Moscovici (2015, p. 313), o que se transforma em “uma nova representação ou novo conhecimento comum”.

Nascemos, então, em um mundo com representações e, segundo Moscovici (2015),

[...] em uma grande biblioteca, onde nós encontramos todo tipo de conhecimento, de idiomas, de normas e assim por diante. Ninguém de nós pode teorizar, ou falar sobre a natureza e a realidade do mesmo modo que Adão, antes de ser expulso do paraíso, não conhecia nada sobre a diferença entre o bem e o mal, o verdadeiro e o falso. [...] nosso conhecimento é uma instituição igual a outras instituições. Nossas representações são também instituições que nós partilhamos e que existem antes de nós termos nascido dentro delas; nós formamos novas representações a partir das anteriores, ou contra elas. As atitudes não expressam conhecimento como tal, mas uma relação com certeza e incerteza, crença ou descrença, em relação ao conhecimento. Pode-se falar também sobre uma atitude em relação a um objeto, uma pessoa, um grupo e assim por diante. Contudo, no que diz respeito a entidades sociais, essas são as entidades representadas (MOSCOVICI, 2015, p. 319).

Para Moscovici (2015, p. 35), “nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado tanto por nossas representações como por nossa cultura”. Nesse sentido, para Marková (2015) as representações sociais

[...] são produtos que incluem um senso comum pré-reflexivo, bem como várias formas de conhecimentos e crenças pré-reflexivos e reflexões socialmente partilhadas, bem como experiências de realidade, rotinas, crises de vida e tipos habituais de conhecimento. [...] pré-reflexivos e reflexivos como também relativamente estabilizados e incontestados, bem como também relativamente estabilizados e incontestados e argumentativos. [...] estes tipos de conhecimento e crenças são características de representações e da representação social (MARKOVÁ, 2015, p. 95-96).

Para tanto, Moscovici (1961), discutindo a articulação entre pensamento e linguagem, pontua que a “representação social, é baseada no pensamento de senso comum, no conhecimento e na comunicação”. Afirma, ainda, que os componentes da “tríade dialógica” (*Alter-Ego-Objeto*) são “internamente relacionados” por meio de “gestos verbais e não verbais”, assim, “as atividades que fazem sentido estão orientadas em relação ao passado e em relação às interpretações retrospectivas, podendo antecipar quais as direções que o conhecimento e a comunicação podem adotar” (MARKOVÁ, 2006, p. 188 e 212-215).

Marková (2006, p. 269-270) sustenta ainda que os “gêneros de comportamento”, bem como os “gêneros de comunicação, são fatos do ambiente social (convencionais e institucionais). Dando uma orientação dupla entre o “pensamento” e a “linguagem”, pois, segundo a autora (MARKOVÁ, 2015, p. 93-94), “o senso comum é socialmente partilhado, mas não reflexivo”, com a presença de normas preestabelecidas na sociedade (morais, legais, éticas aceitas socialmente), que são transmitidas de “geração em geração através da linguagem e da comunicação”. Entretanto, para haver um pensamento dialógico é preciso que este seja refletido por mecanismos psicológicos, no consenso grupal.

Moscovici considera a representação social como “uma modalidade específica de conhecimento, que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos”, no quadro da vida cotidiana (SÁ, 2015, p. 187). Significa que o sujeito que produz sistemas simbólicos e sociais na construção da realidade é construtor da realidade e também é construído pela realidade social.

O autor (MOSCOVICI, 1978, p. 50-51) postula que “conjuntos de conceitos, afirmações, conhecimentos e saberes”, que são as representações sociais, devem ser considerados verdadeiras “teorias” do senso comum, “ciências coletivas” *sui generis*, pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais. Para ele, “as representações sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro *ambiente* onde se desenvolve a vida cotidiana”, que faz parte da vida em sociedade. Essa representação ocorre, segundo SÁ (2015, p. 197), por uma tensão entre o indivíduo e o grupo, na “comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro”.

Marková (2006, p. 128), analisando o processo de comunicação, introduz a questão da antinomia *Alter-Ego* como “hipóteses da dialogicidade”, e esta última, como afirma a autora, é a “capacidade fundamental da mente humana em conceber, criar e comunicar sobre realidades sociais”. Prossegue a autora sustentando que o *Alter-Ego* é “uma ontologia da comunicação e, por implicação, uma ontologia da mente humana, então é a dialogicidade que gera os tipos diversos de pensamento e de comunicação”. Para tanto, o “*Alter* e o *Ego* são gerados pela comunicação simbólica e através dela” [...] entre as relações “entre o indivíduo e o social”.

Assim, a compreensão dessas representações expressas e construídas na comunicação estabelece, segundo Marková (2015, p. 94), “as relações de *Alter-Ego-Objeto*”, que são éticas (avaliativas e críticas) e que, portanto, permitem identificar as crenças e os valores dos sujeitos envolvidos no processo.

De acordo com Marková (2017, p. 114, 125 e 129), a TRS “destaca os homens como seres éticos” que fazem “escolhas éticas” (capacidade de avaliar e julgar acontecimentos), que são indispensáveis para as interações da vida cotidiana. A autora destaca, ainda, que “as pessoas se comunicam, avaliam e julgam acontecimentos, suas próprias condutas e as dos outros”. E que uma “mente dialógica é a mente em interação com os outros” (indivíduos, grupos, instituições, culturas e com o passado, presente e futuro).

Portanto, Moscovici (1978) assevera que os significados das representações e emoções podem ir além do significado semântico.

Para o referido autor (2015, p. 35), “nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado tanto por nossas representações como por nossa cultura”.

Assim, os homens constroem e criam sentido e entendem os fenômenos sociais constituintes da realidade social em que vivem. É, portanto, o pensamento expresso pela linguagem quando concebe o mundo e cria realidades sociais (indivíduo e o grupo).

No presente estudo, buscando uma articulação entre a TRS e ISD, elegeu-se um material didático, construído com o suporte teórico do ISD para compreender

as possibilidades e os limites dessas duas teorias. Escolheu-se o gênero Memórias Literárias (produção escrita) dos alunos, buscando compreender as imagens, os discursos e as representações linguísticas do processo de produção textual.

Para tanto, Schneuwly, Dolz e Noverraz (2011, p. 119) apresentam o gênero textual como um “objeto” material ou simbólico, social e historicamente construído para mediar a ação do homem sobre o meio, ou sobre o outro, e para atingir determinada finalidade, o que favorece o aperfeiçoamento do conhecimento.

Compreende-se o gênero como um instrumento com o qual é possível exercer a ação de agir sobre a realidade. De acordo com Bronckart (2006, p. 13), os gêneros “são momentaneamente estabilizados pelo seu uso, escolha que emerge do trabalho que realiza as formações sociodiscursivas para que os textos sejam adaptados às atividades que eles praticam”.

Nesse contexto, o gênero textual é um instrumento psicológico, que representa a ideia de agir em uma situação de linguagem, um suporte para a atividade de linguagem que pode contribuir para a consciência.

Essas duas linhas teóricas utilizadas no estudo, de um lado, o ISD e, de outro, a TRS, postulam uma abordagem transdisciplinar das ciências humanas/sociais, sendo possível obter uma visão da atividade em que o sujeito produz linguagem e das contingências do contexto que definiram esse tipo de produção. É por meio da comunicação que o sujeito constrói o conhecimento linguístico transmitido de geração em geração e que o expressa por meio de linguagem verbal e não verbal. Acredita-se que tais textos dos alunos construídos na cotidianidade estariam orientados por representações sociais que esses alunos têm sobre os objetos e as coisas.

Portanto, de acordo com Marková (2015, p. 94), a compreensão dessas representações expressas e construídas na comunicação estabelece “as relações de *Alter-Ego-Objeto*”, que são éticas (avaliativas e críticas) e, portanto, permitem identificar as crenças e os valores dos sujeitos envolvidos no processo.

2

BREVE HISTÓRICO SOBRE A OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA (OLP)

O estudo realizado partiu das produções dos alunos finalistas da OLP do gênero Memórias Literárias, foi fundamentado no ISD, que permitiu evidenciar o processo de construção das produções e as representações sociais.

Procura-se, assim, a partir de uma tentativa inicial articular as duas abordagens teóricas (TRS/ISD), evidenciando os modos de agir e representar nas interações comunicativas. Para tanto, descreve-se a Sequência Didática (SD) usada pelo professor de Língua Portuguesa, que evidencia o processo de produção dos textos analisados.

A OLP é um concurso de texto nacional, promovido em parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), que busca democratizar o ensino de Língua na escola pública, quanto ao desenvolvimento interativo, textual, gramatical e do ponto de vista social da língua.

Ao participar da OLP, o professor de Língua Portuguesa recebe orientações contidas no Caderno do Professor, o qual possui uma proposta didática referente ao gênero escolhido para trabalhar com o aluno (Poema, Memórias Literárias, Crônica ou Artigo de Opinião). O material estimula a vivência do professor à metodologia de ensino por meio de gêneros textuais.

A participação do aluno visa a apropriação ou o aprimoramento da linguagem escrita, ao mobilizar jovens e crianças para o desenvolvimento da língua materna em situações de uso como da família, da escola, do mundo do trabalho e nas diferentes esferas de atividade humana.

Participam do concurso, em anos pares, professores de todo o Brasil (por adesão), com seus respectivos alunos do 5.º ano do Ensino Fundamental (EF) à 3.ª série do Ensino Médio (EM), nas seguintes categorias Poema (5.º e 6.º anos EF);

Memórias Literárias (7.º e 8.º anos EF); Crônica (9.º ano EF e 1.ª série do EM) e Artigo de Opinião (2.ª e 3.ª séries do EM).

A OLP vai além de um concurso de texto, pois oferece propostas de formação ao docente para refletir sobre as práticas educativas. Em anos ímpares essa formação ocorre (*online*) em ambiente virtual de aprendizagem, por meio de cursos gratuitos oferecidos aos docentes, por exemplo, *Sequência didática: aprendendo por meio de resenhas; Caminhos da escrita; Leitura vai, escrita vem: práticas em sala de aula*.

Há, também, uma comunidade de aprendizagem³ no *site*⁴ da OLP voltada ao ensino da Língua Portuguesa, que reúne textos dos alunos finalistas dos anos anteriores, entrevistas com especialistas, práticas de sala de aula, relatos de prática das oficinas presenciais realizadas na etapa de escolha dos textos finalistas.

O processo de seleção ocorre inicialmente na escola, quando se seleciona o texto finalista da escola, entregue à comissão Municipal de Educação, responsável pela próxima fase do concurso.

Para o processo de seleção dos textos são realizadas comissões julgadoras compostas por professores em todas as etapas de escolha (escolar, municipal, estadual e regional), por meio de critérios constantes da grade de correção que perpassa todas as etapas do processo de produção do gênero Memórias Literárias, o qual se explicita a seguir.

Após a etapa escolar, é formada uma comissão julgadora municipal para selecionar os textos que representarão o município na etapa estadual, cuja comissão julgadora, além de avaliadores professores de Língua Portuguesa, conta com a participação de um especialista de universidade pública. Os autores dos textos selecionados, assim como seus professores orientadores, participarão da etapa regional, em que terão oportunidade de aperfeiçoar suas produções escritas.

Nessa etapa, a comissão julgadora (composta por especialistas) realiza oficinas com os alunos e seus respectivos professores, em um período de três dias.

³ Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/percursos>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

⁴ Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

O professor recebe orientação de especialistas em oficinas coletivas, que apresentam o panorama geral sobre a escrita dos 500 textos e como o processo de reescrita poderia ajudar a melhorá-los. Após a reflexão, o docente orienta seu aluno para que ele reescreva seu texto. O propósito desse processo é que, ao se apropriar de conceitos, metodologias e princípios, o docente possa refletir sobre a sua atividade, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos quando voltarem para suas escolas.

As oficinas com os alunos permitem a vivência de atividades escritas e orais para desenvolver e checar a autoria, favorecendo uma análise crítica e técnica durante o processo de seleção dos textos. Finalmente, os classificados seguem para a última fase do concurso, que ocorre em nível nacional com a participação de especialistas.

2.1 Como o aluno chega à produção?

O desenvolvimento da produção textual permeia o trabalho com o gênero textual, metodologia de ensino-aprendizagem apoiada por uma sequência didática (SD).⁵ Para tanto, o trabalho com a produção textual do gênero Memórias Literárias foi desenvolvido por meio da SD, um conjunto de atividades progressivas e planejadas que, segundo Schneuwly e Dolz (2011, p. 43), pode “melhorar determinada prática de linguagem”. A SD instaura uma “primeira relação entre um *projeto de apropriação* de uma prática de linguagem e os *instrumentos* que facilitam essa *apropriação*”.

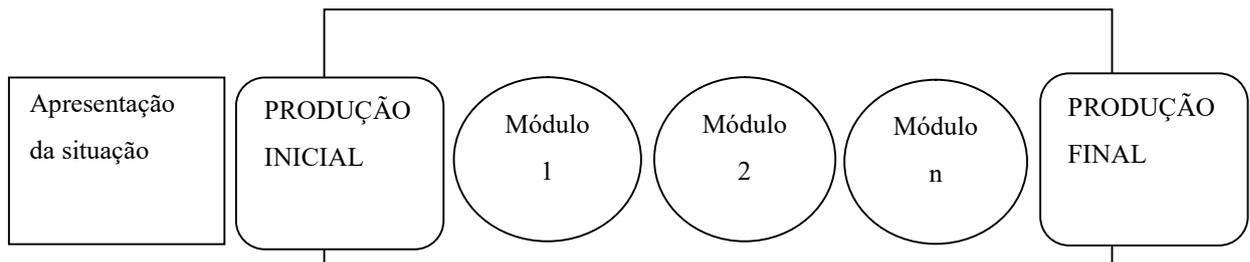
Assim, Schneuwly, Dolz e Noverraz (2011) afirmam que a SD

[...] instaura uma primeira relação entre um *projeto de apropriação* de uma prática de linguagem e os *instrumentos* que facilitam a apropriação. Desse ponto de vista, elas buscam confrontar os alunos com as práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem. Essa reconstrução realiza-se graças à interação de três fatores: as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem, as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela SD (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 43).

⁵ Os instrumentos de ensino utilizados pelo professor de Língua Portuguesa estão consubstanciados no caderno do professor *Se bem me lembro...* (CENPEC, 2010), encontrado no Anexo 1.

Esse conjunto de atividades escolares favorece o ensino a partir do uso de uma diversidade de gêneros orais e escritos. A seguir (Figura 2), apresenta-se um esquema que representa uma estruturação básica de uma SD, a qual, segundo os autores Schneuwly, Dolz e Noverraz (2011), compõe uma produção inicial para evidenciar as capacidades de linguagem dos alunos.

Figura 2 – Esquema da Sequência Didática



Fonte: SCHNEUWLY, DOLZ e NOVERRAZ (2011, p. 83).

O esquema apresenta a mesma metodologia utilizada no material didático da OLP, conforme as postulações de Bronckart (2007), porém com uma única diferença entre as postulações de Schneuwly, Dolz e Novarrez (2011), pois não apresenta a produção inicial conforme esses autores (2011). Assim, na OLP a produção e a reescrita para o concurso ocorrem ao final da SD.

A produção textual é desenvolvida ao longo de 16 oficinas (ou *módulos*), ministradas pelos professores de Língua Portuguesa em que os alunos são preparados para escrever um texto do gênero Memórias Literárias, voltadas para a compreensão de capacidades de linguagem e que são sintetizadas a seguir (Quadro 1) com o título de cada uma e respectivos objetivos para mostrar a complexidade deste trabalho.

Quadro 1 – Oficinas do Caderno do Professor: *Se bem me lembro...*

Apresentação das oficinas para a produção do gênero Memórias Literárias – segundo o caderno do professor <i>Se bem me lembro...</i>		
Oficina	Título da oficina	Objetivos
1	<i>Naquele tempo...</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a experiência das pessoas; - Compreender o que é memória; - Perceber como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado; - Observar que as memórias podem ser registradas oralmente ou por escrito.
2	<i>Vamos combinar?</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a situação de comunicação de textos de Memórias Literárias.
3	<i>Semelhantes, porém diferentes</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer gêneros que se assemelham por terem como principal ponto de partida experiências vividas pelo autor; - Orientar o aluno a identificar as principais características do texto que ele deverá escrever.
4	<i>Primeiras linhas</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Produzir o primeiro texto de Memórias Literárias.
5	<i>Tecendo fios da memória</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar o plano global do texto de Memórias Literárias; - Observar o foco narrativo presente em boa parte desses textos.
6	<i>Lugares que moram na gente</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber as diferentes características da descrição em textos de Memórias Literárias; - Observar o efeito provocado pela forma como o autor descreve os fatos, sentimentos e sensações nesse gênero de texto.
7	<i>Nem sempre foi assim</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Observar como os autores comparam o tempo antigo com o atual.
8	<i>Na memória de todos nós</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar marcas linguísticas presentes em textos de Memórias Literárias.
9	<i>Marcas do passado</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Observar o uso do pretérito perfeito e do imperfeito em textos de Memórias Literárias; - Relembrar usos e flexões dos tempos verbais; - Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.
10	<i>Ponto a ponto</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Observar o uso de sinais de pontuação em textos de Memórias Literárias.
11	<i>A entrevista</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Planejar e realizar entrevistas.
12	<i>Da entrevista ao texto de Memórias</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar, com os alunos, os procedimentos realizados para a transformação de um trecho de entrevista em

	<i>Literárias</i>	fragmento de Memórias Literárias (retextualização).
13	<i>Como num filme</i>	- Analisar um texto de Memórias Literárias produzido em situação semelhante àquela que será proposta aos alunos; - Observar como o autor organiza as vozes presentes no texto.
14	<i>Ensaio geral</i>	- Produzir um texto coletivo.
15	Agora é a sua vez	- Escrever individualmente a primeira versão do texto final.
16	Últimos retoques	- Fazer a revisão e o aprimoramento do texto produzido na oficina anterior.

Fonte: CLARA e ALTENFELDER (2010, p. 22-140).

O professor trabalha as oficinas da SD com todos os alunos de sua classe e pode adequá-las para possibilitar o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Para isso, ao término de cada oficina o professor registra as aulas para aperfeiçoar o seu trabalho e refletir sobre sua prática. A metodologia baseada no trabalho com os gêneros textuais é utilizada para o desenvolvimento das capacidades de linguagem (ação, discursiva e linguístico-discursiva).

A metodologia de ensino da SD tem ainda, um modelo de *arquitetura textual* em três níveis: *infraestrutura* (tipos de discurso, planificação das sequências), *mecanismos de textualização* (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e *mecanismos enunciativos* (vozes e explicitação de modalização de coerência pragmática ou interativa) e, também, o contexto de produção.

2.2 Abordagem didática do trabalho com o gênero textual

A abordagem didática do trabalho com gêneros surgiu e foi desenvolvida por pesquisadores na Unidade de Didática de Línguas⁶ da Universidade de Genebra com base em várias pesquisas empíricas. Fazem parte dessa vertente trabalhos desenvolvidos sobre a questão do ensino-aprendizagem de gêneros e sobre o trabalho educacional.

⁶ Unidade de Didática de Línguas – nomenclatura utilizada por Bronckart – é compatível com a linguística aplicada, citada por Machado (2004a, p. 324).

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma perspectiva da psicologia da linguagem, que estuda “a ciência do humano”, que compõe trabalhos desenvolvidos sobre a questão do ensino-aprendizagem de gêneros textuais.

Portanto, a abordagem transdisciplinar do ISD decorre de três princípios fundadores do Interacionismo Social do começo do século XX:

- de um princípio de Mead, segundo o qual o desenvolvimento do social (a elaboração dos fatos sociais e os mecanismos de socialização) e o desenvolvimento psicológico das pessoas são duas facetas de um único e mesmo processo;
- e de dois princípios de Vygotsky: o princípio de que não se pode trabalhar seriamente em ciências humanas sem clarificar sua posição epistemológica e seu questionamento, o que implica levar em consideração a parte do “corpus” filosófico que se centra nas questões do espírito, do social e da ação; e, em segundo lugar, o princípio de que a atividade prática é um objeto central de qualquer ciência do humano e que, conseqüentemente, essa ciência deve buscar teorizar as práticas, ao mesmo tempo em que intervém nessas práticas (em particular, no quadro da educação e da formação) (MACHADO, 2004a, p. 321).

Além desses princípios, Bronckart (2006) apoiou-se em autores de várias áreas de conhecimento para compor a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo, por exemplo, no campo filo-sociológico Ricoeur (1986), Schutz (1998), Habermas (1987); no campo psicológico Leontiev (1967), Piaget (1970), Wallon (1938); autores do campo linguístico, como Humboldt (1835, 1974), Coriseu (2001), Cuioli (1990, 2002, 2005), Volochinov (1929, 1977), entre outros⁷ que influenciaram as proposições teóricas da abordagem do ISD.

Logo, nessa abordagem, Bronckart (2007) considera a *atividade linguageira*⁸ como um aspecto fundamental para toda prática social ou individual, pois trata, ao mesmo tempo, “dos aspectos sociais, languageiros, psicológicos e educacionais”, articulados aos processos que operam no desenvolvimento (histórico) humano. Assim, quando há apropriação de instrumentos semióticos socialmente elaborados, o sujeito

[...] age sobre o mundo – podendo aqui o mundo ser seus próprios processos psíquicos – com a ajuda de instrumentos que são ferramentas psicológicas ou semióticas constrói novas funções psíquicas, exatamente

⁷ Nesta pesquisa apresentam-se a título de exemplificação apenas algumas obras de autores que influenciaram na abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), mas existem outros que não foram citados.

⁸ O agir *linguageiro* se materializa em textos que se organizam em gêneros textuais.

concebidas como transformações dos próprios processos psíquicos pela integração desses novos instrumentos (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVAREZ, 2011, p. 119)

Nesse sentido, Bronckart (2007) afirma que o processo de semiotização veicula os conhecimentos sociais, organizados em três *mundos formais* representados em um sistema de coordenadas que exercem um controle da atividade humana, sendo eles: mundo objetivo – refere-se ao meio físico; mundo social – refere-se às normas, valores e símbolos elaborados para regular as interações entre grupos ou entre indivíduos; e o mundo subjetivo – refere-se às expectativas construídas baseadas nas qualidades requeridas de um agente humano (avaliação da participação dos agentes na atividade).

Esses *mundos* estão divididos em dois conjuntos intrínsecos: o primeiro refere-se ao mundo físico e o segundo ao social e ao subjetivo, os quais compõem o contexto de produção ou as capacidades de linguagem de ação. Ilustra-se, a seguir, a articulação entre eles (Quadro 2), as capacidades de linguagem e as operações de linguagem (organização interna do texto).

Quadro 2 – Mundos formais

Mundos formais	Capacidades de linguagem	Operações de linguagem
Mundo físico	Capacidades de ação	Lugar de produção Momento de produção Emissor Receptor
Mundo social e subjetivo		Lugar social Posição social do emissor Posição social do receptor Objetivo

Fonte: Adaptado de BRONCKART (2007, p. 93-97).

Para Bronckart (2007, p. 93-94), o primeiro conjunto é resultado de “comportamento verbal concreto, desenvolvido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo”, ou seja, um “ato realizado em contexto ‘físico’”. E o segundo refere-se às “atividades de uma formação social” (interação

comunicativa), que implica o mundo social (normas, valores, regras etc.), e o mundo subjetivo, que imprime à “imagem que o agente dá de si ao agir”.

O autor (2007) sustenta, ainda, que os *mundos* podem exercer influência sobre a produção textual e que:

[...] Esses mundos formais são conjuntos de representações sociais que podem ser objeto de uma descrição *a priori*. Entretanto, em uma determinada situação de produção, o agente dispõe apenas de versões particulares dessas representações sociais. Portanto, convém distinguir a situação de ação de linguagem *externa*, isto é, as características dos mundos formais, tais como uma comunidade de observadores poderia descrever, e a situação de linguagem interna ou *efetiva*, isto é, as representações sobre esses mesmos mundos, tais como um agente as *interiorizou*. Além disso, é necessário admitir que é essa situação de ação interiorizada que influi realmente sobre a produção de um texto empírico (BRONCKART, 2007, p. 91-92).

Nesse contexto, ao escrever uma produção textual, o autor mobiliza representações sobre os mundos (físico, social e subjetivo) e em diversas direções. Assim, o primeiro conjunto resulta do contexto *físico* da produção textual baseado em duas capacidades cognitivas de acordo com Bronckart (2007): identidade da pessoa (distinção entre os *outros*) e coordenada do espaço-tempo. Já o segundo conjunto relaciona-se aos mundos social e subjetivo, que revelam a interação comunicativa (sociosubjetiva).

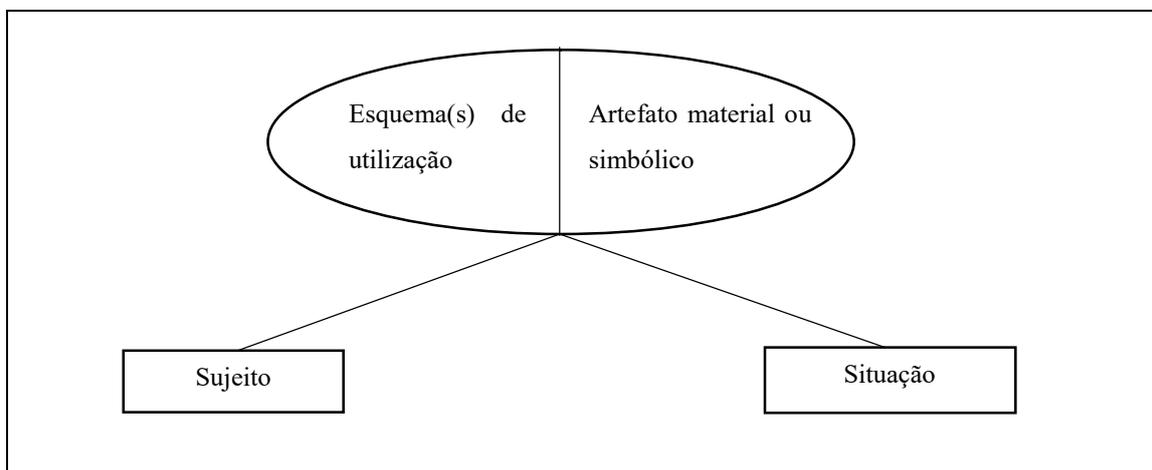
Dito de outra forma, ao escrever o texto para OLP, o aluno autor presume quem lerá o seu texto e por meio de quais elementos para a construção textual. O sujeito (aluno) faz escolhas ao escrever, baseadas em representações sociais, que permitem construir a consciência, possibilitando observar a condição do seu comportamento e o desenvolvimento de sua prática (social e cultural), bem como agir em determinada direção. Essa produção de linguagem se concretiza por meio da combinação de vários tipos de discursos que revelam uma interação comunicativa. Assim, quando ocorre uma situação de ação de linguagem (contexto de produção), o sujeito mobiliza os conhecimentos desses mundos para compor o conteúdo temático do texto e a *arquitetura textual* (infraestrutura, mecanismos de textualização: coerência temática, mecanismos enunciativos: coerência pragmática e léxico).

Logo, para se chegar à conceituação do contexto de produção é preciso aprofundar outros conceitos: gênero textual, capacidades de linguagem e operações de linguagem (organização interna do texto).

Considerando que as representações, de acordo com Bronckart (2007, p. 47 e 57-58), são construídas pelo “agente sobre si mesmo como locutor ou escritor, sobre seus interlocutores potenciais” e sobre a situação do espaço-temporal de seu ato (que é um “comportamento material”), e que as representações seriam um “produto da semiotização do psiquismo”.

Nesse sentido, os pesquisadores do grupo de Genebra (Bronckart, Dolz, Schneuwly etc.) sustentam que os gêneros representam antecipadamente as ações de linguagem. Afirma Schneuwly (2011, p. 25) que o gênero textual é uma “condição necessária da ação discursiva”, um *instrumento* psicológico no sentido vygotskiano do termo, assim como reinterpreta Rabardel (1993) como “ações instrumentadas”. O gênero textual é um *instrumento* que articula possibilidades de ação, como ilustrado a seguir (Figura 3):

Figura 3 – Tripolaridade do instrumento



Fonte: SCHNEUWLY (2011, p. 22).

Esse esquema representa o gênero como um *instrumento* (material ou simbólico) de regulação do trabalho do professor para o agir *linguageiro* dos alunos.

Esse pensamento também é compartilhado por outros pesquisadores brasileiros,⁹ por exemplo, Machado e Lousada (2010, p. 620), ao afirmarem que “é esse pressuposto que alicerça a tese de cunho didático de que os gêneros de texto devem ser o centro do processo de ensino de produção e compreensão”.

Para facilitar o trabalho com os gêneros textuais, nessa abordagem didática do ISD, Schneuwly e Dolz (2011) apresentam uma proposta provisória¹⁰ de agrupamento de gêneros (Quadro 3), que levou em conta várias pesquisas empíricas realizadas pelo grupo de Genebra para fins didáticos.

Quadro 3 – Agrupamento de gêneros

Aspectos tipológicos	Domínios sociais da comunicação	Capacidade de linguagem dominante	Exemplo de gêneros orais e escritos
Narrar	Cultura literária ficcional	Mimeses da ação por meio da criação da intriga no domínio verossímil	Conto maravilhoso Conto de fadas Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Narrativa mítica <i>Sketch</i> ou história engraçada Biografia romanceada Romance Romance histórico Novela fantástica Conto Crônica literária Adivinha Piada
Relatar	Documentação e memorização das ações humanas	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Diário íntimo Testemunho Anekdota ou caso Autobiografia <i>Curriculum vitae</i> ... Notícia Reportagem Crônica social Crônica esportiva

⁹ No Brasil destacam-se vários pesquisadores de Universidades brasileiras e grupos de pesquisa, por exemplo, o grupo ALTER-CNPq (LAEL – PUC-SP). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/77859/81835>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

¹⁰ Provisória aqui porque há uma diversidade de gêneros que, segundo Dolz e Schneuwly (2011, p. 49), são uma unidade de base para “pensarmos uma progressão”, que permite pensar a “construção de capacidades” e “outras conceituações linguísticas e psicológicas”.

			... Histórico Relato histórico Ensaio ou perfil biográfico Biografia ...
Argumentar	Discussão de problemas sociais controversos	Sustentação, refutação e negociação de tomada de posição	Textos de opinião Diálogo argumentativo Carta ao leitor Carta de reclamação Carta de solicitação Deliberação informal Debate regrado Assembleia Discurso de defesa (advocacia) Discurso de acusação (advocacia) Resenha crítica Artigos de opinião ou assinados Editorial Ensaio ...
Expor	Transmissão e construção de saberes	Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Texto expositivo (em livro didático) Exposição oral Seminário Conferência Comunicação oral Palestra Entrevista de especialista Verbete Artigo enciclopédico Texto explicativo Tomada de notas Resumo de textos expositivos e explicativos Resenha Relatório científico Relatório oral de experiência ...
Descrever ações	Instruções e prescrições	Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Comandos diversos Textos prescritivos ...

Fonte: Adaptado de SCHNEUWLY e DOLZ (2011, p. 51-52).

Os autores apresentam o agrupamento como provisório porque há uma diversidade de gêneros que, segundo Schneuwly e Dolz (2011, p. 49), são uma unidade de base para “pensarmos uma progressão”, que permite refletir sobre a “construção de capacidades” e outras “conceituações linguísticas e psicológicas”. No agrupamento, os tipos de discursos e as sequências são elementos que auxiliam

na definição dos gêneros ou especificidades das práticas de linguagem que são os objetos de aprendizagem.

Nessa abordagem, o gênero textual é um *instrumento* mediador para o desenvolvimento de capacidades de linguagem.

Sendo assim, Schneuwly (2011, p. 119) afirma que “a capacidade humana é construída pela apropriação de instrumentos semióticos, que fazem o sujeito agir sobre o mundo” e construir “novas funções psíquicas pela integração desses novos instrumentos”.

Sustentam também Machado e Lousada (2010) que

[...] o uso de um novo instrumento vai provocar transformações no ambiente físico ou social, nos outros que interagem com o sujeito, mas também sobre ele mesmo, fazendo com que tenha profundas transformações psíquicas, ou seja, aumente seus conhecimentos sobre o mundo físico e social, desenvolva capacidades para agir sobre o outro e sobre o mundo e regule seu comportamento (MACHADO; LOUSADA, 2010, p. 625).

Sob essa ótica, os gêneros são um *instrumento* para o agir *linguageiro*, pois, ao se desenvolverem as capacidades de linguagem, elas poderiam ser utilizadas (*transferidas*) para outros gêneros. Assim, a produção de conhecimento se dá quando há apropriação do gênero, que representa de forma antecipada as ações de linguagem (ação discursiva), pela expressão do sujeito, o locutor ou enunciador, que age discursivamente na situação de comunicação.

Diante do contexto teórico-metodológico apresentado, pode-se afirmar que a abordagem teórico-metodológica utilizada para construir o material didático da Olimpíada de Língua Portuguesa (*Se bem me lembro...*) é interacionista conforme as postulações de Bronckart e dialógica na abordagem de Ivana Marková, sendo a SD um *instrumento* didático para o agir docente entre o sujeito (aluno) e o que se quer ensinar (produção escrita).

2.3 As capacidades de linguagem e suas respectivas operações de linguagem (*arquitetura textual*)

O modelo teórico-metodológico postulado por Bronckart (2007) contempla o contexto de produção e mais três níveis da *arquitetura textual* (arquitetura interna do

texto ou o plano geral do conteúdo temático), que está representado a seguir (Quadro 4):

Quadro 4 – Capacidades de linguagem e suas respectivas operações de linguagem (*arquitetura textual*)

		Capacidades de linguagem	Operações de linguagem
Situação de comunicação	Contexto de produção	Capacidades de ação <i>mundos formais</i> : físico, social e subjetivo	Lugar de produção Momento de produção Emissor Receptor Lugar social Posição social do emissor Posição social do receptor Objetivo
Arquitetura textual	Infraestrutura geral Plano geral dos conteúdos temáticos, tipos de discurso, sequências	Capacidades discursivas	Plano geral dos conteúdos temáticos, tipos de discurso, sequências
	Mecanismos de textualização	Capacidades linguístico-discursivas	Conexão, coesão verbal e nominal
	Mecanismos enunciativos: coerência pragmática		Vozes Modalizações

Fonte: Adaptado de BRONCKART (2007, p. 119-130).

O contexto de produção envolve os *mundos formais* (físico, social e subjetivo) e as possíveis representações do autor, que se articulam na situação de interação ou comunicação. Para tanto, Schneuwly (2011) afirma que o gênero textual

[...] apresenta-se como organizador global: tratamento de conteúdo; tratamento comunicativo; tratamento linguístico. Poderíamos aqui construir uma metáfora: considerar o gênero como um “megainstrumento”, como uma configuração estabilizada de vários subtemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente

numa classe bem definida de situações de comunicação (SCHNEUWLY, 2011, p. 25).

Portanto, segundo Schneuwly (2011), o gênero é um instrumento psicológico que representa a ideia de agir em uma situação de linguagem. Dessa forma, os meios de agir sobre a linguagem apresentam-se como um suporte para a atividade de linguagem, que contribui para

[...] a consciência de si e a construção das funções superiores são estritamente dependentes da história de relações do indivíduo com sua sociedade e da utilização da linguagem. O fato de pertencer a uma comunidade de interpretação das unidades de representação permite a compreensão e a antecipação das atividades de outrem; permite, igualmente, a modificação de seu próprio comportamento, levando-se em conta o ponto de vista do outro (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 39).

Compreende-se o gênero como um *instrumento* com o qual é possível a relação do sujeito com a sociedade, com a cultura, com a história e com o uso da língua portuguesa, possibilitando o agir sobre a realidade. Schneuwly (2011, p. 119) complementa que, é um “objeto” material ou simbólico, social e historicamente construído para mediar a ação do homem sobre o meio, ou sobre o outro, e para atingir determinada finalidade, o que favorece o aperfeiçoamento do conhecimento.

Assim, o contexto de produção representa para Bronckart (2007) as capacidades de linguagem de ação, que

[...] designa as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) e que podem exercer influência sobre a produção textual. Esses mundos formais são conjuntos de representações sociais que podem ser objeto de uma descrição *a priori*. Entretanto, em uma determinada situação de produção, o agente dispõe apenas de versões particulares dessas representações sociais. Portanto, convém distinguir a situação de ação de linguagem *externa*, isto é, as características dos mundos formais, tais como uma comunidade de observadores poderia descrever, e a situação de linguagem interna ou *efetiva*, isto é, as representações sobre esses mesmos mundos, tais como um agente as *interiorizou*. Além disso, é necessário admitir que é essa situação de ação interiorizada que influi realmente sobre a produção de um texto empírico (BRONCKART, 2007, p. 91-92).

Dessarte, as capacidades de ação referem-se às características do contexto de produção, porque, quando se escolhe um gênero, está implícito o efeito de sentido que se deseja dar e para que esfera social. Consideram os *mundos formais* (físico, social e subjetivo), que implicam o contexto físico, e a interação comunicativa (sociosubjetivo).

Os três níveis citados por Bronckart (2007), como a *arquitetura textual*, estão relacionados à *infraestrutura* (tipos de discurso, planificação das sequências), aos *mecanismos de textualização* (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e aos *mecanismos enunciativos* (vozes e explicitação de modalização de coerência pragmática ou interativa), que são as operações de linguagem articuladas para a realização da situação de comunicação.

O primeiro nível da *arquitetura textual* refere-se à infraestrutura geral ao plano geral do conteúdo temático (arquitetura interna do texto), sendo composto por tipos diversos de discursos ou por outras formas de planificação que podem aparecer no texto.

No segundo nível da *arquitetura textual* estão os mecanismos de textualização (coerência temática), que contribuem para a linearidade do texto e, de acordo com Bronckart (2007, p. 122 e 319), “explicitam, tendo em vista o destinatário, as grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais do texto”. Para tanto, as conexões representam a coerência entre as orações explicitadas por conjunções, advérbios ou locuções adverbiais e preposições e a coesão verbal assegura a organização temporal (estados, acontecimentos ou ações) e a coesão nominal por adjetivos ou pronomes.

E o terceiro nível compreende os mecanismos enunciativos, que colaboram para a coerência pragmática do texto, referindo-se ao grau da implicação ou da autonomia das vozes nos discursos e o efeito de sentido que o enunciador deseja ao destinatário. Trata-se, portanto, das vozes do texto e dos julgamentos que realizam,

Assim sendo, os modos de dizer são representados por escolhas do autor, os tipos de sequências textuais (*narrativa, descritiva, explicativa, dialogal e injuntiva*) que ocorrem no interior dos parágrafos e pelos tipos de discurso (quadro 5), como se observa a seguir:

Quadro 5 – Tipos de discurso

Coordenadas gerais dos mundos		
	Conjunção EXPOR	Disjunção NARRAR
Implicação	Discurso interativo	Relato interativo
Autonomia	Discurso teórico	Narração

Fonte: Adaptado de Bronckart (2007, p. 157).

Esses modos de dizer revelam a implicação ou a autonomia e o tempo, que são os parâmetros da ação de linguagem ou contexto de produção.

Além disso, as sequências (escolhas linguísticas feitas pelo autor) podem evidenciar a dialogicidade nos discursos. Afirma Bronckart (2007, p. 233) que as sequências textuais apresentam um “estatuto dialógico”, que procedem da “experiência do intertexto em suas dimensões práticas e históricas”, que podem se modificar continuamente, pois constituem

[...] o produto de uma reestruturação de um conteúdo temático já organizado na memória do agente-produtor na forma de *macroestruturas*. Ora, a forma assumida por essa reorganização é claramente motivada pelas representações que esse agente tem das propriedades dos destinatários de seu texto, assim como do efeito que neles deseja produzir. O empréstimo de um prototípico de sequência, disponível no intertexto, resulta, portanto, de uma **decisão** do agente-produtor, orientada por suas representações sobre os destinatários e sobre o fim que persegue. Na medida em que se baseiam nessas decisões interativas, as sequências têm um estatuto fundamentalmente **dialógico**. [...] o estatuto dialógico da **sequência narrativa** caracteriza-se pela intriga dos acontecimentos. [...] **sequência descritiva** também procede de decisões do agente-produtor orientadas pelo efeito que deseja produzir em seus destinatários: *fazer ver em detalhe* os elementos do objeto de discurso que não parecem absolutamente necessários à progressão do tema e *guiar o olhar* do destinatário, de acordo com procedimentos espaciais, temporais ou hierárquicos. [...] **sequências explicativa** e **argumentativa** consistem em isolar um objeto do discurso e apresentá-lo de modo que seja adaptado às características presumidas do destinatário (conhecimentos, atitudes, sentimentos etc.). [...] **sequência dialogal** é evidentemente dialógica, na medida mesmo que os parâmetros que a definem são a tradução direta de decisões tomadas pelos coprodutores, no quadro da interação social em curso [...]. [...] **sequências injuntivas** [...] são sustentadas por um objetivo próprio ou autônomo: o agente produtor visa a fazer agir o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção (BRONCKART, 2007, p. 233-237).

Por sua vez, a coerência pragmática explicita diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou

de outro aspecto do conteúdo temático que, conforme Bronckart (2007), é constituído por quatro tipos de modalizações:

- modalização lógica: apresenta uma relação de certeza (um grau de certeza), por exemplo, (**deve ter existido, que sem dúvida refletia**) ou (frequentar a escola **era** para poucos – sujeito 33);
- modalização apreciativa: *evidência subjetiva do efeito sobre o personagem* e é representada, por exemplo, por *acreditamos sem esforço*;
- modalização pragmática: a *capacidade de ação* é evidenciada, por exemplo, por *ele poderia abrir, o que pode descobrir, não podia desejar mais*.
- modalização deôntica: avaliação a partir dos valores sociais, por exemplo, como o que é *socialmente permitido, proibido ou desejável* (*Hoje somos obrigados a permanecer trancados nos quintais e muros em volta das casas*).

A partir das proposições de Bronckart (2007), sintetizam-se em uma matriz as capacidades de linguagem com as suas respectivas operações de linguagem, que formam a base para as análises das produções textuais dos alunos finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Quadro 6 – Matriz de análise de textos

Categorias – Capacidades de linguagem	Itens – Operações de linguagem encontradas no <i>corpus</i> referente ao gênero textual	Presença	Ausência	Observação	Descrição
Capacidades de ação Mundos <i>formais</i> : físico, social e subjetivo	Lugar de produção				
	Momento de produção				
	Emissor				
	Receptor				
	Lugar social				

	Posição social do emissor				
	Posição social do receptor				
	Objetivo da interação				
Capacidades discursivas	Tipos de discurso				
	Tipos de sequências				
Capacidades linguístico-discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Conexão • Coesão nominal • Coesão verbal 				
	Vozes				
	Modalizações				

Fonte: Adaptado de Bronckart (2007).

Para tanto, as capacidades e as operações de linguagem foram o ponto de partida para a análise (linguística, discursiva e linguístico-discursiva) dos textos, sob o olhar psicossocial das Representações Sociais.

2.4 O gênero como um instrumento que possibilita a comunicação escrita

O gênero textual é um instrumento para o agir *linguageiro* do sujeito, que mobiliza as capacidades de linguagem em uma situação de comunicação.

Em relação ao conceito de gênero, no decorrer da história da educação, nota-se constante discussão sobre a noção de gênero, tanto entre os autores brasileiros quanto entre os estrangeiros.

Para Machado (2007, p. 34-38), no Brasil a primeira noção de gênero apareceu nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: – conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; – construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; – estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto (BRASIL, SEF, 1998, p. 21).

No tocante à noção de gênero do PCN, Machado (2007, p. 34-38) também a comparou com a proposta por Bakhtin (1992/1979):

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado [...]. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Ao comparar esses dois trechos, Machado (2007) embasa-se em Brait (2000, p. 22), afirmando que as indicações dos Parâmetros Curriculares “afastam-se da proposta do dialogismo bakhtiniano”.

Além dessa análise, Machado (2007) contrapõe a noção de gênero com a interpretação dos pesquisadores da escola de Genebra (Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly), os quais “são mencionados nas referências bibliográficas dos PCN (em algumas versões preliminares não publicadas)”. Os autores

[...] tomam a noção de gênero de Bakhtin, ao lado de pressupostos da psicologia vigotskiana sobre desenvolvimento, em reflexão sobre a didática de línguas e não no quadro de uma teoria de linguagem. Portanto, de certa forma, já efetuam uma primeira transposição da noção. Além disso, são bastante cautelosos em relação a algumas de suas propostas, explicitando, por exemplo, que elas têm um caráter *ad hoc*, devendo ser vistas apenas como uma tentativa de se construir um instrumento que tivesse uma base teórica suficiente para resolver provisoriamente problemas práticos de ensino/aprendizagem de produção textual. Essa explicitação pode ser vista principalmente no artigo sobre os agrupamentos de gêneros 1 (DOLZ & SCHNEUWLY, 1998) em que os tipos de discurso e as sequências textuais aparecem como um dos elementos definidores dos gêneros. Entretanto, na retomada dessa proposta pelos PCNs, como as vozes são ocultadas e o conhecimento é posto como verdade, sem nenhuma modalização, tanto os PCNs quanto esses autores ficam sujeitos a fortes críticas dos linguistas, que veem suas afirmações como pretensões ao estabelecimento de verdades científicas sobre a noção de gênero (DOLZ; SCHNEUWLY, 1996 e 1998 apud MACHADO, 2007, p. 35).

Portanto, ao comparar criticamente esses trechos (dos PCN, de Bakhtin e dos genebrinos Dolz e Schneuwly), Machado destaca o “apagamento” de elementos centrais de Dolz e Schneuwly em relação aos PCN:

[...] um “type de structuration et fini du tout et type de rapport avec les autres partenaires de l’échange verbal, autrement dit: une certaine structure définie

par leur fonction, [...] un plan communicationnel” e [...] o apagamento do adjetivo “textuelles”, modificador de “sequences” e, mais gravemente, do sintagma “types discursives”, que é uma das noções centrais dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores genebrinos (2007, p. 37).¹¹

Machado (2007, p. 35)¹² também indica dois problemas de tradução do francês para o português, concernentes, primeiramente, ao uso de Dolz e Schneuwly:

[...] expressão “des configurations spécifiques des unités linguistiques”, que traduz “linguistiques” por “de linguagem”, que, na verdade, seria a tradução de “langagières”, que, em francês, não é sinônimo de “linguistiques”. O segundo problema é que se eliminam os dois pontos que se seguem à expressão “des configurations spécifiques des unités linguistiques”. Ora, como sabemos, os dois pontos indicam que todos os sintagmas nominais que vêm depois deles (isto é, “traces surtout de la position du locuteur, des sequences textuelles”) são tratados por Dolz & Schneuwly como subconjuntos do conjunto maior “des configurations des unités linguistiques”. Com a eliminação dos dois pontos e com a tradução do nome “traces” pelo particípio “derivadas” modifica-se o sentido global, pois isso faz com que “sequências textuais” se constitua como um conjunto distinto de “configurações específicas de unidades linguísticas”, o que se reforça com o uso de ponto e vírgula.

Assim, diante dessas transformações elencadas, Machado (2007) assevera que há modificações de sentido referentes à noção de gêneros.

Machado (2004b, p. 23), com base em Bronckart (1997), sustenta que os *gêneros de texto* precisam ser considerados (identificados e definidos) em suas propriedades linguísticas, sendo reguladores e produtos das atividades (sociais) de

¹¹ [...] um “tipo de estruturação e conclusão de todo e tipo de relacionamento com outros parceiros da interação verbal, ou seja: uma certa estrutura definida por sua função, [...] um plano de comunicação” e [...] o apagamento do adjetivo “textual”, modificador de “sequências” e, mais gravemente, do sintagma “tipos discursivos”, que é uma das noções centrais dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores genebrinos (DOLZ; SCHNEUWLY, 1996 e 1998 apud MACHADO, 2007, p. 35 – tradução nossa).

¹² [...] expressão “configurações específicas das unidades linguísticas”, que traduz “linguísticas” por “de linguagem” que, na verdade, seria tradução de “de languageiras”, que em inglês não é sinônimo de “languageira”. O segundo problema é que eliminam os dois pontos que se seguem à expressão “configurações específicas das unidades linguísticas”. Ora, como sabemos, os dois pontos indicam que todos os sintagmas nominais que vêm deles (isto é, traça especialmente a posição do falante das sequências textuais) são tratados por Dolz & Schneuwly como subconjuntos do conjunto maior das “configurações de unidades linguísticas”. Com eliminação dos dois pontos e com a tradução do nome “traços” pelo particípio “derivadas” modifica-se o sentido global, pois isso faz com que “sequências textuais” se constituam como um conjunto distinto de “configurações específicas de unidades linguísticas”, o que se reforça com o uso de ponto e vírgula (tradução nossa).

linguagem, para “designar uma leitura do agir que implica as dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas por um coletivo organizado”.

Quanto aos genebrinos, Schneuwly e Dolz (2011, p. 119) afirmam que o gênero é um “objeto” material ou simbólico, social e historicamente construído para mediar a ação do homem sobre o meio, ou sobre o outro, e para atingir determinada finalidade, o que favorece o aperfeiçoamento do conhecimento. Schneuwly (2011) complementa, que o conceito de

[...] gênero apresenta-se como organizador global: tratamento de conteúdo; tratamento comunicativo; tratamento linguístico. Poderíamos aqui construir uma metáfora: considerar o gênero como um “megainstrumento”, como uma configuração estabilizada de vários subtemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação (SCHNEUWLY, 2011, p. 25).

Ainda de acordo com Schneuwly (2011, p. 25), o gênero textual compreende um instrumento psicológico que representa a ideia de agir em uma situação de linguagem, prefigura como “as ações de linguagem possíveis”, por exemplo, quando se faz um relato de uma experiência vivida, a capacidade de linguagem dominante é “a representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo” e o domínio social de comunicação é “documentação e memorização das ações humanas”. Essa condição é necessária para a ação discursiva de escrever um relato, estando contidos na concepção da realidade os meios de agir sobre a linguagem.

Dessa forma, os meios de agir sobre a linguagem apresentam-se como um suporte para a atividade de linguagem, que contribui para

[...] a consciência de si e a construção das funções superiores são estritamente dependentes da história de relações do indivíduo com sua sociedade e da utilização da linguagem. O fato de pertencer a uma comunidade de interpretação das unidades de representação permite a compreensão e a antecipação das atividades de outrem; permite, igualmente, a modificação de seu próprio comportamento, levando-se em conta o ponto de vista do outro (SCHNEUWLY, 2011, p. 39).

O gênero textual, portanto, compreende um *instrumento* com o qual é possível agir sobre a realidade.

Nesse sentido, Bronckart (2006, p. 13) sustenta que os gêneros “são momentaneamente estabilizados pelo uso, escolha que emerge do trabalho que realiza as formações sociodiscursivas para que os textos sejam adaptados às atividades que eles praticam”. E completa (2006):

[...] a noção de “discurso” reenvia mais profundamente ao processo de verbalização do agir linguageiro, ou de sua semiotização no quadro de uma língua [...]. Ora, esse processo se realiza manifestadamente segundo modalidades diversas (possíveis de descrever em termos de operações), que são expressas por formas linguísticas relativamente estáveis, que exercem influências maiores sobre a distribuição e as condições de emprego das unidades; o que justifica que se fale de “tipos” de semiotização, ou de tipos de discurso. Esses tipos constituem, em outros termos, formatos de operacionalização das unidades de uma língua (vertente significante), que traduzem alguns formatos que organizam as trocas linguageiras humanas, ou trocas interindividuais de representações (vertente significado) (BRONCKART, 2006, p. 15).

Os gêneros, portanto, podem ser identificados pelo assunto, pela estrutura e pelo estilo (procedimentos da linguagem), e para fazer a escolha de usar um gênero é preciso levar em conta um conjunto de parâmetros essenciais em consideração como: quem está falando, com que finalidade ou qual é o assunto do texto (emissor/enunciador, o receptor/ destinatário, a instituição social onde se dá a interação e o objetivo ou efeitos que o produtor quer atingir em relação ao destinatário).

Para tanto, Schneuwly e Dolz (2011, p. 44) afirmam que “é devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas”.

Nesse contexto, nossa pesquisa utiliza a concepção de gênero usada por Schneuwly e Dolz sob a perspectiva sociointeracionista das práticas de linguagem acumuladas ao longo do tempo pelos grupos sociais (interação social). Assim, os textos dos alunos/autores foram analisados a partir do gênero textual e de seu uso na sociedade.

2.5 Gênero Memórias Literárias: as oficinas para a produção textual

A seguir, discutiremos brevemente sobre o processo de produção textual do aluno, que envolve o desenvolvimento de uma sequência didática (SD) distribuída ao longo de 16 oficinas, cada qual composta por subdivisões (etapas).

Para que o aluno se aproprie da linguagem escrita do gênero Memórias Literárias, o professor utiliza como instrumento uma variedade de gêneros (orais e escritos) e trabalha com a sequência didática expressa no caderno do professor *Se bem me lembro...* (CLARA; ALTENFLEDER, 2010), um material pedagógico oferecido ao professor participante da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – edição 2014.

As oficinas da OLP são uma preparação para a realização da produção textual do gênero Memórias Literárias com a temática “O lugar onde vivo”. Portanto, discutiremos brevemente sobre o desenvolvimento da SD¹³ distribuída ao longo de 16 oficinas ministradas pelo professor para que os alunos produzam um texto final para o concurso da OLP.

Para o desenvolvimento dessas oficinas, o professor utiliza o caderno do professor *Se bem me lembro...*, que acompanha um CD-ROM contendo os áudios dos textos e uma coletânea de textos escritos, que servem apoio aos seus alunos.

O material didático da OLP foi construído em consideração às categorias de análise do ISD, voltadas para o ensino de língua e de textos (estrutura e funcionamento) em suas relações com a atividade humana.

Para tanto, pode-se afirmar que, por meio das postulações de Bronckart (2007), Moscovici (2015) e Marková (2006, 2015), a SD é um *instrumento* com uma propriedade fundamentalmente dialógica entre *Alter-Ego-Objeto* que permite reorganizar subjetivamente as coisas do meio social, ou seja, a capacidade do *Ego* de conceber e compreender o mundo em uma perspectiva de *Alter* e de criar realidades sociais nessa perspectiva do *Alter*.

¹³ No Anexo 1 encontra-se o Caderno do Professor: *Se bem me lembro...*, que contém a sequência didática na íntegra (16 oficinas com subdivisões chamadas *etapas*).

De acordo com Moscovici (2015), quando o indivíduo pensa os objetos de seu ambiente e comunica seu propósito, ele o faz sempre em relação ao outro.

A didática da OLP visa a aprendizagem progressiva da escrita em uma abordagem que mobiliza outros gêneros, apresenta uma metodologia diversificada para a compreensão dos textos, tanto orais quanto escritos. O gênero Memórias Literárias é um *instrumento* psicológico, que representa a ideia de agir em uma situação de linguagem e, de acordo com Dolz e Schneuwly (2011, p. 25), prefigura como “as ações de linguagem possíveis”.

Inicialmente, o professor de Língua Portuguesa esclarece a tarefa aos alunos. Como explica Elisabeth Marcuschi (2012):

[...] redigir um texto do gênero memórias literárias que trouxesse à tona as vivências de moradores da comunidade (em primeira pessoa e em linguagem literária); que atendesse ao tema “o lugar onde vivo”; que levasse em conta os leitores das várias etapas da Olimpíada; que considerasse critérios de textualidade (coesão, progressão e coerência próprias à lógica interna da narrativa) e as convenções da escrita. Vê-se que as condições de produção disponibilizadas no espaço escolar para o aluno, a começar pelas motivações para a escrita (participar de um concurso), delimitação do gênero a ser elaborado (no nosso caso, memórias literárias) e do tema a ser desenvolvido (O lugar onde vivo), são distintas daquelas que se apresentam para o autor nas práticas sociais (MARCUSCHI, 2012, p. 59).

O professor de Língua Portuguesa discute com seus alunos sobre o contexto de produção do concurso, para que eles compreendam que o texto será destinado a uma banca examinadora e que será lido por outras pessoas, como os colegas de classe e professores.

Em segundo lugar, há uma introdução ao gênero Memórias Literárias para que os alunos percebam que rememoram “o passado, integram ao vivido o imaginado” (CLARA; ALTENFELDER, 2010, p. 19). Assim, Marcuschi (2012) afirma:

As memórias literárias têm como propósito sociocomunicativo mais saliente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos (relacionadas a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores etc.) experienciadas pelo autor (ou que lhe tenham sido contadas por outrem, mas que lhe digam respeito), numa linguagem que se configure como um ato discursivo próprio e recrie o real, sem um compromisso com a veracidade ou com a magnitude das ocorrências. De fato, o distanciamento temporal e as mudanças de valores, experiências e desejos a ele associadas inevitavelmente levam o memorialista a reconfigurar as passagens que as lembranças trazem à tona. Recordar é, assim, adicionar ao passado detalhes e cores que

(provavelmente) não estavam lá, mas que foram sendo elaborados e reconfigurados ao longo dos tempos (MARCUSCHI, 2012, p. 56-57).

Apresenta-se a trajetória de cada oficina oferecendo a possibilidade de compreender o percurso de construção da produção textual.

Após um primeiro contato com o gênero literário, parte-se para a primeira oficina “Naquele tempo”, dividida em três etapas; na primeira há escuta de uma Memória Literária “Transplante de Menina” (Tatiana Belink) para um contato inicial com o gênero. Por meio de uma conversa mediada pelo professor, os alunos observam e percebem os detalhes de uma narrativa de memória. Há, também, apresentação dos conceitos de “memória” e “memórias” e discussão de um trecho do livro *Velhos amigos*, de Écléa Bosi, para a formulação de uma pequena entrevista com pessoas mais velhas (vizinho, parente etc.), contando depois para o professor e classe sobre a experiência e as memórias. Após a discussão em classe, o professor faz o registro da entrevista em grupo elencando aspectos importantes no registro da entrevista (*nome e idade do entrevistado, fato lembrado, temas mencionados e o que mais chamou a atenção*).

Há, na segunda etapa, uma pesquisa para que os alunos coletem fotografias antigas e recuperem o passado e, posteriormente, na terceira etapa, há exposição desse material coletado.

Na segunda oficina “Vamos combinar?” (primeira etapa), o professor apresenta aos alunos qual a situação de comunicação para a produção referente ao gênero Memórias Literárias (OLP) e discute com eles sobre os elementos que compõem a situação de comunicação (o que dizer? como? para quem? com que intenção?).

Na segunda etapa, há mobilização dos conhecimentos dos alunos por meio das estratégias de leitura (antes da leitura e depois da leitura), para despertá-los para os sentidos do fragmento do texto de Gabriel Garcia Márquez em formato de áudio.

Pode-se afirmar que nessa oficina há confirmação e comparação das hipóteses iniciais de leitura dos alunos, antes de ouvirem o texto e depois de conhecerem todas as informações dadas pelo professor. A partir daí o professor

discute sobre quais os sentidos e as emoções que o texto de Gabriel Garcia Márquez despertou neles.

Na terceira etapa (segunda oficina), o professor faz um plano de trabalho com os alunos elencando aspectos a serem estudados nas oficinas posteriores, que compreendem um caminho para a produção do texto de Memórias Literárias.

Na terceira oficina “Semelhantes, porém diferentes”, o professor apresenta diversidade de gêneros textuais (diário, relato histórico, memórias literárias), para que percebam que, apesar de se tratar de temas diferentes, podem se assemelhar em alguns aspectos e confundir o leitor. Desse modo, o aluno tem acesso às principais características do gênero que vai produzir para contar experiências vividas pelo outro, assumindo a primeira pessoa na narrativa.

Na quarta oficina “Primeiras linhas” os alunos usam os conhecimentos das oficinas (1 a 3), para realizar uma primeira produção textual do gênero Memórias Literárias, que é guardada pelo professor para o acompanhamento da evolução da escrita.

Na quinta oficina “Tecendo fios da memória”, o professor explora o plano global de um texto do gênero Memórias Literárias e há orientação para que ele apresente outros livros para que os alunos tenham contato com o gênero, ampliando o repertório deles.

Na quinta oficina (primeira etapa), há uma atividade para que os alunos, em grupos, organizem um texto de Memórias “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé”, produzido pela aluna Kelli Carolina Bassani na 3.^a edição da OLP) e separado em partes pelo professor. Primeiramente, leem o texto e tentam organizá-lo e, posteriormente, ouvem o áudio do texto (CD-ROM). Em seguida, o professor discute com os alunos, compara o texto organizado e o que ouviram.

Na quinta oficina (segunda etapa), o professor apresenta o plano global de uma Memória Literária para situar o leitor no tempo e no espaço, por meio de apreciação da leitura realizada pelo professor de trechos dos livros *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos, e *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, que também pode ser apresentado em áudio (CD-ROM) aos alunos. Na terceira etapa, há o

aprofundamento do foco narrativo, ou seja, o narrador-personagem em 1.^a pessoa (eu), chamando a atenção para a flexão verbal e para as marcas que definem o narrador. Então, o professor solicita que, em grupos, os alunos encontrem nos textos lidos elementos sobre o tempo e o espaço. Propõe atividades para que os alunos modifiquem o foco narrativo de terceira pessoa para a primeira pessoa de alguns trechos, caso necessário.

A sexta oficina “Lugares que moram na gente” conta, também, com três etapas. Na primeira, os alunos com o texto em mãos ouvem o áudio de “Transplante de Menina”, de Tatiana Belinky, e após a audição há discussão sobre as memórias da autora, expressadas pelos alunos com um desenho. Na segunda, são apresentados outros trechos de memórias literárias dos livros *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos, e *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, para que os alunos destaquem os recursos linguísticos utilizados pelos autores e também em relação às semelhanças e diferenças entre outros textos lidos e “Transplante de Menina”, de Tatiana Belinky. O professor leva os alunos a refletir sobre o uso desses recursos, a descrição do lugar ou de personagens, as sensações e informações captadas. Na terceira, o professor estimula-os para que descrevam um local significativo, atraente e interessante do lugar onde vivem, buscando atentar aos detalhes (fatos, pessoas, sentimentos e sensações), e depois trocam os textos. Para auxiliar a atividade, o professor também pode retomar as fotografias e os objetos antigos sobre o lugar onde vivem.

Na sétima oficina “Nem sempre foi assim”, o professor faz referência aos textos trabalhados, destacando elementos do tempo passado e do atual. O professor faz a leitura ou audição do texto “Os automóveis invadem a cidade”, de Zélia Gattai, e solicita, para que eles observem atentamente detalhes. Depois, em grupos, os alunos releem o texto para perceber que a autora faz comparações entre passado e atualidade. Na segunda etapa, colocarão em prática os recursos comparativos entre o passado e o presente, por meio de atividades como a descrição de fotos antigas e a leitura de textos.

Na oitava oficina “Na memória de todos nós” (primeira etapa), em grupos, os alunos analisam e identificam marcas linguísticas no texto “O Lavador de Pedra”, de Manoel de Barros. Depois disso, o professor discute sobre as impressões dos

alunos e instiga-os à observar outros aspectos (narrador, personagem etc.). Na segunda, leem em grupos um trecho do livro *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos, para identificarem as marcas linguísticas. Na terceira, há reflexão sobre o uso da linguagem e o efeito de sentido no uso (recursos linguísticos), ou seja, como dizer os detalhes de forma que transmitam emoção, sentimento ou provoquem sensações (figuras de linguagem).

Na nona oficina “Marcas do Passado”, o professor, na primeira etapa, apresenta um trecho do livro *Nas ondas do rádio*, de Edson Garcia, e instiga os alunos a perceber como o tempo passado é marcado (uso de flexões e formas verbais). Depois, lança um desafio com a leitura de outro texto “As almas do Amém”, de Ilka Brunhilde Laurito, perguntando sobre como o tempo passado é marcado (uso de flexões e formas verbais). Após essa atividade, solicita que os alunos leiam outro trecho, destacando o tempo verbal. Na segunda, utiliza trechos de três autores (*A lanterna na popa*, de Roberto Campos; *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai; e *Como num filme*, de Antônio Gil Neto), para que os alunos, em grupos, expliquem os significados, com o auxílio de dicionário, de palavras, retiradas dos textos, que se referem a objetos e costumes antigos e depois leiam para a sala suas definições. Em seguida, são apresentados os trechos completos com as palavras e expressões para entenderem o significado no contexto. Então, instigados pelo professor, comparam o que pensaram ser a definição inicial e, depois de ver o trecho completo com as palavras, a partir dessa experiência cada aluno escreve um pequeno texto marcando o passado (palavra, expressão ou objeto antigo), que pode ser socializado com a classe por meio de mural para que todos possam identificar diferentes formas de marcar o passado.

Na décima oficina “Ponto a ponto”, explica-se aos alunos sobre os usos da pontuação e, em seguida, apresenta-se um trecho de *Transplante de Menina*, de Tatiana Belinky, para que os alunos apreciem e percebam os efeitos de sentido no uso da pontuação. A atividade é repetida com a utilização de outros trechos selecionados pelo professor, para que compreendam os usos da pontuação (vírgula, travessão, exclamação, interrogação, dois-pontos, ponto final e aspas) e os efeitos de sentido. Além de apresentar um trecho já conhecido em outras oficinas, por exemplo, “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé” ou “Transplante

de menina”, eliminando a pontuação, o professor propõe aos alunos uma reescrita inserindo a pontuação para a compreensão de seu uso e do estilo de cada autor.

A décima primeira oficina, “A entrevista”, conta com duas etapas. Na primeira, há orientação do professor sobre o planejamento da entrevista e a escolha do entrevistado, que trará as memórias para a escrita do seu texto, despertando a atenção dos alunos para novos dados (modos de viver no passado, transformações físicas da comunidade, origem da comunidade etc.). Na segunda, orienta-se os alunos para realizarem a entrevista, que pode ser gravada com a permissão do entrevistado (pessoa mais velha da comunidade que contará suas memórias) ou com anotações dos pontos importantes.

Na décima segunda oficina, “Da entrevista ao texto de Memórias Literárias”, em duas etapas, primeiramente o professor analisa e discute com os alunos um trecho da entrevista realizada por Antônio Gil Neto (participante OLP), que deu origem ao seu texto final. Posteriormente, na segunda, questiona-se alunos sobre como Antônio Gil transformou a entrevista num texto de Memórias Literárias e retoma as oficinas 5 e 8, desenvolvendo com eles um processo de escrita com o uso da entrevista de Antônio Gil. Apresentam-se, também, trechos do texto final “Como num filme”, de Antônio Gil, para OLP.

Na décima terceira oficina, “Como num filme” (primeira etapa), o professor levanta hipóteses de leitura de seus alunos para identificar os conhecimentos prévios sobre o título do texto. Depois, ouvem o áudio do texto “Como num filme” (CD-ROM) e acompanham a escuta com o texto impresso. Antes da escuta, o professor lê o título e pede para que os alunos anotem as hipóteses do porquê o autor escolheu esse título.

Além disso, o professor interrompe a escuta em pontos estratégicos para questioná-los sobre a leitura indagando sobre o que acontecerá na continuação do texto. A seguir, após anotações feitas, retomam o texto até o final e o professor pergunta se as hipóteses se confirmaram as hipóteses iniciais, se gostaram ou se querem acrescentar algo.

Na segunda etapa, trata-se de um trabalho de comparação entre semelhanças e diferenças entre o texto de Antônio Gil, trechos de Fernando Sabino e Bartolomeu Campos Queirós, explorando o plano global do texto (oficina 5).

Na décima quarta oficina, “Ensaio Geral”, há o desenvolvimento de uma produção coletiva dos alunos mediada pelo professor. Para tanto, eles tomam o lugar do entrevistado e, à medida que o texto vai sendo escrito, o professor retoma os pontos essenciais para a escrita do gênero. Ao concluírem a escrita coletiva, o professor sugere que utilizem um roteiro e a grade de correção da oficina 16 para aprimoramento do texto.

Na décima quinta oficina, “Agora é a sua vez”, há a escrita individual de uma primeira versão do texto para o concurso de redação OLP, mobilizando a aprendizagem das oficinas anteriores. Nessa oficina, o aluno assume o papel narrador/autor em primeira pessoa e também, segundo Marková (2006, p. 188 e 212-215), os componentes da “tríade dialógica” (*Alter-Ego-Objeto*) são “internamente relacionados” por meio de “gestos verbais e não verbais”, e “as atividades que fazem sentido estão orientadas em relação ao passado e em relação às interpretações retrospectivas, podendo antecipar quais as direções que o conhecimento e a comunicação podem adotar”.

Após o processo de escrita, o professor recolhe a produção do aluno para que ele possa aprimorar (revisar e reescrever) o seu texto na oficina 16.

Na décima sexta oficina, “Últimos retoques” (primeira etapa), o professor retoma com os alunos os conceitos estudados, escreve na lousa o texto original “Dona Dulce e suas histórias” e faz o aprimoramento do texto coletivamente esclarecendo dúvidas.

Na segunda etapa, entrega as produções individuais dos alunos para que seja realizada a revisão individual por meio de um roteiro (critérios de Avaliação para o Gênero Memórias Literárias) e realização de reescrita de uma nova versão.

A seguir, elencam-se os critérios de avaliação da OLP (Quadro 7), descritos em formato de uma grade de correção, que compõem os elementos necessários

para o desenvolvimento da escrita do gênero. Esses critérios também são utilizados nas comissões julgadoras.

Quadro 7 – Grade de Correção OLP

Memórias Literárias		
CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO	DESCRIPTORIOS
Tema "O lugar onde vivo"	1,5	<ul style="list-style-type: none"> • O texto se reporta, de forma singular, à cultura e à história do lugar onde vivem?
Adequação ao gênero	2,0	Adequação discursiva <ul style="list-style-type: none"> • O texto resgata aspectos do lugar onde vivem pela perspectiva do antigo morador? • O texto deixa transparecer sentimentos, impressões, apreciações que atendem à finalidade de enredar o leitor? • A organização geral do texto obedece à lógica interna da narrativa? • As referências a objetos, lugares, modos de vida, costumes, palavras e expressões que já não existem ou que se transformaram reconstroem experiências pessoais vividas?
	2,0	Adequação linguística <ul style="list-style-type: none"> • As memórias são assumidas em primeira pessoa? • No caso de o autor recorrer a outras vozes, estão adequadamente indicadas no texto? • O uso dos tempos verbais e dos indicadores de espaço situa adequadamente o leitor em relação aos tempos e espaços retratados no texto? • Os recursos de linguagem são adequados ao caráter literário das memórias?
	1,0	<ul style="list-style-type: none"> • O texto deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos relacionados ao lugar onde vive?
Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none"> • O título instiga o leitor? • O autor elaborou de modo próprio e original as lembranças do moradores entrevistados?
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none"> • O texto atende às convenções da escrita (morfo sintaxe, ortografia, acentuação, pontuação)? • Quando há rompimento das convenções da escrita, isso ocorre a serviço da escrita do texto?

Fonte: Caderno do Professor: *Se bem me lembro...* (Coleção Olimpíada – Cenpec, 2010, p. 149).

Ao final do processo de escrita e aprimoramento da produção textual, é possível divulgá-lo para a comunidade, escola e família. O texto escolhido pela banca escolar vai para a banca examinadora da OLP.

O gênero Memórias Literárias, nesse caso, é marcado por textos escritos dos alunos autores que fazem uma espécie de integração entre o vivido e o imaginado, ao reconstruírem o passado relatado por outra pessoa, cuja personalidade assumem ao escrever. Não se trata, portanto, de um texto autobiográfico, mas da narração produzida no presente, de fatos lembrados do passado do outro. Os textos são baseados em relatos de experiências vividas, com

cenários e situações reconstruídas a partir do real e do imaginário. A ideia resgata a memória e a história do lugar onde o aluno vive pelo olhar de pessoas comuns. No desenvolvimento didático do texto da OLP, com a realização da entrevista com um morador antigo da localidade e de transposição da entrevista (linguagem oral) para a linguagem escrita, o aluno apropriou-se da voz do entrevistado como sua para enunciar memórias da pessoa, vinculadas às memórias do lugar, sob um olhar literário capaz de provocar emoções e sentimentos, demonstrando o que ficou para trás ou que se vive de outra maneira.

Logo, as experiências valorizadas são situadas ao longo do tempo e do espaço, por meio das marcas dos tempos verbais e do foco narrativo, descobrindo, também, parte de sua identidade. Nesse sentido, há um resgate da memória e da história do lugar onde o aluno e o outro (morador antigo entrevistado) vivem.

Marcushi (2012) afirma que os textos dos alunos no contexto da OLP deveriam:

[...] 1) recuperar lembranças sobre o passado cultural da localidade pela perspectiva de um antigo morador; 2) apresentar as reminiscências por ele recolhidas como se fossem suas, ou seja, escrever uma narrativa em primeira pessoa; 3) cuidar para que o texto entremeasse acontecimentos reais e ficcionais, com uma linguagem própria e pertinente à esfera da literatura, buscando envolver o leitor (MARCUSCHI, 2012, p. 60).

Portanto, as experiências valorizadas são situadas no decorrer do tempo e do espaço, por meio das marcas dos tempos verbais e do foco narrativo, descobrindo, também, parte de sua identidade. A partir dessas reflexões, o sujeito constrói o pensamento enraizado na sua história pessoal e no seu contexto sociocultural, em que articula suas representações.

Para Moscovici (2015, p. 318-319), as nossas representações são instituições que partilhamos e que existem na sociedade antes de nascermos, e que formamos novas representações a partir das anteriores ou contra elas. Segundo ele, as atitudes expressam “uma relação com certeza ou incerteza, crença ou descrença, em relação a esse conhecimento”, ou em relação a “um objeto, uma pessoa” e “um grupo”.

Conforme as postulações do autor (2015) e de Marková (2006, 2015), pode-se afirmar que há uma relação tríade entre a representação social, a representação

individual e o objeto, constituindo-se em um mecanismo psicológico de objetivação e ancoragem para o consenso grupal. Essa interação entre o eu, o outro e o mundo engloba diferentes formas de pensar, refletidas por meio de linguagem em um contexto historicamente construído.

Dessa forma, Marková (2006, p. 128), sobre a hipótese da dialogicidade, afirma que a antinomia *Alter-Ego* “é intrínseca à linguagem”.

Segundo Moscovici (2015, p. 307), o conhecimento linguístico é transmitido de geração em geração por meio de linguagem (verbal e não verbal) e “as representações sociais estão relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe a linguagem”.

No tocante à prática docente no contexto da OLP, podemos afirmar, de acordo com Machado (2007, p. 26), que a atividade do professor ocorre quando ele “conta com artefatos sócios-historicamente construídos (tanto materiais quanto simbólicos, de diferentes origens)”, disponibilizados pelo meio social em que se encontram e que envolve outros indivíduos:

O primeiro nível é o dos sistemas educacionais, no interior dos quais se formulam as diretrizes gerais adotadas por uma sociedade [...]. O segundo é o dos sistemas de ensino, isto é, das instituições construídas especificamente para que sejam atingidas as finalidades colocadas pelo sistema educacional, compreendendo os estabelecimentos de ensino, os programas, os instrumentos didáticos, o tipo de fluxo entre os sistemas de ensino [...]. Esses sistemas encontram-se concretamente articulados ao meio social geral, principalmente aos pais, às instâncias políticas gerais, à administração escolar [...]. Finalmente, o terceiro nível é o dos sistemas didáticos, envolvendo as classes em que se desenvolve o trabalho do professor, com seus três polos constitutivos: o professor, os alunos e os objetos de conhecimento (MACHADO, 2007, p. 27).

Machado (2007, p. 27) sustenta, ainda, que o agir docente relaciona-se à apropriação de artefatos e desenvolvimento de capacidades de linguagem, que “provocam transformações não apenas sobre o objeto, mas também sobre os outros indivíduos envolvidos na atividade e sobre o próprio professor”.

Trata-se, então, conforme Marková (2015, p. 94) de representações expressas e construídas na comunicação, que estabelecem “as relações de *Alter-Ego-Objeto*” (professor, aluno e objeto), que são éticas (avaliativas e críticas) e permitem identificar as crenças e os valores dos sujeitos envolvidos no processo. É, portanto, o pensamento expresso pela linguagem quando concebe o mundo e cria realidades sociais (indivíduo e o grupo).

3

MÉTODO

Para Bronckart (2007), a produção de linguagem concretiza-se em um texto por meio da combinação de vários tipos de discursos em que o autor pode mobilizar representações para escrevê-lo. Portanto, por meio da situação de comunicação foi possível compreender o contexto de produção e o agir do sujeito (aluno), que produz linguagem em uma situação de comunicação real.

Conforme Moscovici (2015), os nossos pensamentos são organizados tanto em um sistema condicionado por representações quanto pela cultura, e pontua (1978) que a representação é baseada no pensamento do senso comum, no conhecimento e na comunicação.

Trata-se, com o estudo, de uma aproximação inicial entre a psicologia social e a psicologia da linguagem, que busca, a partir dos discursos dos sujeitos, compreender os modos de agir e de representar.

O estudo foi realizado a partir do programa nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, em que foram selecionados para o estudo os *Textos Finalistas – edição 2014* do gênero Memórias Literárias que constituiu o *corpus* textual.¹⁴ Priorizou-se o gênero Memórias, contudo o programa apresenta finalistas de quatro gêneros trabalhados na OLP (Poema, Memórias Literárias, Crônica e Artigo de Opinião).

O gênero Memórias Literárias propicia resgatar histórias, estreitar vínculos com a comunidade e aprofundar o conhecimento sobre o lugar onde os alunos vivem e as relações que se estabelecem na convivência humana. Essa interação entre o eu, o outro e o mundo engloba diferentes formas de pensar, que são expressas por meio de linguagem e em um contexto histórico, que possibilita uma abordagem psicossocial.

¹⁴ Os textos que constituíram o *corpus* são encontrados no Anexo 2.

Tomando os textos produzidos pelos finalistas, após o processo didático, procurou-se desvelar pistas do agir do sujeito e de suas representações. Utilizou-se a Teoria das Representações Sociais, dos estudos de gêneros textuais e do Interacionismo Sociodiscursivo, que orientou o processo de produção dos textos e do material didático.

Para analisar a linguagem humana, expressa pela atividade linguística (simbólica e material), considerou-se o gênero Memórias como um *instrumento* para o agir *linguageiro* dos alunos. Para tanto, quando se desenvolvem as capacidades de linguagem, elas podem ser utilizadas ou transferidas para o estudo de outros gêneros. Assim, segundo Schneuwly (2011, p. 119), a “capacidade humana é construída pela apropriação de instrumentos semióticos, que fazem o sujeito agir sobre o mundo” e construindo “novas funções psíquicas pela integração desses novos instrumentos”.

A abordagem do estudo é uma tentativa inicial porque trata do processo de comunicação explorando a hipótese da dialogicidade e do olhar psicossocial dos objetos, dos sujeitos e de sua subjetividade, em consideração ao contexto social. Além disso, explora-se o campo teórico da psicologia da linguagem para compreender os modos de agir e representar por meio de linguagem escrita.

Desde a publicação de *La Psychanalyse, son image et son public* (A Psicanálise, sua imagem e seu público) por Moscovici, o autor descreve como um sistema de saber pode se transformar à medida que penetra em diferentes ambientes sociais. Esse trabalho semeado por Moscovici deu origem a várias abordagens, sem perder de vista, no entanto, seus princípios fundadores. Então, os estudos de Representações Sociais passaram a apresentar uma variedade de abordagens metodológicas.

Nesse estudo, explora-se a perspectiva dialógica desenvolvida por Marková que focaliza o papel da linguagem e da comunicação para compreender e interpretar as representações sociais e o agir do sujeito (aluno) usando metodologias qualitativa e quantitativa.

Na abordagem quantitativa, utilizou-se um *software* que realiza a análise lexical dos discursos, permitindo a apreensão e construção de Núcleo de Sentido.

Processou-se o *corpus* textual no *software* Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d`um Ensemble de Segment de Texte*), constituído pelo francês Marx Reinert para realizar a análise textual (CAMARGO, 2005, p. 511-512).

Segundo Reinert (1990, p. 24-54), o programa encontra uma espécie de relação entre o contexto linguístico e a representação coletiva ou entre unidade de contexto e contexto típico, e complementa:

As representações locais, múltiplas, imediatas, associadas aos enunciados de um *corpus* se organizam em função de leis específicas identificando tipos de “mundos”. Seus traços na língua só podem ser revelados através de um grande número de enunciados semelhantes, de um determinado ponto de vista. [...] (REINERT, 1990, p. 32).

O programa classifica o material textual por um conjunto de segmentos e processa dados estatísticos de coocorrência de palavras. Esse processamento distribui o material em classes hierárquicas (classificação hierárquica descendente e ascendente) e gráficos, que forneceram dados para análise dos discursos dos pesquisados. A análise qualitativa dessas classes proporciona, conforme afirma Reinert (2001, p. 32-36), evidenciar os discursos e os *mundos lexicais*, que implicam intenções de sentido do sujeito/enunciador.

A análise qualitativa também foi realizada com as 38 produções textuais, utilizando-se as categorias de análise do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

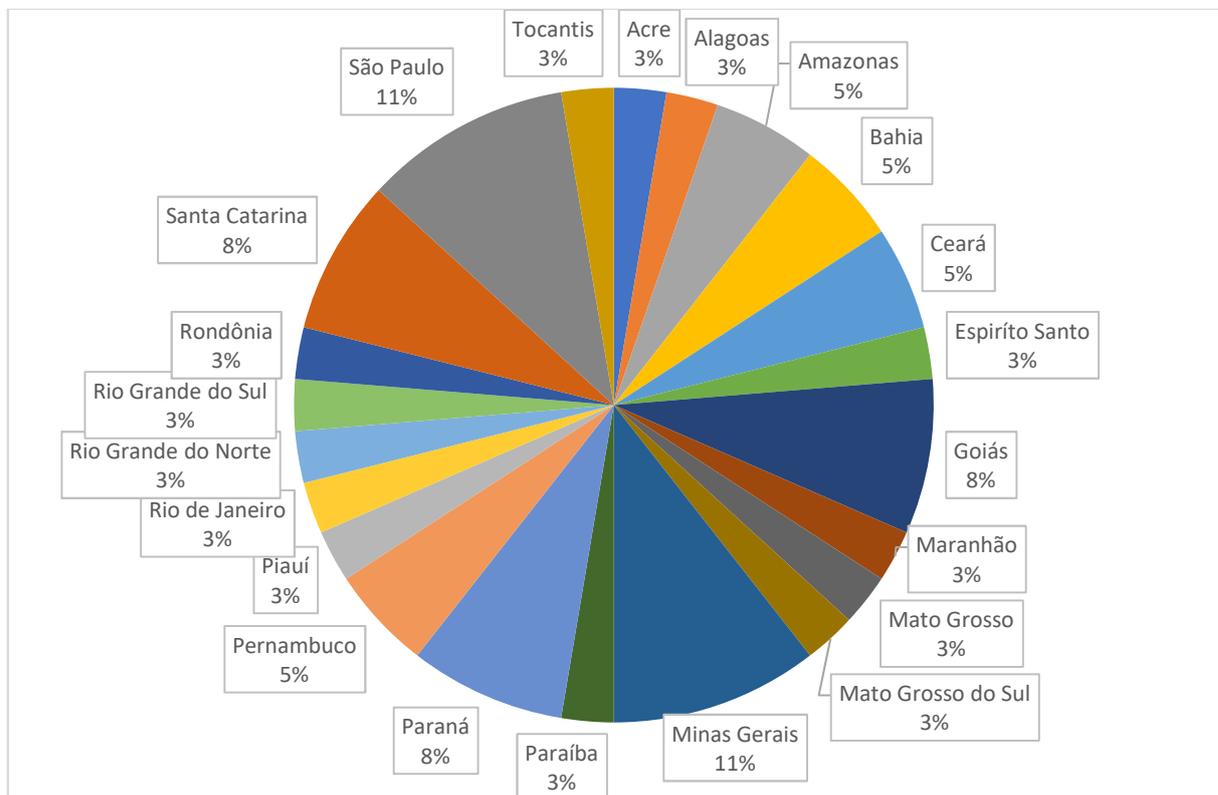
3.1 Sujeitos

Os pesquisados foram alunos/autores finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLP) – gênero Memórias Literárias em 2014, selecionados por comissões julgadoras por meio de critérios estabelecidos pelo concurso, como por exemplo, marcas de autoria, adequação linguística, adequação discursiva e convenções da escrita.

Entre os 38 pesquisados, 67% são do sexo feminino, contra 33% do sexo masculino e faixa etária entre 12 e 13 anos, considerados adolescentes de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).¹⁵

Os adolescentes estavam matriculados no ano de 2014 nos 7.º e 8.º anos do Ensino Fundamental anos finais, em escolas de Redes Públicas de Ensino de municípios e Estados brasileiros. Dentre os textos finalistas, foi possível identificar que em 2014 os alunos estavam distribuídos em 23 Estados brasileiros, conforme Figura 4:

Figura 4 – Porcentagem de alunos (finalistas da OLP) no ano de 2014 por Estado brasileiro



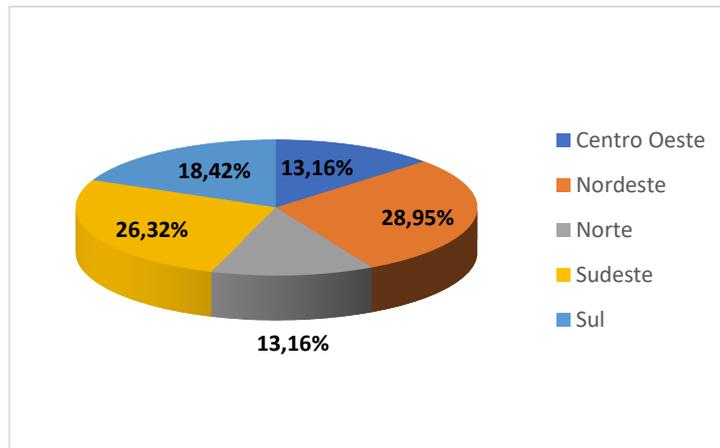
Fonte: o autor.

As produções literárias sobre a temática “O lugar onde vivo” foram construídas individualmente por meio de um longo processo didático de ensino-

¹⁵ BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.

aprendizagem já especificado no segundo capítulo. Destaca-se que os pesquisados estavam distribuídos nas cinco regiões brasileiras conforme Figura 5:

Figura 5 – Porcentagem de alunos (finalistas da OLP) no ano de 2014 por regiões brasileiras



Fonte: o autor.

3.2 Procedimentos para organização dos dados

Foram realizadas duas etapas para a organização dos dados. A primeira envolveu a análise do Alceste e a segunda a análise psicolinguística do *corpus* textual.

A – Primeira Etapa

Considerou-se a abordagem quantitativa e o uso do *software* Alceste. O arquivo foi preparado com a utilização de regras próprias para digitar os 38 textos. Assim, cada texto é Unidade de Contexto Inicial (UCI) e cada qual foi separada e identificada por uma linha com o sinal ****, que acompanhou a caracterização dos sujeitos da pesquisa (1 a 38) e as variáveis (sexo e Estado), como se observa no exemplo que segue:

**** *suj_001 *sex_2 *estado_33

O programa formou um arquivo único e monotemático sobre a temática “O lugar onde vivo”, constituindo o *corpus* para o processamento no Alceste.

Esse processamento correspondeu a quatro fases (A, B, C e D). Na fase A, houve a identificação das unidades de registro (identificação das palavras) com a leitura do texto e o cálculo dos dicionários.

Na fase B, foram identificadas ou selecionadas as Unidades de Contexto Elementar (UCE), que contém as palavras significativas de uma classe, auxiliando o pesquisador na busca do discurso. Além disso, há valoração de χ^2 (qui-quadrado) e sua frequência no texto (porcentagem) para a confiabilidade dos resultados.

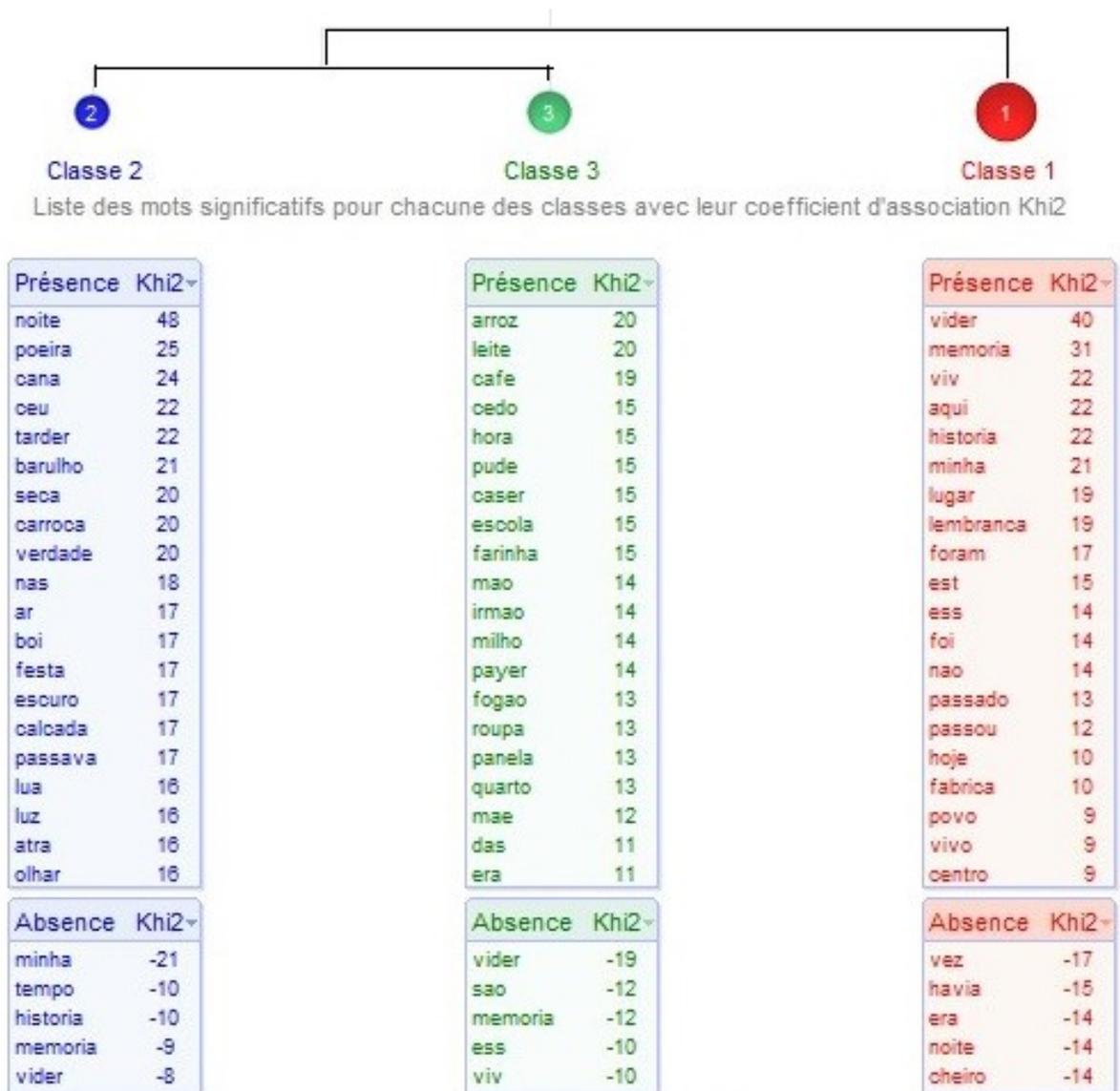
A estatística usada pelo Alceste envolve o qui-quadrado (χ^2),¹⁶ um teste de hipóteses não paramétrico (não depende de parâmetros populacionais). O princípio básico do método é a comparação entre proporções (possíveis divergências entre as frequências observadas).

A seguir, apresenta-se a imagem (Figura 6) das classes obtidas pelo processamento do Alceste¹⁷ com suas respectivas palavras e valoração do χ^2 .

¹⁶ Disponível em: <<http://ufpa.br/dicas/biome/bioqui.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

¹⁷ Os resultados do processamento do *corpus* textual no Alceste encontram-se no anexo 3.

Figura 6 – Dicionário com as palavras e valor do khi²

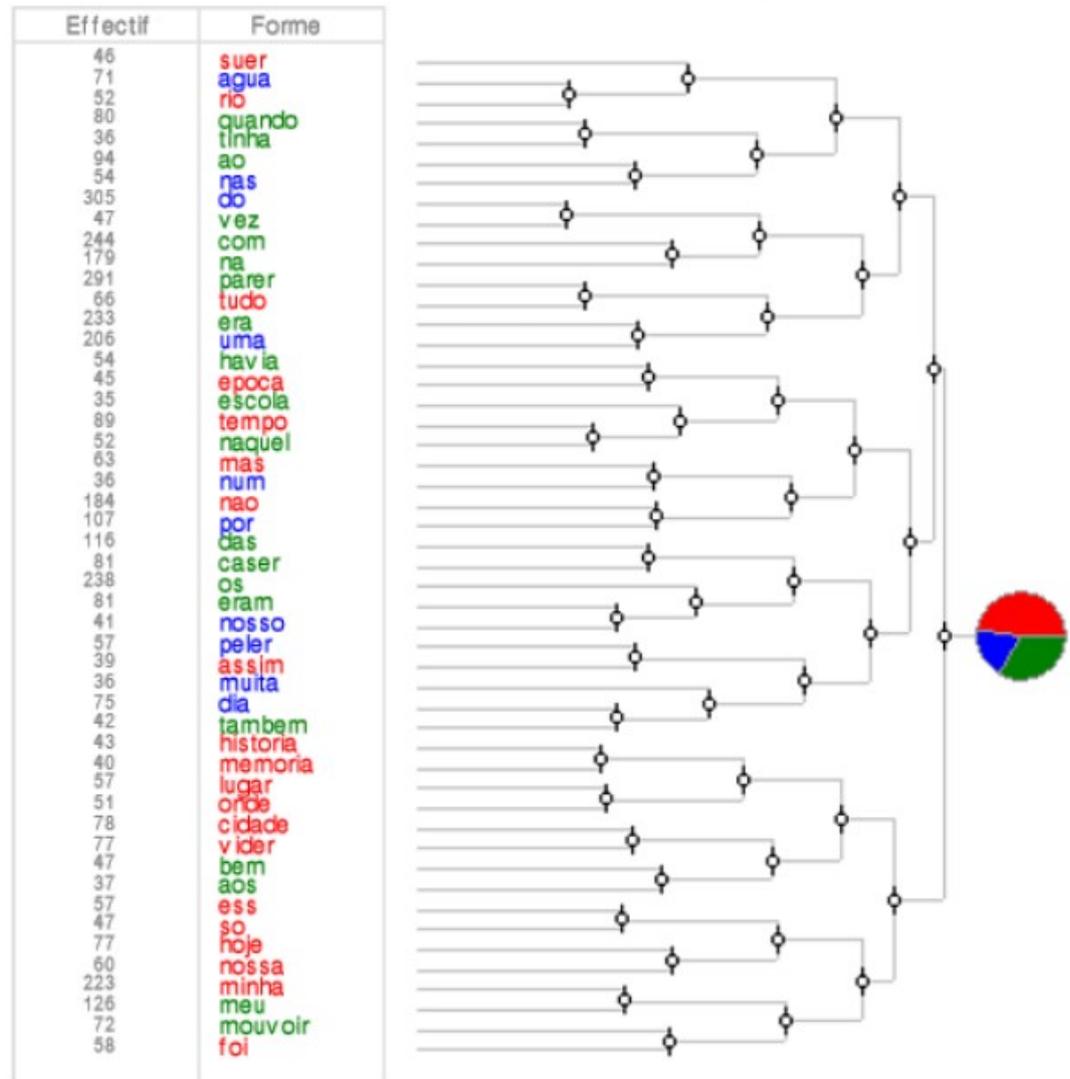


Fonte: Alceste.

A partir do teste do khi², foi possível identificar as palavras com maior grau de importância no *corpus* textual. Nessa fase, também se definiu o dendrograma que descreve a seleção entre as classes.

Na etapa C (Figura 7), foram calculados dados complementares, agrupamento das UCE, e representados pela Classificação Hierárquica Ascendente (CHA), que ilustram as relações entre as palavras dentro de cada classe.

Figura 7 – Dendrograma sobre a Classificação Hierárquica Ascendente

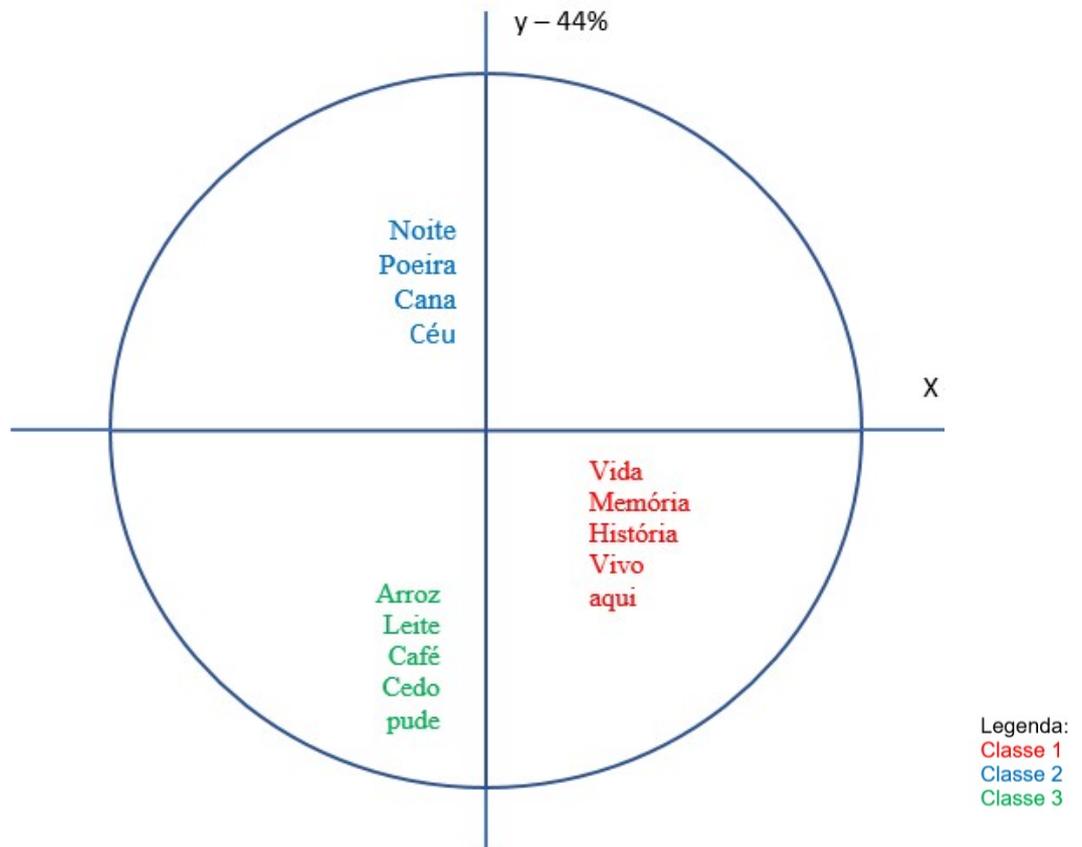


Fonte: Alceste.

É importante ressaltar que a análise fatorial¹⁸ de correspondência gerada pelo Alceste trouxe uma representação gráfica entre o cruzamento das informações (frequência de incidência de palavras) e as três classes, que permitiram identificar as relações entre elas na análise qualitativa.

¹⁸ A figura 8 é uma representação gráfica de uma das etapas realizadas pelo *software* e apresenta apenas algumas palavras presentes nas classes 1, 2 e 3.

Figura 8 – Representação da análise fatorial correlacional (eixos X e Y)



Fonte: o autor.

As palavras elencadas em cada classe (figuras 6 e 7) foram analisadas concomitantemente aos trechos indicados pelo *software* e pela leitura dos textos.

A análise do significado das palavras de cada classe e a compreensão dessas palavras no contexto do discurso permitiram construir os Núcleos de Sentido.

Tais Núcleos de Sentido indicaram a direção e a organização dos significados das palavras reunidas em cada classe. Portanto, a partir dessa análise das classes foi possível evidenciar três Núcleos de Sentido:

- Núcleo de Sentido 1 – *Subjetividade*;
- Núcleo de Sentido 2 – *Espaço/Tempo das memórias*;
- Núcleo de Sentido 3 – *Prática Social e Norma Social*.

B – Segunda Etapa

A análise das categorias do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), constituiu a análise psicolinguística do *corpus* textual a partir do modelo teórico-metodológico, que buscou compreender os modos de agir linguageiro e representar nas produções dos autores finalistas da OLP por meio da investigação dos elementos discursivos, dos aspectos textuais e dos aspectos linguísticos.

Portanto, apoiou-se nas postulações de Bronckart (2007), nos estudos de gêneros textuais e na TRS com postulações de Moscovici e Marková para compreender e analisar os discursos presentes nos textos dos participantes.

Nesse contexto, consideraram-se as capacidades de linguagem como roteiro de análise que mobiliza operações de linguagem, como se observa a seguir (Quadro 8):

Quadro 8 – Matriz de análise de textos

Categorias – Capacidades de de linguagem	Itens – Operações de linguagem encontradas no <i>corpus</i> referente ao gênero textual	Presença	Ausência	Observação	Descrição
Capacidades de ação Mundos <i>formais</i> : físico, social e subjetivo	Lugar de produção				
	Momento de produção				
	Emissor				
	Receptor				
	Lugar social				
	Posição social do emissor				
	Posição social do receptor				
	Objetivo da interação				
Capacidades discursivas	Tipos de discurso				
	Tipos de sequências				
Capacidades linguístico- discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Conexão • Coesão nominal • Coesão verbal 				
	Vozes				
	Modalizações				

Fonte: Adaptado de Bronckart (2007).

A partir dessas categorias de análise do (ISD) elencadas na matriz, compreenderam-se e classificaram-se os discursos de cada produção textual, que posteriormente foram organizadas em um quadro (Apêndice A), permitindo uma visão geral dos resultados.

A primeira categoria de análise envolveu as características do contexto de produção e está relacionada à situação de interação ou comunicação. Afirmam Dolz e Schneuwly (2011, p. 25) que o

[...] gênero apresenta-se como organizador global: tratamento de conteúdo; tratamento comunicativo; tratamento linguístico. Poderíamos aqui construir uma metáfora: considerar o gênero como um “megainstrumento”, como uma configuração estabilizada de vários subtemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação.

Para Dolz e Schneuwly (2011, p. 25) o gênero é um *instrumento* psicológico, que representa a ideia de agir em uma situação de linguagem. Dessa forma, os meios de agir sobre a linguagem apresentam-se como um suporte para a atividade de linguagem, que contribui para

[...] a consciência de si e a construção das funções superiores são estritamente dependentes da história de relações do indivíduo com sua sociedade e da utilização da linguagem. O fato de pertencer a uma comunidade de interpretação das unidades de representação permite a compreensão e a antecipação das atividades de outrem; permite, igualmente, a modificação de seu próprio comportamento, levando-se em conta o ponto de vista do outro (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 39).

Portanto, o gênero textual compreende um *instrumento* com o qual é possível exercer a ação de agir sobre a realidade. Em consideração a tais afirmações, a primeira categoria representa as capacidades de ação e as respectivas operações de linguagem realizadas, que segundo Bronckart (2007)

[...] designa as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) e que podem exercer influência sobre a produção textual. Esses mundos formais são conjuntos de representações sociais que podem ser objeto de uma descrição *a priori*. Entretanto, em uma determinada situação de produção, o agente dispõe apenas de versões particulares dessas representações sociais. Portanto, convém distinguir a situação de ação de linguagem *externa*, isto é, as características dos mundos formais, tais como uma comunidade de observadores poderia descrever, e a situação de linguagem interna ou *efetiva*, isto é, as representações sobre esses mesmos mundos, tais como um agente as *interiorizou*. Além disso, é necessário admitir que é essa situação de ação interiorizada que influi realmente sobre a produção de um texto empírico (BRONCKART, 2007, p. 91-92).

Esses mundos formais estão divididos em dois conjuntos intrínsecos: o primeiro refere-se ao mundo físico e o segundo ao social e ao subjetivo.

Para o autor (2007, p. 93-94), os *mundos formais* são divididos em dois conjuntos: o primeiro é resultado de “comportamento verbal concreto, desenvolvido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo”, ou seja, um “ato realizado em contexto “físico”; e o segundo conjunto refere-se às “atividades de uma formação social” (interação comunicativa), que “implica o mundo social” (normas, valores, regras) e o mundo subjetivo, que imprime a “imagem que o agente dá de si ao agir”.

Pode-se afirmar, com base em postulações de Marková (2006, 2015) e de Bronckart (2007), que ao escrever uma produção textual o autor mobiliza representações sobre esses *mundos formais* em diversas direções, faz escolhas éticas que compreendem o contexto de produção de produção (físico e sociossubjetivo).

Essas revelações foram possíveis por meio da produção de linguagem que, de acordo com Bronckart (2007), se concretiza em um texto por meio da combinação de vários tipos de discursos, que revelam a interação comunicativa.

A produção de linguagem segundo Bronckart (2007) concretiza-se em um texto por meio da combinação de vários tipos de discursos, que revelam a interação comunicativa. Logo, as capacidades discursivas da segunda categoria mobilizam operações de linguagem para compor a coerência temática do texto (tipos de discurso e sequências).

Assim, os modos de dizer, constituídos pelos tipos de discurso¹⁹ (discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração) e por sequências²⁰ textuais (*narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, dialogal e injuntiva*), ocorrem no interior dos parágrafos para compor o plano global do texto. Para tanto, os discursos

¹⁹ Tipos de discurso – são “[...] formas linguísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo estes articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência sequencial e configuracional” (BRONCKART, 2007, p. 149).

²⁰ Sequências textuais – Bronckart (2007, p. 233-239), com base em Adam, define-as como “sequências textuais que ocorrem no interior dos parágrafos compondo o plano global”.

podem revelar uma relação de implicação ou de autonomia nos discursos e o tempo (disjunção, conjunção).

A terceira categoria compreende as capacidades linguístico-discursivas com suas respectivas operações de linguagem, que implicam a coerência temática e pragmática do texto.

Os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e verbal) contribuem com a linearidade do texto, tendo em vista o destinatário e o espaço-temporal do texto.

Por sua vez, os mecanismos enunciativos (vozes e modalizações) e a coerência temática para Bronckart (2007, p. 319), explicitam “diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou de outro aspecto do conteúdo temático” e, de outro, as próprias fontes dessas avaliações, que são as instâncias que as assumem”.

Ademais, de acordo com Bronckart (2007), imprime “diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos)” formuladas em relação a algum aspecto do conteúdo temático ou das vozes.

4

DESCRIÇÃO, DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresenta-se, em primeiro lugar, a análise das produções textuais processadas pelo *software* Alceste (análise A) com o objetivo de identificar os constituidores das Representações Sociais; em seguida, mostra-se a análise realizada considerando as categorias do Interacionismo Sociodiscursivo (análise B) para compreender as produções, com o objetivo de identificar as Representações e o agir do sujeito.

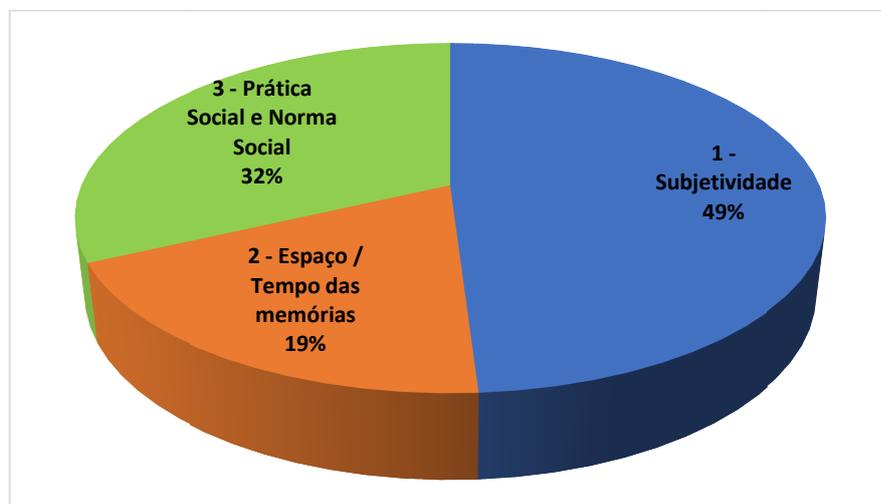
A – Análise semântica dos resultados do Alceste

A análise do significado das palavras presentes em cada classe do Alceste, bem como a relação que as palavras estabelecem entre elas, permitiram construir os três Núcleos de Sentido:

- Núcleo de Sentido 1 – *Subjetividade*;
- Núcleo de Sentido 2 – *Espaço/Tempo das memórias*;
- Núcleo de Sentido 3 – *Prática Social e Norma Social*.

A partir dos resultados do processamento do Alceste, foram construídos os três Núcleos de Sentido (Figura 9), ilustrados a seguir:

Figura 9 – Núcleos de Sentido construídos a partir do Alceste



Fonte: o autor.

O primeiro Núcleo de Sentido – *Subjetividade* – indica a experiência do sujeito: sonhos, sentimentos, lembranças e expectativas, como pode ser observado em trechos de alguns dos pesquisados descritos a seguir:

Lembranças do meu tempo de garimpo [...] onde trabalhavam mais de duzentos homens e se pegavam muitos diamantes [...]. Os donos dessa mina eram homens avarentos que gostavam de explorar os trabalhadores [...] davam o que bem queriam aos trabalhadores que aceitavam sem reclamar, pois tinham família para sustentar. Não dava para ter luxos, mas lhes garantia uma vida digna e honesta. [...] tratados como escravos eram homens valentes que, com tantas dificuldades, não tinham medo de enfrentar a vida, porque levavam com eles a esperança de dias melhores (sujeito 23).

Trazer à tona as memórias me faz um bem danado! [...] boas lembranças que vivi. Histórias regadas de sonhos e de amor pela música. [...] Papai [...] conduzia-me pela fábrica e eu observava quietamente a delicada construção de um acordeão (sujeito 13).

Que alegria veio ao meu coração quando me deram a oportunidade de relembrar... retirar do baú da memória coisas que tanto me alegraram na infância, vividas em um belo lugar mais especial (sujeito 28).

Espaço/tempo das Memórias Literárias é o segundo Núcleo de Sentido encontrado, destacando-se nele a história (o vivido), que expressa o cenário/espaço e o tempo em que acontecem as memórias expressas na comunicação no conteúdo temático dos textos dos participantes, como se observa em alguns trechos a seguir:

Época de festas, costumávamos nos reunir para comemorar São João [...] aqueles que moravam na cidade ainda deserta iam a cavalo ou em carroças para os sítios, sedes da comemoração, no entardecer que coloria o céu. O ranger da carroça soava como uma orquestra em dias de festa [...]. No caminho havia uma única iluminação lá em cima, a lua (sujeito 20).

Quando chegávamos ao sítio dançávamos ao ar livre rodopiando nossas saias de chita estampada. O céu estrelado, [...] como vagalumes em noites escuras mostravam a magia da alegria como se estivessem em uma apresentação (sujeito 20).

Enquanto os mais velhos proseavam sentados em tamboretas nas calçadas, a criançada jogava pedra na fogueira para ver as chamas se misturarem às estrelas e juntas realizavam um *show* de luzes no céu (sujeito 20).

Nós éramos uma família grande, unida e muito feliz, pois tínhamos uma terra fértil cheia de frutas e verduras brotando por toda parte, água jorrando limpinha nos barreiros e o gado gordo nos currais. Só que essa grande felicidade acabou de repente. Tudo começou a mudar, aquele mundo verde começou a sumir, a água nos barreiros começou a faltar (sujeito 22).

Anos e anos se passaram. Vidas e vidas foram levadas pelo furacão e jamais voltarão: a construção da estrada de ferro [...] Por onde os trilhos deitavam ao chão, iam destruindo tudo o que havia pela frente: as matas, os povos, a vida em suas múltiplas manifestações. A estrada fora construída com muito sangue e suor [...] barulho estrondoso do trem de ferro (sujeito 3).

Passei longas tardes no meio daquelas prateleiras [...] cada livro era uma nova experiência (sujeito 1).

Já no Núcleo de Sentido 3 – *Prática Social e Norma Social* identifica a sociedade: as normas, os costumes, os valores e a cultura, como observado nos trechos de alguns dos pesquisados descritos a seguir:

Meu pai plantava milho, feijão, mandioca [...] mamãe fazia cada delícia [...] o cheiro do arroz torrado na panela com feijão e carne de criação já nos convidava (sujeito 27).

Cinco horas da manhã: eu acordava com o diálogo barulhento dos longos e ressoantes passos de meu pai se preparando para ir ao trabalho [...] lembro, ele saía com uma espécie de lamparina usada como chapéu – para iluminar o caminho da floresta adentro até as seringueiras [...] só retornava às 17h [...] recordo-me das casas rústicas com telhados de palha da velha comunidade ribeirinha (sujeito 19).

Os mestres eram rígidos com os alunos, aplicando-lhes disciplina, que correspondia ao impacto de uma régua em suas mãos (sujeito 18).

Ouvia meu pai nos chamar para ir à escola (sujeito 30).

Legado de meu pai levantar cedo com o cantar do galo [...] e prosear (sujeito 35).

Eu e meus irmãos não tivemos a oportunidade de conhecer de perto professora ou sala de aula, pois tínhamos que ajudar nossos pais na roça (sujeito 33).

Tremia de medo quando a professora dizia: escreveu não leu o pau comeu [...] tínhamos medo da sabatina da tabuada (sujeito 37).

O que não me agradava eram as punições aplicadas àqueles alunos que faziam alguma travessura. A mestra colocava de castigo ajoelhado em grãos de milho e de frente para os colegas servindo de referência para que outros não tivessem a mesma intenção (sujeito 12).

Rígidas regras de mamãe [...] não podíamos adentrar na sala quando tínhamos visita e em hipótese alguma responder aos mais velhos (sujeito 29).

As roupas eram feitas em casa [...] uma peça de roupa vestia a família toda (sujeito 10).

Sintetizando os Núcleos de Sentido construídos

Os quadros 9, 10 e 11, a seguir, sintetizam os resultados de cada Núcleo de Sentido.

Quadro 9 – Síntese do Núcleo de Sentido – Subjetividade

Núcleo de Sentido
<i>Subjetividade</i>
<p>Subjetividade: O enunciador/aluno autor trouxe para si (texto) <i>memórias, lembranças</i> vividas pelo entrevistado, que valoriza o lugar onde vive, a <i>história</i> e a sua própria experiência.</p> <p>Além disso, o enunciador fez julgamentos que perpassam/ancoram em valores como: [...].</p> <p><i>Os donos dessa mina eram homens avarentos que gostavam de explorar os trabalhadores</i> [...] (sujeito 23), e expressa sentimentos como <i>alegria</i> – exemplo: alegraram na infância,</p>

vividas em um belo lugar mais especial alegria (sujeito 24) ou *emoção e saudade* – exemplo: [...] *posso fazer é lembrar, me emocionar e sentir saudades desse tempo que não volta mais dos meus amigos que se foram, pioneiros que ajudaram a fazer deste lugar um dos melhores do mundo* (sujeito 4).

As transformações do lugar onde vivem trouxeram transformações sociais, por exemplo, [...] *a violência desumana, o progresso a um preço alto* (sujeito 24).

Fonte: Autor.

Quadro 10 – Síntese do núcleo de Sentido – Espaço/tempo das Memórias Literárias

Núcleo de Sentido
<i>Espaço/tempo das Memórias Literárias</i>
<p>História: O enunciador traz a história do lugar e das pessoas (modos de viver). Os meios de transporte (<i>cavalo, carroças</i>) da época do entrevistado e a transformação para atualidade (<i>carros, caminhões</i>). Também são apresentados os serviços públicos existentes, poucos em comparação aos existentes na atualidade. Há comparação da temporalidade, pois na época do entrevistado era um tempo <i>tranquilo</i> e a atualidade é marcada por um tempo de <i>pressa e correria</i>.</p> <p>Para compor o cenário e o tempo o enunciador traz as práticas sociais da época do entrevistado (festas religiosas, costumes: tratar vizinhos como a própria família, conversar com vizinhos, conhecidos, fazer reuniões familiares, as roupas, as brincadeiras) e as transformações dessas práticas (sua experiência).</p>

Fonte: Autor.

Quadro 11 – Síntese do núcleo de Sentido – Prática Social e Norma Social

Núcleo de Sentido
<i>Prática Social e Norma Social</i>
<p>Prática Social: O enunciador traz elementos da entrevista com o morador antigo (<i>acordar cedo, ir ao trabalho, trabalho rural e ir à escola</i>).</p> <p>Também aparecem elementos subjetivos (sentidos: olfato) como o <i>cheiro</i> – exemplo: [...] <i>mamãe fazia cada delícia [...] o cheiro do arroz torrado na panela com feijão e carne de criação já nos convidava</i> (sujeito 27) ou <i>sonhos</i>.</p> <p>Norma Social: As normas relatadas pelo enunciador retratam a época do entrevistado (outro) em que a educação era marcada por punições, por exemplo, [...] <i>os mestres eram rígidos com os alunos, aplicando-lhes disciplina, que correspondia ao impacto de uma régua</i></p>

em suas mãos (sujeito 18) ou do colégio interno [...] descíamos em fila, um silêncio profundo e devastador. Reuníamos no pátio em círculo, sentados no chão de pedra polida com as pernas cruzadas, esperando o padre Patriarca (sujeito 5).

Entretanto, a escola da atualidade é representada, também, por marcas sobre a leitura, por exemplo, *[...] eu viajava nas histórias junto com os romances de literatura de cordel. Todas as férias eu ia para a fazenda aproveitar a vida no campo que eu tanto amava. Lá o cotidiano era acordar às 5 horas da manhã, mas bem antes disso os trabalhadores tinham a oportunidade de ver a aurora. [...] no café da manhã era sempre uma fartura (sujeito 16).*

Fonte: Autor.

B – Análise dos textos produzidos a partir das categorias do Interacionismo Sociodiscursivo

A análise ISD dos 38 textos do gênero Memórias Literárias foi realizada a partir da Matriz de análise de textos, que permitiu descrever as três categorias de análise: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas. Para tanto, as capacidades de linguagem e suas respectivas operações de linguagem elencadas a seguir.

1) Capacidades de ação

As capacidades de ação discutidas no Quadro 12 indicaram o contexto de produção, que implicam conjuntos de representações situadas num *espaço-tempo* (contexto *físico*) e representações relativas à interação comunicativa (contexto *sociossubjetivo*), que se referem à *formação social* e à imagem que o sujeito passa ao outro ao agir.

Quadro 12 – Elementos que compõem as capacidades de ação

Mundo físico	<p>Lugar de produção</p> <p><i>Paraíso, cantinho encantado, lugar tranquilo (exemplos: [...] na frente da minha casa crianças brincam e muita algazarra [...] lugar onde a paz e a felicidade reinam absolutas [...]), a paisagem salientada pela beleza natural, pelo contexto familiar (famílias grandes com muitos filhos – exemplo: [...] na casa residiam doze pessoas: meu velho pai homem trabalhador, minha mãe a rainha sábia; e os dez filhos: cinco meninos e cinco meninas) e poucos recursos financeiros (minha casa era bem simples) e que muitas vezes os filhos ajudavam os pais (exemplo: todos trabalhavam juntos, rindo, cantando, fazendo piadas; para nós tudo era diversão); prática social – brincadeiras de pega-pega, peteca, estilingue, futebol e bonecas feitas de sabugo de milho</i></p>
--------------	---

	<p>(exemplo: <i>Ao longe, ouço gritos de crianças e muita algazarra</i>); (lavar roupa no rio, festas do padroeiro do lugar, ir à escola, filhos ajudavam no trabalho rural, ir à missa na igreja matriz, brincadeiras, reunião familiar, conversar com amigos e vizinhos, os meninos faziam o trabalho braçal e as meninas nas tarefas da casa); costume era <i>prosear</i> com família, vizinhos, conhecidos etc. e os <i>vizinhos eram como família</i>; meios de transporte (carroça, cavalo, trem, caminhão, automóvel); serviços públicos (escola, uso de lampião porque não existia energia elétrica, parteira porque não havia hospital, cartório, delegacia) e meio de comunicação (rádio de pilha).</p>
	<p>Momento de produção</p> <p>Extensão do tempo no qual o texto é produzido: dos 38 textos apenas 7 deles citam, do ponto de vista temporal, o ano (1972, 1997, 1957, 1960, 1954, 1960 e 1951). A maior parte é marcada temporalmente por dêiticos espaciais (<i>aqui</i>,²¹ <i>lá</i>), por pronomes possessivos (<i>minha, meu, meus, minhas</i>) que expressam “o que lhes cabe ou pertence”, variando “de acordo com o número de pessoas representadas”,²² por dêiticos temporais²³ (<i>agora, hoje, daqui a pouco, cedo, tarde, hora</i>) – exemplo: <i>quando o galo cantava e o cheiro de café fresco invadia o quarto, já ouvia meu pai nos chamar para ir à escola [...]. tardes recheadas de brincadeiras [...] sinto o cheiro do café fresco e do biscoito de polvilho que se misturavam em uma combinação perfeita</i>, por dêiticos demonstrativos (<i>isso, esse</i>,²⁴ <i>isto, este, esta</i>) que fazem referência ao enunciador e ao destinatário (“situam a pessoa ou coisa designada relativamente às gramaticais, indicando o espaço e o tempo”)²⁵ – exemplo: <i>este lugar era muito diferente</i>. O pronome (<i>desse</i>) indica o “tempo passado” em “relação à época em que se coloca a pessoa que fala”.²⁶ O advérbio de negação (<i>não</i>) foi destacado para marcar um tempo que não existe mais, mas que já existiu na experiência do morador antigo entrevistado e para comparar o que existe na contemporaneidade e não existia (<i>não existia o corre-corre das manhãs, não conhecíamos os luxos dos brinquedos de hoje, nada era motorizado, nem a pilha e os nossos carrinhos e bonecas eram feitos por nós mesmos</i>). Os verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito marcam o tempo passado (o tempo lembrado e que está na memória do entrevistado) – exemplos: <i>fomos, lembrei, ouvi, fui, foi, transformou, sofri, era, tinha, fazia, estávamos, vivia</i>. Os verbos no presente (exprimem, “em geral, uma ação ou estado considerado na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro”)²⁷ – exemplos: <i>chegamos, estão, é, vejo, demoramos</i>; futuro do presente (“para indicar fatos certos ou prováveis posteriores ao momento em que se fala”)²⁸ – exemplos: <i>dirá, lerá, será</i>; futuro do pretérito (“para designar ações à época de que se fala”)²⁹ – exemplos: <i>faria, gostaria</i>; e imperativo “afirmativo apresenta a 2.ª pessoa” – “exprime ordem, ou exortação”³⁰ – exemplo: <i>dá, espera</i>, além de outras escolhas lexicais que exprimem sentido de simultaneidade, anterioridade e posterioridade.</p>
	<p>Emissor</p> <p>Quem fala no texto: as memórias são narradas em 1.ª pessoa do singular e plural (<i>eu, nós</i>).</p>

²¹ O advérbio *aqui*, por exemplo, indica o lugar e faz referência ao enunciador e destinatário da mensagem em relação ao tempo e ao espaço.

²² CUNHA; CINTRA, 2013, p. 332-333.

²³ Os advérbios de tempo indicam a temporalidade da ação verbal e fazem referência ao enunciador e ao destinatário.

²⁴ O pronome demonstrativo *esse*, por exemplo, indica “o que está perto da pessoa a quem se fala” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 344).

²⁵ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 342.

²⁶ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 344.

²⁷ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 462.

²⁸ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 472.

²⁹ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 476.

³⁰ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 490.

	<p>Receptor Quem recebe concretamente: foram encontrados em 14 textos, sendo: 2.^a pessoa do singular (<i>tu</i>) em 3 textos (participantes: 4, 5, 27); 2.^a pessoa do singular indicada por (<i>você</i>) em 6 textos (participantes: 12, 15, 17, 18, 36); em 4 textos (participantes: 21, 26, 34, 35) o destinatário é indicado pelo advérbio de lugar (<i>aqui</i>) e em 1 (participante: 22) pelo dêitico (<i>este</i>).</p>
Mundo social e subjetivo	<p>Lugar social Escola, família, comunidade, concurso da OLP e mídias de veiculação do texto (digital e impressa).</p>
	<p>Posição social do emissor (enunciador) Desempenha na interação: aluno/autor da OLP que assume as memórias do morador antigo entrevistado para escrever seu texto. O autor assume diferentes instâncias sociais dentro do conteúdo temático da produção textual, entre elas: narrador do texto; personagem-narrador da história e personagem (há expressão por vozes diretas e indiretas presentes nos discursos). Os principais papéis sociais que assumem são criança, adulto e narrador. Também aparecem outras vozes que intervêm como agente: mãe, pai, filhos, familiares, aluno, professor, homens e mulheres trabalhadores e pessoas da vizinhança, e vozes que são mencionadas, mas não intervêm como agentes.</p>
	<p>Posição social do receptor (destinatário) Professor, colegas de classe, comissão julgadora de escolha de textos – OLP.</p>
	<p>Objetivo da interação Por se tratar de um gênero literário, o enunciador tem liberdade para criar e recriar em sua narrativa. Trazer as memórias (informações particulares da comunidade local em épocas passadas) coletadas na entrevista com o morador antigo do lugar onde o aluno vive para a o seu tempo. Ponto de vista do enunciador: emocionar o leitor, divagar/sonhar e refletir com o leitor.</p>

Fonte: Autor.

2) Capacidades discursivas

As capacidades discursivas indicaram os conhecimentos dos alunos autores sobre a organização textual (estruturação textual, escolha e articulação de tipos de discursos e sequências).

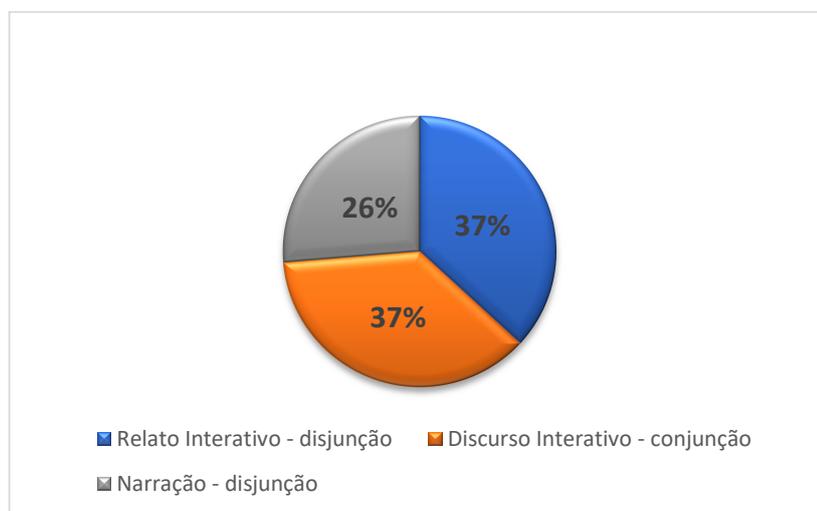
Dentre os 38 participantes, 37% optaram pelo *relato interativo (disjunção)* em 1.^a pessoa do singular e plural – *eu/nós*, que exprime a presença de um dos participantes da interação, o enunciador. Ao mesmo tempo, a presença da maior parte de verbos no pretérito perfeito e imperfeito colocou o conteúdo distante temporalmente do momento de produção.

Por sua vez, 37% dos participantes optaram pelo *discurso interativo (conjunção)*. Escolheram formas em 1.^a pessoa do singular e plural – *eu/nós* e 2.^a pessoa do singular – *tu/você*, além de outras marcas (*aqui* e *este*), implicando os

participantes da interação (o enunciador e o destinatário). A presença de verbos no presente coloca os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento de produção.

No entanto, 26% dos participantes optaram pela *narração (disjunção)*, que remeteu a um tempo distante do momento de produção. Assim, a maior parte dos participantes (63%) escolheu a *disjunção* (Figura 10).

Figura 10 – Escolha de discursos dos participantes

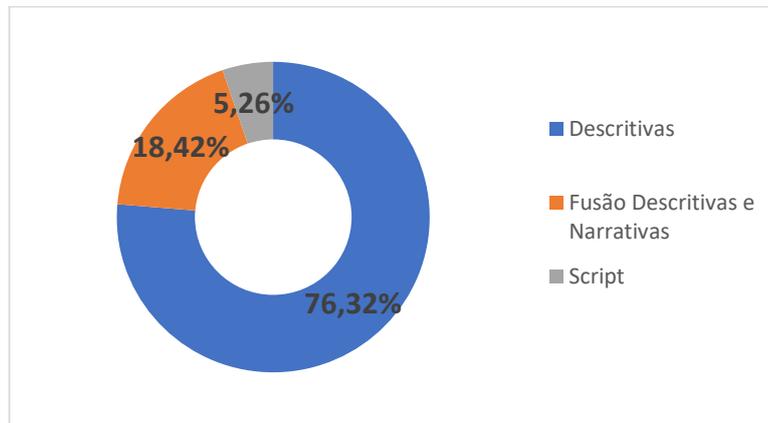


Fonte: o autor.

Assim, por meio da identificação dos tipos de discursos, foi possível constatar que o discurso interativo e o relato interativo indicaram um grau de *implicação* entre o enunciador e o espaço-tempo e a narração um grau de *autonomia*.

Quanto às sequências, reconheceu-se que a maior parte dos participantes optou por sequências descritivas, alguns deles fizeram uma combinação/fusão entre as sequências narrativas e descritivas e que apenas uma pequena parte escolheu a sequência *script* (fatos narrados em ordem cronológica/forma linear).

Figura 11 – Escolha de seqüências dos participantes



Fonte: o autor.

Constatou-se, assim, que os discursos dos autores deixaram marcas no leitor ou interlocutor; nesse caso, o efeito de sentido para a esfera social ou de circulação do texto. Nos discursos descritivos o efeito de sentido desejado pelo enunciador na maior parte dos textos 94,74% era fazer o destinatário ver em detalhe o espaço-tempo e as pessoas do lugar, trazendo a cultura local e global (modos de viver).

3) Capacidades linguístico-discursivas

As capacidades linguístico-discursivas indicaram os conhecimentos dos alunos em relação ao emprego de mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e mecanismos enunciativos (escolha das vozes e modalizações).

Portanto, esses mecanismos asseguram a coesão e a coerência dos textos. Nesse sentido, destacam-se entre os mecanismos as relações como a coesão nominal, que introduziram os temas e personagens por meio de anáforas nominais retomadas por catáforas pronominais. As conexões destacadas foram os marcadores espaciais (*naquela terra, cidade*), temporais (*hoje*), conectores lógicos (*também, apesar, ainda assim*) e os elementos que asseguram a organização temporal (estados, acontecimentos ou ações), elencados os principais a seguir (Quadro 13):

Quadro 13 – Escolhas verbais dos participantes

Tempo verbal	Efeito de sentido
Verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito exemplos: <i>fomos, lembrei, ouvi, fui, foi, transformou, sofreu, era, tinha, fazia, estávamos, vivia</i>	Marcaram o tempo passado (tempo lembrado e que está na memória do entrevistado)
Verbos no presente exemplos: <i>chegamos, estão, é, vejo, demoramos</i>	Exprimem, “em geral, uma ação ou estado considerado na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro” ³¹
Futuro do presente exemplos: <i>dirá, lerá, será</i>	Usado “para indicar fatos certos ou prováveis posteriores ao momento em que se fala” ³²
Futuro do pretérito exemplos: <i>faria, gostaria</i>	Usado “para designar ações à época de que se fala” ³³
Imperativo afirmativo apresenta a 2. ^a pessoa exemplos: <i>dá, espera</i>	“Exprime ordem, ou exortação” ³⁴

Fonte: o autor.

Esses mecanismos marcaram as vozes apresentadas no *corpus* e o tempo-espaço, que exprimiram sentido de simultaneidade, anterioridade e posterioridade.

Assim, os mecanismos enunciativos contribuíram para a coerência interativa do texto na interpretação de quem o recebe concretamente e que implica a explicitação dos posicionamentos enunciativos (julgamentos, opiniões, sentimentos) dessas vozes.

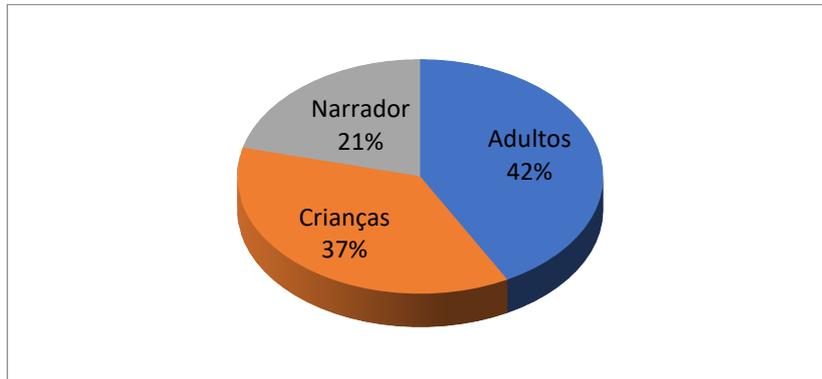
Identificou-se que o enunciador ou o autor (responsável pelo que foi enunciado) assumiu diferentes instâncias sociais dentro do *corpus* textual (conteúdo temático), entre elas: personagem-narrador da história (fusão entre a voz do narrador e a voz da personagem que põe em cena) e narrador (distinção entre a voz do narrador e a da personagem que põe em cena), como se evidencia a seguir (Figura 12).

³¹ CUNHA; CINTRA, 2013, p.462.

³² CUNHA; CINTRA, 2013, p. 472.

³³ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 476.

³⁴ CUNHA; CINTRA, 2013, p. 490.

Figura 12 – Voz do aluno/autor

Fonte: o autor.

Como criança, assume-se socialmente como menina, menino e criança que trabalha na roça. Como adulto, coloca-se como avó, avô, neto, tio, professor, boia-fria, esposa de garimpeiro e costureira.

Além disso, identificaram-se outras vozes implicadas que intervêm como agente, que interferem no discurso da produção textual e são elencadas a seguir com as suas respectivas frequências (Quadro 14):

Quadro 14 – Voz que intervém como agente

Voz	Frequência
filhos	2
pais	8
irmãos	14
pai	12
mãe ou mamãe	17
crianças	16
idosos	2
adulto	1
jovens	1
familiares	12
aluno	1
professor	2
mulheres	3
pianista	1
amigos	2
homens trabalhadores tratados como escravos	2
cavaleiros do movimento dos trabalhadores sem-terra	2
agricultor	1
fazendeiro	2
homem da vizinhança	1
peças	2

Fonte: o autor.

Ademais, reconheceram-se vozes mencionadas, mas que não intervêm como agentes no discurso, o que Bronckart (2007) chama de *instâncias externas*. A seguir, são evidenciadas com suas respectivas frequências (Quadro 15):

Quadro 15 – Voz que não intervém como agente

Voz	Frequência
família	27
homem trabalhador	10
indústria	8
familiares	9
mulher trabalhadora	6
amigos	5
Deus	4
população	4
aluno ou estudante	4
crianças	4
mestres ou professores	4
escola	3
festa de São João e Santo Antônio	3
meios de comunicação	3
armazém	3
literatura de Cordel	3
centro cultural	2
juventude	2
comunidade	1
americanos	1
casal de namorados	1
colégio interno Salesiano	1
escravo	1
governo	1
igreja	1
monge	1
movimento social	1
parteira	1
ricos compradores de terra	1
turista	1
vizinhos como família	2

Fonte: o autor.

As vozes e as modalizações nos discursos são as marcas de estilo do autor (liberdade textual), assim como o uso de adjetivos e as escolhas lexicais, que interferem na coerência temática e pragmática e evidenciam a sua posição.

Portanto, as modalizações traduzem os posicionamentos das vozes, como se evidencia nos discursos dos participantes (Quadro 16) a seguir:

Quadro 16 – Modalizações encontradas no corpus textual

<p>Modalizações Apreciativas</p>	<p><i>Éramos felizes [...]. (Sujeito 2)</i> <i>Todos nós éramos unidos tudo o que tínhamos dividíamos uns com os outros, não por obrigação, mas pelo prazer de ajudar (Sujeito 4)</i> <i>Vivíamos de forma harmônica [...] as casas não tinham muros. Vivíamos intensamente a vida coletiva. (Sujeito 11)</i> <i>Saudade daquele povo amigo, sorriso, simplicidade. (Sujeito 14)</i> <i>Emocionantes lembranças [...]. (Sujeito 15)</i> <i>Esperança, ânimo, satisfação [...]. Tudo era guardado na memória e no coração [...]. Posso dizer que era feliz [...]. (Sujeito 16)</i> <i>Naquele tempo a vizinhança era como família [...]. Brincadeiras: pega-pega, peteca, amarelinha [...]. Hoje mudanças dos costumes e das pessoas... da alegria para o silêncio solitário durante as sessões de desenhos animados de televisão. (Sujeito 19)</i> <i>Pacato, sossegada [...]. Não havia a televisão e as tecnologias, confesso que era bom [...]. Tenho saudade de ouvir o barulho dos pássaros, adorava aquilo [...] Amávamos [...]. Tudo está diferente, a vida mudou [...]. (Sujeito 25)</i> <i>Ensinado desde criança a ser honesto. (Sujeito 26)</i> <i>[...] pai um homem sem estudo, porém sábio das coisas da vida, mostrava-me com ações, exemplos e palavras que a vida, apesar de difícil, pode ser doce. (Sujeito 30)</i> <i>Aprendi que a simplicidade é uma das coisas mais importantes da vida do ser humano [...]. Paz e felicidade [...]. (Sujeito 35)</i> <i>Tínhamos uma vida simples e feliz [...]. (Sujeito 36)</i> <i>Acontecimentos enraizados como árvore, tempos difíceis (tempo da palmatória [...] tremia de medo quando ela dizia: “escreveu não leu o pau comeu”. Uma das aulas de que mais tínhamos medo era da sabatina da tabuada. (Sujeito 37)</i></p>
<p>Modalizações Deônticas</p>	<p><i>Ouvi o padre dizer que devemos superar nossos medos [...]. (Sujeito 5)</i> <i>Hoje somos obrigados a permanecer trancados nos quintais, muros em volta das casas [...]. (Sujeito 11)</i> <i>Os costumes populares imperavam as pessoas se conheciam e trocavam experiências sentadas às portas de seus lares [...]. (Sujeito 12)</i> <i>Glamour e glória [...] do clube [...]. Era um orgulho para a família daquela época ter uma filha que tocasse acordeão [...]. (Participante 13)</i> <i>Minhas obrigações começavam cedo [...]. (Sujeito 16)</i> <i>Despedi-me de meus pais [...] pedi-lhes a benção [...]. Mestres rígidos [...]. (Sujeito 18)</i> <i>Regras rígidas, tudo era respeitado e valorizado: as pessoas, os pais, os costumes..., os valores eram preservados [...]. (Sujeito 19)</i> <i>Quando chegava à tarde, chegava a hora da reunião familiar. (Sujeito 21)</i> <i>A escola é lugar de respeito e silêncio, de cobrança, de castigo, lugar que criança não gostava, mas entre a escola e a enxada, escolhíamos sempre a escola. (Sujeito 30)</i> <i>[...] moças não podiam namorar como nos dias de hoje. (Sujeito 33)</i> <i>O ensino era rígido, se não aprendesse a tarefa, pegava bolo na mão com a famosa palmatória, que a professora fazia, deixava em cima da mesa como ameaça, tremia de medo “escreveu não leu o pau comeu”. (Sujeito 37)</i></p>
<p>Modalizações Pragmáticas</p>	<p><i>Somente os ricos ocupavam suas noites vendo televisão, recurso mais atraente da época [...]. (Sujeito 2)</i> <i>Crianças brincando eram poucas. Sim, eram, mas eles tinham a verdadeira infância [...]. (Sujeito 4)</i> <i>[...] eu esperava algo melhor, não pensava que seria complicado começar a fazer parte de um movimento social [...]. (Sujeito 8)</i> <i>Uma peça de fazenda vestia a família toda. [...] eu queria ficar diferente. (Sujeito 10)</i> <i>Ah, se pudesse voltar no tempo [...]. (Sujeito 12)</i> <i>Estudar era um grande sacrifício, muito diferente de hoje em dia. Por isso, o fiz até quando pude, muito menos do que gostaria [...]. (Sujeito 14)</i> <i>[...] tudo era mais respeitado e valorizado: as pessoas, os pais, os costumes ...</i></p>

	<p>os valores eram preservados. [...] é algo raro, que deveria ser cultivado. (Sujeito 19)</p> <p>[...] na zona rural as condições de estudo eram precárias. (Sujeito 32)</p> <p>[...] sou homem feito. (Sujeito 21)</p> <p>[...] sou feliz mesmo sendo ignorado por um neto quando está acessando a rede social. [...] não sei dizer se sou feliz porque sou de outro tempo. (Sujeito 26)</p> <p>[...] como Deus é justo. (Sujeito 35)</p> <p>Às vezes era difícil suportar as amarguras, mas lá no fundo sabíamos que íamos vencer todos os desafios. Apesar das dificuldades havia felicidade [...]. (Sujeito 4)</p>
Modalizações lógicas	<p>A construção da estrada de ferro que nos levaria ao “progresso”. (Sujeito 3)</p> <p>Naquela época a escola era rígida. (Sujeito 37)</p> <p>Frequentar a escola era para poucos. (Sujeito 33)</p>

Fonte: Autor.

As análises das descrições aqui apresentadas articuladas buscam sintetizar os dados obtidos quanto às categorias de análise do ISD, as quais são elencadas a seguir no (Quadro 17).

Quadro 17 – Síntese das Capacidades de Linguagem

Capacidades de linguagem
Capacidades de ação
<ul style="list-style-type: none"> • Representações relativas à <i>imagem que o agente dá de si ao agir</i> (contexto <i>subjetivo</i>). O autor se apresentou em todos os textos na 1.^a pessoa do singular e plural (<i>eu, nós</i>). Os destinatários apareceram em 37% na 2.^a pessoa do singular (<i>tu</i>), indicado por <i>você</i> (2.^a pessoa) e outras escolhas lexicais, que trouxeram certa proximidade entre o enunciador e de quem se fala (destinatário). Quem recebeu os textos concretamente foi a escola, as famílias, a comunidade, a banca examinadora do concurso da OLP e as mídias de veiculação do texto (digital e impressa). Por se tratar de um gênero literário, o enunciador tem liberdade para criar e recriar em sua narrativa. Trazer as memórias (informações particulares da comunidade local em épocas passadas) coletadas na entrevista com o morador antigo do lugar onde o aluno vive para o seu tempo. Ponto de vista do enunciador: emocionar o leitor, divagar/sonhar e refletir com o leitor. • Representações relativas ao contexto <i>físico</i>. O lugar foi adjetivado como um <i>paraíso</i>, a paisagem salientada pela beleza natural e um lugar <i>tranquilo</i> onde as crianças podiam brincar em frente às casas. Uma época em que os serviços públicos eram poucos ou não havia (<i>escola, cartório, delegacia</i>, sem iluminação e energia elétrica, sem atendimento hospitalar) e o meio de comunicação era o <i>rádio de pilha</i>. Por outro lado, o lugar foi adjetivado por meio das transformações da paisagem e do tempo. Na atualidade (presente), as crianças não podem brincar mais em frente às casas e os meios de transporte (<i>trem, caminhão, automóvel</i>) e um tempo de <i>pressa e corre-corre</i> em que se usa celular e a brincadeira é o <i>videogame</i>.

- **Representações** relativas às normas, valores, regras etc. (contexto social).

A formação social era de famílias grandes com muitos filhos, constituídas por mãe, pai, filhos que exerciam um trabalho rural.

As práticas sociais existentes eram as brincadeiras das crianças (construíam seus próprios brinquedos) e a ida à escola, encontro entre os adultos, as crianças, os vizinhos e a comunidade e a participação de festas do padroeiro do lugar e das missas na igreja matriz. O costume era *prosear* com a família, vizinhos, conhecidos) e os vizinhos eram considerados como *família*.

Por outro lado, no tempo presente os brinquedos das crianças são luxuosos e não são construídos por elas.

A **posição social** que o enunciador (desempenha na interação): aluno/autor da OLP que assume as memórias do morador antigo entrevistado para escrever seu texto.

O autor assume diferentes instâncias sociais dentro do conteúdo temático da produção textual, entre elas: narrador do texto; personagem-narrador da história e personagem (há expressão por vezes diretas e indiretas presentes nos discursos). Os principais papéis sociais assumidos são criança, adulto e narrador.

Também aparecem outras vozes que intervêm como agente: mãe, pai, filhos, familiares, aluno, professor, homens e mulheres trabalhadores e pessoas da vizinhança, e vozes mencionadas, mas que não intervêm como agentes.

A **posição social** de quem o recebe concretamente: professor, colegas de classe, comissão julgadora de escolha de textos – OLP.

Capacidades discursivas

- Ao escolher o gênero Memórias Literárias está implícita a tipologia do *narrar* (*mimeses da ação através da criação de intriga*) e do *relatar* (*representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo*).³⁵ Além disso, houve articulação de sequências descritivas que implica mostrar as experiências vividas situadas no tempo-espaço. Para tanto, as sequências descritivas (maior parte do *corpus*) exprimem a descrição do lugar, das pessoas e das atividades. Assim, em 74% há uma relação de implicação na cena discursiva por parte do enunciador materializada pelo discurso interativo e relato interativo. E em 24% relação autonomia materializada pelo discurso narração. A maior parte dos discursos 63% apresentou um tempo distante temporalmente do momento de produção (passado) e o restante 37% foi concomitante ao momento de produção (presente).
- As marcas do tempo verbal e foco narrativo dão indícios sobre o enunciador.

Capacidades linguístico-discursivas

- Os verbos no pretérito perfeito e imperfeito marcaram o tempo lembrado e que está na memória do entrevistado e os verbos no presente a ação ou estado considerado na sua realidade.

³⁵ *Narrar e relatar* (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 51-52).

- As marcas linguísticas (modalizações) permitiram que o autor construísse uma representação de si para o leitor (subjetividade do autor).
- Destacaram-se entre os mecanismos as relações, como a coesão nominal, que introduziram os temas e personagens por meio de anáforas nominais e retomadas catáforas pronominais. As conexões destacadas foram os marcadores espaciais (*naquela terra, cidade*), temporais (*hoje*) e conectores lógicos (*também, apesar, ainda assim*). A coesão verbal assegurou a organização temporal (estados, acontecimentos ou ações).
- O enunciador assumiu diferentes instâncias sociais: adulto, criança e narrador, e outras vozes que intervêm como agentes (voz de personagem) nos discursos conforme Figura 13. Há também vozes *externas* (vozes sociais) de personagem, grupos, instituições que não intervêm como agentes, mas são citadas (Figura 14).
- As vozes trazem as marcas de intertextualidade (influência do outro).

As vozes expressam avaliações, julgamentos e opiniões, que configuram as modalizações: lógicas (grau de certeza ou verdade), deônticas (enunciador expressa ordem, conselho, sugestões, permissão e obrigação), pragmáticas (intenções do protagonista do enunciado personagem, grupo ou instituição) e apreciativas (apreciação do enunciador de caráter subjetivo).

Fonte: Autor.

As análises realizadas permitiram concluir sobre a complementaridade dos dois tipos de referenciais utilizados.

Assim, a análise textual proporcionada pelo Alceste possibilitou desvelar pistas das Representações Sociais que se escondem nos discursos dos sujeitos. E pela análise do Interacionismo Sociodiscursivo pôde-se revelar o agir languageiro do sujeito por meio das categorias ISD, identificando o sujeito produtor do texto.

Portanto, pela combinação das duas análises foi possível identificar as Representações Sociais e que produzem o agir languageiro do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do gênero Memórias Literárias são conhecidos histórias, lembranças, memórias, pessoas, costumes, que evidenciam sentimentos, emoções, impressões dos acontecimentos vividos.

Trata-se, portanto, neste estudo, de um gênero que faz uso de relatos de moradores antigos do lugar onde o aluno vive. O autor assume a voz do morador antigo entrevistado para que, a partir daí, ele possa escrever a sua própria história e falar de si (compreender, refletir, criar e recriar) por meio de linguagem.

Falar de si deveria, em princípio, trazer a vivência do outro articulando à sua história e à sua vida.

Para Schneuwly e Dolz (2011, p. 25) o gênero é um instrumento psicológico, que representa a ideia de agir em uma situação de linguagem. Dessa forma, os meios de agir sobre a linguagem apresentam-se como um suporte para a atividade de linguagem:

[...] a consciência de si e a construção das funções superiores são estritamente dependentes da história de relações do indivíduo com sua sociedade e da utilização da linguagem. O fato de pertencer a uma comunidade de interpretação das unidades de representação permite a compreensão e a antecipação das atividades de outrem; permite, igualmente, a modificação de seu próprio comportamento, levando-se em conta o ponto de vista do outro (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 39).

Dessa forma, o gênero textual compreende um *instrumento* com o qual é possível agir sobre a realidade. Segundo Bronckart (2007), esse *instrumento* refere-se aos recursos internos do agente, como os processos mentais (atitudes, sentimentos, valores) e/ou comportamentais (conhecimentos práticos e/ou teóricos).

Ainda de acordo com Bronckart (2007), esse *instrumento* para o agir *linguageiro* dos alunos, desenvolve as capacidades de linguagem (capacidades de ação, capacidades discursivas e linguístico-discursivas), que podem ser utilizadas ou *transferidas* para o ensino-aprendizagem de outros gêneros textuais. Assim, a produção de conhecimento se dá quando há *apropriação* do gênero, que representa

de forma antecipada as ações de linguagem pela expressão do sujeito, isto é, o enunciador age discursivamente na situação de comunicação.

O estudo indicou que o gênero textual permitiu compreender a ação de agir do sujeito sobre a realidade. Além disso, foi possível conhecer a diversidade cultural do sujeito, considerando que o contexto apresentado é nacional (23 estados) e os alunos/autores fazem parte de vários estados brasileiros, demonstrando quão ricas são essas produções no sentido de mostrar representações dos alunos sobre si mesmos, sobre o outro (cultura do local onde vivem) e sobre o objeto.

Ao construírem as produções do gênero Memórias Literárias, os sujeitos mobilizaram representações situadas num *espaço-tempo* (contexto *físico*) e representações relativas à interação comunicativa (contexto *sociosubjetivo*), que se referem à *formação social* e à imagem que o sujeito passa para o outro ao agir.

Outrossim, os mecanismos enunciativos contribuíram para a coerência interativa do texto na interpretação de quem o recebe concretamente e que implica a explicitação dos posicionamentos enunciativos (julgamentos, opiniões, sentimentos). O enunciador ou o autor (responsável pelo que foi enunciado) assumiu diferentes instâncias sociais dentro do *corpus* textual (conteúdo temático), entre elas: personagem-narrador da história (fusão entre a voz do narrador e a voz da personagem que põe em cena) e narrador (distinção entre a voz do narrador e a da personagem que põe em cena).

Portanto, ao escrever o texto do gênero Memórias Literárias, o autor mobilizou suas representações sociais sobre os mundos (físico, social e subjetivo), sendo o contexto *físico* (comportamento verbal concreto), o social (interação comunicativa – normas, valores, regras) e o subjetivo (interação comunicativa – subjetividade do sujeito), que compreendem as Representações Sociais da situação de comunicação.

O contexto de produção revelado foi expresso como um *paraíso* onde reinavam *paz e a felicidade*, um *lugar tranquilo* onde as crianças brincavam na frente das casas. A paisagem foi salientada pela beleza natural e pelo contexto familiar (pai, mãe, filhos) em que os filhos ajudavam os pais (*os meninos faziam o trabalho braçal e as meninas nas tarefas da casa*), a prática social era *lavar roupa no rio*, ir à

feira de *santo padroeiro da cidade*, ir à *missa* na *igreja matriz*, ir à *escola*, fazer *reunião familiar*, conversar com *amigos*, *vizinhos* e brincadeiras: *pega-pega*, *peteca*, *estilingue*, *futebol* e *bonecas feitas de sabugo de milho*. O costume era *prosear* com família, *vizinhos*, conhecidos e os vizinhos eram tratados *como família*. Os meios de transporte usados eram *carroça*, *cavalo*, *trem*, *caminhão*, *automóvel* e os serviços públicos identificados foram a *escola*, o uso de *lampião* – porque não existia energia elétrica –, *parteira* – porque não havia hospital –, *cartório* e *delegacia*. Além disso, as informações eram propagadas pelo *rádio de pilha* porque a televisão era um meio de comunicação usado somente pelos ricos.

O contexto físico revelou um Brasil rural distante das experiências de quem está vivendo. Entretanto, o contexto *sociossubjetivo* mostrou a subjetividade do sujeito/autor/enunciador que age na situação de comunicação ancorado na 1.^a pessoa do singular e plural – *eu/nós* em todas as produções, que exprime a sua participação da interação, estabelecendo uma relação de implicação. Ao mesmo tempo, a presença da maior parte de verbos no pretérito perfeito e imperfeito coloca o conteúdo como distante temporalmente do momento de produção. Em 37% do *corpus* textual, identificaram-se o destinatário/interlocutor ancorado na 2.^a pessoa do singular – *tu/você* e outras marcas (*aqui* e *este*), que colocam os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento de produção, que implica a participação de enunciador e destinatário na interação; o enunciador ou autor (1.^a pessoa – *eu*, *nós*) estabelecendo uma relação de implicação e que faz com que a voz do autor seja ouvida. Ao mesmo tempo, a presença da maior parte de verbos no pretérito perfeito e imperfeito coloca o conteúdo como distante temporalmente do momento de produção.

Além dos interlocutores implicados na interação, há interlocutores, que o autor levou em conta na escrita, revelando o lugar social de circulação do texto: escola, família, comunidade, concurso da OLP e mídias de veiculação do texto (digital e impressa).

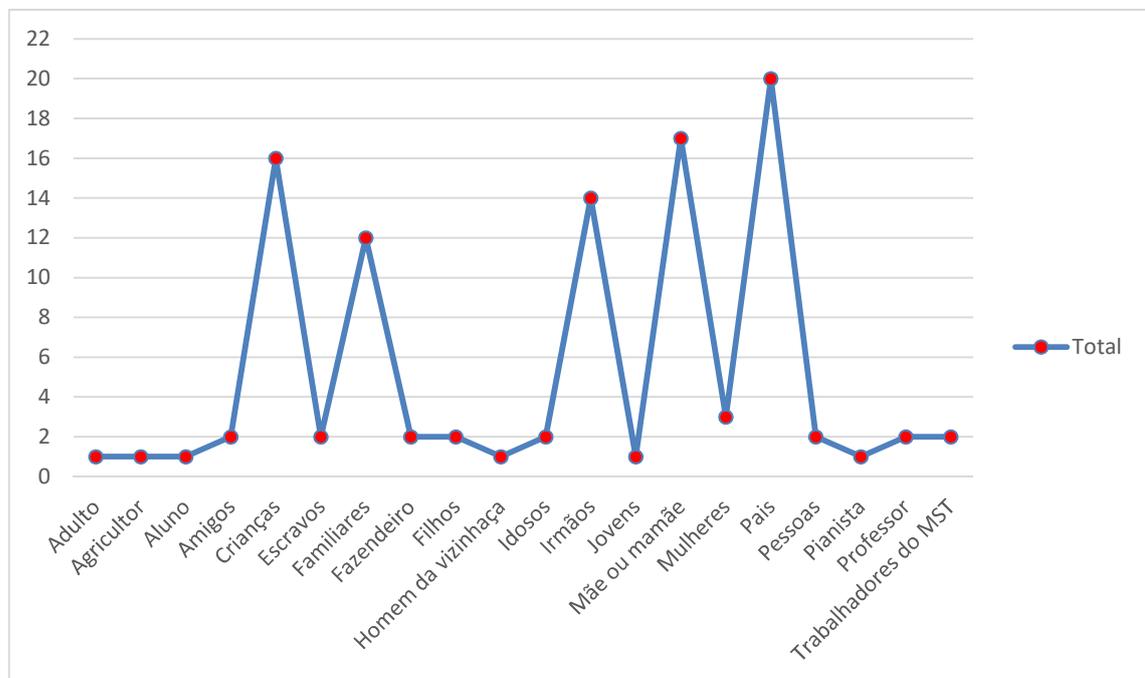
O aluno/autor também gerenciou vozes, nas quais assumiu diferentes instâncias sociais identificadas por meio dos discursos (criança, adulto e narrador). Sua voz é marcada pelo discurso direto, que intervém para comentar ou avaliar aspectos do que é enunciado. Na maioria dos discursos, o enunciador fez distinção

entre a voz do narrador e a voz que põe em cena, discursos ancorados na 1.^a pessoa – *eu/nós*, deixando que a sua voz se faça ouvir, sua subjetividade.

O enunciador assumiu diversos papéis sociais, tanto da esfera privada quanto da pública. Nesse caso, enquanto criança, assumiu-se como menino, menina e criança que trabalhava na agricultura. Na qualidade de adulto, os papéis sociais foram de professor, avó, neto, avô, tio, boia-fria e esposa de garimpeiro.

Além desses papéis, assumiu outras vozes que intervêm como agente (Figura 13):

Figura 13 – Voz que intervém como agente nos discursos

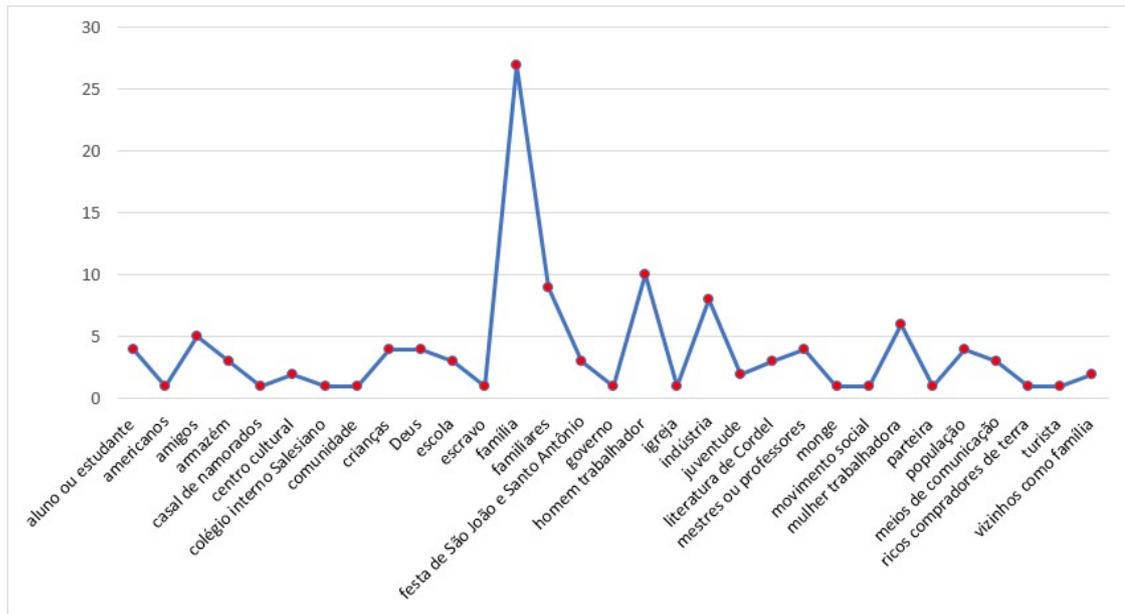


Fonte: o autor.

As vozes que intervêm como agentes nos discursos trouxeram intencionalmente referências do morador antigo entrevistado e que dialogam com a cultura, os conhecimentos, outros textos e o outro.

Dessarte, o enunciador também trouxe outras vozes, que são mencionadas, mas não intervêm como agentes, ou seja, elas são instâncias externas (Figura 14):

Figura 14 – Instâncias externas



Fonte: o autor.

Essas vozes externas representam as referências de outros citados no *corpus textual*, que os autores trouxeram para compor a produção textual o social (coletivo).

Por sua vez, as instâncias ou as vozes que assumiam o que foi enunciado no texto expressaram diversas avaliações, julgamentos opiniões, que configuraram os mecanismos enunciativos (modalizações lógicas, deônticas, pragmáticas e apreciativas), que exprimem o estatuto socio subjetivo.

Nessas modalizações lógicas, o enunciador exprimiu um grau de certeza ou de verdade sobre o conteúdo temático, por exemplo, *A construção da estrada de ferro que nos levaria ao “progresso”* (Sujeito 3). O uso do tempo verbal no futuro do pretérito imprimiu um fato enunciado que não se realizou e que provavelmente não se realizará.

Nas modalizações deônticas, o enunciador colocou o conteúdo temático como pertencente ao campo da ordem, do conselho, das sugestões, da permissão, da obrigação e que estão ligadas aos valores sociais, apresentando os fatos sociais como socialmente permitidos, proibidos, necessários ou desejáveis.

Em relação às modalizações pragmáticas, elas explicitaram as intenções do agente em relação ao conteúdo temático e as interpretações sobre alguns elementos do agir de um determinado protagonista do enunciado (personagem, grupo, instituição), atribuindo-lhe intenções ou ainda a capacidade de ação.

Já as modalizações apreciativas exprimiram a apreciação do enunciador sobre o conteúdo temático em forma de julgamentos de valor subjetivo, destacaram-se indignações, surpresas e aprovações, evidenciadas por meio de adjetivos que qualificam, das escolhas lexicais e das vozes, que exprimiram o estilo do autor e o seu posicionamento enunciativo.

Assim, o enunciador exprimiu sua apreciação (aprovação, indignação, entre outras) sobre o conteúdo temático e um julgamento de valor subjetivo, que apresentaram os fatos enunciados como positivos, negativos, estranhos na visão de quem avalia.

Portanto, o sujeito agiu e representou por meio de linguagem e ancorou os discursos nos valores arraigados tanto de seu contexto familiar quanto social, mas que refletem a sua subjetividade. Os discursos foram ancorados em valores do contexto familiar e social, que revelam a subjetividade do autor e *Alter-Ego-Objeto*, auxiliando a tomada de consciência para afetar o mundo tanto na comunicação escrita, quanto nas relações com os outros ao fazer suas escolhas éticas.

Nesse contexto, o enunciador, segundo Bronckart (2007), concretiza a ação de linguagem no texto, decidindo sobre o conteúdo temático semiotizado. O conteúdo semiotizado pelo gênero memórias, segundo Marcushi (2012), recuperou lembranças sobre o passado cultural do entrevistado e que assumiu como suas para escrever a narrativa em 1.^a pessoa, revelando acontecimentos reais e ficcionais e linguagem literária.

Desse modo, as experiências valorizadas são situadas ao longo do tempo e do espaço, por meio das marcas dos tempos verbais e do foco narrativo, descobrindo, também, parte de sua identidade. A partir dessas reflexões, o sujeito constrói o pensamento enraizado na sua história pessoal e no seu contexto sociocultural, em que articula suas representações.

Para tanto, a posição social ocupada pelo destinatário no *corpus* textual é hierarquizada: professor, colegas de classe, comissão julgadora de escolha de textos – OLP.

Como se trata de um gênero literário, o objetivo da interação foi trazer as memórias (informações particulares da comunidade local em épocas passadas) coletadas na entrevista com o morador antigo do lugar onde o aluno vive) para a atualidade, além de emocionar o leitor, divagar/sonhar e fazê-lo refletir, permitindo que os outros façam uma imagem de quem escreve, uma espécie de dialogicidade.

O modo de dizer do autor/enunciador revela a sua subjetividade, mas também o *Alter-Ego-Objeto*, ao optar por sequências narrativas para manter a atenção do destinatário, por meio de uma *tensão* e resolução dela, e pelas sequências descritivas, fazendo o destinatário ver em detalhe elementos de um objeto do discurso.

Ademais, o sujeito age por meio da apropriação de instrumentos semióticos socialmente elaborados, que podem transformar o funcionamento psíquico ao construir e reconstruir na perspectiva dialógica (*Ego-Alter-Objeto*). Nessa perspectiva, *Ego-Alter* influenciam-se ou negociam suas posições como coagentes de um discurso.

Esse modo de dizer e agir (contexto físico e sociossubjetivo) são as representações que compõem a produção textual. O sujeito autor fez escolhas para escrever a sua produção, que são conscientes/intencionais, e trouxe a intertextualidade (muitos outros para o texto), tanto em relação ao uso da língua (utilização do gênero Memórias Literárias) quanto aos outros que traz mais ou menos (social) para sua produção, revelando a sua subjetividade (experiência).

Concluindo, nesta análise, fica claro que as possibilidades dos estudos de Representações Sociais podem ser utilizadas na educação em Língua Portuguesa. Portanto, a articulação inicial entre as duas abordagens teóricas, de um lado TRS e de outro o ISD, permitiu compreender diferentes interpretações. Entretanto, esta análise interdisciplinar que integra os estudos de Representações Sociais baseados em elementos do agir em situações de comunicação e a “hipótese da dialogicidade” precisa ser aprofundada.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal n.º 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- BRONCKART, Jean-Paul. Interacionismo sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, São Paulo, v. 4, n. 6, mar. 2006.
- _____. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2007.
- CAMARGO, Brigido V. Alceste: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, Antonia S.P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, JOSÉ C.; NÓBREGA, Sheva (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. p. 511-539.
- CLARA, Regina A.; ALTENFELDER, Anna H.; ALMEIDA, Neide. *Se bem me lembro...* – Caderno do Professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção Olimpíada.)
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- MACHADO, Anna Rachel. Entrevista com Jean-Paul Bronckart. *DELTA*, São Paulo, v. 20, n. 2, dez. 2004a.
- _____. Para (re) pensar o ensino de gêneros. *Calidoscópio*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, p. 23, jan.-jun. 2004b.

- _____. Colaboração e crítica: possíveis ações do linguista na atividade educacional. *Veredas*, Minas Gerais, v. 11, n. 2, p. 34-38, jul.-dez. 2007.
- _____; LOUSADA, Eliane Gouvêa. A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do “métier”. *Linguagem em (Dis)curso*, Santa Catarina, v. 10, n. 3, dez. 2010.
- _____; _____. As pesquisas do grupo ALTER-LAEL para a análise do trabalho educacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 16, n. especial, 2013.
- MARCUSCHI, Beth. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v. 2, n. 1, jul. 2012, p. 56-60.
- MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais*. Tradução de Hélio Magri Filho. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- _____. Ética na teoria das representações sociais. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina R. P.; LOPES, Manuel José. *As representações sociais nas sociedades em mudança*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- _____. *Mente dialógica: senso comum e ética*. Tradução de Lilian Ulup. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2017.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- REINERT, M. Alceste, une méthodologie d’analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, v. 26, p. 24-54, 1990.

_____. Alceste, une méthe statistique et sémiotique d'analyse de discours; Application aux "Rêveries du promeneur solitaire". La Revue Française de Psychiatrie et de Psychologie Médicale, v. 5, n. 39, p. 32-36, 2001.

SÁ, Celso Pereira. *Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (Francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

SOUSA, Clarilza P.; BÔAS, Lúcia V. Los estudios de representaciones sociales y los desafíos para la investigación em educación. In: SOUSA, Clarilza P.; SEIDMAN, Susana. *Hacia una psicología social de la educación*. Buenos Aires: Teseo, 2011.

Sites pesquisados:

<<https://www.escrevendoofuturo.org.br/percursos>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<<https://www.escrevendoofuturo.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<<http://ufpa.br/dicas/biome/bioqui.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

Apêndice A – Organização dos dados

Quadro 1 – Mobilização de capacidades de linguagem expressos nos textos dos alunos (1 a 20)

Capacidades de linguagem	Operações de linguagem possíveis na produção do gênero Memórias Literárias	SUJEITOS																			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Capacidades de ação (Características do contexto de produção)	Enunciador	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu	eu/nós	eu/nós
	Destinatário	-	-	-	tu	-	Tu	-	-	-	-	-	voce	-	-	Você (2ª pessoa)	-	Você (2ª pessoa)	Você (2ª pessoa)	-	-
	Lugar social	Escola, família, banca examinadora da Olimpíada de Língua Portuguesa																			
	Objetivo	Denunciar as dificuldades de quem trabalha em canais	Valorizar a infância (brincadeiras, brinquedos) e a tranquilidade do lugar	Reviver o passado.	Valorizar a infância e valores desse tempo	Emocionar, ao descrever a infância.	Emocionar, ao trazer a angústia de ser um boia-fria.	Emocionar, ao descrever a infância e a doença com o nome alemão	Narrar a experiência de uma luta para conquista de terra (MST)	Narrar sobre a infância de uma menina sem mãe, que precisou assumir o papel muito cedo de lavadeira	Lembrar de um tempo em que não havia a pressa e a vida corrida de hoje	Narrar a destruição de Canela, lugar inundado por uma usina hidrelétrica	Reviver a infância e os costumes	Reviver a infância e a vida calma	Comparar a vida social e transformações entre o tempo passado e o presente	divagar/sonhar com o lugar descrito e tempo vivido	Reviver a infância	Surpreender e sonhar com o interlocutor	Narrar a queda de um avião "teco-teco" em Santa Fé do Sul	Reviver a infância	Emocionar ao lembrar a infância
	Quando	Ambiente físico: características do lugar – terra seca, berço acolhedor de imigrantes, máquinas sofisticadas, empregos renovados (7º parágrafo) Olhos fatigados, terra seca, olhar sofrido (17º parágrafo)	Prática social: meios de transporte, atualidade (7º parágrafo) Meio de comunicação: televisão	Meio de transporte: trem, carroça (3º parágrafo) caminhões e automóveis (8º parágrafo)	Prática social: Vila rejeito formado por 15 barracos, todos ao redor de um riacho de águas cristalinas, do qual retirávamos água para a sobrevivência e usufruíamos para banhos nas tardes de domingo, era a nossa diversão (5º parágrafo)	Prática social: Colégio Interno Salesiano (1º parágrafo)	Prática social: escola Anacleto, Igreja Matriz, Cemitério Papa Paulo VI, metalúrgica	1972 Tinhamos que tomar cuidado [...] para não sermos comidos os por onças (5º parágrafo)	1997 Prática social: Início do assentamento (5º parágrafo) Festa do dia da esperança (9º parágrafo)	Prática social: subir a ladeira para lavar roupa [...] as mulheres mais velhas possuíam sua pedra [...] Comecei a subir a ladeira para lavar roupa (2º parágrafo)	A fraca iluminação nos obrigava a armar da lamparina para varar a escuridão da noite (2º parágrafo)	1960 Canela surgiu no século XIX com a chegada da família Batista (2º parágrafo) Prática social: festa de santa Terezinha (4º parágrafo)	1931 Plantávamos de tudo [...] frutas, verduras [...] sem falar nos canais e matas que cercavam esse local (2º parágrafo)	1930 Prática social: ir à missa Na entrada do hotel paris à longos tapetes de veludo vermelho evidenciavam todo o glamour do hotel, igreja (5º e 6º parágrafos)	1960 Meio de transporte: cavalo, andava 6 quilômetros para a escola, carroça (6º parágrafo) Prática social: escola, festas nos salões do clube 1º de Maio [...] carros alegóricos, carnavais (5º parágrafo)	1949 Brincávamos de balanço, pendurados nos cipós [...] Corriam atrás de rolinhas, azulões, bem-te-vis, canários-da-terra. (3º parágrafo)	Meio de transporte: cavalo Costumes: as mulheres enchiam as gamelas de arroz, feijão... que eram visitados pelos trabalhadores em prato de esmalte para comerem (5º parágrafo)	Prática Social: Brincar livremente pelas ruas de chão e ir à praia [...] Onde a transparência da água do mar reflete a paisagem da mata Atlântica [...] (1º parágrafo)	Costume: pedir a benção (9º parágrafo) Prática social: cemitério, escola "Ginásio Municipal"	1950 Uma espécie de lamparina usada como chapéu para iluminar o caminho da floresta adentro até as seringueiras. (1º parágrafo)	Prática social Valores religiosos: comemorar São João (2º parágrafo)

					festas das comunidades, pescarias com os "cumpade"? (7º parágrafo)				usávamos vela	qualquer outra coisa que nos pudesse ajudar a roupa esfregava na mão, batida na pedra e colocada no quarador até que ficasse limpa, como o céu no mês de agosto (6º parágrafo)	(1º parágrafo)	que acabou com a inundação (6º parágrafo)		os casarões de alvenaria ou madeira, bordados com lambrequins (8º parágrafo)	parágrafo)							
					Serviços públicos: recursos médicos precários, ou nem havia, as crianças nasciam das mãos das parteiras					características do lugar. mulheres mais velhas possuíam sua pedra... água fria e cristalinas (5º parágrafo)				Hoje prédios (10º parágrafo)								
Capacidades discursivas (configuração global do texto, sua configuração)	Relato interativo	Em 1ª pessoa, que implicam um dos participantes da interação, o enunciador, estabelecendo-se uma relação de implicação. Ao mesmo tempo a presença de verbo no pretérito perfeito, imperfeito coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	Em 1ª, que implicam um dos participantes da interação, o enunciador, estabelecendo-se uma relação de implicação. Ao mesmo tempo a presença de verbo no (infinitivo pessoal, Pretérito perfeito, futuro, pretérito imperfeito) colocam os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	Em 1ª, que implicam um dos participantes da interação, o enunciador, estabelecendo-se uma relação de implicação. Ao mesmo tempo a presença de verbo no (presente, futuro, futuro do pretérito, pretérito imperfeito e perfeito) coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-	Em 1ª pessoa e verbos no pretérito perfeito e imperfeito, que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Em 1ª pessoa e verbos (presente, futuro, futuro do presente, pretérito perfeito e imperfeito), que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-
	Discurso interativo	-	-	-	As formas em 1ª e 2ª pessoa, e a presença de verbos	-	As formas em 1ª e 2ª pessoa, que implicam os participante	-	Formas em 1ª pessoa e verbos no presente, pretérito	-	-	-	de pronomes de 1ª e 2ª pessoa (você), que	-	-	As formas em 1ª e 2ª pessoa, e os verbos (Presente,	-	As formas em 1ª e 2ª pessoa, e a presença de verbos	As formas em 1ª e 2ª pessoa, e a presença de verbos	-	-	

					(presente, pretérito imperfeito, perfeito, pretérito mais que perfeito, pretérito perfeito subjuntivo, imperativo) concomitantes ao momento de produção.	s da interação, o enunciador e o destinatário e também a presença de verbos (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e gerúndio), que coloca os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento de produção		perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais que perfeito				implicavam os participantes da interação, o enunciador e o destinatário e a presença de formas verbais (P., imperativo, futuro, futuro do pretérito, P.P. e P.I) concomitantes ao momento de produção		Futuro, Pretérito Perfeito Imperfeito), concomitantes ao momento de produção		(Presente, Futuro, Pretérito Perfeito Imperfeito) concomitantes ao momento de produção	(Presente, Futuro, Pretérito Perfeito Imperfeito) concomitantes ao momento de produção				
	Narração	-	-	-	-	-	-	Pretérito perfeito, pretérito imperfeito, Pretérito injuntivo	-	Narração em 1ª pessoa e verbos (presente, pretérito perfeito e imperfeito)	Narração em 1ª pessoa e verbos (presente, pretérito perfeito e imperfeito)	Narração em 1ª pessoa e verbos (presente, futuro do pretérito perfeito e imperfeito)	-	Narração em 1ª pessoa e verbos (presente, pretérito perfeito subjuntivo, pretérito perfeito e imperfeito)	Narração em 1ª pessoa e verbos (presente, futuro do pretérito perfeito e imperfeito)	-	Narração em 1ª pessoa e verbos (presente, pretérito perfeito e imperfeito)	-	-	-	Narração, verbos em (presente, futuro, pretérito mais que perfeito, pretérito imperfeito)
	Discurso teórico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Sequência script	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-	x	-	-	-	-	-
	Sequência descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva e narrativa	Descritiva	Descritiva	Descritiva e narrativa	Descritiva e narrativa	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva e narrativa	-	Descritiva	-	Descritiva e narrativa	Descritiva e narrativa	Descritiva	Descritiva	Descritiva
Capacidades linguístico-discursivas Coerência temática e pragmática	Voz do autor	Boia-fria	menino	Narrador Adulto (profissão telegrafo)	criança	criança	Tenho cicatrizes e carrego comigo essas marcas (10ª)	Criança-menina	narrador	menina	narrador	narrador	Alegria garantida, interação entre idosos, jovens, crianças e adultos e tranquilidade	menina	adulto	Sentíamos o cheiro dos grandes eucaliptos(1º)	narrador	narrador	narrador	menino	menina
	Voz personagem	Boia-fria, trabalhadores, pau de arara, imigrantes	Pai, mãe, 10 filhos (5 meninas e 5 meninos)	Madrinha, avô	Tamir, mães, crianças	Irmão Claudemir, vovô Silvinho, alunos, Zé, Escola	Podão (pau de arara), mãe	irmã, pai, janela, meninas,	Mulheres, crianças, cavaleiros MST, peões, fazendeiro, pessoas	Avó Noca, mãe, pai, mulheres, meninos	Zé das Dores	Dona Noca, crianças, idosos, Usina hidrelétrica que inundou Canela	Idosos, adultos, jovens, crianças	Pai, mamãe, pianista	Pai, avós, filhos	criança	Meus irmãos	Mae, crianças, amigos, primos	Pai, mamãe, Geraldo, irmão, mãe	Pai, irmã	Pessoas, crianças, os mais velhos
	Voz social	Usinas de cana de açúcar	Homem, ricos, pessoa apressada	Deus	Criança, americanos, amigos, mulheres cuidavam dos barracos e homens trabalhavam na roça	Colégio Interno Salesiano, família, homem, pais, padre, primos	Usina Santa Elisa, São Geraldo, Santo Antônio	Lawers, Luthers, Boones, Tesches, famílias (sobrenomes)	Movimento Social (pessoas em grupo), pessoas vizinhas	Mulheres mais velhas, outra mulher	Armazém do Zé Passarini, família, amigos, crianças	Heráclito, família Batista, Lima, Santana, trabalhadores, turistas	Usina, pessoas do povoado distante, pais, professora	Clube Aliança (vida social da cidade), família, filha	Mulher, filhos	Fábrica de tecido, funcionários, metrô, novos loteamentos, hospitais, novas escolas, igrejas, meninos e meninas	Romance de literatura de cordel, mulheres trabalhadoras	Família, Deus	Compradores de terra, alunos, mestres, escola	Pais, amigos, professora, vizinhança como família	Casais de namorado, vizinhos, São João
	Modalização ou Apreciativa	Amargo da vida sofrida[...] esforço e	Eramos felizes (6º parágrafo) Família,	Construção da estrada de ferro, promessa de	Silêncio (4º parágrafo) Crianças	Sapatos horríveis, sufocantes (1º parágrafo)	Humilde, um paraíso (1º parágrafo)	Doença com o nome alemão (1º parágrafo)	pessoas apavoradas [...] sensação	Tac, tac, tac [...] Lavei a alma ... pedra	Eu adorava (5º parágrafo)	Vivíamos de forma harmônica [...]	A vida era tranquila	Glamour e glória (5) do clube (9º)	Sentia (4º parágrafo) cidade calma	Emocionantes lembranças (2º)	Esperança, ânimo, satisfação (2º)	Pensei egoisticamente: Deus salva minha	Aroma frutífero Terror e	Naquele tempo a vizinhança era como família	Água que brotava da nascente para

		<p><i>persistência, cheiro doce e amargo</i> (6º parágrafo)</p> <p><i>Silêncio solitário</i> (3º parágrafo)</p> <p><i>amargo trabalho</i> (15º parágrafo)</p> <p><i>Cheiro doce</i>(2)</p> <p><i>sofrido</i> (7º parágrafo)</p> <p><i>orgulhoso</i> (8º parágrafo)</p>	<p><i>atitude, divisão justa</i> (3º parágrafo)</p>	<p><i>um futuro melhor</i> (1º parágrafo)</p> <p><i>Fascinação</i> (5º parágrafo)</p>	<p><i>brincando eram poucas. Sim, eram, mas eles tinham a verdadeira infância</i> (5º parágrafo)</p> <p><i>Todos nós éramos unidos tudo o que tínhamos dividíamos uns com os outros, não por obrigação, mas pelo prazer de ajudar. As vezes era difícil suportar as amarguras, mas lá no fundo sabíamos que íamos vencer todos os desafios. Apesar das dificuldades havia felicidade</i> (7º parágrafo)</p>	<p><i>Descíamos em fila em silêncio [...] Esperávamos o padre Patriarca, tão breve sentíamos sua presença em meio ao "círculo de cordeirinhos", ali rezava, catequizava e refletia... um sotaque italo-brasileiro.</i> (2º parágrafo)</p> <p><i>Estudar Bio, Port [...] parecíamos múmias silention</i> (9º parágrafo)</p> <p><i>Teatro, esportes, vôlei, futebol, handebol, jogo, ambas aulas mais emocionantes</i> (10º parágrafo)</p> <p><i>Escola era boa, mas chorava com saudade da família</i> (11º parágrafo)</p> <p><i>Disciplina muda o homem, tive uma infância feliz</i> (12º parágrafo)</p>	<p><i>Sinto-me orgulhoso</i> (16º parágrafo)</p>	<p><i>Senti-me cansada [...] remanesceia m sobrenome. Visualizei olhos verdes...loir os...olhos escuros e puxados</i> (6º parágrafo)</p>	<p><i>era estar assistindo a um filme de suspense</i> (4º parágrafo)</p> <p><i>Todos eram valentes</i> (5º parágrafo)</p> <p><i>Emocionant e</i> (6º parágrafo)</p> <p><i>parecia que o meu peito iria explodir, alegrias "terra nossa"</i> (8º parágrafo)</p>	<p><i>preciosa [...] batendo a roupa</i> (4º parágrafo)</p> <p><i>Os sentidos nos permitem elaborar uma imagem sobre a situação geográfica do lugar e sobre as brincadeiras</i></p> <p><i>"Eita meninos danados do capeta, num tem quem possa com estas tranca ruim"</i> (7º parágrafo)</p>	<p><i>o [...]da um aperto no coração</i> (10º parágrafo)</p>	<p><i>Arquitetura rústica, casas não tinham muros. Vivíamos intensamente e a vida coletiva</i> (4º parágrafo)</p> <p><i>turistas se divertiam</i> (6º parágrafo)</p> <p><i>Quando inundou Canela acabou com a vida coletiva</i> (7º parágrafo)</p>	<p>parágrafo)</p> <p><i>Era um orgulho para a família daquela época ter uma filha que tocasse acordeão</i> (5º parágrafo)</p> <p><i>namora da época com muito respeito</i> (10º parágrafo)</p> <p><i>Saudade daquele povo amigo, sorriso, simplicidade</i> (11º parágrafo)</p> <p><i>Hoje cidade cinza - modernidade</i></p>	<p>(5º parágrafo)</p> <p><i>amor pelas terras</i> (7º parágrafo)</p> <p><i>trabalho como diversão</i> (8º parágrafo)</p> <p><i>rondam a memória de muita gente</i> (6º parágrafo)</p> <p><i>Posso dizer que era feliz [...] ar puro da fazenda</i> (10º parágrafo)</p>	<p>parágrafo)</p> <p><i>Realizado, feliz, apreciativa</i> (7º parágrafo)</p> <p><i>Tudo era guardado na memória e no coração</i> (8º parágrafo)</p> <p><i>Parágrafo)</i></p>	<p><i>família</i> (4º parágrafo)</p> <p><i>Águas vivas – lugar inundado</i> (5º parágrafo)</p> <p><i>resultados traumáticos ainda rondam a memória de muita gente</i> (6º parágrafo)</p>	<p><i>medo daquele dia – escola</i></p> <p><i>Brincadeiras: pega-pega, peteca, amarelinha</i> (2º parágrafo)</p> <p><i>Hoje-mudanças dos costumes e das pessoas...da alegria para o silêncio solitário durante as sessões de desenhos animados de televisão</i> (5º parágrafo)</p>	<p>(3º parágrafo)</p> <p><i>revigorar a vida</i> (1º parágrafo)</p> <p><i>Hoje – as pessoas acendem 1 vela na janela e dançam quadrilha para festejar os santos capiras, nunca vão sentir a alegria de festejar muitas mudanças acompanhar am minha juventude, mas minha dádiva permanecia a mesma ter estudado no colégio militar de Salvador, que antigamente ocupava um velho casarão nas Pitangueiras. Hoje se localiza num bairro moderno, em meio a altos edifícios e a efervescente comércio</i> (6º parágrafo)</p>
Modalizaçã o deôntica	-	<p><i>O mais esperto levava vantagem. Tal atitude ocorria porque por maior que fosse a porção de arroz, feijão, farinha e ovos com carne-seca se tornava pequena pela quantidade de crianças. No entanto, minha mãe resolvia a situação. Tinha em mãos o cinto do papai. Apartava os rebeldes para a divisão justa.</i> (3º parágrafo)</p>	<p><i>Levaria ao progresso</i> (1º parágrafo)</p>	-	<p><i>Ouvi o padre dizer que devemos superar nossos medos</i> (5º parágrafo)</p>	<p><i>Obrigava a ir para a cama</i> (13º parágrafo)</p>	-	-	-	-	<p><i>A usina hidrelétrica inundou Canela, inundou as nossas vidas [...] Hoje somos obrigados a permanecer trancados nos quintais, muros em volta das casas</i> (7º parágrafo)</p>	<p><i>Os costumes populares imperavam "as pessoas se conheciam e trocavam experiências sentadas às portas de seus lares"</i> (2º parágrafo)</p>	-	-	-	<p><i>Minhas obrigações começava m cedo</i> (7º parágrafo)</p> <p><i>Despedi-me de meus pais [...] pedi-les a benção</i> (9º parágrafo)</p> <p><i>Mestres rígidos</i> (10º parágrafo)</p>	<p><i>Regras rígidas, tudo era respeitado e valorizado: as pessoas, os costumes..., os valores eram preservados</i> (4º parágrafo)</p>	<p>[...] comemoram São João</p> (2)

	Modalização lógica	<i>Tirando o bom prestígio dos velhos cafezais (1º parágrafo)</i> <i>O suor que era esquecido (2º parágrafo)</i>	<i>Somente os ricos ocupavam suas noites vendo televisão, recurso mais atraente da época (6º parágrafo)</i>	<i>A construção da estrada de ferro que nos levaria ao "progresso" (1º parágrafo)</i> <i>[...] trens. A máquina que me fascinou faria parte da minha vida definitivamente (6)</i>	<i>Crianças – ah! como eram educadas, livres, como poucas nos dias de hoje!</i>	<i>Reconhecer uma atitude ecofuturista (5º parágrafo)</i>	-	<i>Poderia dizer que o mundo iria acabar (3º parágrafo)</i>	<i>Depois de muito tempo de luta, chegou a notícia da conquista definitiva: a terra era nossa (5º parágrafo)</i>	-	-	<i>um processo de adaptado trabalho, para crianças e idosos principalmente (7º parágrafo)</i>	<i>Então você já imagina! Tinha casa para os endinheirados e para os modestos (2º parágrafo)</i> <i>Os elitizados recebiam casas grandes e formosas, com jardim na frente e ruas calçadas. Já a moradia dos humildes operários era colada uma nas outras, dividindo uma só parede, com o mesmo modelo. Se você conhecesse a minha residência não precisaria conhecer a do vizinho. (2º parágrafo)</i>	-	<i>[...] havia 6km de estrada pela frente até a escola (3º parágrafo)</i>	<i>tranquilidade</i>	-	-	-	-	<i>De aluno acabei sendo professor [...]. esse recinto [...] fez de mim quem sou hoje e será ele o ponto final da minha jornada (6º parágrafo)</i>
	Modalização pragmática	<i>[...] o suor dos que labutaram naquela terra quente e fértil por vezes era esquecido [...]. (2º parágrafo)</i>	-	<i>[...] ainda sonho ser surpreendido, como no dia em que pela primeira vez vi um trem de verdade [...] sonho ver o gigante acordar e resfolegar novamente sobre as linhas de ferro (9º parágrafo)</i>	<i>Hoje a única coisa que posso fazer é lembrar [...] (9º parágrafo)</i>	<i>[...] e era um atleta, mas o speedball [...] era o de que eu mais gostava [...]. (5º parágrafo)</i>	<i>É a capital do açúcar e do álcool [...] que eu ajudei a construir (15º parágrafo)</i>	-	<i>[...] eu esperava algo melhor, não pensava que seria complicado começar a fazer parte de um movimento social [...]. (8º parágrafo)</i>	-	<i>Uma peça de fazenda vestia a família toda. [...] eu queria ficar diferente [...] (3º parágrafo)</i>	<i>Eu esperava algo melhor, não pensava que seria complicado começar a fazer parte de um movimento social (1º parágrafo)</i>	<i>Ah, se pudesse voltar no tempo [...] (7º parágrafo)</i> <i>[...] nem acredito que isso aconteceu. Agora sei das horas pelo relógio, vejo e converso com minha filha que está longe pelo computador. Coisas que jamais seriam pensadas [...] (8º parágrafo)</i>	-	<i>Estudar era um grande sacrifício, muito diferente de hoje em dia. Por isso, o fiz até quando pude, muito menos do que gostaria (3º parágrafo)</i> <i>[...] restaram apenas ruínas da cidade que conheço [...]. (1º parágrafo)</i>	<i>[...] reviver os momentos da minha infância [...] (15º parágrafo)</i>	-	-	-	<i>[...] tudo era mais respeitado e valorizado: as pessoas, os pais, os costumes ... os valores eram preservados. [...] é algo raro, que deveria ser cultivado (4º parágrafo)</i>	

Quadro 2 – Mobilização de capacidades de linguagem expressos nos textos dos alunos (21 a 38)

Capacidades de linguagem	Operações de linguagem possíveis na produção do gênero Memórias Literárias	SUJEITOS																		
		21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	
Capacidades de ação (Características do contexto de produção)	Enunciador	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	eu/nós	
	Destinatário	-	-	-	eu/nós você	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	eu/nós você	-
	Lugar social	Escola, família, banca examinadora da Olimpíada de Língua Portuguesa																		
	Objetivo	Refletir sobre a infância e as histórias que ouvia	Emocionar ao lembrar da infância	Denunciar o trabalho escravizados garimpeiros	Emocionar ao descrever a sua trajetória de aluno para professor	Comparar as transformações do lugar entre o presente e o passado	Emocionar ao contar a sua infância e os costumes	Emocionar e sonhar ao recordar o tempo passado em comparação ao tempo presente	Descrever a infância e os costumes das crianças	Descrever a transformação do lugar e da prática social	Sonhar com o a infância	Descrever a infância e as brincadeiras das crianças	Comparar as transformações do lugar entre o passado e o presente	Reviver a infância	Comparar as transformações do lugar entre o passado e o presente	Emocionar ao contar a sua infância	Exaltar a infância e revivê-la	Exaltar a infância	Descrever a transformação do lugar e da prática social	
Quando Ambiente físico (características do lugar)	Serviços públicos: não havia luz elétrica (lâmpião) Prática social: reunião familiar [...], ouvir histórias dos bugres (índios) imitavam os animais. (6º parágrafo)	Prática social: alguns moradores partiram para outras regiões do país em busca de uma vida melhor	Prática social: som do prato do mestre de música (6º), cinema (7º), circo, usina hidrelétrica, bloco de carnaval (8º parágrafos) Pessoas foram embora para SP, Rio e Salvador quando acabou o diamante. Serviços públicos: cartório e delegacia	Prática social: biblioteca Municipal, Palhetadas (caminhadas que fazia com amigos em busca de divertimentos)	Meio de transporte: trem Prática social: rádio em roda (prática social)	Prática social: o povo era muito animado (8º parágrafo)	Prática social: lavar roupa no rio (3º), trabalho (6º parágrafos), Valores religiosos [...] festejos de nossa Senhora da Conceição na igreja Matriz (7º parágrafo) Família, normas sociais Brincadeiras: fazer batizados	Naquele tempo as ruas não eram asfaltadas [...] tínhamos cisterna com carretilha para retirar a água [...] e casas simples. (6º parágrafo)	Meio de transporte: a pé, carro, ônibus Prática social: colégio D. Pedro I (1º), família (6º parágrafos)	Brincadeiras: com estilingues utilizando limões (2º parágrafo) Ouço meu pai camacha meu irmãos para ralharem mandioca, preparar o polvilho. Todos trabalhando juntos (3º parágrafo)	Fotografia (4º parágrafo) Costumes – cheiro de café, canequinha esmaltada (7º parágrafo), Prática social: Valores religiosos [...] após o jantar rezávamos o terço (13º parágrafo) homens de um lado e mulheres do outro (14º parágrafo) Serviços públicos: luz (12º parágrafo)	1970 Avenida Rui Barbosa, uma das principais ruas da cidade [...] havia um ponto comercial bem movimentado, a máquina de arroz [...] girando duas engrenagens e correias com tubos. (2º parágrafo)	Prática social: [...] meus irmãos e eu não tivemos a oportunidade de conhecer de perto a professora [...] ajudamos nossos pais na lida da roça [...] (4º parágrafo) Meninos - trabalho braçais e meninas – tarefas de casa (4º parágrafo) Serviços públicos: não havia hospital (vim pelas mãos da parteira) Meio de comunicação: rádio à pilha Brinquedos: bonecas de sabugo davam	1954 Meio de transporte: carro de boi	1960 Prática social: festa de ano novo Valores religiosos [...] como Deus é justo [...] (8º parágrafo)	Prática social: festa Junina (6º parágrafo), natal dos nordestinos, festa de Santo Antônio padroeiro da cidade 6º e 8º parágrafos - cultura Serviços públicos: estação ferroviária da cidade (6º parágrafo)	1951 Prática social: O pouco ensino que tive foi numa escolinha de madeira que ficava na casa da professora Edwirges. [...] eu e meus irmãos andávamos cerca de duas horas para chegar à escola. (7º parágrafo)	Prática social: lenda "salto da onça" Serviços públicos: água encanada (em jumento e na cabeça)		

														lugar aos filhos que iam nascendo ano a ano (6º parágrafo)					
Capacidades discursivas (configuração global do texto, sua configuração)	Relato interativo	-	-	-	-	-	Forma em 1ª pessoa e verbos no (presente, pretérito mais que perfeito, pretérito imperfeito), que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-	-	Forma em 1ª pessoa e verbos no (presente, pretérito perfeito e imperfeito), que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-	A forma em 1ª pessoa do singular e plural e a presença de verbos (futuro do presente, presente, pretérito perfeito e imperfeito).	-	-	Forma em 1ª pessoa e verbos no (presente, pretérito perfeito e imperfeito), que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	Forma em 1ª pessoa e verbos no (presente, pretérito perfeito e imperfeito), que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-	Forma em 1ª pessoa e verbos no (presente, pretérito mais que perfeito, que coloca os conteúdos como estando distante temporariamente em relação ao momento de produção.	-
	Discurso interativo	-	-	-	As formas em 1ª e 2ª pessoa, que implicam os participantes da interação, o enunciatário e o destinatário e também a presença de verbos (presente, futuro do pretérito, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente (provável certo), que coloca os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento de produção	-	-	Formas em 1ª e 2ª pessoa e a presença de verbos (imperativo afirmativo, presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito), que coloca os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento de produção	-	-	-	-	-	-	-	-	Formas em 1ª e 2ª pessoa, e a presença de verbos (presente, futuro do presente, pretérito imperfeito), que coloca os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento de produção	-	-
	narração	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, futuro, pretérito imperfeito	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, pretérito subjuntivo,	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, pretérito imperfeito.	narrativa	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, futuro do pretérito, Pretérito perfeito e imperfeito	-	-	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, pretérito imperfeito.	-	-	-	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, Pretérito perfeito, pretérito	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, pretérito imperfeito	Narração em 1ª pessoa buscou envolver o leitor. As vivências pessoais desse morador narrador nos permite reconstruir, ainda de modo parcial algumas características do lugar. Verbos: presente, pretérito imperfeito	-	-	-	-

				pretérito perfeito, pretérito imperfeito								imperfeito, futuro do presente							
	Discurso teórico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Sequência script	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Sequência descritiva	Descritiva	Descritiva e Narrativa	Descritiva	Descritiva e Narrativa	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva	Descritiva
Capacidades linguístico-discursivas Coerência temática e pragmática	Voz do autor	menino	avô	Esposa de garimpeiro	Professor do colégio militar, sendo professor do recinto sagrado	neto	avô	costureira	criança	tio	avô	Professora - Pego o giz e dividido o quadro negro	Menina (autora do texto)	avô	Criança que trabalha na roça	criança	Menino (criança) trabalhadora	avô	narrador
	Voz personagem	Criança, pais, amigos	Pais, crianças, papai, irmão	Família, homens tratados como escravos	Crianças, jovem, amigos	Minha família, minha irmã, avô, fazendeiro, avô, homens da vizinhança, mulheres	Pai, mãe	Pai, mãe	Pais, primos, mamãe	Irmão, mamãe, criança, avô, professora Alice	Crianças, pai, irmãos, mãe	Mae, pais, professora	Crianças, agricultores	Crianças, irmãos, pais, meninos, meninas, mãe	Irmãos, pais	Irmãos, mamãe, avô, pais	Crianças, pais, irmãos, vovó	Irmãos, mãe, pai, professora	Ester, pai, mãe
	Voz social	Índios, morador, pai	Tia, família	Homens trabalhadores da mina, cunhada, mestre de música	Homem, alunos, amigos	população	Crianças, família, Deus	Igreja matriz, madrinha rosa	Conjunto habitacional "Fraternidade"	Monge, sobrinhos, filhos, escola, família, pessoas, estudantes	Escola, vizinhos, Deus	Bar São Pedro, rádio Zé Betto, homens, mulheres	Pais, meninos, meninas, professora, máquina de arroz (novidade em termos de engenharia para transformar em grãos limpos)	Parteira, comunidade, professora, rádio a pilha único meio de comunicação	Tio Francisco, Escola Velha, posto telefônico, familiares, pais, família, população, governo, juventude	Padeiro, família, escravo, Deus, moradores, autores dos brinquedos	Terras, pessoas, centro cultural, santo Antônio, filhos, avô, mãe.	Alunos, escola, festa do padroeiro, filhos	Escola, moças, familiares, amigos
Modalização Apreciativa	<i>Cheirinho de terra molhada (5º parágrafo)</i> <i>éramos humildes [...] eu guardo na memória e no coração – foram os ensinamentos que meus pais deixaram. Eles eram e são heróis (4º parágrafo)</i> <i>[...] os medos também fizeram parte da minha infância. E acredito que meu maior medo fosse dos bugres – nome que os moradores deram aos índios da região. (7º parágrafo)</i>	<i>Morava num paraíso, não havia paluição e violência (3º parágrafo)</i> <i>Éramos uma família grande, unida e muito feliz, a felicidade acabou quando começou a faltar água (5º parágrafo)</i> <i>Tudo seco, não havia sorriso no rosto, pois a comida era pouca (7º parágrafo)</i> <i>Pais sofrendo, fomos embora (8º parágrafo)</i>	<i>Os danos da mina (homens avarentos), que exploravam os trabalhadores (1º parágrafo)</i> <i>Os trabalhadores (garimpeiros) aceitavam sem reclamar, pois tinham família para sustentar. Não dava para ter luxos, mas garantia uma vida digna e honesta. Apesar de serem tratados como escravo (2º parágrafo)</i> <i>Hoje – pacato, turismo fatur econômico (10º parágrafo)</i>	<i>Alegrias (6º parágrafo), Ideologia simplista (7º parágrafo)</i> <i>Tenho saudade de ouvir o barulho dos pássaros, adorava aquilo (4º parágrafo)</i> <i>Amávamos (5)</i> <i>Indignada – movimento em prol do fácil acesso ao trem, reuniu mulheres, que colocou calças embaixo dos vestidos (6º parágrafo)</i>	<i>Pacato, sossegada (1º parágrafo)</i> <i>Não havia a televisão e as tecnologias, confesso que era bom (2º parágrafo)</i> <i>Tenho saudade de ouvir o barulho dos pássaros, adorava aquilo (4º parágrafo)</i> <i>Amávamos (5)</i> <i>Indignada – movimento em prol do fácil acesso ao trem, reuniu mulheres, que colocou calças embaixo dos vestidos (6º parágrafo)</i>	<i>Cheiro de ar puro (5º parágrafo)</i> <i>lugar calmo (4º parágrafo)</i> <i>Confesso que me adaptei aos tempos de hoje... sou feliz (9º parágrafo)</i> <i>Ensinado desde criança a ser honesto (6º parágrafo)</i>	<i>Sempre alegres</i> <i>Orgulhosa por costurar as próprias roupas (5º parágrafo)</i>	<i>Fomos felizes (8º parágrafo)</i> <i>"meninas das casinhas" (5º parágrafo)</i> <i>um lar fraterno "conjunto fraternidade" [...] e mais importante amor e carinho (6º parágrafo)</i> <i>Inabitados e solitários, hoje a cidade (lajeados acinzentados) sem vida, sem risos e sem história (8º parágrafo)</i>	<i>Era simples a vida sem carreira. Infelizmente a escola não existe mais...ouça as risadas e os gritos da criança (9º parágrafo)</i> <i>Animados, levar o material no saco de pano de retalho (2º parágrafo)</i> <i>não haviam cadernos eram folhas soltas (3º parágrafo)</i> <i>Conserva-se o alho d'água de São João Maria, aonde muitos vão rezar e pegar água (8º parágrafo)</i>	<i>Religiosidade (8º parágrafo)</i> <i>pai um homem sem estudo, porém sábio das coisas da vida, mostrava-me com opções, exemplos e palavras que a vida, apesar de difícil pode ser doce (7º parágrafo)</i>	<i>Naquele tempo tudo era feito com alegria (10º parágrafo)</i> <i>Entristece-me ver as crianças de hoje [...]. Saudades e alegrias (15º parágrafo)</i>	<i>Nossa felicidade (3º parágrafo)</i> <i>máquina de arroz era fascinante, como éramos felizes (2º parágrafo)</i> <i>Cheiro das casas molhadas pelo orvalho no ar se impregnava, a poeira encrespava os cabelos que eram penteados em baixo de xingos (3º parágrafo)</i> <i>A máquina de arroz está no museu por tudo que representou na vida de tantos brasileiros (5º parágrafo)</i> <i>Brincadeiras: pique-esconde, porta-bandeira,</i>	<i>Através das lembranças posso manter viva a minha história (7º parágrafo)</i> <i>Relembro os dias difíceis (4º parágrafo)</i>	<i>Usava a imaginação, inocência de criança (criavam os próprios brinquedos (2º parágrafo)</i> <i>Amávamos (4º parágrafo), Paz e felicidade (1º parágrafo)</i> <i>Religiosidade (8º parágrafo)</i> <i>Ansioso pela festa de ano novo</i>	<i>Tínhamos uma vida simples e feliz (2º parágrafo)</i> <i>Abençoou esta terra [...] Dignidade (6º parágrafo)</i> <i>Cristo do magano (7º parágrafo)</i>	<i>Felizes [...] Acontecimentos enraizados como árvore, tempos difíceis (tempo da palmatória (14º parágrafo)</i> <i>[...] tremia de medo quando ela dizia: "escreveu não leu o pau comeu" (8º parágrafo)</i> <i>Uma das aulas de que mais tínhamos medo era da sabatina da tabuada (9º parágrafo)</i>	<i>Meu pai impedia de estar no meio da música (1º parágrafo)</i>		

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1 – CADERNO DO PROFESSOR – ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Se bem me lembro...

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel García Márques



Copyright © 2010 by Cenpec e Fundação Itaú Social

Coordenação técnica

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

Créditos da publicação

Coordenação
Sonia Madi

Equipe de produção
Regina Andrade Clara
Anna Helena Altenfelder
Neide Almeida

Leitura crítica
Zoraide Faustinoni Silva

Colaboração
Antonio Gil Neto
Cristina Zelmanovitz
Egon de Oliveira Rangel

Organização
Beatriz Pedro Cortese

Projeto gráfico e capa
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração e revisão
agwm editora e produções editoriais

Contato

Cenpec
Rua Minas Gerais, 228
01244-010 – São Paulo – SP
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendofuturo.org.br

Iniciativa



Ministério
da Educação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Se bem me lembro... : caderno do professor :
orientação para produção de textos / [equipe
de produção Regina Andrade Clara, Anna Helena
Altenfelder, Neide Almeida]. São Paulo :
Cenpec 2010. (Coleção da Olimpíada)

Vários colaboradores
Bibliografia.

ISBN 978-85-85786-90-8

1. Memórias (Gênero literário) 2. Olimpíada de
Língua Portuguesa 3. Textos I. Clara, Regina Andrade.
II. Altenfelder, Anna Helena. III. Almeida, Neide.
IV. Série.

09-13447 CDD-371.0079

Índices para catálogo sistemático:

1. Olimpíada de Língua Portuguesa : Escolas :
Educação 371.0079

Caro Professor,

Bem-vindo à 2ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – resultado da parceria entre o Ministério da Educação (MEC), a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). A união de esforços do poder público, da iniciativa privada e da sociedade civil visa um objetivo comum: proporcionar ensino de qualidade para todos.

O MEC encontrou no Programa *Escrevendo o Futuro* a metodologia adequada para realizar a Olimpíada – uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação, idealizado para fortalecer a educação no país.

A Olimpíada é um programa de caráter bienal e contínuo. Constitui uma estratégia de mobilização que proporciona, aos professores da rede pública, oportunidades de formação. Em anos ímpares, atende diversos agentes educacionais: técnicos de secretarias de educação que atuam como formadores, diretores, professores. Em anos pares, promove um concurso de produção de texto para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Este *Caderno do Professor* traz uma sequência didática desenvolvida para estimular a vivência de uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais. As atividades aqui sugeridas propiciam o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita previstas nos currículos escolares e devem fazer parte do seu dia a dia como professor. Ao realizá-las, você estará trabalhando com conteúdos de língua portuguesa que precisam ser ensinados durante o ano letivo.

O tema do concurso é “O lugar onde vivo” e escrever sobre isso requer leituras, pesquisas e estudos, que incitam um novo olhar acerca da realidade e abrem perspectivas de transformação. Para que os alunos dos vários cantos do Brasil produzam textos de qualidade é fundamental a participação e o envolvimento dos professores, contando com o apoio da direção da escola, dos pais e da comunidade.

Nesta 2ª edição, os alunos concorrerão em quatro categorias, cada uma delas envolve dois anos escolares:

- Poema – 5º e 6º anos do Ensino Fundamental.
- Memórias literárias – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental.
- Crônica – 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.
- Artigo de opinião – 2º e 3º anos do Ensino Médio.

A Olimpíada não está em busca de talentos, mas tem o firme propósito de contribuir para a melhoria da escrita de todos. O importante é que os seus alunos cheguem ao final da sequência didática tendo aprendido a se comunicar com competência no gênero estudado. Isso contribuirá para que se tornem cidadãos mais bem preparados. E é você, professor, quem pode proporcionar essa conquista.

Desejamos a você e seus alunos um ótimo trabalho!

Coleção da Olimpíada

Para a 2ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* foi enviada às escolas públicas brasileiras – que atendem um ou mais anos escolares entre o 5º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio – uma coleção com quatro pastas. Em cada uma delas há material que visa colaborar com o professor no ensino da leitura e da escrita em um gênero textual: 1 Caderno do Professor, 10 exemplares idênticos da Coletânea de textos e 1 CD-ROM.

Caderno do Professor – Orientação para produção de textos

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos alunos etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas.



Poema
5º e 6º anos do
Ensino Fundamental.



Memórias literárias
7º e 8º anos do
Ensino Fundamental.



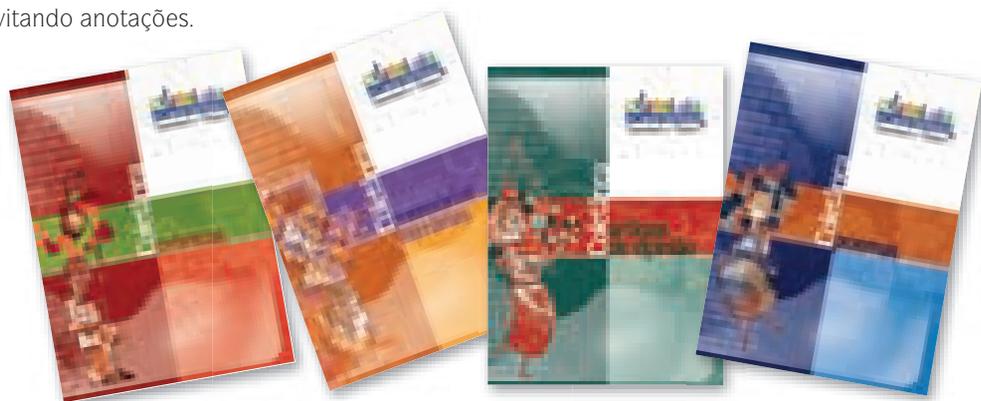
Crônica
9º ano do Ensino
Fundamental e 1º ano
do Ensino Médio.



Artigo de opinião
2º e 3º anos do
Ensino Médio.

Coletânea de textos

Para que os alunos possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, a Coletânea de textos os traz sem comentários ou análises. Uma publicação complementar ao Caderno do Professor, que por ser de uso coletivo terá maior durabilidade se manuseada com cuidado, evitando anotações.



CD-ROM

Esta mídia traz os mesmos textos da Coletânea e outros complementares, em duas modalidades:



Sonora: nas primeiras faixas, há alguns textos lidos em voz alta e sonorizados. Para ouvi-los é necessário um aparelho de som ou um computador compatível. Ouvir a leitura desses textos é uma forma de aproximar os alunos de obras literárias ou artigos publicados.

Gráfica: os textos poderão ser reproduzidos por uma impressora ou projetados, com o auxílio de um aparelho do tipo *datashow*. Inclui um aplicativo especial que permite o uso de grifos coloridos para destacar palavras ou trechos, com a finalidade de chamar a atenção dos alunos.

Professor, inscreva-se!

Sua escola recebeu esta Coleção que poderá ser permanentemente utilizada, não apenas na preparação para a Olimpíada. Para seus alunos participarem do concurso

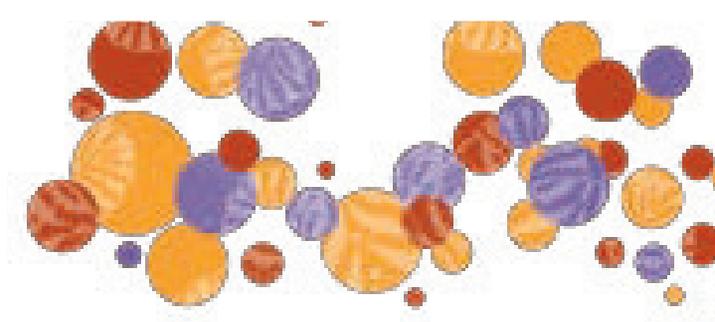
é imprescindível que você faça sua inscrição. Ao se inscrever, passará a integrar a rede *Escrevendo o Futuro* e a receber gratuitamente a revista *Na Ponta do Lápis* – uma publicação periódica com artigos, entrevistas, análise de textos e relatos de prática docente.



Outra oportunidade de formação a distância oferecida pela Olimpíada é a Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro*, voltada para o ensino de língua – um espaço para que integrantes de todo o Brasil possam trocar informações e experiências e participar de cursos *on-line*.

Faça sua **inscrição** na 2ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* pelo site <www.escrevendoofuturo.org.br>.

Sumário

- 
- 8 Apresentação
- 16 Introdução ao gênero
- 22 **Naquele tempo...** **1**
 Como objetos e imagens podem trazer
 lembranças de um tempo passado
- 32 **Vamos combinar?** **2**
 A situação de produção
- 38 **Semelhantes, porém diferentes** **3**
 Gêneros textuais que se assemelham
- 46 **Primeiras linhas** **4**
 Produção do primeiro texto de memórias literárias
- 50 **Tecendo os fios da memória** **5**
 O plano global e o foco narrativo
- 60 **Lugares que moram na gente** **6**
 Como o autor descreve fatos, sentimentos
 e sensações nesse gênero de texto
- 68 **Nem sempre foi assim** **7**
 Comparação do tempo antigo com o atual
- 74 **Na memória de todos nós** **8**
 Marcas linguísticas presentes em
 textos de memórias literárias

9	Marcas do passado 86 O uso do pretérito e de palavras e expressões usadas para remeter ao passado
10	Ponto a ponto 94 Sinais de pontuação
11	A entrevista 100 Entrevistas para ampliar o conhecimento
12	Da entrevista ao texto de memórias literárias 110 Transformação de um trecho de entrevista em fragmento de memórias literárias
13	"Como num filme" 120 As vozes presentes num texto
14	Ensaio geral 130 Produção coletiva de um texto
15	Agora é a sua vez 136 O texto final
16	Últimos retoques 140 Revisão e aprimoramento
	Critérios de avaliação para o gênero memórias literárias 148
	Referências 151

Apresentação

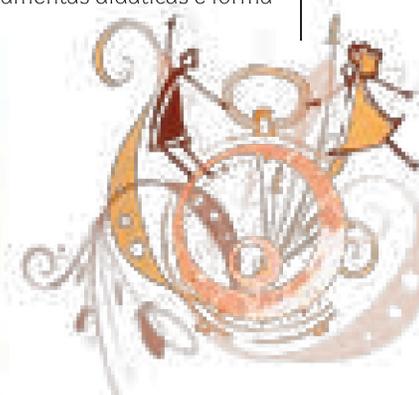
Ler e escrever: um desafio para todos

Neste Caderno falamos diretamente com você, que está na sala de aula “com a mão na massa”. Contudo, para preparar este material conversamos com pessoas que pesquisam, discutem ou discutiram a escrita e seu ensino. Entre alguns pesquisadores e teóricos de diferentes campos do conhecimento que têm se dedicado a elaborar propostas didáticas para o ensino de língua destacamos o Prof. Dr. Joaquim Dolz, do qual apresentamos, a seguir, uma pequena *biodata* e um texto, de sua autoria, uma espécie de prefácio, em que esse ilustre professor tece comentários sobre o projeto Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, **Joaquim Dolz** pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores.

Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.





A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)

[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

Os antigos jogos olímpicos eram uma festa cultural, uma competição em que se prestava homenagem aos deuses gregos. Os cidadãos treinavam durante anos para poderem dela participar. Quando o barão de Coubertin, na segunda metade do século XIX, quis restaurar os jogos olímpicos, ele o fez com esses mesmos ideais, mas também com o de igualdade social e democratização da atividade desportiva.

Os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, imbuídos desses mesmos ideais desportivos, elaboraram um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil. Ao fazer isso, não imaginaram que, alguns anos depois, a cidade do Rio de Janeiro seria eleita sede das Olimpíadas de 2016. Enquanto se espera que os jogos olímpicos impulsionem a prática dos esportes, a Olimpíada de Língua Portuguesa também tem objetivos ambiciosos.

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o “iletrismo” e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.

Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior dos professores. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.



Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe, sem o dizer explicitamente,

e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer-lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma “batalha” e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional. O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações... atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das etapas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação. Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.



Escrever: um desafio para todos

Essa Olimpíada lançou um desafio para todos os alunos brasileiros: melhorar as práticas de escrita. Incentivar a participar de um concurso de escrita é uma forma de motivá-los coletivamente. Para que todos possam fazê-lo em igualdade de condições, os materiais disponibilizados pela Olimpíada propõem uma série de situações de comunicação e de temas de redação que antecipam e esclarecem o objetivo a ser alcançado. O papel do professor é indispensável nesse projeto. A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto para a Olimpíada, são condições essenciais para seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. Por meio da realização de uma série de oficinas e de atividades escolares, pretende-se que todos os alunos, ao participar delas, aperfeiçoem o seu aprendizado, colocando em prática o que aprenderão e mostrando suas melhores habilidades como autores.

Só o fato de participar desse projeto já é importante para se tomar consciência do desafio que é a escrita. Entretanto, o real desafio do ensino da produção escrita é bem maior. Assim, o que se pretende com a Olimpíada é iniciar uma dinâmica que vá muito além da atividade pontual proposta neste material. Espera-se que, a partir das atividades da sequência didática, os professores possam começar a desenvolver um processo de ensino de leitura e de escrita muito mais amplo. Sabemos que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens e, desse ponto de vista, as situações de produção e os temas tratados nas sequências didáticas são apenas uma primeira aproximação aos gêneros enfocados em cada uma delas, que pode ampliar-se aos poucos, pois escrever textos é uma atividade complexa, que envolve uma longa aprendizagem. Seria ingênuo pensar que os alunos resolverão todas as suas dificuldades com a realização de uma só sequência.

A sequência didática como eixo do ensino da escrita

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

- 1) **Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais.** Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.
- 2) **Escolher e adaptar as atividades** de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.
- 3) **Trabalhar com outros textos do mesmo gênero**, produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
- 4) **Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.** Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de

uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.

- 5) **Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.** Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

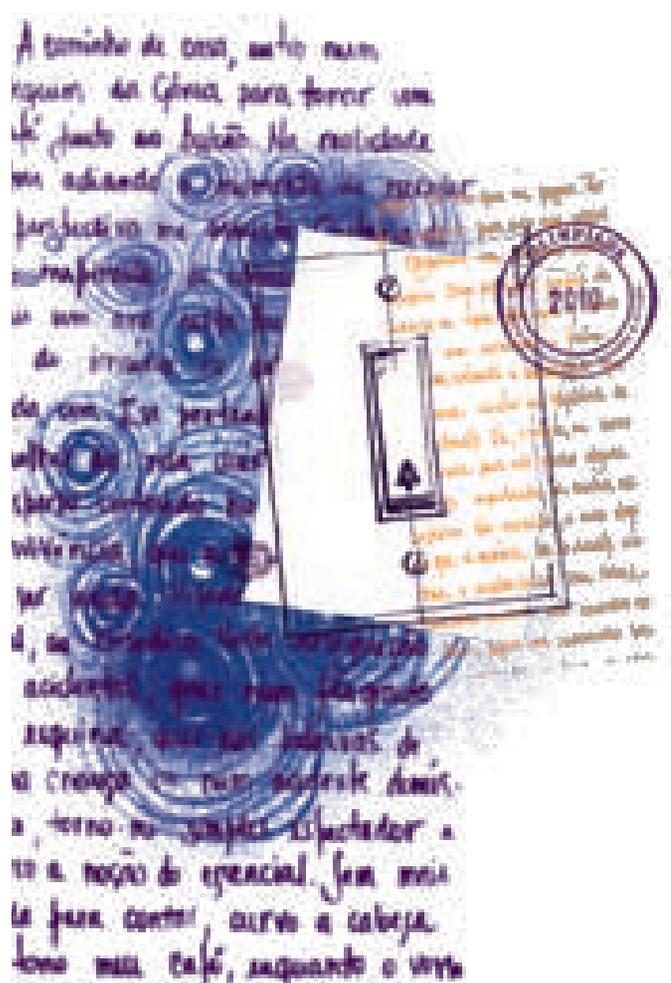
Uma chama olímpica contra o "iletrismo"

Pouco me resta a dizer. Primeiro, parabenizar os autores das sequências didáticas. Segundo, expressar toda a minha admiração pela organização da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, que envolve a parceria entre uma entidade governamental, o Ministério da Educação, e uma fundação empresarial, a Fundação Itaú Social, com a coordenação técnica do Cenpec. Terceiro, incentivar professores e alunos a participar desse projeto singular. Que a chama olímpica contra o "iletrismo" percorra esse vasto e magnífico país que é o Brasil. Ensinar a escrever é uma tarefa nobre e complexa que merece o maior dos reconhecimentos sociais.

Nos antigos jogos olímpicos, a chama olímpica se mantinha acesa diante do altar do deus Zeus durante toda a competição. Que a chama da esperança do acesso à leitura e à escrita não se apague. Essa competição todos nós podemos e devemos ganhar!



Introdução ao gênero



Toda memória tem uma história

— *Vô, quem foi Getúlio Vargas?*

— *O que foi o Dia D?*

— *Conta aquela vez que você era pequeno e foram de forcinho para São Paulo, e aquela outra vez que pegou fogo na máquina de café.*

E os olhos embaçados do avô se iluminam. Ele endireita as costas e como se inflasse o peito cheio de histórias prontas para ganhar vida conta para os mais novos suas lembranças de outros tempos. Seus conhecimentos não vão morrer com ele, há pessoas interessadas em suas vivências, em conhecer como foi sua vida.

— *Vô, por que você não escreve essas histórias? Assim todo mundo pode saber o que aconteceu. Na escola li um livro em que a Ilka fez isso...*

"A minha história começa muitos e muitos anos atrás.

Atrás de onde?, podem perguntar vocês. E eu responderei: atrás de hoje. Ontem. Antes de anteontem. Longe, na minha memória: lá é o tempo e o espaço da minha infância.

Eu vou morrer um dia, porque tudo o que nasce também morre: bicho, planta, mulher, homem. Mas as histórias podem durar depois de nós. Basta que sejam postas em folhas de papel e que suas letras mortas sejam ressuscitadas por olhos que saibam ler."

Ilka Brunhilde Laurito. *A menina que fez a América*.
São Paulo: FTD, 2002.

Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós; em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som.

De onde vem nossa necessidade de lembrar? Ou: por que a lembrança se impõe até mesmo quando não temos intenção de recordar? A aceitação dessa ideia nos leva a encarar a poética sugestão de Walter Benjamin (2004):

“A memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio sutil no qual as antigas cidades estão soterradas. **Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava.**”

Aproximar-se dos ausentes, compreender o que se passou, conhecer outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar representam possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores.

As histórias passadas por meio de palavras, gestos, sentimentos, podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro, como afirma Ecléa Bosi (2005), é uma experiência humanizadora.

As histórias têm memórias

Os registros escritos são uma possibilidade de perpetuar nossas memórias. Em seu livro *Memórias inventadas: a terceira infância*, Manoel de Barros nos mostra como o processo de escavação proposto por Benjamin pode ser feito por meio da literatura:

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a pré-ciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não aprofundam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim, são meus colaboradores destas memórias inventadas e doadores de suas fontes.

Manoel de Barros. *Memórias inventadas: a terceira infância*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores que, ao recordar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias.

As narrativas, que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, são contadas da forma como são lembradas no presente. No caso da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, este é um aspecto importante a se considerar, uma vez que não se trata de texto autobiográfico. Assim, os alunos precisarão aprender a escrever como se fossem o próprio entrevistado.



Memórias literárias na Olimpíada

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* tem como propósito fazer que os jovens conheçam a história do lugar onde vivem por meio do olhar de antigos moradores – pessoas comuns que construíram e constroem a história – e valorizem as experiências dos mais velhos, descobrindo-as como parte da sua identidade. Por outro lado, ouvintes atentos podem significar, para os idosos, reconhecimento e admiração de seus saberes.

A proposta deste Caderno é fazer que os alunos aprendam a ler e a produzir textos tendo como ponto de partida o gênero “memórias literárias”, ampliando assim seus conhecimentos de linguagem e suas possibilidades de participação social.

Ao mesmo tempo, os jovens estudantes vão se aproximar de pessoas mais velhas do lugar onde vivem, pois as lembranças desses moradores serão a matéria-prima para a escrita do texto. Esse trabalho os ajudará a relacionar seu tempo e seu ambiente com o tempo e o ambiente de pessoas de gerações anteriores.

Para que os alunos se familiarizem com o que chamamos neste Caderno de “memórias literárias” é necessário que aprendam a identificar as características e peculiaridades desse gênero textual. Faz parte desse processo entrevistar pessoas mais velhas da comunidade que tenham histórias interessantes para contar. Por fim, incentive-os a produzir um texto que encante o leitor.

Se bem me lembro...

O título deste Caderno, *Se bem me lembro...*, foi emprestado da obra de mesmo nome da escritora e educadora Alaíde Lisboa de Oliveira, mineira de Lambari, que nasceu no dia 22 de abril de 1904. Ela publicou cerca de trinta livros, entre literários, didáticos e ensaios na área de educação. No livro *Se bem me lembro...* Alaíde narra suas lembranças em prosa e verso.

O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, é essencial que você, professor, leia todas as atividades antecipadamente. Antes de começar a trabalhar com os alunos, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que eles produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece seus alunos, conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com eles. Comece o quanto antes; assim, você terá mais tempo para desenvolver as propostas e acompanhar melhor o “Cronograma de atividades”, cartaz que deverá ser afixado na sala dos professores e consultado regularmente.



Oficina

1

Naquele tempo...



.....Objetivos

- ▶ Valorizar a experiência das pessoas mais velhas.
- ▶ Compreender o que é memória.
- ▶ Perceber como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado.
- ▶ Observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito.

Prepare-se!

Nesta oficina você deverá ajudar os alunos a localizar pessoas que tenham objetos antigos para organizar uma exposição. Ouça as gravações dos textos "Transplante de menina" e "Anarquistas, graças a Deus" antes de apresentá-los aos alunos e iniciar essa conversa.

Material

- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Aparelho de som*
- ▶ *Fotos e objetos antigos (recolhidos pelos alunos)*
- ▶ *Livros de memórias literárias*
- ▶ *Caderno (será o seu Diário da Olimpíada)*

1ª etapa

Início de conversa

Certamente há várias maneiras de iniciar os alunos no estudo e na produção de um gênero textual. Nesta oficina, propomos a você que ouça com os alunos dois trechos de livros de memórias literárias, que estão no CD: “Transplante de menina”, do livro de mesmo nome, de Tatiana Belinky (São Paulo: Moderna, 2003), e “Parecida mas diferente”, do livro *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai (Rio de Janeiro: Record, 1986).

Atividades

- ▶ Após a audição, algumas questões podem nortear a conversa:
 - Como vocês se sentiram ao ouvir essas histórias?
 - Vocês já tinham ouvido lembranças semelhantes?
 - Elas se parecem com alguma situação que vocês já vivenciaram?
 - Há acontecimentos marcantes na vida de vocês, que mereçam ficar registrados para sempre na memória?
- ▶ Converse com os alunos sobre o significado das palavras “**memória**” e “**memórias**”, anote as definições na lousa.

Para saber mais

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, **memória** é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”.

No mesmo dicionário, encontramos para **memórias**: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”.

- ▶ Explique-lhes que todos nós temos episódios de vida para lembrar: uma festa, uma travessura, um passeio, uma viagem, um costume. Alguns deles são tão importantes e marcantes que merecem ser registrados.

- ▶ Leia para a classe um trecho do livro *Velhos amigos*, de Ecléa Bosi.

De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permanece no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar.

Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor.

Ecléa Bosi. *Velhos amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Conversa com os idosos

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade – Lembranças de velhos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994), escreve memórias de pessoas mais velhas que moram na cidade de São Paulo. Ecléa nos ensina que não devemos perder a oportunidade de conversar com os idosos, pois com certeza eles têm muito que nos contar.

- ▶ Proponha aos alunos que se organizem individualmente ou em pequenos grupos para conversar com pessoas mais velhas. Podem ser pessoas da própria escola ou de casa – um vizinho, um parente...
- ▶ Faça com a classe uma lista dessas pessoas. Elas devem ter disponibilidade para receber os alunos. Pais, avós e outros membros da comunidade também podem ajudar nessa tarefa de identificar os moradores escolhidos.
- ▶ Pessoas comuns podem narrar fatos engraçados ou tristes, expressando o modo como sentiram e viveram esses acontecimentos. O que interessa é que as lembranças sejam fortes e significativas para quem as conta.
- ▶ Os alunos podem iniciar o contato perguntando a essas pessoas se teriam disponibilidade para conversar, emprestar objetos e fotos antigas, contar as lembranças que têm do lugar. Para isso, podem fazer-lhes perguntas como:
 - ▶ O(a) senhor(a) se lembra de alguma passagem marcante da sua vida nesta cidade? Que fato é esse? Por que ele foi marcante?
 - ▶ O(a) senhor(a) tem algum objeto antigo ou foto que lembre essa passagem de sua vida?
- ▶ Aproveitando a ocasião, converse com a turma a respeito da importância do registro; dê sugestões e dicas para que eles anotem o maior número possível de informações durante a conversa com a pessoa escolhida.
- ▶ Em classe, reunidos em pequenos grupos, os alunos contam o que ouviram e organizam um quadro com os seguintes dados:

Nome e idade do entrevistado	Fato lembrado	Temas mencionados	O que mais chamou a atenção

- ▶ Essa é uma boa oportunidade para que você explore a percepção dos alunos em relação aos fatos narrados pelos entrevistados e também a forma como essas lembranças foram contadas.
- ▶ Peça a alguns alunos que recontem brevemente o que ouviram. Pergunte-lhes também o que mais chamou a atenção do grupo nesse relato. Para facilitar a conversa, pode-se perguntar se compreenderam o que o entrevistado disse; o que sentiram ao ouvi-lo: ficaram surpresos, emocionados; tiveram dúvida sobre alguma palavra ou expressão utilizada etc.
- ▶ Os alunos podem destacar o que consideraram mais interessante na forma como o depoimento foi dado. Oriente-os para que guardem os registros, pois serão utilizados nas próximas oficinas.

A importância de participar

Lembre-se de que as atividades deste Caderno foram planejadas para abordar alguns dos conteúdos de ensino de língua portuguesa. Todos os alunos devem participar das oficinas, pois poderão alcançar uma escrita mais aprimorada, ainda que não tenham seus textos escolhidos para as próximas etapas.

2ª etapa

Vestígios do passado

Atividades

- ▶ Lembre aos alunos que fotografias antigas ajudam a recuperar lembranças do passado. Peça-lhes que façam uma pesquisa na comunidade para localizar e pegar emprestado esse material. Converse com a turma a esse respeito, incentivando os alunos a participar da coleta, fazer contato com parentes e vizinhos. Muitas vezes é possível encontrar fotos antigas, não só da cidade como de seus moradores, em espaços públicos como prefeitura, museus, casa da cultura, igrejas e até mesmo em estabelecimentos comerciais.
- ▶ Esse será um recurso importante para que eles possam ampliar o repertório em relação a costumes, hábitos, paisagem, formas de agir, de vestir, características de outros momentos da história do lugar onde vivem.
- ▶ Pergunte aos alunos se eles têm em casa objetos antigos guardados pela família. Podem trazer cartas, utensílios domésticos, ferramentas, máquinas antigas, roupas, discos ou algum outro objeto mencionado pelo entrevistado
- ▶ Explique-lhes que as fotos e os objetos são elementos importantes para promover a aproximação com o passado, mas as pessoas são as principais fontes de memória; na verdade, a mais rica delas. Diga a eles que os relatos orais e escritos serão o foco do trabalho durante as oficinas.

3ª etapa

A exposição

Atividades

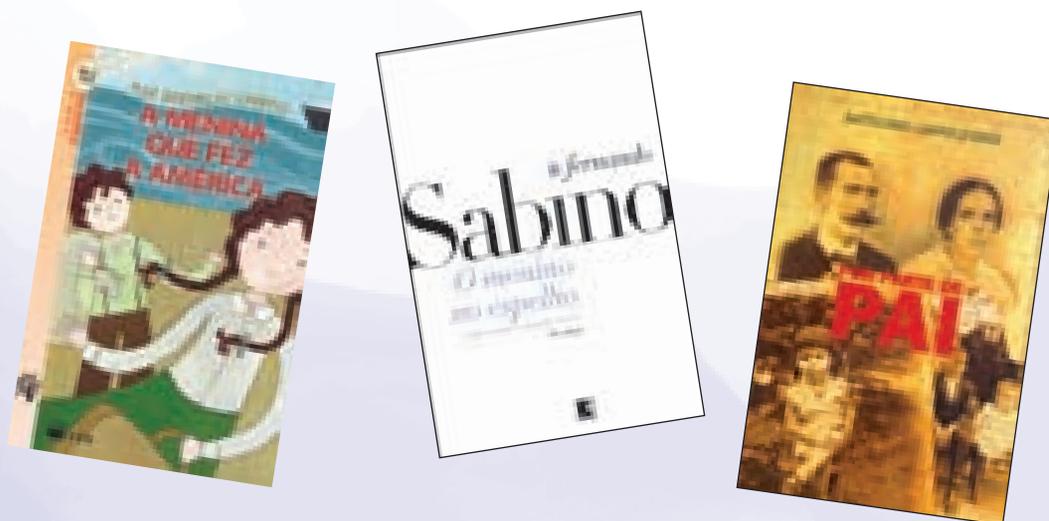
- ▶ Monte com os alunos, na escola, uma exposição com as fotos e os objetos antigos que eles conseguiram reunir enquanto realizavam a pesquisa.
- ▶ Decida com eles onde as peças serão expostas: sala de aula, biblioteca, pátio ou algum outro lugar da escola. Organize e identifique-as com placas ou cartazes que contenham informações sobre elas e seus donos.
- ▶ Você pode distribuir as tarefas entre os alunos: um grupo ficará responsável por preparar as placas; outro, por organizar os objetos e as fotografias; outro, por fazer convites e cartazes de divulgação; outro, para monitorar a visita.
- ▶ Os alunos poderão convidar colegas de outras turmas, professores e familiares para visitar a exposição.
- ▶ Para encerrar esta oficina, converse a respeito do registro das memórias. Chame a atenção dos alunos para que percebam que, na conversa com os entrevistados, fragmentos de memórias foram contados oralmente e, depois, com base nos registros realizados, eles recontaram esses fragmentos para o grupo, também oralmente.
- ▶ Diga ao grupo que esse exercício de recontar a história de alguém é parte importante do trabalho; por isso, eles precisam conhecer a história da pessoa sobre quem irão escrever e ficar atentos ao modo dela de se expressar, de contar as coisas.

- ▶ Para encerrar essa parte, pergunte aos alunos se já leram algum texto de memórias. Tente ajudá-los a identificar os nomes dos livros e/ou dos autores. É importante que você registre as respostas e procure verificar a que gêneros pertencem os textos mencionados. Se a biblioteca ou sala de leitura dispuser desses livros, você poderá levá-los para a sala de aula e deixá-los expostos. Leia as resenhas destacando algumas informações de cada obra. Você também pode fazer uma votação para que os alunos escolham qual livro preferem ouvir “em capítulos”. Então, reserve os primeiros minutos das próximas oficinas para aquecê-los com essa a leitura.

Um pouco por dia...

Vários autores dedicaram-se a escrever memórias, muitos as organizaram em livros. É comum, nos livros de memórias literárias, que cada capítulo seja dedicado a um episódio, mas os capítulos podem ter independência uns dos outros e compor uma narrativa única.

Propomos a você, professor, que apresente aos seus alunos uma obra completa. Para isso, escolha um livro de memórias e leia “em capítulos”, um pouco por dia. Seleccionamos algumas obras que consideramos



adequadas para os alunos de 7º e 8º anos, mas você pode escolher outras: *Menino de engenho*, José Lins do Rego; *O menino no espelho*, Fernando Sabino; *Por parte de pai*, Bartolomeu Campos Queirós; *Transplante de menina*, Tatiana Belinky; *Anarquistas, graças a Deus*, Zélia Gattai; *A menina que fez a América*, Ilka Brunhilde Laurito.

Há palavras que o vento não leva

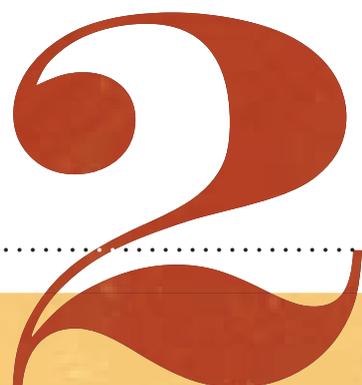
O registro é muito importante para você aperfeiçoar o seu trabalho. Ele nos ajuda a fazer questionamentos e descobrir soluções que nos fazem crescer. Sabemos que é mais uma tarefa, mas precisamos desenvolver essa prática e vencer a falta de tempo.

Anote, no seu Diário da Olimpíada, as atividades desenvolvidas, suas impressões e dificuldades e as reações do grupo. Como diz a educadora Madalena Freire (1996): “O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem”.

O professor de aluno semifinalista da Olimpíada deverá, com base em seus registros, apresentar por escrito o relato de experiência e do percurso vivido em sala de aula.



Oficina



Vamos combinar?



.....Objetivo

- ▶ Conhecer a situação de comunicação de textos de memórias literárias.

Prepare-se!

É muito importante que você leia com antecedência o texto de Gabriel García Márquez. Assim, ao lê-lo em voz alta para os alunos, conseguirá transmitir os sentimentos que tomavam conta do autor ao reviver a infância dele.

Material

- ▶ *Coletânea de memórias literárias*
- ▶ *Papel kraft ou cartolina, canetas hidrográficas*

1ª etapa

A situação de produção

Memórias podem ser escritas e conhecidas por outras pessoas, não apenas por quem as viveu. É exatamente isso que seus alunos serão estimulados a fazer: aproximar-se de moradores antigos da comunidade, ouvir os relatos de lembranças deles e escrevê-los para que sejam lidos por muitos.

Ao registrar esses relatos, os alunos vão se colocar **no lugar do entrevistado, o que significa escrever o texto em primeira pessoa**. Essas lembranças devem estar relacionadas com o lugar onde vivem e devem reavivar acontecimentos, histórias, costumes interessantes e pitorescos do passado. O texto deve trazer o olhar particular do entrevistado sobre aquilo que viu e viveu. Portanto, não revelará apenas fatos, mas também sentimentos, sensações e impressões.

Lembre aos seus alunos que, na oficina anterior, eles discutiram o que são memórias e como fotos e objetos antigos podem ajudar a revivê-las. Aprenderam também como uma pessoa mais velha pode ter muitas coisas para contar.

Esclareça que apenas um texto será escolhido para representar a escola na Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, mas os demais não ficarão guardados na gaveta. Serão organizados em um livro feito por todos e entregue à biblioteca da escola e da cidade. Esse livro poderá ser ilustrado com fotografias e desenhos produzidos pelos próprios alunos.

2ª etapa

Viver para contar

Atividades

- ▶ Leia para os alunos um fragmento do livro *Viver para contar*. Avise-os que ouvirão um texto de memórias.
- ▶ Antes apresente o autor, dê algumas informações sobre ele, utilizando o quadro abaixo.

Gabriel García Márquez é colombiano. Nasceu em 1928 na cidade de Aracataca. É autor de romances, contos e crônicas, dos quais o mais conhecido é o romance *Cem anos de solidão*, de 1967. O autor escreveu também livros dedicados a crianças e adolescentes, como *Maria dos Prazeres*, de 1992. Seu livro de memórias *Viver para contar* foi publicado em 2002, quando ele tinha 74 anos.

Buscando sentido

Para ler um texto, não basta identificar letras, sílabas e palavras; é preciso buscar o sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Quando lemos algo, temos sempre um objetivo: buscar informação, ampliar conhecimento, meditar, entreter-nos. O objetivo da leitura é que vai mobilizar as estratégias que o leitor utilizará. Sendo assim, ler um artigo de jornal é diferente de ler um romance, uma história em quadrinhos ou um poema.

Ler textos traz desafios para os alunos. Para vencê-los é fundamental a mediação de um professor, que deve ajudá-los a compreender, gradativamente, diferentes gêneros textuais por meio da leitura individual e autônoma. Algumas estratégias podem facilitar essa conquista: uma delas é a leitura cativante, emocionada, enfática, feita pelo professor; outra, a audição do CD-ROM que faz parte do material de apoio desta Olimpíada.

Contudo, ouvir textos lidos em voz alta não pode substituir a leitura dos alunos, pois são jeitos diferentes de conhecer um mesmo texto. Além disso, é papel da escola desenvolver habilidades de leitura.

Memórias literárias

Até a adolescência, a memória tem mais interesse no futuro que no passado, e por isso minhas lembranças da cidadezinha ainda não estavam idealizadas pela nostalgia. Eu me lembrava de como ela era: um bom lugar para se viver, onde todo mundo conhecia todo mundo, na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam num leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. Ao entardecer, sobretudo em dezembro, quando passavam as chuvas e o ar tornava-se de diamante, a Serra Nevada de Santa Marta parecia aproximar-se com seus picos brancos até as plantações de banana, lá na margem oposta. Dali dava para ver os índios aruhacos correndo feito formiguinhas enfileiradas pelos parapeitos da serra [...]. Nós, meninos, tínhamos então a ilusão de fazer bolas com as neves perpétuas e brincar de guerra nas ruas abrasadoras. Pois o calor era tão inverossímil, sobretudo durante a sesta, que os adultos se queixavam dele como se fosse uma surpresa a cada dia. Desde o meu nascimento ouvi repetir, sem descanso, que as vias do trem de ferro e os acampamentos da United Fruit Company foram construídos de noite, porque de dia era impossível pegar nas ferramentas aquecidas pelo sol.

Gabriel García Márquez. *Viver para contar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

- ▶ Conte aos alunos que Aracataca, onde o autor nasceu, é uma cidade litorânea, bastante quente. Apesar disso, dali se enxerga a Serra Nevada de Santa Marta. Como o próprio nome diz, nesse serra, os picos das altas montanhas têm neve constantemente.
- ▶ Informe-os que nesse trecho do livro, Gabriel – ainda adolescente – vai com a mãe vender a casa em que morou em Aracataca. Eles não viviam nessa cidadezinha há quase dez anos.
- ▶ Após a leitura do texto, organize uma rodada de opiniões e comentários. As questões sugeridas abaixo podem orientar a conversa, mas não devem ser transformadas em um questionário:

O que imaginaram e sentiram enquanto ouviam o texto?

Alguma parte chamou mais a atenção? Qual? Por quê?

O que o autor conta nesse trecho: um fato vivido, uma situação, suas lembranças de um lugar, de uma pessoa?

- ▶ Releia o texto para os alunos e peça-lhes que desenhem o local descrito.
- ▶ Lembre aos alunos que esse texto foi publicado quando Gabriel tinha 74 anos, mas se refere às lembranças de um dia de sua adolescência. Continue a conversa perguntando se o autor escreveu exatamente o que aconteceu naquele dia. Comente as diferenças entre registrar exatamente o que aconteceu e as recordações de um tempo passado.

3ª etapa

Plano de trabalho

Faça com os alunos um plano de trabalho. Prepare um cartaz com a lista das atividades das próximas aulas. Depois de pronto, leia o cartaz em voz alta e coloque-o num lugar de destaque da classe. Assim, a turma poderá acompanhar cada etapa e marcar as tarefas já realizadas.

Plano de trabalho

- ▶ Ler e analisar textos de memórias literárias.
- ▶ Identificar e aprender a usar marcas linguísticas próprias dos textos de memórias.
- ▶ Preparar e fazer as entrevistas.
- ▶ Selecionar e organizar as informações coletadas.
- ▶ Produzir um texto coletivo que servirá como ensaio para a produção final.
- ▶ Produzir o texto individual.
- ▶ Aprimorar o texto.
- ▶ Preparar os textos que farão parte do livro organizado pelos alunos.
- ▶ Elaborar as ilustrações, a capa e a contracapa desse livro.

Oficina

3

Semelhantes,
porém diferentes



.....Objetivos

- ▶ Conhecer gêneros que se assemelham por terem como principal ponto de partida experiências vividas pelo autor.
- ▶ Orientar o aluno a identificar as principais características do texto que ele deverá escrever.

Prepare-se!

Os diferentes textos apresentados nesta oficina têm semelhanças e diferenças. Leia-os e conheça essas características. Esse estudo pode facilitar a organização do quadro que você produzirá com os alunos no final desta oficina.

Material

▶ *Coletânea de memórias literárias*

1ª etapa

Gêneros textuais diferentes

Embora com objetivos e características de produção diferentes, alguns gêneros tratam de temas muito semelhantes entre si e podem confundir o leitor. Nesta oficina apresentamos alguns textos que, apesar de pertencerem a gêneros diferentes, podem parecer aos alunos memórias literárias.

Atividades

- ▶ Organize os alunos em grupos, distribua uma Coletânea para cada um deles e peça-lhes que leiam “Minha vida de menina”, “Mercador de escravos” e “Por parte de pai”. Antes da leitura, lembre-lhes que observem o nome dos autores e a data em que os textos foram publicados. Pergunte se já tinham ouvido falar deles, se já haviam lido algum livro ou texto escrito por eles.

Atenção

A Coletânea de textos é de uso coletivo da escola; por isso, as anotações, os destaques, os registros comuns de estudo deverão ser feitas sempre no caderno do aluno.

Minha vida de menina

Quarta-feira, 28 de agosto [de 1895].

Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste!

Vovó chamou-me cedo, ansiada como está, coitadinha, e deu-me um vestido. Beijou-me e disse: “Sei que você vai ser sempre feliz, minha filhinha, e que nunca se esquecerá de sua avozinha que lhe quer tanto”. As lágrimas lhe correram pelo rosto abaixo e eu larguei dos braços dela e vim desengasgar-me aqui no meu quarto, chorando escondida.

Como eu sofro de ver que mesmo na cama, pensando como está, vovó não se esquece de mim e de meus deveres e que eu não fui o que devia ter sido para ela. Mas juro por tudo aqui nesta hora que vovó melhorando eu serei um anjo para ela e me dedicarei a esta avozinha tão boa que me quer tanto.

Vou agora entrar no quarto para vê-la e já sei o que ela vai me dizer: “Já estudou suas lições? Então vá se deitar, mas procure antes alguma coisa para comer. Vá com Deus”.

Helena Morley. *Minha vida de menina*.

São Paulo: Companhia das Letras. Publicado em 1942, aos 62 anos.

Helena Morley, pseudônimo usado por Alice Dayrell Caldeira Brant. A autora nasceu em Diamantina, em 1880, e faleceu em 1970, no Rio de Janeiro.

O **diário** de Helena Morley foi escrito no século XIX, ao longo de três anos, e publicado quarenta e sete anos depois, com o título *Minha vida de menina*.

Mercador de escravos

Quando eu morei na Nigéria, ouvi de vários descendentes de ex-escravos retornados do Brasil que seus antepassados trouxeram consigo um saquinho de ouro em pó. E que os menos afortunados desembarcavam em Lagos com os instrumentos de seu ofício e alguns rolos de tabaco, mantas de carne-seca e barriletes de cachaça, para com eles reiniciar a vida. É provável que tenha sido também assim, com seu contrabando de ouro ou o seu tanto de fumo e jeritiba, que alguns dos traficantes brasileiros instalados no golfo do Benin começaram os seus negócios.

Não foi este, porém, ao que parece, o caso de Francisco Félix de Souza. A menos que estivesse mentindo quando disse ao reverendo Thomas Birch Freeman que chegara à Costa sem um tostão e que foram de indigência os seus primeiros dias africanos – confissão corroborada por um parágrafo de Theophilus Conneau, no qual se afirma que Francisco Félix começou a carreira a sofrer privações e toda a sorte de problemas. Outro contemporâneo, o comandante Frederick E. Forbes, foi menos enfático, porém claro: Francisco Félix era um homem pobre quando desceu na África.

Que ele tenha, de início, como declarou, conseguido sobreviver com os búzios que furtava dos santuários dos deuses não é de estranhar-se. Os alimentos eram muito baratos naquela parte do litoral. Numa das numerosíssimas barracas cobertas de palha do grande mercado de Ajudá, recebia-se da vendedora, abrigada sob o teto de palha ou sentada num tamborete atrás do trempe com seu tacho quente, um naco de carne salpicado de malagueta contra dois ou três cauris. Custava outro tanto um bocado de inhame, semienvolto num pedaço de folha de bananeira e encimado por lascas de peixe seco. E talvez se obtivesse por uma só conchinha um acará.

Alberto da Costa e Silva. *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora da UERJ. Publicado em 2004, aos 73 anos.

Nesse **relato histórico**, o autor procura reconstituir a vida de uma personagem importante da história do Brasil, Francisco Félix, o Chachá, um mercador de escravos. Os fatos relatados por Alberto da Costa e Silva são fruto de investigações que ele realizou ao longo de quase sessenta anos. Observe que embora inicie esse segundo capítulo do livro mencionando uma experiência vivida por ele, logo em seguida o autor passa a relatar fatos e informações relativas à personagem sobre a qual escreve. Ele é um observador da história de Chachá.

Por parte de pai

Minha cama ficava no fundo do quarto. Pelas frestas da janela sopra-va um vento resmungando, cochichando, esfriando meus pensamentos, anunciando fantasmas. As roupas, dependuradas em cabides na parede, se transfiguravam em monstros e sombras. Deitado, enrolado, parado imóvel, eu lia recado em cada mancha, em cada dobra, em cada sinal. O barulho do colchão de palha me arranhava. O escuro apertava minha garganta, roubava meu ar. O fio da luz terminava amarrado na cabeceira do catre. O medo assim maior do que o quarto me levava a apertar a pera de galalite e acender a luz, enfeitada com papel crepom. O claro me devolvia as coisas em seus tamanhos verdadeiros. O nariz do monstro era o cabo do guarda-chuva, o rabo do demônio o cinto do meu avô, o gigante, a capa “Ideal” cinza para os dias de chuva e frio. Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim. Sobrava sempre um pedaço...

Bartolomeu Campos Queirós. *Por parte de pai*.
Belo Horizonte: RHJ, 1995. Escrito, aos 46 anos.

Bartolomeu Campos Queirós dedica seu livro *Por parte de pai* ao registro literário de suas recordações de menino. Portanto, um livro de **memórias literárias**. Como vimos nesse trecho do livro de Bartolomeu, é comum encontrar em textos de memórias literárias – o autor como personagem-narrador da história. Ele tomou como ponto de partida experiências que viveu quando criança, mas não se prendeu a elas. Ao recriar seu passado, procura transportar os leitores para o tempo e para o espaço onde ocorreram os acontecimentos narrados.

Atividades

- ▶ Após a leitura desses trechos, escreva na lousa as palavras: diário, relato histórico, memórias literárias. Explique aos alunos que cada um dos textos lidos refere-se a um dos gêneros escritos na lousa. Peça aos grupos que releiam os textos, tentando identificar a que gênero pertence cada um deles.
- ▶ Ajude os alunos a perceber que há semelhanças entre os textos: todos são escritos em primeira pessoa; o autor é também o narrador ou o relator dos fatos. Além disso, os autores relatam acontecimentos que marcaram experiências de vida.
- ▶ Mas há também diferenças entre eles:
 - ▶ **Diário:** costuma ser elaborado como um registro íntimo; em sua origem, não se dirige a outra pessoa, o seu destinatário primeiro é o próprio autor. Nele, são registradas as experiências vividas no presente. Quando os diários são publicados, tempos depois de terem sido escritos, geralmente passam por uma transformação. Peça aos alunos que observem a data que está no diário de Helena Morley e como a primeira frase mostra que o registro foi escrito no dia em que a autora fez quinze anos.
 - ▶ **Relato histórico:** pode ser definido como uma narrativa que estabelece relações entre sujeitos, fatos e tempos históricos. O autor de um relato histórico não se atém à narrativa de uma história. Quando o autor é um historiador, ele busca fontes, reúne e analisa documentos, utiliza critérios para verificar a veracidade do que relata. Normalmente, relatos históricos não trazem a história do autor. O texto de Alberto da Costa e Silva está escrito em primeira pessoa, mas a história contada é a de Chachá.

- ▶ **Memórias literárias:** geralmente são narrativas que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor em épocas passadas, mas contadas da forma como são vistas no presente. Comente com os alunos que ao longo das oficinas eles aperfeiçoarão o conhecimento sobre textos de memórias literárias.
- ▶ Para finalizar, organize com os alunos um resumo na lousa com as principais características de cada texto (intenção do autor, a quem o texto se destina, tema, recursos utilizados).

Atenção

Para que os alunos possam fazer o exercício desta oficina, os gêneros dos textos aqui trabalhados não estão identificados na Coletânea.



Oficina

4

Primeiras linhas



.....Objetivo

- ▶ Produzir o primeiro texto de memórias literárias.

Prepare-se!

Seus alunos irão escrever os primeiros textos de memórias literárias. Leia todas as produções e procure identificar as informações que os alunos já têm sobre o gênero e as que precisam apreender.

1ª etapa

O início da produção

Atividades

- ▶ Talvez você esteja pensando: por que pedir uma produção escrita logo nas primeiras oficinas? Não vai ser difícil? Pode ser, mas a ideia é saber o que os alunos podem produzir nesse momento e o que precisam aprender, para que você possa planejar as intervenções necessárias.
- ▶ Explique-lhes que esse primeiro texto será guardado para ser comparado com o que será produzido nas últimas oficinas. Isso deixará evidente tanto para você quanto para seus alunos o que foi apreendido.
- ▶ O primeiro texto será feito com base na pesquisa sugerida na Oficina 1, quando os alunos conversaram com pessoas mais velhas da comunidade, e na Oficina 3, quando realizaram leituras e reflexões com base em alguns fragmentos de textos. Analise com eles o que foi feito, retomando os quadros organizados pelos grupos, e peça-lhes que escolham um dos entrevistados.
- ▶ Em seguida, explique aos alunos que deverão se colocar no lugar de uma pessoa mais velha para escrever as memórias dela, em primeira pessoa. Finalmente, enfatize que o texto será produzido com base nos fatos que conheceram durante a conversa com as pessoas que foram contatadas para emprestar os objetos antigos, mas cada aluno poderá imaginar como os fatos ocorreram e como aquela pessoa viveu o(s) episódio(s) narrado(s), pois um pouco de imaginação pode ajudar a seduzir o leitor.

Primeira escrita

Analise cuidadosamente a primeira produção: ela mostra o que os alunos sabem sobre o gênero memórias e dá pistas para que o professor possa melhor intervir no processo de aprendizagem, tentando solucionar os problemas enfrentados pela maioria da turma.

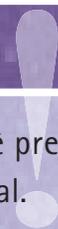
Esse primeiro texto também é importante para que os alunos avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles podem comprometer-se, tendo mais chances de melhorar a linguagem. Em várias oficinas propomos atividades que visam não apenas ensinar a produzir um texto no gênero memórias literárias, mas também aperfeiçoar a escrita em seus aspectos gramaticais e ortográficos.

Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e verificar os avanços, o que constitui um processo de avaliação continuada.

Os alunos que têm muitas dificuldades vão precisar de atenção mais específica. É provável que você tenha que acrescentar atividades para atender as necessidades próprias do seu grupo de alunos.

Atenção

Caso seu aluno seja semifinalista da Olimpíada, você precisará levar a primeira produção para o encontro regional.



Oficina

5

Tecendo os fios da memória



.....Objetivos

- ▶ Explorar o plano global do texto de memórias literárias.
- ▶ Observar o foco narrativo presente em boa parte desses textos.

Prepare-se!

Antes de trabalhar com os alunos, você precisa dominar o plano global de um texto de memórias literárias. Vale ressaltar que nem todos os textos da *Coletânea de memórias literárias* representam uma obra completa. Fique atento para ajudar seus alunos a identificar os trechos e as obras completas.

Material

- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Aparelho de som*
- ▶ *Datashow*
- ▶ *Coletânea de memórias literárias*
- ▶ *Cópias do texto "O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé", já recortadas nas linhas pontilhadas (veja página 54)*

Plano global

Para explorar o plano global de um texto de memórias literárias é necessário que os alunos tenham contato com livros desse gênero. A Coletânea é formada por trechos de livros; as exceções são: "Como num filme" e "O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé". Por isso, na Oficina 1, propusemos a leitura de um livro em capítulos.

Biblioteca

A visita a uma biblioteca pode ampliar ainda mais o repertório de seus alunos. Se na cidade em que você mora ou na escola em que você leciona há uma biblioteca, leve sua turma para conhecer o acervo e descobrir textos de memórias.

Aproveite a oportunidade para ensiná-los a localizar e fazer consultas na biblioteca: por título, autor, assunto, gênero.

Você pode incentivá-los a se cadastrar e retirar alguns livros para leitura em casa.

1ª etapa

Início, meio e fim

Atividades

- ▶ Faça cópias do texto “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé”. Recorte as cópias seguindo as linhas pontilhadas, distribua os trechos recortados entre os grupos de alunos. Explique-lhes que se trata de um texto de memórias literárias completo escrito pela aluna Kelli, finalista da 3ª edição do Prêmio *Escrevendo o Futuro*, em 2006. Peça a eles que leiam os trechos e procurem organizar o texto, identificando o início, o meio e o fim.
- ▶ Coloque o CD e ouça o texto junto com os alunos. Converse com eles, comparando a forma como o texto foi organizado por Kelli com o modo que cada grupo o ordenou.
- ▶ Solicite aos alunos que, nos grupos, encontrem o trecho do texto que situa o leitor no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam. Veja se conseguem distinguir os parágrafos em que a autora descreve a clareira onde fica hoje a Rua Sete de Setembro. Para ajudar os alunos no reconhecimento dos trechos, um bom recurso é fazer grifos, utilizando o *datashow*.
- ▶ Peça-lhes que escrevam, com palavras deles, qual é o fato principal lembrado pelo entrevistado de Kelli.

O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé

Já foram escritas muitas histórias da época em que os meninos engraxates eram engolidos pelo valetão da Rua Sete de Setembro. Mas nenhuma delas conta esta ou outras histórias de Pajé. Guardo-as dentro do peito, como boas lembranças da rua onde vivi e que teimam em se misturar com a história da cidade.

Nascemos juntos: eu, a rua e essas histórias. Somos uma coisa só, mas nós não estamos nos livros. Estamos na contramão, por isso me atrapalho com as palavras. Às vezes falta ar, outras o ar é demais, então o meu coração acelera, o nó na garganta avisa: o menino Pajé vai acordar!

Hoje, quem não conhece a Rua Sete de Setembro é porque não conhece minha cidade — Toledo. Apertada entre outras no extremo oeste paranaense, bem pertinho do Paraguai, surgiu de uma clareira no meio da mata.

Naquele tempo, uma clareira; hoje, Rua Sete de Setembro. Essa rua foi crescendo e acolhendo o progresso que tenta esconder e aprisionar as histórias de Pajé. Elas estão descansando embaixo do calçamento, dos asfaltos, dos prédios, das casas. Basta um sinal que elas voltam.

Cheiro de terra molhada — esse era o sinal. E, ainda hoje, sinto esse cheiro entrando no meu cérebro e mexendo com o meu coração. Naquele tempo bastava sentir o cheiro de terra molhada para que nós, os meninos engraxates, escondêssemos nossas engraxadeiras — caixa de madeira em que se guardava o material necessário para engraxar sapatos — no porão dos fundos da bodega do Pizetta e, como garotos matreiros, saíssemos de mansinho, sem despertar curiosidade. Corríamos lá embaixo, no começo da rua que embicava no meio da mata, pois o mistério ia começar!

A chuva caía e formava muita enxurrada que, com sua força, trazia a terra misturada. Parecia uma cascata de chocolate que despencava no valetão — buraco muito profundo provocado pelas enxurradas, erosão. A água fresquinha que caía do céu misturava com a terra quente e provocava o mistério. Nós éramos puxados para dentro daquele enorme buraco por uma força estranha sem dó. Mesmo os que não queriam não conseguiam resistir, porque a magia era

muito forte e, em poucos segundos, estávamos lá dentro, na garganta do valetão, onde brincávamos durante horas. Nessas horas o trabalho era esquecido.

Quando eu era menino, trabalhava muito. Todos os dias de manhã ia à escola e, ao retornar, mal acabava de almoçar, pegava a engraxadeira, colocava nas costas para a rua, quer dizer, para o trabalho. A engraxadeira era muito grande e pesada para meu tamanho — eu era apenas um garoto! Mas era a única forma de ajudar minha mãe no sustento da família.

Sentia como se estivesse carregando o mundo sozinho.

Hoje sou adulto e sei que aquela magia era fruto de nossa fantástica imaginação. Como qualquer outro menino, o engraxate também tinha direito de brincar. Uma das poucas vezes em que podíamos fazer isso era quando chovia. Mesmo que depois nos custasse castigos e surras.

Atualmente, as brincadeiras, comparadas com as de meu tempo, são muito diferentes. Hoje, os heróis são Superman, Batman, Homem-Aranha. Antes tínhamos heróis indígenas, com suas histórias cheias de mistérios das florestas.

Naquele tempo, quando chovia, o valetão da Rua Sete de Setembro era nosso mundo fantástico. Além das divertidas brincadeiras no lamaçal que escorria da rua, fazíamos cabanas no paredão da erosão, guerrilhas com bodoque, usando sementes de árvores como cinamomo e mamona.

Quando não chovia, sobrava tempo para brincar só aos domingos. Então, eu — Pajé — e minha turma nos reuníamos na mata, que se misturava com o terreiro das casas.

Nele, construíamos cabanas, arcos, flechas, tacapes. Pintávamos o corpo todo com barro e frutinhas da mata. Assim, sentindo-nos como heróis, brincávamos de índios guerreiros, até o sol se esconder.

Nossa vida se enchia dos poderes que vinham da mata e seguia solta, como passarinho. O fim da história? Não sei não, porque eu ainda vivo. E enquanto eu viver as lembranças nunca vão terminar.

Kelli Carolina Bassani, aluna finalista da 3ª edição do Prêmio *Escrevendo o Futuro* em 2006, 4ª série da E.M.E.I.E.F. Walter Fontana, Toledo – PR.

2ª etapa

No tempo e no espaço

Atividades

- ▶ Mostre aos alunos como é o plano global de um texto de memórias literárias. Para auxiliá-lo nessa tarefa separamos trechos iniciais e finais dos livros *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos Queirós e *O menino no espelho*, de Fernando Sabino.
- ▶ Em geral, o início de um livro, ou mesmo de um capítulo de memórias literárias, é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador.

Quando chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.”

Fernando Sabino. *O menino no espelho*, Rio de Janeiro: Record, 1992.

Debruçado na janela meu avô espreitava a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo. Morria depois da curva, num largo com sapataria, armazém, armarinho, farmácia, igreja, tudo perto da escola Maria Tangará, no Alto de São Francisco.

Bartolomeu Campos Queirós. *Por parte de pai*.

- ▶ Cada autor escolhe, de suas lembranças, fatos que foram marcantes. Ao longo do texto (ou capítulo), ele relata o acontecido e revela (ou sugere) para o leitor os motivos que tornam marcantes os fatos contados. Fernando Sabino conta vários episódios de sua vida de menino: a galinha de estimação que ele tentava

proteger da cozinheira; o passeio ao campo de aviação; a casa abandonada; o amigo valentão; o primeiro amor... Bartolomeu fala sobre o período em que viveu na casa do avô: como aprendeu a ler, o cheiro do café, as noites de tempestade, os tímidos carinhos do avô, as brincadeiras de rua, os vendedores que iam de casa em casa...

- ▶ É importante destacar que um texto de memórias literárias pode ser concluído com uma cena ou um fato vivido pelo narrador em um momento do passado, como em *Por parte de pai*:

[...] Assentei-me na boleia, do lado do meu pai, em silêncio.

Olhei a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo. Não perguntei ao meu pai qual o destino. Quando passamos em Rio do Peixe ele me ofereceu um pastel, no armazém. Segurei de leve aquela massa quente e corada. Mordi. Estava cheio de nada. Dentro havia um pedacinho de queijo colado num Lado da casca. Também, eu não tinha fome.

- ▶ Ou ainda com o deslocamento desse autor-narrador-personagem para o presente, como faz Fernando Sabino em *O menino no espelho*. Após mergulhar nas lembranças de sua infância, o autor conclui assim sua obra:

Depois me despeço e refaço todo o caminho de volta até meu quarto. Vou à janela, olho para fora. O que vejo agora é a paisagem de sempre, o fundo dos edifícios voltados para mim, iluminados pelas luzes do entardecer em Ipanema. Ouço o relógio soando a última pancada das cinco horas. Viro-me e me vejo de novo no meu apartamento.

Caminho até a mesa, debruço-me sobre a máquina que abandonei há instantes. Leio as últimas palavras escritas no papel:

... até desaparecer em direção ao infinito.

Sento-me e escrevo a única que falta: FIM.

O trabalho com os livros de memórias literárias pode ser feito de diferentes maneiras, conforme a quantidade de livros de que você dispuser. Se houver apenas um título, leia a parte inicial ou o primeiro capítulo para os alunos e incentive-os a ler o restante, organizando empréstimo na biblioteca em esquema de rodízio. Havendo mais obras, o trabalho pode ser feito em grupos, sempre tendo como foco principal observar como o autor iniciou e concluiu a obra e os fatos narrados.

Professor, na Coletânea você vai encontrar um trecho de *O menino no espelho* e uma compilação de *Por parte de pai*, que também está no CD.

3ª etapa

O narrador

O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias literárias termos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como **eu** e fala a respeito daquilo que viveu. O narrador em primeira pessoa conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele.

Atividades

- ▶ Peça aos alunos que identifiquem marcas da presença do narrador em primeira pessoa nos textos lidos na 2ª etapa. Você pode fazer os grifos coletivamente, usando o *datashow*.

Explique a eles que o texto em primeira pessoa revela que o narrador é também personagem da história que conta. Lembre-lhes que, muitas vezes, nesses textos, serão encontradas também ocorrências do uso da primeira pessoa do plural, o que normalmente

indicará uma ação ou sentimento compartilhado pelo narrador com outras personagens da história.

Os pronomes de primeira pessoa (“eu, nosso...”) são encontrados em vários textos que compõem a Coletânea. Vale ressaltar que essa presença explícita do narrador é uma marca linguística dos textos que se organizam com base em relatos de experiência vivida, como os diários, as memórias (literárias ou não), entre outros gêneros.

Pronomes

Pronomes pessoais – Indicam a pessoa gramatical (eu, ele, me, nos etc.), substituem um substantivo.

Pronomes possessivos – Acompanham um substantivo para determinar seu sentido (meu, sua, minha, nosso etc.).

Atividades

- ▶ Copie na lousa o trecho abaixo e peça aos alunos que o transcrevam no caderno, modificando o foco narrativo de terceira para primeira pessoa.

A principal diversão deles era jogar futebol. Usavam “bolas de meias”, que eles mesmos faziam com papel jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher. As tardes se prolongavam até a noitinha, eles paravam de jogar apenas quando não havia mais sol e quando não podiam ignorar os gritos que chegavam de suas casas, para tomar banho e ir jantar.

Texto adaptado do livro *Antes que o tempo apague*, de Rostand Paraíso. 2ª ed. Recife: Comunicarte, 1996.

- ▶ Durante a atividade chame a atenção dos alunos para a flexão verbal; ao trocar os pronomes de 3ª para 1ª pessoa o verbo também será flexionado, sendo conjugado na 1ª pessoa.

Oficina

6

Lugares que moram na gente



.....Objetivos

- ▶ Perceber as diferentes características da descrição em textos de memórias literárias.
- ▶ Observar o efeito provocado pela forma como o autor descreve fatos, sentimentos e sensações nesse gênero de texto.

Prepare-se!

Seus alunos irão descrever um local (praça, coreto, casa, museu, praia...) do lugar onde vocês vivem. Na próxima oficina o mesmo local será descrito num tempo passado. Considere isso ao escolher o espaço que irão descrever.

Material

- ▶ *Coletânea de memórias literárias*
- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Aparelho de som*
- ▶ *Datashow*

1ª etapa

Primeiro carnaval no Brasil

Atividades

- ▶ Coloque o CD e distribua exemplares da Coletânea a grupos de alunos. Ouçam a leitura de um trecho do livro *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky.

Tatiana Belinky nasceu na Rússia. Aos dez anos, emigrou para o Brasil, onde mora até hoje. É considerada uma das maiores escritoras de nossa literatura infantil e juvenil. Em seu livro *Transplante de menina*, ela narra memórias de sua terra natal, a viagem para o Brasil, as primeiras impressões, sua infância e juventude no novo país.

Estratégia de leitura

Existem alguns modos de mostrar aos alunos como um texto é estruturado ou apontar determinados recursos linguísticos. Um deles é solicitar que, sublinhem ou circulem – de diferentes cores – os elementos que se quer destacar. Ao longo das oficinas, o uso desse recurso será proposto algumas vezes. Você e seus alunos poderão fazer isso por meio do CD, com o texto projetado na parede.

Transplante de menina

[...] Na Avenida Rio Branco, reta, larga e imponente, embicando no cais do porto [...] tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro. [...] O que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele “corso” – desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os “cordões”, os “ranchos”, os “blocos de sujos” – e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época –, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados...

[...] Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível...

Tatiana Belinky. *Transplante de menina*. São Paulo: Moderna, 2003.

- ▶ Após a audição, converse com os alunos sobre o acontecimento que a autora rememora.
- ▶ Peça-lhes que façam um desenho com base no momento vivido por Tatiana Belinky.
- ▶ Prenda os desenhos no mural e faça um exercício de comparação com a classe.
- ▶ Comente que Tatiana descreve com riqueza de detalhes a Avenida Rio Branco, o desfile dos carros, as multidões, a forma como se vestiam. Tudo com tantos detalhes que podemos até desenhar e imaginar o carnaval daquela época.
- ▶ Peça aos alunos que releiam o texto junto com você para identificar os trechos em que a autora descreve o que viu.
- ▶ Mostre-lhes que, além de descrever, ela também conta o que sentiu, já que o carnaval não se parecia com nada do que conhecia e, mesmo depois de ter presenciado outros carnavais, nenhum deles se comparou com aquele, inesquecível. Peça a eles que sublinhem trechos em que a autora fala de seus sentimentos e impressões (com o auxílio do CD e do *datashow*). Outra alternativa é solicitar aos alunos que copiem esses trechos no caderno deles.



2ª etapa

Outras descrições

Atividades

- ▶ Apresente aos alunos outros exemplos de descrições presentes em textos de memórias literárias e peça-lhes que observem os recursos utilizados pelos autores.

Dona Marieta, professora aposentada, vivia com o marido e dois filhos – Marília e Dirceu – em uma casa com alpendre e três andorinhas de louça. Falava alto sem errar uma palavra, sem deixar para trás erres ou esses. Fazia saudação para o prefeito em dia de posse, falava para o vigário no aniversário, cumprimentava o bispo na chegada para as crismas. Todo mundo tinha grande respeito não somente pela sua língua certa como também pelo rom-pante exaltado de sua voz. Sabia da vida de todos da cidade, com os segredos e mais suas maldosas deduções.

Bartolomeu Campos Queirós. *Por parte de pai*.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabirola, um de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. [...] De um lado, o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. [...]

Fernando Sabino. *O menino no espelho*.

- ▶ Pergunte aos alunos se é possível observar semelhanças e diferenças entre as descrições realizadas pelos três autores. Durante a conversa, destaque que Bartolomeu fez uma descrição breve, bastante poética, de dona Marieta; Fernando Sabino descreve o quintal da casa em que vivia; e Tatiana Belinky relata uma situação.
- ▶ Chame a atenção dos alunos para o fato de que a descrição pode ser utilizada em diferentes momentos do texto, e não apenas no início. Além disso, é fundamental eles perceberem que, dependendo do objetivo e do estilo do autor, a descrição terá características diferentes. Em todos os casos, as descrições são fundamentais para que o leitor possa construir imagens da época, dos lugares, das pessoas e de como os fatos foram vivenciados.

Descrição

Para fazer uma boa descrição é importante reparar no objeto descrito, como se o olhássemos pela primeira vez, e ter clareza de quem é o leitor ao qual nos dirigimos, o que ele precisa saber a respeito dos fatos, dos lugares, das personagens e dos costumes abordados no texto. Considerando esses aspectos, e dependendo do efeito que pretendemos provocar no leitor, será necessário enfatizar determinadas cenas, características de lugares ou personagens, sensações, impressões e informações captadas pelos cheiros, sabores, cores, texturas, sons.

A descrição pode ser utilizada como recurso para seduzir o leitor e aproximá-lo da experiência relatada pelo autor do texto.

3ª etapa

Um local em detalhes

Atividades

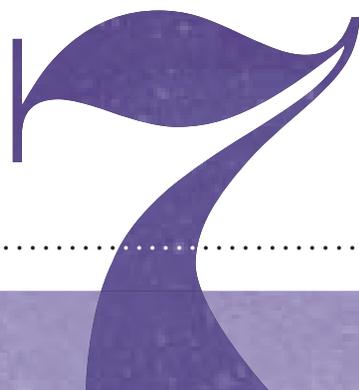
- ▶ Você já analisou com os alunos diferentes características da descrição em alguns textos de memórias literárias. Agora peça-lhes que descrevam um local significativo, atraente, interessante do lugar onde vivem. Para fazer isso, leve-os ao local e peça-lhes que observem alguns detalhes e, em duplas, descrevam esse lugar. Após a escrita, eles devem trocar os textos com outras duplas para que uma aprecie a descrição feita pela outra e faça comentários. Estimule-os com perguntas:

Pela descrição, uma pessoa que não conhece o lugar poderá imaginá-lo?

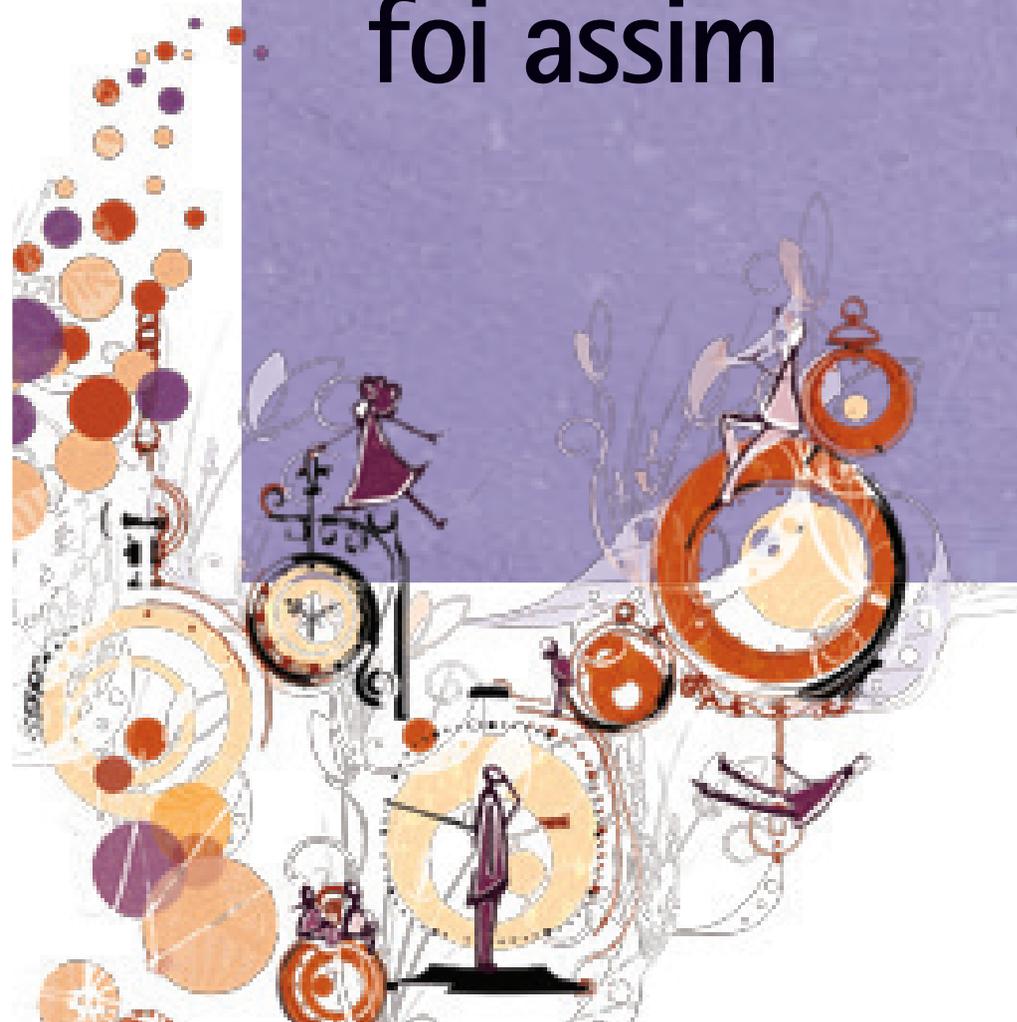
O autor usou recursos para tornar a descrição atraente? Quais?

- ▶ Comente com os alunos que eles descreveram um lugar, mas em textos de memórias literárias situações, pessoas, experiências também são descritas.
- ▶ Professor, se não for possível fazer uma visita ao local, leve fotografias atuais e outras imagens para a sala de aula e solicite aos alunos que façam a descrição com base nesses materiais. Guarde essas descrições ou as exponha num mural, pois serão retomadas na próxima oficina.

Oficina



Nem sempre foi assim



.....Objetivo

- ▶ Observar como os autores comparam o tempo antigo com o atual.

Prepare-se!

Para esta oficina será imprescindível levar fotos antigas de lugares conhecidos dos alunos – de preferência imagens do mesmo lugar descrito na oficina anterior. Se for o caso, peça ajuda às pessoas mais velhas da comunidade.

Material

- ▶ *Fotos antigas de lugares da comunidade*
- ▶ *Coletânea de memórias literárias*
- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Datashow*

1ª etapa

A vida era...

Atividades

- ▶ Recorde com a turma que na escrita de memórias literárias os autores se preocupam em caracterizar lugares e pessoas considerados importantes nas experiências vividas no passado. Eles também comparam o tempo antigo com o atual, destacando, muitas vezes, as diferenças.
- ▶ Esse aspecto, próprio do gênero memórias literárias, será ressaltado nesta oficina. Apresente para a turma a escritora Zélia Gattai, autora do livro *Anarquistas, graças a Deus*. Se possível, mostre o livro aos alunos e, se puder, leia alguns trechos. Você vai gostar!

Zélia Gattai, São Paulo (SP), 1916 – Salvador (BA), 2008. Casada com o escritor baiano Jorge Amado, morou muitos anos em Salvador. Zélia foi eleita para a Academia Brasileira de Letras em 2001.

Escreveu vários livros de memórias. No primeiro, *Anarquistas, graças a Deus*, conta a história de sua família de imigrantes italianos e relembra a infância em São Paulo.

- ▶ Divida a classe em grupos. Leia para eles, em voz alta, o trecho da página ao lado. Após a audição peça que abram a Coletânea e leiam novamente o texto.

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtiá som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouviá-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus.*
Rio de Janeiro: Record, 1986.

- ▶ Zélia Gattai faz muitas comparações entre os dias de hoje e o tempo em que era menina. Projete o texto e incentive os alunos a procurar essas comparações. Se tiverem dificuldade para encontrá-las, ajude-os com perguntas:

Como eram os carros? E o trânsito?

Como eram as construções?

Como era a vida das pessoas? E seus valores? Como se divertiam?

- ▶ Zélia descreve a cidade e explica como ela era. Ao ler esse trecho temos a impressão de que a autora escreve para um leitor que não conhece a cidade de São Paulo, pelo menos a época em que ocorre a experiência relatada. Por isso, ela apresenta detalhes de lugares, atitudes, costumes e práticas das pessoas, o que possibilita ao leitor conhecer e se aproximar do passado.
- ▶ Em seguida, projete um trecho do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, e com o auxílio do *datashow* grife as passagens em que o autor olha para o presente e enxerga o passado. Antes, apresente o autor para a classe.

Fernando Sabino, Belo Horizonte (MG), 1923. Foi cronista, romancista, editor e documentarista. Aos 13 anos escreveu seu primeiro trabalho literário, na revista *Argus*, órgão da Polícia Militar mineira. Publicou mais de quarenta livros. Em 1982, lançou o romance *O menino no espelho*, que passa a ser adotado em inúmeros colégios do país. Nesse livro o autor conta sobre a sua infância em Belo Horizonte, na década de 1920.

Memórias literárias

[...] Cansado de tantas recordações, afasto-me do relógio e caminho até a janela, olho para fora.

Assombrado, em vez de ver os costumeiros edifícios, cujos fundos dão para o meu apartamento em Ipanema, o que vejo é uma mangueira – a mangueira do quintal de minha casa, em Belo Horizonte. Vejo até uma manga amarelinha de tão madura, como aquela que eu quis dar para a Mariana e por causa dela acabei matando uma rolinha. Daqui da minha janela posso avistar o quintal, como antigamente: a caixa de areia que um dia transformei numa piscina, o bambuzal de onde parti para o meu primeiro voo. Volto-me para dentro e descubro que já não estou na sala cheia de estantes com livros do meu apartamento, mas no meu quarto de menino: a minha cama e a do Toninho, o armário de cujo espelho um dia se destacou um menino igual a mim [...].

- ▶ Incentive os alunos a comentar as descrições de ambos os textos.

2ª etapa

Ontem e hoje

Na 1ª etapa desta oficina os alunos aprenderam vários recursos comparativos. Agora, eles irão colocá-los em prática.

Atividades

- ▶ Proponha aos alunos que pesquisem fotos antigas dos mesmos lugares que descreveram na oficina anterior.
- ▶ Peça a eles que comparem a descrição com as fotos trazidas. Então, solicite-lhes que escrevam um novo texto, contando como era o lugar e utilizando os vários recursos comparativos apresentados na 1ª etapa.
- ▶ Alguns alunos podem ler o texto para toda a classe. Em seguida, observe e comente como foram usados os recursos comparativos. Depois, sugira-lhes que, em duplas, um colega leia o texto do outro e faça comentários.
- ▶ Professor, caso não seja possível fazer descrições do mesmo lugar da oficina anterior, leve imagens antigas de lugares conhecidos dos alunos e proceda como o descrito acima.
- ▶ É importante lembrar aos alunos mais uma vez que em textos de memórias literárias várias são as descrições encontradas, não apenas as de lugares.

Oficina

8

Na memória
de todos nós



.....Objetivo

- ▶ Analisar marcas linguísticas presentes em textos de memórias literárias.

Prepare-se!

Antes de começar esta oficina é necessário que você identifique as marcas linguísticas presentes nos textos de Manoel de Barros e de Bartolomeu Campos Queirós.

Material

- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Datashow*
- ▶ *Coletânea de memórias literárias*

Nesta oficina os alunos terão contato com dois textos de memórias literárias. Dependendo da experiência da turma, a leitura de textos pode ser um grande desafio. É preciso ensinar a ler para além das linhas, desenvolver nos alunos a capacidade de compreensão, apreciação e reflexão sobre os sentidos do texto.

1ª etapa

O Lavador de Pedra

Atividades

- ▶ Divida a classe em grupos e entregue a cada um deles uma Coletânea; leia para eles o texto “O lavador de pedra”, de Manoel de Barros. Não se esqueça de comentar alguns dados sobre o autor.

Manoel de Barros, Cuiabá (MT), 1916. Em *Memórias inventadas: a infância*, o autor nos presenteia com seis pequenos contos que narram uma infância recriada pelo poeta. O texto foi escrito quando Manoel de Barros tinha 87 anos. A respeito desse livro ele diz: “Agora tenho saudades do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância”.

O Lavador de Pedra

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pou-savam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra.

A Venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros agora faziam atalhos por outras estradas. A Venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo de pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era a paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia.

Dom de ser poesia é muito bom!

Manoel de Barros. *Memórias inventadas: a infância*.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

- ▶ Após a leitura, faça uma rodada de comentários sobre o texto. Ouça as impressões dos alunos e fique atento aos palpites deles. Chame a atenção para o caráter de ficção do texto. Afinal, como o próprio autor diz, ao escrever suas memórias ele recria sua infância.
- ▶ Você pode fazer perguntas para que alguns aspectos sejam observados pela turma:

O que mais lhes chamou a atenção no texto de Manoel de Barros?

Que fato de suas memórias o autor resgata nesse trecho?

Que personagens aparecem nessa narrativa?

Como vocês entenderam a frase: "Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá"?

Há palavras ou expressões do texto que desconhecem?

- ▶ É importante que os alunos percebam que, nesse texto, Manoel de Barros conta um episódio cuja personagem principal é o avô dele. Assim, embora esteja narrando memórias, o texto retrata um momento em que o autor é observador, testemunha do que o avô viveu. Nessa narrativa aparecem diversas personagens: o narrador, o avô, a mãe do narrador, os boiadeiros, os andarilhos e os meninos.

2ª etapa

Sede noturna

Atividades

- ▶ Nesta etapa, vamos trabalhar com mais um trecho do livro de Bartolomeu Campos Queirós. Retome algumas informações a respeito do autor e diga que o livro *Por parte de pai* está organizado em pequenos capítulos e cada um deles trata de um fato marcante de um período da infância do autor.

Bartolomeu Campos Queirós é mineiro da cidade de Papagaio, no interior de Minas Gerais. Depois de muito viajar, vive hoje em Belo Horizonte. Autor de diversos livros, muitos dos quais destinados especialmente a crianças, adolescentes e jovens. Bartolomeu tem algumas obras dedicadas ao registro de suas memórias. *Por parte de pai* foi escrito quando ele tinha 46 anos e publicado em 1995.

- ▶ Divida a classe em grupos e peça-lhes que leiam o texto na Coletânea.



Por parte de pai

Em casa de meu pai, todas as noites, eu resmungava pedindo água. Era uma sede com hora marcada. Minha mãe já não se movia muito, entre dores, passava as noites em claro, controlando gemidos. Meu pai se levantava e ia até minha cama. Fechava a mão em forma de copo, levantava a minha cabeça com a outra, e fazia gute, gute. Eu bebia sua mentira e dormia feliz. Não, meu pai não economizava água. Ele era mão-aberta e nunca chegava, agora em raras viagens, sem pequenos presentes. Ele os esquecia sobre a mesa e ficava distraído, esperando elogios.

Engraçado, na casa do meu avô eu não sentia sede, nem de madrugada, quando os galos me acordavam junto com a manhã e eu ficava esperando o cheiro do café me tirar da cama. No meio da noite, se a tempestade rompia o silêncio do escuro, meu avô vinha até meu quarto. Abria a porta de manso, para verificar se a chuva do vento não estava entrando na janela, e benzia meus sonhos. Então, com a mão muito branda, arrumava meus lençóis e deixava um recado em minha testa, uma certa bênção leve como os gatos. Também meu avô era econômico nos carinhos e tímido nos gestos. Nessa hora, quando os raios esfaqueavam o resto da noite, enrolado em meus pensamentos eu me esforçava para perdoar meu avô por não amar os gatos.

Bartolomeu Campos Queirós. *Por parte de pai.*

- ▶ Discuta com a turma.

Sobre o que o autor fala nesse capítulo de suas memórias?

Qual é a segunda passagem marcante mencionada pelo autor?

O que os dois fatos mencionados têm em comum?

Que semelhanças você identifica entre o texto de Manoel de Barros e o de Bartolomeu Campos Queirós?

3ª etapa

Como dizer

Atividades

- ▶ Em textos de memórias literárias, ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características. A articulação desses recursos proporciona ao leitor uma experiência estética particular.

Escreva na lousa as seguintes frases:

- Havia uma pedra no meio do rio.
- Meu avô abria a porta devagar.

- ▶ Comente com os alunos que essas informações podem aparecer de um jeito diferente, mais literário, mais poético. Peça-lhes que leiam novamente os textos e procurem identificar nos trechos os fatos descritos nas frases da lousa. São eles: *“E uma pedra que aflorava no meio do rio”* e *“Abria a porta de manso”*.
- ▶ Explique-lhes que existem alguns recursos, algumas formas de dizer que tornam singulares os fatos escolhidos pelos autores. Copie na lousa os fatos das tabelas da página ao lado e peça aos alunos que localizem nos textos lidos as frases correspondentes, ou seja, a forma como o autor os narrou.
- ▶ Depois que os grupos completarem as tabelas, leve os alunos a perceber os efeitos de sentido criados pelos aspectos linguísticos particulares dos textos. Informe-os de que para fazer isso, os autores recorrem a diferentes recursos: utilizam figuras de linguagem, empregam expressões características de determinada região, podem também fazer uso de expressões típicas da oralidade informal. Nesse caso, o uso dessas expressões é intencional e adequado para o contexto.



Manoel de Barros – O lavador de pedra

Fatos	Fragments do texto – Como o autor narrou o fato
Os meninos corriam rapidamente pelo lugarejo.	"E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro."
Ele via os meninos rodando os arcos de barril como se fossem pneus de bicicleta.	"Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta."
O apelido de meu avô era Lavador de Pedra.	"Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra."
As pessoas que passavam por ali conversavam com meu avô.	"E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô."

Bartolomeu Campos Queirós – Por parte de pai

Fatos	Fragments do texto – Como o autor narrou o fato
O menino esperava a hora do café para levantar.	"... e eu ficava esperando o cheiro do café me tirar da cama."
Quando os raios clareavam as últimas horas da noite...	"... quando os raios esfaqueavam o resto da noite..."
O avô tocava na testa do neto.	"Então, com a mão muito branda, arrumava meus lençóis e deixava um recado em minha testa, uma certa bênção leve como os gatos."
Com uma das mãos, o pai levantava a cabeça do filho. Com a outra, fechada em forma de copo, imitava o som de alguém bebendo água.	"Fechava a mão em forma de copo, levantava a minha cabeça com a outra, e fazia gute, gute."

Uso de alguns recursos linguísticos em "O Lavador de Pedra"

a) "Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra."

Trata-se de um **neologismo** ou criação de palavra nova. O autor utilizou-se do prefixo *des*, que tem o sentido de negação, para criar um outro nome, ou seja, desnome seria o não nome, o outro nome, diverso do de batismo.

b) "Dali ele via os meninos rodando arcos de barril **ao modo que bicicleta**. Via os meninos em cavalo-de-pau correndo **ao modo que montados em ema**. Via os meninos que jogavam bola de meia **ao modo que de couro**. E corriam velozes pelo arruado **ao modo que tivessem comido canela de cachorro**."

Aqui é tratada a **comparação**, que estabelece uma relação de semelhança entre elementos, por meio de termos comparativos, entre os quais: como, qual, feito, que nem, parece. Os escritores costumam utilizar comparações, estabelecendo relações de sentido ora previsíveis, ora inesperadas, entre as palavras.



Uso de alguns recursos linguísticos em "Por parte de pai"

- a) “[...] Eu ficava esperando o cheiro do café me tirar da cama.”
“Com a mão muito branda, arrumava meus lençóis.”

Nos dois exemplos, um pormenor representa e indica o conjunto, o “cheiro do café” que remete a uma cena completa: o café da manhã na cozinha aquecida pelo fogo e o cheiro do café lembrando o gosto bom da bebida no início do dia. A “mão branda” é a pessoa da delicada por inteiro, do avô de temperamento, atitudes e gestos, brandos. Nos dois casos, a figura é a **metonímia**, o uso de um pormenor pelo conjunto de que se quer falar.

- b) “[...] Enrolado em meus pensamentos.”

Neste caso, o menino adormecido deve estar enrolado em quê? Provavelmente nas cobertas da cama. Qual o sentido da expressão? Ele está envolvido em seus pensamentos. Na troca de envolvido por “enrolado”, é proposta uma comparação indireta, sem a presença do termo comparativo. Trata-se de uma **metáfora**.

- c) “[...] Os raios esfaqueavam o resto da noite.”

Sugere que os raios têm vida, vontade, movimento... assim esfaqueiam a noite. Ao dar vida aos raios, o escritor empregou a **personificação**.

- d) “[...] Levantava a minha cabeça com a outra e fazia gute, gute.”

Ao imitar o som que fazemos ao beber, o autor utilizou-se de uma **onomatopeia**, palavra que imita o som que reproduz. Isso exemplifica também o uso de expressões típicas da oralidade informal.

Oficina

9

Marcas do passado



.....Objetivos

- ▶ Observar o uso do pretérito perfeito e do imperfeito em textos de memórias literárias.
- ▶ Relembrar usos e flexões dos tempos verbais.
- ▶ Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.

Prepare-se!

Antes de trabalhar as flexões com os alunos, leia os textos aqui recomendados e confirme as várias flexões verbais que neles aparecem; só assim você poderá ajudar seus alunos a resolver eventuais dúvidas.

Material

- ▶ *Coletânea de memórias literárias*
- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Datashow*
- ▶ *Dicionários*

1ª etapa

Verbos no passado

O autor de memórias literárias usa os verbos para marcar um tempo do passado. Esta oficina trata dos tempos verbais essenciais no gênero memórias: pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

Verbos

São palavras que indicam ações ou exprimem o que se passa, e têm a propriedade de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala. São variáveis, podem sofrer flexão de tempo, modo, pessoa e número. Há três tempos verbais básicos: presente, passado e futuro. O presente indica uma ação, estado ou fenômeno da natureza que ocorre no momento em que se fala; o passado, por sua vez, se aplica a fatos anteriores ao momento da fala; e o futuro, algo que irá ocorrer após o momento em que se fala.

Atividades

- ▶ Escreva na lousa o fragmento abaixo ou projete o texto na parede, destacando o trecho.

Cheguei a Nova Granada de manhãzinha, quase escuro, quase claro, a noite indo embora sem pressa e o dia, menos apressado ainda, dando as caras. Passei a alça da mochila pelo ombro, e comecei a caminhar em direção da casa de meus pais, localizada no centro da cidade, para uma visita de carinho e saudade.

Edson Gabriel Garcia. *Nas ondas do rádio*. Cenpec, 2004.

- ▶ Instigue a turma com perguntas:

É possível identificar o tempo em que os fatos se deram?

Há expressões que marcam o momento exato em que as ações ocorreram?

Pelos verbos usados, é possível saber se a ação ocorre no presente ou no passado?

- ▶ Avise então que você vai lançar um desafio. Escreva na lousa, ou projete na parede, outro trecho de memórias reproduzido na Coletânea, desta vez de Ilka Brunhilde Laurito:

Naquela grande casa de pedra em que vovô Vincenzo e vovó Catarina moravam [...] havia uma escadinha misteriosa que subia de uma das grandes salas e que parava numa porta sempre trancada.

Ilka Brunhilde Laurito. "As almas do Amém";
In: *A menina que fez a América*.

- ▶ Novamente provoque a turma com perguntas:

E agora?

Em que tempo ocorreram os fatos relatados?

Também no passado?

- ▶ Peça aos alunos que comparem os dois textos e observe se percebem que, no primeiro trecho, predomina o pretérito perfeito e, no segundo, o pretérito imperfeito.
- ▶ Explique-lhes a diferença entre os tempos verbais do passado. O pretérito perfeito indica uma ação pontual, completamente terminada no passado, como: cheguei, passei, comecei. Ele é adequado para relatar as ações “fechadas”, terminadas no início da visita do autor à sua cidade natal. E o pretérito imperfeito indica ação habitual no tempo passado, fato cotidiano que se repete muitas vezes. Ele é adequado quando a autora descreve “a vida sempre igual de todos os dias”.
- ▶ Peça aos alunos que leiam, na Coletânea, o último parágrafo de “As almas do Amém”.

E foi assim que acabei descobrindo que, quando vovô Vincenzo acabava o terço e erguia as mãos para o teto, talvez **estivesse** pedindo às almas do AMÉM que **velassem** pela fartura dos campos da Calábria e que nunca **deixassem** faltar o pão e o vinho sobre as mesas a fim de que nenhum calabrés, nunca mais, **precisasse** emigrar para terras alheias.

Ilka Brunhilde Laurito. “As almas do Amém”,
in: *A menina que fez a América*.

- ▶ Chame a atenção dos alunos para a utilização da forma verbal das palavras grifadas no trecho acima. Pergunte se sabem que tempo verbal é esse. Caso não saibam, informe que o verbo está sendo empregado no pretérito, mas do modo subjuntivo, e não do indicativo. Pergunte, então, por que a autora utiliza o modo subjuntivo, e não o indicativo.
- ▶ Veja se percebem que não há tom de certeza, mas de possibilidade de aquilo acontecer. Talvez o avô estivesse pedindo que os campos continuassem fartos, talvez pedisse outras coisas.

Indicativo ou subjuntivo

Sempre que o autor quer marcar o grau de certeza de que um fato realmente ocorreu, está previsto ou prestes a ocorrer, utiliza o modo indicativo, que retrata situações consideradas reais por parte de quem fala.

Quando ele quer narrar uma ação hipotética, utiliza o modo subjuntivo, que retrata situações consideradas possíveis.

2ª etapa

Palavras e expressões

Atividades

- ▶ Escreva na lousa as palavras e expressões abaixo:
 - ▶ gramofone de tromba e manivela
 - ▶ zagaia
 - ▶ lorota
- ▶ Peça aos alunos que discutam o significado delas e solicite a cada um deles que escreva uma definição para essas palavras. Depois, peça a alguns alunos que leiam as definições em voz alta. Não vale consultar o dicionário neste momento.
- ▶ Explique-lhes que essas palavras foram retiradas de textos de memórias literárias e se referem a objetos ou costumes antigos.

- ▶ Transcreva na lousa as frases abaixo. Em seguida, peça aos alunos que as leiam e pergunte-lhes se agora conseguem definir melhor as mesmas palavras.

Na minha ótica de primeira infância, o Pantanal me parecia mais perigoso que belo. Tinha medo de cobras (a jararaca, a cascavel e a sucuri) e das onças (parda e pintada), então abundantes nas várzeas e capões. A suprema forma de coragem era a caçada de onça com **zagaia**.

Roberto Campos. *A lanterna na popa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Não se curtiá som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em **gramofones de tromba e manivela**.

Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilette em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo **lorota!**

Antonio Gil Neto. "Como num filme"

Texto escrito com base no depoimento do sr. Amalfi Mansutti, 82 anos.

- ▶ A leitura dos trechos de onde foram retiradas as palavras ajuda a descobrir o significado de cada uma delas. Para instigar os alunos você pode fazer perguntas:

Para que serve a zagaia?

Para que as pessoas usavam o gramofone?

Vocês podem imaginar o que é lorota?

- ▶ Peça aos alunos que voltem à definição que fizeram anteriormente e vejam se é necessário fazer alguma mudança. Cada grupo deve apresentar à classe o que escreveram antes e depois da leitura dessas palavras nos textos.
- ▶ Oriente o grupo a procurar o significado dessas palavras no dicionário ou apresente-lhes as definições abaixo:

Zagaia → lança curta de arremesso.

Gramofone de tromba e manivela → aparelho antigo que reproduzia sons gravados em disco. Para fazê-lo funcionar, girava-se uma manivela e o som saía por uma tromba em formato de concha.

Lorota → piada, mentira.

- ▶ Seus alunos já observaram diferentes jeitos de marcar o passado num texto de memórias literárias. Peça a eles que se reúnam em pequenos grupos para retomar o contato com as pessoas que emprestaram objetos para a exposição (Oficina 1). Os alunos devem perguntar sobre palavras, expressões, objetos que as pessoas mais velhas usavam e atualmente são pouco comuns.
- ▶ Cada aluno deverá escrever um pequeno texto contando uma situação em que a palavra, expressão ou objeto pesquisado era utilizado.
- ▶ Procure socializar esses textos produzidos pelos alunos: você pode colá-los num mural ou solicitar que um colega leia o do outro, fazendo apreciações.

Oficina

10

Ponto a ponto



.....Objetivo

- ▶ Observar o usos de sinais de pontuação em textos de memórias literárias.

Prepare-se!

É importante ajudar o grupo a perceber que os sinais de pontuação são valiosos recursos para organizar as ideias em um texto. Observe as dificuldades de seus alunos no uso desses sinais e monte com eles uma tabela com exemplos. Prepare cópias de textos sem pontuação.

Material

- ▶ *Cartolinas ou papel sulfite e canetas hidrográficas*
- ▶ *Cópias de textos sem pontuação para os alunos*
- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Aparelho de som*

1ª etapa

Sinais de pontuação nos textos

Atividades

- ▶ Explique aos alunos que quando conversamos usamos a entonação para expressar nossas ideias, desejos, emoções. Por exemplo: elevamos a voz, usamos pausas, fazemos gestos e mudamos nossa expressão facial, mas quando escrevemos não dispomos desses recursos.
- ▶ Na escrita, são os sinais de pontuação que facilitam a compreensão de quem lê. A pontuação indica as diferenças de entonação e orienta a construção do significado do texto para o leitor.
- ▶ Ressalte que os sinais de pontuação são componentes da organização das ideias e do texto. Para isso propomos algumas atividades e você poderá desenvolver outras.
- ▶ Escreva na lousa o trecho abaixo:

Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando, e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros...

Tatiana Belinky. Transplante de menina.

- ▶ Peça aos alunos que observem os sinais de pontuação que aparecem na frase e tentem explicar por que foram usados.
- ▶ Prepare tarjas com o nome dos sinais de pontuação. Faça outras tarjas com as definições desses sinais. Divida os alunos em grupos e entregue uma tarja para cada um deles. Proponha-lhes a organização coletiva de uma tabela (que pode se transformar num mural) com a lista dos sinais de pontuação e as situações em que são empregados.
- ▶ Em seguida, apresente trechos de textos que podem ser utilizados para exemplificar o uso dos sinais de pontuação. Você pode seguir a mesma estrutura da tabela da página seguinte.



Sinal de pontuação	Emprego	Exemplo
Vírgula	Separar elementos de uma enumeração.	Meu sangue gelava, minha respiração boiava no peito, meus músculos tiniam...
	Introduzir uma explicação a mais sobre quem faz a ação.	A Neguinha, meticulosa para virar o disco.
Travessão	Intercalar explicações que o autor acha que o leitor desconhece.	Os festejos prestavam homenagem a Santo Antônio – santo cultuado pelas moças por sua fama de casamenteiro.
	Enfatizar uma passagem, situação marcante.	Na Avenida Rio Branco, reta, larga e imponente, embicando no cais do porto [...] tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro.
Exclamação	Transmitir ao leitor sentimentos como espanto, admiração, surpresa ou alegria.	E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente!
		Quantas gostosuras! Pipoca, pé de moleque, cajuzinho, milho verde e um quentão delicioso.
Interrogação	Aproximar o autor de seu interlocutor, estabelecer diálogo com o leitor.	Uma brincadeira de que gostávamos muito era "chocar o trem". Sabe o que é isso?
Dois-pontos	Indicar enumeração.	Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias...
	Indicar a introdução da fala de uma personagem ou de uma explicação ao longo do texto.	Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.
Ponto-final	Produzir frases curtas para imprimir ritmo ao texto.	Vivia para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos.
Aspas	Indicar a referência a uma expressão utilizada pelo autor.	Uma brincadeira de que gostávamos muito era "chocar o trem".
	Indicar uma ironia ou uma citação.	Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli"...

- ▶ Reescreva um trecho de um dos seguintes textos da Coletânea: “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé”, “Como num filme”, “Transplante de menina”, eliminando os sinais de pontuação. Providencie cópias para os alunos. Peça-lhes que ouçam a leitura gravada no CD com atenção e façam a pontuação do texto.
- ▶ Transcreva esse trecho na lousa e faça a revisão da pontuação, discutindo o emprego correto dos sinais.
- ▶ O ideal é que os sinais de pontuação sejam trabalhados em várias aulas. Você poderá repetir a estratégia selecionando diferentes trechos de textos para serem apresentados em áudio e pontuados pelos alunos. Vale lembrar que é a leitura que ajuda a compreender os sinais de pontuação.
- ▶ Para finalizar, enfatize que nos textos literários o uso da pontuação deve obedecer às regras gramaticais, mas está relacionado também ao estilo de cada autor.



Oficina

11

A entrevista



.....Objetivo

- ▶ Planejar e realizar entrevistas.

Prepare-se!

Você vai ajudar seus alunos a entrevistar uma das pessoas contatadas no início dessa sequência de atividades.

Material

- ▶ *Gravador ou filmadora*
- ▶ *Papel kraft*

1ª etapa

O entrevistado e o tema

Esta é uma etapa muito importante do trabalho. Você e seus alunos vão retomar o contato com os entrevistados para colher e complementar informações que servirão de base para os textos de memórias literárias. Avalie as indicações dos entrevistados, procurando escolher aquele que possa apresentar o depoimento mais envolvente. Informe sobre essa pessoa aos alunos para ajudá-los a se preparar para a entrevista. Se for possível, grave a entrevista ou estimule os alunos a fazer registros. Como esse trabalho é fundamental, provavelmente você precisará de duas ou mais aulas para realizar esta oficina.



Atividades

- ▶ **Selecionando os entrevistados** – Quais são as pessoas da comunidade que podem ter lembranças dos assuntos que escolhemos para contar? Retome com os alunos a lista dessas pessoas. Defina com eles aquelas que serão novamente entrevistadas.
- ▶ **Aprofundando os temas** – Converse com os alunos sobre os temas que eles gostariam de abordar novamente ou aprofundar nas entrevistas. Para isso, peça-lhes que retomem os quadros elaborados na Oficina 1 e os registros feitos durante as primeiras conversas para verificar quais foram os assuntos mencionados pelos entrevistados.
- ▶ **Novos dados** – Desperte a atenção para aspectos que não tenham sido mencionados na primeira entrevista e questões sobre as quais ainda não pensaram. Leia e discuta com os alunos cada tópico do quadro da página seguinte. Eles vão ajudar a pensar sobre os temas mais importantes para a sua comunidade.



Temas que podem despertar lembranças nos entrevistados

Modos de viver do passado

Jeito de namorar, frequentar a escola, brincar, cozinhar, relacionar-se com os pais; modo de vestir, comprar, viajar, cultivar a terra, comercializar, produzir objetos, festejar datas especiais; participação na vida social.

Transformações físicas da comunidade

Aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, história da construção de edifícios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza do lugar.

Origem da comunidade

Se a comunidade for nova, poderá haver pessoas que tenham lembranças de como ela começou, por que motivo, de onde vieram os primeiros habitantes, como eram as primeiras moradias, escolas, hospitais.

Antigos lugares de trabalho

Uma fábrica que deu emprego a muita gente e fechou, uma fazenda onde as pessoas trabalhavam e moravam, uma empresa pequena que cresceu muito, uma venda que virou supermercado, as pequenas lojas que desapareceram com a chegada dos *shopping centers*.

Profissões que desapareceram

Nas grandes cidades, por exemplo, os leiteiros e padeiros que vinham com suas carrocinhas entregar leite e pão, as costureiras que trabalhavam nas casas das pessoas, as datilógrafas com suas máquinas de escrever.

Eventos marcantes

Uma grande enchente, uma comemoração importante, uma festa tradicional, a visita de um presidente ou outra pessoa ilustre, o buraco que se abriu no chão e engoliu parte do bairro, um grande acidente, uma vitória marcante do time da cidade.

- ▶ Coloque os temas do quadro da página anterior na lousa e peça aos alunos que escolham um ou mais. Registre os que forem selecionados em papel *kraft*, afixando-os em local bem visível.

2ª etapa

Preparando a entrevista

Atividades

- ▶ Relembre aos alunos que é fundamental criar um clima de respeito e conquistar a confiança do entrevistado. Ele precisa se sentir à vontade para contar suas lembranças.
- ▶ Na tentativa de direcionar a entrevista para o tema desejado, pode-se começar com um comentário do tipo: “Sabemos que, na época em que o(a) senhor(a) era criança, houve uma grande enchente na cidade que destruiu tudo”, ou: “Havia uma fábrica onde muita gente trabalhava”.



- ▶ Explique ao grupo que um questionário de perguntas muito objetivas, que pode ser respondido com poucas palavras (por exemplo: “Em que ano o senhor se casou?”), tende a inibir relatos interessantes. Os alunos podem levar algumas perguntas, mas não devem se limitar a elas. O objetivo do encontro é conversar para conseguir bons relatos. As perguntas também podem ajudar o entrevistado a revelar sensações e sentimentos a respeito do que está contando.
- ▶ É importante os alunos ficarem atentos e observarem se o entrevistado compara o passado e o presente, descreve lugares e costumes de antigamente. Caso isso não aconteça naturalmente, o entrevistado pode ser questionado a esse respeito com perguntas:

Como era esse lugar naquele tempo?

O(a) senhor(a) percebe semelhanças com o que ele é hoje?

O(a) senhor(a) pode falar um pouco mais a respeito dessa brincadeira, desse costume etc.?

- ▶ No final da conversa, deve-se mostrar ao entrevistado como foi importante a contribuição que ele deu. Antes de se despedir, o professor combina com ele a aprovação das histórias. Depois de pronto, ele será procurado para aprovar o texto que foi escrito. Se estiver de acordo, precisará assinar uma autorização para sua publicação.

Veja, no texto abaixo, como Antonio Gil se preparou para realizar a entrevista que deu origem ao texto “Como num filme”.

O preparo: um roteiro provisório

Sabia que o sr. Amalfi tinha 82 anos e que tinha suas raízes italianas preservadas em seu modo de vida. Já o conhecia superficialmente. É pai de uma amiga de muito tempo e sabia que ele era um homem que tinha muitas histórias para contar... Por isso, foi o escolhido para ser o entrevistado e personagem na minha tarefa de memorialista.

Organizei um pequeno roteiro provisório. Digo provisório porque ele serviria de apoio para que a conversa rolasse sem cerimônias e fluísse ao sabor das vivências e lembranças que eu imaginava existir na trajetória de vida do sr. Amalfi. Ele, o roteiro, me serviria de bússola para não perder alguns aspectos importantes na minha escrita posterior. Na verdade, o meu objetivo era que a memória do sr. Amalfi viesse à tona e desabrochasse com total liberdade durante o nosso encontro marcado.

Assim, peguei um caderninho brochura e fui escrevendo no topo de algumas páginas ideias que poderiam ser suscitadas na hora da nossa conversa.

Pensei em gravar. Poderia ser interessante, mas a premência do tempo fez com que eu fosse de caderno e caneta e minha especial atenção para estimular as palavras do sr. Amalfi, ouvir bem a sua voz do coração e registrar com rapidez e com a certeza de que teria coletado um bom material para o trabalho posterior: o de ser autor do texto.

Sabia que não iria fazer uma transposição do falado para o escrito. As memórias do sr. Amalfi ganhariam uma dose de ficção da minha parte. Ficariam intactas e salvaguardadas. Mas seriam apresentadas de uma maneira interessante, curiosa, emocionante. E essa era a minha parte!

3ª etapa

A realização da entrevista

As entrevistas devem, de preferência, ocorrer na escola. Assim, todos os alunos podem participar. Deixe que o entrevistado fale, associe lembranças. Ajude-o, com perguntas, a enriquecer o relato. Durante a entrevista, você, professor, deve ficar atento para intervir, se necessário. Por exemplo, se o entrevistado fugir um pouco do tema.

A entrevista não deve ultrapassar 40 minutos para não ficar cansativa. Se houver muito material, será mais difícil para os alunos organizarem o texto que irão escrever. A entrevista pode ser gravada, sempre lembrando de pedir antecipadamente a permissão do entrevistado.

Atenção

Pode acontecer de algum entrevistado não fornecer informações interessantes para a escrita de um bom texto de memórias literárias. Caso isso ocorra, peça aos alunos que refaçam a entrevista, aprofundando os aspectos mais interessantes, ou entrevistem outra pessoa.

Atividades

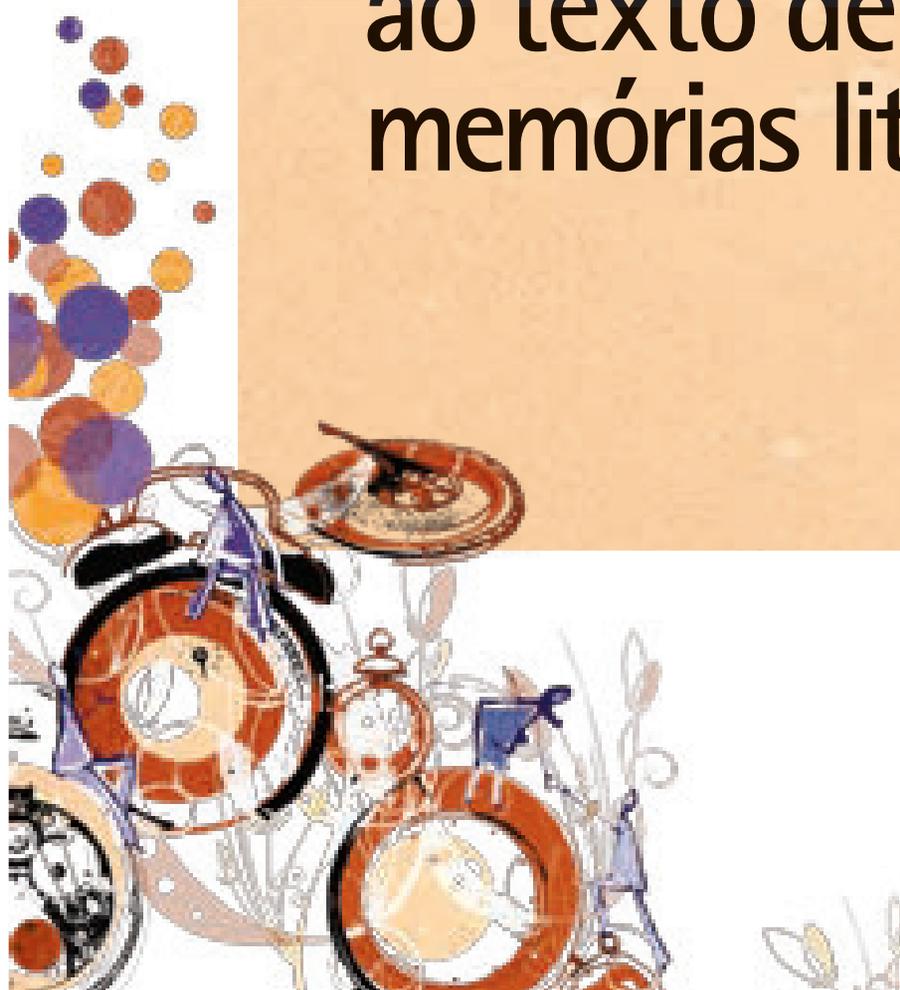
- ▶ Recomende aos alunos que anotem os pontos mais importantes e usem as anotações para recuperar a história mais tarde. Caso o resultado não tenha sido satisfatório, procure novamente o entrevistado e marque outro encontro.
- ▶ É importante lembrar aos alunos que eles vão produzir memórias literárias, seguindo um percurso diferente do vivido pelos autores dos textos até aqui analisados, uma vez que não viveram as experiências que irão narrar. Por isso, será necessário que estejam muito atentos ao depoimento oral da pessoa entrevistada, para que sejam capazes de registrar as informações necessárias e, posteriormente, escrever como se fossem o entrevistado e como se tivessem vivido as experiências por ele narradas.



Oficina

12

Da entrevista
ao texto de
memórias literárias



.....Objetivo

- ▶ Analisar, juntamente com os alunos, os procedimentos realizados para a transformação de um trecho de entrevista em fragmento de memórias literárias (retextualização).

Prepare-se!

Seus alunos têm pela frente uma tarefa desafiadora, que é transformar os dados coletados na entrevista em um texto de memórias literárias. Isso deverá ser feito coletivamente e suas orientações são essenciais. Leia antes esta oficina e planeje detalhadamente como fará isso com os alunos.

1ª etapa

Registro da entrevista

Atividades

- ▶ Lembre aos alunos que as entrevistas realizadas serão a matéria-prima para a elaboração do texto que será inscrito no concurso Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.
- ▶ Explique-lhes que para chegar a essa produção um dos desafios será transformar os registros da entrevista em texto de memórias literárias, que tem finalidade e característica diferentes das da entrevista. Converse com os alunos sobre a atividade que vão realizar.

Retextualização

A produção de um novo texto com base num já existente é um processo de retextualização, que compreende operações que evidenciam como a linguagem funciona socialmente. Por isso, nessa atividade, devem ser consideradas as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos. Quando a retextualização requer a passagem do oral para o escrito, envolve estratégias de eliminação (por exemplo, de marcas interacionais, hesitações) e inserção (por exemplo, de pontuação), substituição (por exemplo, de uma forma mais coloquial para uma mais formal), seleção, acréscimo, reordenação, reformulação e condensação (por exemplo, agrupamento de ideias).

- ▶ Os alunos entenderão com mais facilidade o processo de retextualização se você citar exemplos. Analisaremos as informações referentes à entrevista realizada por Antonio Gil Neto que deu origem ao texto final dele.
- ▶ Leia para os alunos alguns trechos da entrevista, recuperados das anotações do caderno do entrevistador:

Gil: Sr. Amalfi, sua filha me disse que o senhor é um assíduo frequentador de cinema, não é? Ela me disse que o senhor vai ao *shopping* toda semana ver o filme que está em cartaz. Pois bem... A gente podia fazer esta entrevista como se fosse um filme. O que o senhor acha? O senhor vai se lembrando e vai me contando... Pode ser assim? Do que o senhor se lembra da sua infância? O senhor pode me falar das suas primeiras lembranças? É só entrar no filme da sua vida, não é?

Sr. Amalfi: Silêncio. (O sr. Amalfi ficou por alguns brevíssimos instantes revivendo com os olhos, olhando para cima, para o mundo das emoções da memória revisitada. Como se eu não estivesse lá. Vi que o pequeno azul dos seus olhos marejaram instantaneamente. Mas dei corda para a entrevista se inaugurar.)

Gil: Fale um pouco de seus pais ou de seus avós.

Sr. Amalfi: Ah... Meu Deus! Me dá uma emoção muito forte lembrar esses tempos... Faz tanto tempo! É que eu tenho muita saudade desse tempo que já foi... Sou muito chorão, sabe? Quando eu me lembro do meu pai e da minha mãe eu choro sempre... Deixa ver... Você não vai tomar o seu café? Vai esfriar... Bom, vamos lá! Daquele tempo eu me lembro... Bom, meu pai era italiano e a minha mãe também. Ele era marinheiro. Era Ângelo. Ângelo Amalfi. Você sabe que no ano retrasado eu fui até esse lugar lá na Itália e pude conhecer a terra dos meus pais... Foi o melhor passeio que eu fiz até hoje... Lembro bem porque a minha mãe me contava... Eles vieram casados para São Paulo em 1918. E já ficaram em Santana [bairro da Região Norte da cidade de São Paulo]. Naquele tempo ela disse que nem existia a Voluntários da Pátria [rua famosa desse bairro], veja você. Meu pai foi trabalhar na Sorocabana [Estrada de Ferro Sorocabana – companhia ferroviária criada em 1870]. E aí...

- ▶ Converse com os alunos a respeito das seguintes questões:

O que é possível saber sobre o sr. Amalfi lendo esse trecho da entrevista?

O que chamou mais a atenção de vocês? Por quê?

Há alguma expressão ou passagem da fala do sr. Amalfi que vocês não entenderam?

- ▶ Registre a discussão do grupo.



2ª etapa

As mudanças

Atividades

- ▶ Pergunte aos alunos como acham que Antonio Gil transformou essa entrevista num texto de memórias literárias. O que será que ele fez primeiro? É possível que eles proponham: apagar as perguntas, deixando só as respostas; o registro de alguma informação essencial para que o leitor compreenda o texto que será produzido; a seleção dos trechos mais importantes de acordo com o tema escolhido etc.
- ▶ Diga-lhes que vão fazer coletivamente a passagem de um fragmento da entrevista que Antonio Gil realizou com o sr. Amalfi para um registro escrito. Peça a eles que prestem bastante atenção e documentem o processo desenvolvido, pois em seguida vão realizar esse mesmo trabalho com as entrevistas que fizeram.
- ▶ Retome as Oficinas 5 e 8, que tratam do plano global dos textos de memórias literárias e dos recursos utilizados para narrar os fatos vividos e lembrados pelo entrevistado. Destaque que a contextualização, bem como as descrições de lugares e de aspectos referentes ao tempo passado, estão presentes na fala dele. Observem também se, ao narrar os fatos, o entrevistado já confere a eles um colorido especial, marcado pela emoção, pela saudade. E os alunos, como autores do novo texto, podem também lançar mão de outros recursos para deixá-lo ainda mais atraente. Lembre também aos alunos o uso da primeira pessoa.
- ▶ Chame a atenção deles para a importância de considerar sempre o contexto não só da entrevista como da escrita final. Para tanto auxilie os alunos na observação de alguns itens:

- ✓ Comecem eliminando as perguntas e mantendo apenas as respostas.
- ✓ Releiam o trecho apresentado e registrem as informações que vocês considerarem fundamentais para alguém que não ouviu a entrevista e não conheceu o entrevistado. Essa etapa corresponde à *seleção das informações*.
- ✓ É importante compreender bem os fatos narrados. Se houver termos desconhecidos, consultem o dicionário.
- ✓ Uma vez feita essa primeira escrita, identifiquem se há no texto repetições de palavras ou expressões muito próximas e avaliem a possibilidade de eliminar essas informações ou substituir termos ou expressões por outras, equivalentes.
- ✓ Fiquem atentos ao uso dos pronomes demonstrativos (*esse, esta, aquele, aquela* etc.). Enfatize que a forma como são usados na fala nem sempre é adequada ao registro escrito.
- ✓ Verifiquem a adequação da linguagem para a situação proposta. Lembrem-se de que não há um único modo correto de dizer, mas quando um texto é “publicado” é necessário seguir as regras da norma-padrão. A intenção não é descaracterizar a linguagem do entrevistado, mas torná-la adequada a um texto de memórias literárias.
- ✓ Para encerrar o trabalho, verifiquem a grafia das palavras.

- ▶ Peça aos alunos que façam uma apreciação do texto produzido, ressaltando o que ficou bom e o que poderia ser melhorado.
- ▶ Agora, confira abaixo uma redação possível do trecho retextualizado. Perceba que nesse exercício foram preservadas apenas as informações fornecidas pelo entrevistado.

Sinto uma emoção muito forte quando me lembro da minha infância. Eu tenho muita saudade daquele tempo. Meu pai e minha mãe eram italianos; ele era marinheiro e se chamava Ângelo Amalfi. Há dois anos eu fui até a Itália e pude conhecer a terra dos meus pais. Foi o melhor passeio que eu fiz até hoje!

Mas da minha infância me lembro bem porque a minha mãe me contava: eles vieram casados para São Paulo, em 1918, e já ficaram em Santana. Naquele tempo nem existia a Voluntários da Pátria. Meu pai foi trabalhar na Sorocabana. E então...



- ▶ Leia para os alunos o trecho originalmente produzido por Antonio Gil com base no fragmento da entrevista concedida pelo sr. Amalfi e a retextualização da página anterior. Em seguida, peça-lhes que comparem com o texto que produziram, observando as modificações.

Não foi difícil cair nas graças de seu Amalfi. Direto, sincero, amoroso, foi logo falando de sua vida, com um jeito meio solto, especial, como quem vai montando uma sequência de cenas em nosso pensamento. De início, estáticas e em preto e branco, e, aos poucos, em impulsos coloridos. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar-se à brincadeira da memória era o que bastava.

Ele foi contando, contando e imagens foram se instalando em mim como quem entra em um filme.

“Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo.

Pensei ouvir bem baixinho um fiapo de uma canção napolitana e tudo veio à tona. Logo lembrei-me de minha mãe torrando café, fazendo o pão, a macarronada. Bem que procuro não pensar muito para não marejar os olhos.

O começo de tudo foi na Itália. De lá vieram meus pais. Fugidos do horror da guerra, acabaram por fazer a vida aqui em São Paulo, onde nasci.

É a partir dessas lembranças que minha cabeça parece uma máquina de fabricar filmes.

Recordo muita coisa. Não só do que minha mãe contava, mais ainda das que eu vivi.”

- ▶ Note que o autor utilizou as observações que fez enquanto conversava e ouvia o entrevistado como material para produzir um texto que reconstrói não apenas o momento da entrevista, mas também as lembranças relatadas pelo entrevistado. Antonio Gil

transformou as respostas da entrevista feita com o sr. Amalfi em um texto de memórias literárias; ele se baseou nos fatos contados e nos sentimentos revelados pelo entrevistado para recriar a experiência por ele vivida. Mais que isso, ele mostra o processo por meio do qual foi entrando no passado do sr. Amalfi para narrar suas lembranças como se ele próprio as tivesse vivido.

- ▶ Leia para os alunos mais dois trechos da entrevista que resultou no texto de Antonio Gil, observando os quadros abaixo.

Trechos da entrevista

É que meu pai veio trabalhar na Companhia Estrada de Ferro Sorocabana. Era a companhia que fazia os trens circularem de São Paulo ao interior.

A gente tinha uma brincadeira naquela época, que era chocar o trem. E sei que você vai me perguntar o que é isso, não vai?

Em 1929 minha mãe me matriculou no Grupo Escolar de Santana. Na escola fiz muitos amigos. Tempo bom mesmo... Eu não era um bom aluno, mas era esperto.

Como ficou no texto de memórias literárias

Uma brincadeira de que gostávamos muito era “chocar o trem”. Sabe o que é isso? Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras da Serra da Cantareira para construir a cidade.

Da escola eu não gostava tanto. Não era um bom aluno, mas era esperto, vivido. Isso sim. O que acabava ajudando em muitas situações...

- ▶ Enfatize ainda que outras soluções poderiam ter sido encontradas, tanto por eles, na produção coletiva, quanto pelo autor do texto, pois há muitas possibilidades para narrar os mesmos fatos. Finalmente, diga que na próxima oficina os alunos vão conhecer, na íntegra, a versão final do texto “Como num filme”.

Oficina

13

"Como num filme"



.....Objetivos

- ▶ Analisar um texto de memórias literárias produzido em situação semelhante à que será proposta aos alunos.
- ▶ Observar como o autor organiza as vozes presentes no texto.

Prepare-se!

Leia antecipadamente o texto “Como num filme”, numere os parágrafos e verifique se, além dos aspectos apontados nesta oficina, você quer destacar para os alunos outros pontos.

Material

- ▶ *Coletânea de memórias literárias*
- ▶ *CD-ROM de memórias literárias*
- ▶ *Aparelho de som*

1ª etapa

Finalmente, o texto de memórias literárias

Seus alunos irão ouvir a leitura de “Como num filme”. É uma atividade muito importante por tratar-se de um texto completo e ter sido escrito com base numa entrevista, como seus alunos farão. Comente esses aspectos com a turma. Diga-lhes que se trata de um texto mais longo do que os que foram lidos até agora e, por isso, serão realizadas algumas interrupções durante a audição.

Atividades

- ▶ Para começar, leia o título e peça aos alunos que digam por que imaginam que Antonio Gil o escolheu. Anote as hipóteses para retomá-las depois.
- ▶ Divida a classe em grupos, coloque o CD e peça-lhes que ouçam com atenção a leitura de “Como num filme”. Entregue também a Coletânea aos grupos e solicite-lhes que acompanhem a audição pelo texto impresso.

Como num filme

1 Não foi difícil cair nas graças de seu Amalfi. Direto, sincero, amoroso, foi logo falando de sua vida, com um jeito meio solto, especial, como quem vai montando uma sequência de cenas em nosso pensamento. De início, estáticas e em preto e branco, e, aos poucos, em impulsos coloridos. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar-se à brincadeira da memória era o que bastava.

2 Ele foi contando, contando e imagens foram se instalando em mim como quem entra em um filme.

3 “Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo.

4 Pensei ouvir bem baixinho um fiapo de uma canção napolitana e tudo veio à tona. Logo lembrei-me de minha mãe torrando café, fazendo o pão, a macarronada. Bem que procuro não pensar muito para não marejar os olhos.

5 O começo de tudo foi na Itália. De lá vieram meus pais. Fugidos do horror da guerra, acabaram por fazer a vida aqui em São Paulo, onde nasci.

6 É a partir dessas lembranças que minha cabeça parece uma máquina de fabricar filmes.

7 Recordo muita coisa. Não só do que minha mãe contava, mais ainda das que eu vivi.

8 Lá pelos idos de 1929, com cerca de sete anos de idade, era menino feito. Minha vida era um misto de *cowboy* com Tarzan. Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias... Vivia para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos.

9 Uma brincadeira de que gostávamos muito era ‘chocar o trem’. Sabe o que é isso?

10 Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras da Serra da Cantareira para construir a cidade. Com o tempo seu trajeto se encheu de bairros: Tucuruvi, Jaçanã, Vila Mazzei, Água Fria e mais o que há agora. Lembra aquela música do Adoniran? Tem a ver com esse trem...

¹¹ Da escola eu não gostava tanto. Não era um bom aluno, mas era esperto, vivido. Isso sim. O que acabava ajudando em muitas situações... Em um abrir e fechar dos olhos da memória lá estão a escola, o corre-corre das crianças e todos eles, intactos e em plena labuta do dia: Dona Albertina, Dona Isabel, Seu Luís, os professores. Ainda o Seu Peter, o diretor, e Seu Luigi, o servente. Quantas vezes em meio à cópia da lousa, que seguia plena em silêncio e dever, disparava um piscar enviesado para meus companheiros de time. Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilette em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo lorota!

¹² Meio moleque, meio mocinho, sempre dava algum jeito de arranjar um dinheirinho para ir à Voluntários, uma das poucas ruas calçadas do bairro, nas matinês do cine Orion.

¹³ Meu figurino era feito por minha mãe: uma camisa clara, bem limpa e passadinha com ferro de brasa. Com meus colegas ia ver o que estava em cartaz. Banguê-banguê era o melhor. Lembro-me do Buck Jones, do Rin Tin Tin, do Roy Rogers e mais uma porção daqueles bambas do momento. Também me recordo do cine Vogue e de Seu Carvalho, seu dono e operador, que, ao constatar a enorme fila na bilheteria, dizia para nós, garotos, com certo orgulho solene, só haver lugares em pé. Entrávamos mesmo assim. Depois de alguns minutos já tínhamos nossos lugares escolhidos e... sentados. No escurinho do filme começado, queimávamos um barbante malcheiroso que fazia todo mundo desaparecer de nosso lugar preferido. Comédia pura, não é?

▶ Nesse ponto, interrompa a leitura e pergunte aos alunos o que imaginam que acontecerá ao sr. Amalfi. Como acham que a história dele continua. Ouça alguns alunos, registre as opiniões deles e depois retome a leitura, até o final.

14 Com o passar dos anos, veio o tempo do trabalho para valer. De aprendi-
 diz de químico tornei-me o titular na fábrica de perfumes dos libaneses. Fiz
 de tudo lá: brilhantina, *rouge*, pó de arroz, produtos muito usados na época.
 Veio também o tempo do namoro sério e, com ele, o cinema com sorvete a
 dois. Minha vida era um filme de aventuras, mais que outra coisa. Tive de
 vencer muitos obstáculos. E foi um bom tempo assim.

15 Construir uma família não é fácil, mas, como se sabe, o amor sempre
 vence.

16 Como nos filmes de amor, acabei me casando em *technicolor* e em *cinemas-
 cope*, como um galã, com minha Mercedes, mais bonita que Greta Garbo ou
 qualquer outra estrela de Hollywood. Com ela comecei a frequentar o cen-
 tro de São Paulo. Íamos de bonde elétrico, descíamos na Praça do Correio e
 andávamos de braços dados pelos pontos mais elegantes da cidade.

17 Misturados aos carros que pertenciam a gente muito rica, estavam os
 cabriolés, uma espécie de carroça puxada a cavalos... Na Avenida São João
 estavam os melhores cinemas: o Marabá, o Olido, com seus camarotes e frisas.
 Quantos filmes! *O Canal de Suez*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *E o Vento
 Levou!* Vejo-nos direitinho, como em um musical, indo para a cidade de bon-
 de. O condutor, o Delmiro, mais parecia um bailarino, um Fred Astaire tropi-
 cal, por conta dos trejeitos, malabarismos de corpo que fazia ao parar, descer,
 cumprimentar, receber as pessoas, acomodá-las e, enfim, conduzir o bonde.

18 Era mais que um motorneiro. Esse era um *show à parte!*

19 Se bem me lembro, o cinema me acompanhou a vida inteira. Isso porque
 sou do tempo do cinema mudo, veja você, onde os violinos e o piano faziam
 nossa imaginação ouvir as vozes e sentir as emoções dos artistas que passa-
 vam rápidos nas telas. Depois veio o cinema falado e para nós isso era a
 maior e a melhor invenção. Olhando para o que se passou, constato que fui
 um bom frequentador das telas. Com chuva ou com sol!

20 Até nossa primeira filha, com poucos meses de idade, não impedia nossa
 diversão preferida! Era nossa figurante proibida. Íamos ao Bom Retiro, ao
 cine Lux. Lá eu conhecia todo mundo e sentávamos com a menina nos bra-
 ços bem na última fila, caso precisássemos sair às pressas para acalmar um
 choro repentino. Assistimos a tantas histórias e nossa menina dormia pro-
 fundamente. Quase sempre.

21 Talvez por conta do trabalho, das exigências da vida, dos cuidados com a família e mesmo com a facilidade da televisão, acabei me dando conta de que fiquei muito tempo sem ir ao cinema. Engraçado, agora que estou praticamente sozinho, em consequência das perdas que a vida nos traz, o cinema volta com toda a força. Não perco quase nada do que passa nos *shoppings* perto de casa. Tudo é mais confortável, imenso. Mas tudo é mais barulhento, apressado e real demais. Não sobra muito tempo para sonharmos.

22 Mesmo assim, quero ir a outros cinemas desta cidade que cresceu e cresce tanto. O jeito é me armar de um celular para que minha filha não fique tão preocupada comigo por causa dessas minhas novas aventuras cinematográficas.”

23 Quando releio o que está escrito, não sei onde está o que o seu Amalfi me contou e onde está o que projetei de sua vida em mim. Engraçado mesmo! Perdi-me nos labirintos da imaginação, onde o presente e o passado se fundem em um só desenho. A memória brinca com o tempo, como em um filme, como uma criança feliz.

Antonio Gil Neto. Texto escrito com base no depoimento do sr. Amalfi Mansutti, de 82 anos.

- ▶ Após a leitura, retome as hipóteses a respeito do título e da continuidade do texto. Depois peça a alguns alunos que comentem sobre o que mais gostaram, quais os fatos narrados que chamaram mais a atenção e não se esqueça de perguntar se eles têm outras observações a fazer.

2ª etapa

Outras memórias

Atividades

- ▶ Pergunte aos alunos quais foram as semelhanças e as diferenças que eles perceberam entre o texto de Antonio Gil Neto e os trechos de Fernando Sabino e Bartolomeu Campos Queirós, que estão na Oficina 5.
- ▶ Inicialmente, ressalte as **semelhanças**:
 - ▶ Trata-se das memórias do sr. Amalfi, de Fernando Sabino e de Bartolomeu Campos Queirós.
 - ▶ Os textos foram escritos em primeira pessoa, e o plano global deles também é semelhante.
 - ▶ Peça aos alunos que observem as marcas linguísticas e os recursos utilizados pelo narrador para conduzir e envolver o leitor na história. Destaque e comente, por exemplo, o efeito provocado pelo terceiro parágrafo do texto de Antonio Gil: “Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo...”. Ao fazer esses comentários, você poderá projetar o texto na parede e fazer grifos.
- ▶ Depois, chame a atenção para as **diferenças**:
 - ▶ Releia com a turma os dois primeiros parágrafos e o último do texto de Antonio Gil e peça-lhes que observem quem é o narrador desses trechos.
 - ▶ Retome a informação sobre a autoria do texto. Ressalte que nas memórias de Fernando Sabino e de Bartolomeu Campos Queirós eles são, ao mesmo tempo, autores, narradores e personagens. Em “Como num filme”, Antonio Gil é autor e narrador e o sr. Amalfi, narrador e personagem.

- ▶ Peça aos alunos que observem a passagem do segundo para o terceiro parágrafo e percebam que o “eu” que diz “Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo” já não é o autor do texto, Antonio Gil, mas é como ele conta para o leitor as histórias que ouviu do sr. Amalfi. Nesse momento Antonio Gil assume o lugar do sr. Amalfi e fala por ele.
- ▶ Em seguida, peça à turma que observe a passagem do penúltimo para o último parágrafo e perceba como Antonio Gil retoma a palavra para concluir o texto. Enfatize que permanece um narrador em primeira pessoa, mas, no último parágrafo, como nos dois primeiros, quem fala é o narrador-testemunha, não o narrador-personagem cujas memórias foram lidas por vocês.
- ▶ Solicite aos alunos que observem o uso das aspas antes de iniciar o terceiro parágrafo e ao terminar o penúltimo. Pergunte qual a função desse sinal de pontuação no texto de Antonio Gil Neto. Diga-lhes que, entre outras funções, as aspas são utilizadas para indicar que se trata de uma citação da palavra do outro. Acrescente que Antonio Gil usa esse recurso para enfatizar o momento do texto em que ele, narrador-testemunha, “passa a palavra” para o narrador-personagem do texto. Destaque que esse recurso também poderá ser utilizado por eles ao escrever o texto de memórias.

- ▶ Finalmente, releia para a turma os parágrafos 20, 21 e 22 para destacar a passagem do passado para o presente. Faça perguntas para que reconheçam como esse movimento ocorre. Destaque a mudança do tempo verbal e a presença da expressão “agora” na terceira linha do parágrafo 21. Comente que com essa estratégia o autor do texto “retoma a palavra” sem provocar uma quebra no relato.
- ▶ Para finalizar, retome o título do texto e converse com a turma sobre os efeitos provocados por essa escolha do autor e como ela orienta o olhar do leitor. Esse é um bom momento para enfatizar a importância da escolha do título do texto que será produzido pelos alunos.



Oficina

14

Ensaio geral



.....Objetivo

- ▶ Produzir um texto coletivo.

Prepare-se!

Nesta oficina a proposta é escrever coletivamente um texto de memórias. Ouça os alunos e ajude-os a transformar ideias em textos poéticos e literários.

Material

- ▶ *Registros das entrevistas realizadas pelos alunos na Oficina 11*
- ▶ *Papel kraft*

Algumas negociações

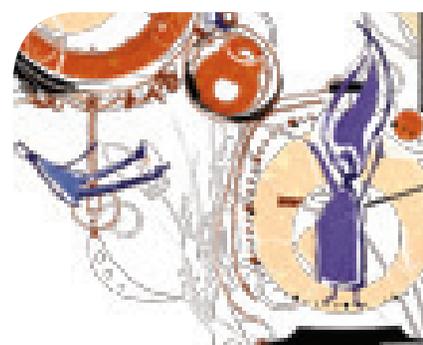
A produção coletiva precisa ocorrer de forma organizada, evitando a dispersão, tão comum nesse tipo de trabalho. O texto coletivo exige negociação entre você e a turma. Nela há espaço para troca entre alunos mais e menos experientes e oportunidade para o crescimento de todos. O seu papel consiste em coordenar o trabalho, além de ajudar na construção do texto, fazendo perguntas e dando orientações.

Atividades

- ▶ Explique aos alunos que a escrita coletiva é uma etapa importante para a preparação dos textos que concorrerão aos prêmios. Diga-lhes que essa é uma atividade que exige tempo e será desenvolvida em duas aulas.
- ▶ Relembre com eles cada uma das oficinas. Ajude-os a fazer um rápido resumo de tudo o que aprenderam sobre memórias literárias. Anote os pontos principais em um cartaz e afixe-o na sala.
- ▶ Agora, escolha uma das entrevistas realizadas na Oficina 11. Retome com a turma as anotações feitas ou ouçam a gravação. Em seguida, ponham em prática as atividades de retextualização, seguindo a orientação da Oficina 12.
- ▶ Hora de escrever o primeiro parágrafo. Lembre aos alunos que eles deverão tomar o lugar do entrevistado para escrever o texto de memórias literárias; será escrito em primeira pessoa, como se o próprio entrevistado estivesse contando a história. Veja se todos entenderam que vão fazer de conta que são o entrevistado narrando as memórias dele.

- ▶ Embora nem sempre um texto de memórias literárias comece assim, podemos dizer que no primeiro parágrafo da produção é importante que o entrevistado se apresente. Lembre à turma que essa informação será muito importante para que o leitor possa acompanhar a narrativa. Afinal, diferentemente dos autores já conhecidos por muitos leitores, as personagens escolhidas pelos estudantes precisam ser apresentadas aos futuros leitores.
- ▶ Ajude a turma a escrever o primeiro parágrafo e vá anotando na lousa. Leia em voz alta para ver se todos concordam. Inclua as alterações sugeridas.
- ▶ O texto deve manter aquele tom agradável de conversa, mas é necessário observar que agora se trata de uma produção literária, cuja linguagem necessitará de ajustes.
- ▶ Ressalte-lhes que é muito provável que nas entrevistas a linguagem utilizada pelos entrevistados seja bastante informal e características dessa oralidade podem estar presentes nos depoimentos – por exemplo, o uso de gírias e de expressões como “e daí”, “e depois”, “né” etc. — para garantir o encadeamento da fala, mas não devem ser utilizadas no texto. Da mesma forma, é comum o entrevistado repetir diversas vezes uma expressão ou um conjunto de informações, sem que isso seja necessário. Evidentemente isso não ocorre em outras formas de discurso oral que exigem mais formalidade, como em uma conferência. Mas é muito provável que isso tenha sucedido nas entrevistas feitas com os moradores.
- ▶ É interessante começar com a lembrança mais marcante do entrevistado, a que mais chamou a atenção da turma. Converse com eles como deve ser o parágrafo, depois escreva na lousa.

- ▶ Continue organizando a escrita dos parágrafos seguintes. Digam-lhes que os fatos rememorados não seguem obrigatoriamente a ordem cronológica, ou seja, nem sempre são contados na ordem em que ocorreram.
- ▶ O fio condutor deve ser o tema escolhido, por exemplo, as lembranças do entrevistado sobre o lugar onde vive. As referências a esse lugar, ao longo do texto, ajudam a manter a unidade.
- ▶ Faça perguntas à turma para ajudar a colocar as ideias no texto. Lembre que o tempo verbal mais comum nesse gênero é o passado: o pretérito perfeito é usado para fatos que se sucederam uma vez e não se repetiram, e o pretérito imperfeito, para fatos que se repetem muitas vezes ou que não haviam terminado no tempo em que são narrados. Podem também empregar o pretérito do subjuntivo para fatos que ensejam uma possibilidade de ocorrência, mas sobre os quais não há certeza.



- ▶ É importante que no texto haja menção a objetos e lugares antigos, comparando-os com o que existe hoje. Chame a atenção também para o uso da pontuação, elemento importante na organização da narrativa e na garantia da expressão das emoções. Ressalte aos alunos que sentimentos, impressões e sensações não podem faltar e devem ser revelados ao longo do texto.
- ▶ Depois de escrito, o texto precisa de um título. Ajude-os a pensar em algo sugestivo. O título deve dar pistas do que será contado no texto.
- ▶ Tudo pronto, releia o texto com os alunos. Pergunte-lhes se ele proporciona uma leitura agradável, se estão satisfeitos com a escrita, se é possível melhorá-lo.
- ▶ Para o aprimoramento do texto, você pode usar o “Roteiro para revisão”, da Oficina 16 (página 147).
- ▶ No final do texto, os alunos devem incluir informações sobre o entrevistado: nome completo, idade, profissão, cidade em que mora e o motivo que os levou à escolha desse entrevistado.



Oficina

15

Agora é a sua vez



.....Objetivo

- ▶ Escrever individualmente a primeira versão do texto final.

Prepare-se!

Este é um momento muito importante. Mostre aos seus alunos que todos são capazes de escrever textos de memórias literárias. Incentive e ajude-os a transformar ideias em literatura.

A produção individual

Chegou a hora tão esperada! O produto desta oficina será o texto individual que, aprimorado, participará do concurso. Seu entusiasmo é importante para estimular os alunos. Afinal, da sua turma poderá sair o texto que representará o grupo no concurso. Essa escrita e as demais produções poderão compor um livro para ficar disponível na biblioteca e circular entre amigos e familiares.



Atividades

- ▶ Para a produção do texto individual, os alunos devem retomar os dados sobre o entrevistado eleito.
- ▶ Comece recuperando o que já foi trabalhado. Lembre-os de:
 - ▶ retomar as informações dadas pelo entrevistado no depoimento;
 - ▶ selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos;
 - ▶ transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista;
 - ▶ citar objetos e costumes de antigamente, fazendo comparações entre o passado e o presente;
 - ▶ usar palavras e expressões que marquem o tempo passado;
 - ▶ mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos;
 - ▶ lançar mão de recursos literários para tornar o texto interessante.
- ▶ Os textos serão produzidos em sala de aula e recolhidos para que, na próxima oficina, se faça a revisão.

Oficina

16

Últimos retoques



.....Objetivo

- ▶ Fazer a revisão e o aprimoramento do texto produzido na oficina anterior.

Prepare-se!

Seus alunos já escreveram a primeira versão das memórias e deverão fazer a reescrita. Para isso, é importante que você tenha lido e analisado os textos deles, indicando o que podem alterar para aprimorar a escrita.

Material

► *Textos de memórias literárias produzidos pelos alunos*

1ª etapa

Revisão coletiva

A revisão é muito importante. Até mesmo autores consagrados revisam e reescrevem inúmeras vezes. Agora, vamos fazer um exercício que ajudará na tarefa de aperfeiçoamento, ou seja, vamos aprimorar um texto coletivamente. Porém, antes de iniciar qualquer trabalho lembre-se de pedir autorização para o aluno, autor desse texto.

Explique aos alunos que você vai transcrever na lousa um texto de memórias literárias escrito por um deles. Desafie-os a pensar junto com você em como melhorar esse texto. Que sugestões vocês dariam a quem o escreveu? O que fazer para que o trabalho fique mais cativante?

Atenção

Essa atividade, em que o texto de um aluno é analisado e aperfeiçoado por todos, exige o consentimento dele para tal e pressupõe um grupo em que exista respeito mútuo e cooperação. Caso nenhum de seus alunos autorize o aprimoramento de seu texto coletivamente, utilize o exemplo deste caderno.

Atividades

- ▶ Divida a lousa em dois. No lado esquerdo, copie o texto; no lado direito, as sugestões dos alunos.
- ▶ Usando os comentários como apoio, vá fazendo perguntas aos alunos, ajudando a turma a perceber os problemas. Quando encontrarem juntos a melhor forma para resolver as questões apontadas, reescreva o texto, incluindo as sugestões, no lado direito da lousa.
- ▶ Estimule-os a pensar, trocar ideias e tirar conclusões. Organize-os para que fale um de cada vez. Quando for preciso, esclareça dúvidas, aponte as questões que eles não conseguiram identificar e as possíveis soluções.
- ▶ No final, peça aos alunos que comparem as duas colunas e mostre-lhes como um texto pode ganhar em qualidade depois de ser revisto.
- ▶ Vamos ao exemplo exposto, do aluno José Luís, nas páginas 144 e 145.



Comentários	Texto original: "Dona Dulce e suas histórias"
<p>O texto está em terceira pessoa. A proposta é produzir um texto em primeira pessoa, pois trata das "memórias" do entrevistado.</p>	<p>Dona Dulce tem 74 anos. Nasceu e cresceu em Marlândia, numa época mais tranquila. Ela me contou que desde que nasceu até hoje Marlândia mudou bastante.</p>
<p>O autor poderia trazer suas impressões sobre o lugar, descrevendo cores, cheiros, fazendo comparações entre o passado e o presente. Poderia buscar uma linguagem literária que enredasse mais o leitor.</p>	<p>A cidade era simples e pequena, com poucas casas, quase todas feitas de taipa. As poucas ruas que existiam eram de terra, por onde passavam a boiada, charretes e apenas alguns poucos carros. A cidade tinha muita poeira e tudo era mais mato do que casas. A casa era ainda mais simples. O chão era terra pura, as camas eram cavaletes, o fogão era a lenha. Na prateleira dava para colocar poucas coisas como pratos que foram da minha avó e as panelas que minha mãe areava. Tinha meia dúzia de cadeiras velhas para as visitas.</p>
<p>Iniciar o parágrafo com uma expressão como "Naquele tempo" ajuda a situar o leitor na época em que os fatos ocorreram.</p>	<p>Falou que brincava bastante de boneca, que era feita de sabugo de milho. Também costumava fazer bichinhos com legumes e jogar queimada com bola de meia.</p>
<p>Trazar impressões e sentimentos que poderiam ajudar a despertar as emoções do leitor.</p>	<p>Ela contou que quando estudava a escola era para poucos, e qualquer erro tinha castigos severos. Os alunos ficavam em cima do milho e levavam palmadas de palmatória. Ela sentia muito medo da professora. Teve uma vez em que um menino foi parar no hospital depois dos castigos que recebeu.</p>
<p>O texto precisa ser concluído, trazendo, por exemplo, o entrevistado ao tempo atual.</p>	<p>Dona Dulce diz que muito tempo se passou e hoje ela vive com seus netos, relembando o passado.</p>

Sugestões de aprimoramento

Nasci e cresci em Marlândia, numa época bem mais tranquila. Desde que nasci, há 74 anos, até hoje, a cidade mudou bastante.

A cidade era simples e pequena, com poucas casas, ainda de taipa. Pelas ruas de terra, passavam boiada, charretes e, bem diferente de hoje, apenas alguns poucos carros. A cidade tinha cheiro de poeira e de mato.

A casa onde eu morava era ainda mais simples: chão de terra vermelha, camas feitas de cavaletes e o cheiro do fogão a lenha avisava o que estava no fogo. A prateleira, apesar de pequena, exibia os pratos herdados de vovó e panelas areadas, que serviam de espelho. Fora isso, meia dúzia de cadeiras com a madeira já gasta pelo tempo esperavam as visitas.

Naquele tempo, eu brincava bastante com as bonecas de sabugo de milho. Fazíamos bichinhos com legumes e jogávamos queimada com bola de meia.

Quando eu estudava, a escola era difícil e para poucos. A qualquer deslize era palmatória e joelhos no milho, no canto da sala. Certa vez, um garoto foi parar no hospital depois que a professora exagerou no corretivo. Quando a professora se aproximava minhas mãos tremiam e eu me transformava numa verdadeira estátua de gelo.

O tempo passou depressa e hoje vivo com meus netos e as lembranças do passado.

2ª etapa

Revisão individual

Atividades

- ▶ Entregue as produções aos alunos para que cada um deles retome o exercício, fazendo a revisão do próprio texto. Para ajudar na tarefa, prepare um cartaz com o roteiro da página ao lado.
- ▶ Os alunos podem usar lápis ou caneta de cor diferente para destacar as mudanças. Eles podem marcar a reorganização ou o acréscimo de ideias, a correção de palavras, as mudanças de pontuação.
- ▶ Ao final do exercício (pode ser na aula seguinte), os alunos passarão o texto a limpo.
- ▶ Pronto, o trabalho está feito. Agora é só esperar pelo resultado!

Terminada a empreitada, é hora de valorizar essa conquista. Prepare uma cerimônia especial para o lançamento do livro, sugerido no início deste Caderno. Convide os pais e os entrevistados. Leia alguns textos.

Como o livro traz memórias da cidade, você pode “doar” um exemplar à biblioteca municipal. E, claro, reservar um também para a biblioteca da escola.

Outra ideia é enviar algumas histórias para o jornal do bairro, da igreja ou de outra instituição. Mas, para isso, confira se os textos não apresentam erros de gramática e de ortografia.

Roteiro para revisão

- O título do texto é sugestivo? Instiga o leitor?
O narrador usa a primeira pessoa para contar as lembranças do entrevistado? O que pode ser feito para que o texto seja relatado em primeira pessoa?
- O texto traz palavras e expressões que situam o leitor no tempo passado? Há outros trechos em que é possível acrescentá-las?
- O autor descreve objetos antigos, lugares que se modificaram ou já não existem?
- O texto estabelece relações entre a narrativa do entrevistado e o lugar onde vive? O que pode ser feito para reforçar essa ligação?
- O autor expressa em seu texto sensações, emoções e sentimentos do entrevistado? É possível encontrar no depoimento outras impressões que possam ser inseridas no texto?
- Há no texto trechos com marcas da linguagem oral informal ("né", "daí" etc.), que devem ser substituídos por expressões mais adequadas ao gênero em questão?
- Os verbos no pretérito perfeito e imperfeito estão usados corretamente?
- O texto consegue envolver o leitor? Ele desperta interesse e prende a atenção?
- Há alguma palavra que não esteja escrita corretamente? E a pontuação está correta?

Atenção

O texto selecionado pela comissão deverá ser passado a limpo no papel especial da Olimpíada, que foi enviado para a escola.

Critérios de avaliação para o gênero memórias literárias

Na tabela da página ao lado, **descritores** podem ser compreendidos como o detalhamento dos critérios, que foram elaborados em forma de perguntas para facilitar a análise. A expressão **adequação discursiva** refere-se à adequação do texto à situação de produção; nesse caso, deve-se observar se o texto deixa transparecer quem o escreveu, para quem ler, com que objetivo e se está de acordo com a organização geral. A **adequação linguística** está relacionada à forma como a linguagem é empregada. Para analisar esse critério, observe se o *modo de dizer* está a serviço da situação de produção e da organização textual.

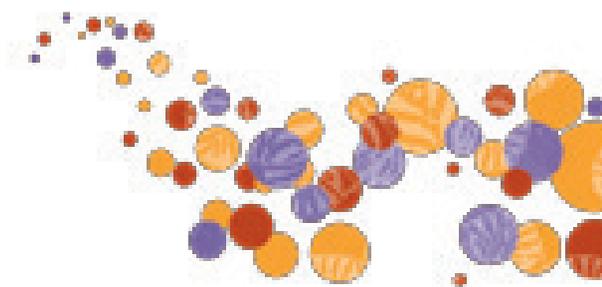
A equipe da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* agradece aos parceiros Adna de Almeida Lopes (AL), Eliana Merlin Deganutti de Barros (PR), Eliane Gouvêia Lousada (SP), Ivoneide Bezerra de Araújo Santos (RN), Josete Marinho de Lucena (TO), Nelita Bortolotto (SC), Shirlei Marly Alves (PI) e Viviane de Cássia Maia Trindade (MG), docentes de universidades públicas, a contribuição para a elaboração dos critérios de avaliação dos textos dos alunos no gênero memórias literárias.

Os critérios refletem a forma como os gêneros textuais estão definidos neste Caderno, ou seja, foram elaborados para a análise de textos produzidos no âmbito da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS		
CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO	DESCRITORES
Tema "O lugar onde vivo"	1,5	<ul style="list-style-type: none"> • O texto se reporta de forma pertinente à cultura e à história do lugar onde vivem?
Adequação ao gênero	2,0	<p>Adequação discursiva</p> <ul style="list-style-type: none"> • O texto resgata aspectos do lugar onde vivem pela perspectiva de um antigo morador? • O texto deixa transparecer sentimentos, impressões, apreciações que atendem à finalidade de enredar o leitor? • A organização geral do texto obedece à lógica interna da narrativa? • As referências a objetos, lugares, modos de vida, costumes, palavras e expressões que já não existem ou se transformaram reconstróem experiências pessoais vividas?
	2,0	<p>Adequação linguística</p> <ul style="list-style-type: none"> • As memórias são assumidas em primeira pessoa? • No caso de o autor recorrer a outras vozes, estão adequadamente articuladas no texto? • O uso dos tempos verbais e dos indicadores de espaço situa adequadamente o leitor em relação aos tempos e espaços retratados no texto? • Os recursos de linguagem são adequados ao caráter literário das memórias?
	1,0	<ul style="list-style-type: none"> • O texto deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos relacionadas ao lugar onde vive?
Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none"> • O título instiga o leitor? • O autor elaborou de modo próprio e original as lembranças dos moradores entrevistados?
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none"> • O texto atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação)? • Quando há rompimento das convenções da escrita, isso ocorre a serviço do sentido do texto?

150

.....
se bem me lembro...



Referências

- BAKHTIN, Mikhail. “O todo semântico da personagem”, in: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Fontes, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOSI, Ecléa. “Uma experiência humanizadora”, in: *Na Ponta do Lápis – No túnel do tempo*. Almanaque do Programa *Escrevendo o Futuro*. Fundação Itaú/Cenpec, ano I, nº 2, ago./set. 2005. Disponível em <www.comciencia.br>.
- CAMARGO, Flavio Pereira. “Marcel Proust e o triunfo da memória”. Disponível em <www.ucm.es/info/especulo/numero42/mproustm.html>.
- DOLZ, Joaquim e OLLAGNIER, Edmée (orgs.). *O enigma da competência em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DOLZ, Joaquim e PASQUIER, Auguste. “Um decálogo para ensinar a escrever”, in: *Cultura y Educación*. Madri: Fundación Infancia y Aprendizage, v. 8, nº 2, jun. 1996.
- DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- MACHADO, Anna Rachel e colabs.; ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). *Linguagem e educação – O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística do texto: o que é, como se faz*. Recife: UFPE, 1983.
— . *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATÊNCIO, M. “Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha”. Disponível em <www.ich.pucminas.br>.
- NASCIMENTO, E. L. (org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.
- SÃ, Jorge de A. *Crônica*. São Paulo: Ática, 1985. Coleção Princípios.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. “Memória literária e modernidade: o caso Proust”, in: *Temporis(ação)*, v. 1, nº 5-6, 2002.

152

.....
se bem me lembro...

ANEXO 2 – CORPUS MEMÓRIAS LITERÁRIAS 2014

**** *n_1

Vi a cidade crescendo lentamente diante de meus próprios olhos fatigados e podão cortando a cana, da poeira dos caminhões de pau de arara que levantava no ar a terra seca, do olhar sofrido e distante dos boias-frias tirando o bom prestígio dos velhos cafezais. Bastava chegar perto da plantação para me sentir embriagado pelo cheiro do garapão, o doce da cana cortada, o suor dos que labutaram naquela terra quente e fértil por vezes era esquecido. O galo mal cantava na madrugada e já pegávamos o facão e a marmitta e íamos trabalhar, num silêncio solitário, ensurdecedor, não mais que o silêncio dos trabalhadores que podavam a cana como se cultivassem esforço e persistência, para futuro distante de esperança e renovação. O cheiro doce da cana_de_açúcar e o amargo trabalho misturavam-se com meu suor. Pegava o facão como o artista molda sua obra sinto-me como se fizesse parte dela, como se fôssemos crescendo no mesmo ritmo do, também moldava ali o meu futuro, na esperança de crescer junto com minha cidade em meus sonhos simples de um boia-fria, mas fortalecido por meu trabalho. O açúcar que eu com o tempo colhê-los. Havia também o movimento incessante dos caminhões, num constante vai e vem com toneladas de cana, de sonhos cultivados nas plantações, de um ajudava a fabricar, por vezes, não disfarçava o amargo da vida sofrida que levava, mas construía o alicerce das usinas que aos poucos iam incorporando ao desenvolvimento da minha cidade e também da minha vida. O progresso vi surgindo, minha cidade tornou-se um berço acolhedor de imigrantes. Luvas, facões, trabalhadores deixados de lado, novas tecnologias tomando lugar dos homens, máquinas sofisticadas e os empregos renovados. Hoje, apesar de tudo, fico orgulhoso de ter feito parte dessa evolução, da construção da minha cidade. Sinto-me parte dessa história do etanol, das exportações e desenvolvimento da minha terra. O tempo passou, a cidade evoluiu, porém, as minhas mãos calejadas ainda persistem, assim como as melhores lembranças de um tempo vivido que insistem em permanecer na minha memória, na minha alma e, principalmente, na história do lugar onde vivo.

**** *n_2

No meu tempo era assim: brinquedos e brincadeiras eram inventados pela própria criança. Eu fazia carrinho com roda de sandália e lata de óleo; trator com cabo de vassoura, lata de conserva e de goiabada. A de conserva servia como pá e a de goiabada, como volante. Também tinha competição com aro de bicicleta. Meus irmãos e eu ficávamos nas ruas empurrando o aro com uma vareta. Saudáveis tempos, em que todos brincavam sem receio de um carro desenfreado interromper a diversão. Era tudo mais tranquilo. Mas o que me preenche a memória é lembrar o lugar onde tudo isso ocorreu. Morava numa casinha situada de frente para o rio Acre. Sua água era mais fresca, por ser rodeada de árvores frondosas e saudáveis. Pois o homem ainda não tinha lançado tantos dejetos. Essa casa se situava na rua Beira_Rio, no bairro Cidade Nova, em Rio Branco, no Acre, que ainda aparentava ser um bairro dentro da floresta, de tanto verde que o cercava. Me lembro como se fosse hoje: o lar sendo construído de madeira nova, retirada ainda verdinha, com aquele aroma puro e natural que só a floresta tem. Acredito que esse era o motivo de suas paredes serem resistentes. Cansei de bater os pés nelas quando fazia o embalo de vai e vem na rede. Empurrava com força e elas não estremeciam. A casinha era simples, porém firme. Na casa residiam doze pessoas: meu velho pai, homem trabalhador; minha mãe, a rainha sábia; e os dez filhos: cinco meninos e cinco meninas. A hora da refeição era a mais divertida para nós. A comida era servida em bacia. Eram duas bacias, divididas em dois grupos de três crianças e um de quatro. Isso dava uma confusão daquelas, com direito a colheradas na testa e mordidas no braço. Nesse momento éramos competidores. O mais esperto levava vantagem. Tal atitude ocorria porque, por maior que fosse, a porção de arroz, feijão, farinha e ovos com carne-seca fritos se tornava pequena pela quantidade de crianças. No entanto, minha mãe resolvia a situação. Tinha em mãos o

cinto do papai. Apartava os rebeldes para a divisão ser justa. E tudo acabava bem. O sol mal raiava e já estávamos em pé, pois, antes de irmos tomar aquele café preto que só minha mãe sabia fazer, tínhamos que arrumar nossas dormidas: dobrávamos nossas redes todos os dias. Somente nossos pais tinham cama, porque uma cama trabalhada em madeira custava os olhos da cara. As horas da tarde eram as mais gostosas para nós. Íamos tomar banho no rio. A alegria irradiava sem limites naquelas águas. Eram pulos, gritos e caldeiradas. As noites me encantavam. Como todo menino que sonhava com heróis, ficava sentado na porta, que dava de frente para o rio, com um bonequinho de madeira. Era o meu guerreiro. Fantasiava-o em várias batalhas, nas quais o monstro era a sombra de uma das minhas mãos. A lua iluminava a batalha e jorrava seu reflexo no rio, deixando o ainda mais belo. Energia vinda diretamente do céu, pois não existia eletricidade para os pobres. A casa era iluminada por velas ou lamparinas. Somente os ricos ocupavam suas noites vendo televisão, recurso tecnológico mais atraente da época. Nem celular, nem videogame, muito menos computador, existiam para nós. Mesmo assim, éramos felizes e sadios, porque ocupávamos nosso tempo gastando energia, e não acumulando gordura com brinquedos que as crianças nem precisam se mexer. Se me pedirem para dar detalhes daquele lugar atualmente, apresento ruas, avenidas lotadas de carros, ônibus, caracterizando um trânsito estafante, com fonfons, palavrões e insultos constantes, num sol escaldante, logo pela manhã, e pessoas apressadas, correndo contra o tempo para chegarem ao trabalho. As paredes de tábua da casinha foram substituídas pela areia e cimento. O rio ficou ainda mais barrento, com muito lixo boiando em suas águas não mais tão frescas, pois as árvores que o rodeavam foram substituídas por inúmeras casinhas. Podem mudar tudo, só o que não conseguem levar é o que tenho comigo: as lembranças. Essas estão guardadas e, com elas, posso voltar ao passado à hora que desejar e vê_lo e senti_lo no presente.

**** *_n_3

Anos e anos se passaram. Vidas e vidas foram levadas pelo furacão e jamais voltarão: a construção da estrada de ferro que nos levaria ao progresso. Por onde os trilhos deitavam ao chão, iam destruindo tudo o que havia pela frente: as matas, os povos, a vida em suas múltiplas manifestações. A estrada fora construída com muito sangue e suor. Havia no ar a promessa de um futuro melhor! Tudo começou quando eu era apenas um menino. Minha madrinha chegou em casa ao anoitecer com um presente embrulhado em papel pardo. Fiquei muito curioso para abri_o, não fazia ideia do que poderia ser. Assim que recebi o pacote em minhas mãos, abri o mais depressa que pude. Como que por encantamento apareceu na minha frente um trem de ferro feito de lata. Locomotiva e quatro vagões. Uma réplica perfeita! Durante toda a minha infância este foi o meu brinquedo favorito. Fui ficando cada vez mais fascinado por essas máquinas de ferro que andavam sobre trilhos. Mal sabia que meu destino já estava traçado para viver próximo a essas feras. Aos poucos foi aumentando em mim o desejo de conhecer um trem de verdade. Um dia, sentado ao lado do meu avô na boleia da carroça, trilhávamos um estreito carreiro, ladeado de imponentes araucárias. Meu olhar pousava nas grimpas verdes, buscando contemplar uma gralha-azul. Mas, ao percorrer o caminho, não avistei nenhum ponto anil no horizonte. Quando chegamos ao povoado de Porto União, um par de trilhos faiscava ao sol. De repente ouvi um barulho estrondoso e assustador que nunca tinha escutado antes. Rolos de fumaça vinham em minha direção. Resfolegando sobre os trilhos, apareceu o monstro! O trem de ferro! Meu pequeno brinquedo transformou-se num gigante! Num impulso, pensei em fugir. Saí correndo desesperado e me escondi atrás da carroça. Tive a impressão de que o monstro deixaria os trilhos e me atacaria. Meu coração disparou, imaginei que sairia pela boca. Meu avô me abraçou, acalmando_me, e o que ficou daquela experiência foi a surpresa pelo tamanho da fera. Finalmente, aos 7 anos, viajei pela primeira vez em um trem. Passou o medo e voltou a fascinação com o meu brinquedo predileto. Assentei_me no banco de madeira e pela vidraça via passar, como em uma tela, majestosas e belas imbuías, águas de cachoeiras e rios tão límpidos como um espelho que nos refletiam, matas intocadas, exuberantes em seu verdor. Vi animais e pássaros, nunca vistos antes: onças, cuícas, azulões e tirivas. Vi o gado correr solto no pasto. Eram paisagens desenhadas por Deus. E, no final do passeio, a última imagem que ficou na lembrança foi o sol se pondo atrás da montanha.

Ao me tornar adulto, mais uma vez o destino me aproximou dos trens. A máquina, que eu temi e que me fascinou, faria parte da minha vida definitivamente. Foi quando conquistei a profissão de telégrafo na Estação Rio_Caçador. Conquista difícilíssima! Somente dez por cento dos candidatos eram aprovados, pois a comunicação entre as estações não poderia falhar. O telégrafo era um aparelho quadrado, feito de metal, acionado por uma alavanca. Funcionava por meio do código Morse, em que a letra A, por exemplo, era representada por um ponto e uma letra. Ah! Como eu sofri para memorizar esse código! E como valeu a pena! Assim minha vida foi se gastando, acompanhando as idas e vindas do trem. Com o passar do tempo, veio o progresso. Nossa cidade cresceu e evoluiu, mas junto com a evolução a máquina de ferro foi sendo esquecida e substituída por automóveis e caminhões. Os trilhos, que percorriam em todas as direções, estão encobertos pela vegetação, pelos asfaltos, enferrujados pela ação das chuvas – onde não foram roubados. A fera foi derrotada! O trem é uma carcaça que vai sendo corroída pelo tempo em frente ao Museu do Contestado. O trem ficou na história, assim como o meu brinquedo predileto ficou guardado somente na minha memória. Ainda sonho ser surpreendido, como no dia em que pela primeira vez vi um trem de verdade... Sonho ver o gigante acordar e resfolegar novamente sobre as linhas de ferro.

**** *_n_4

De repente, me vejo observando o semblante de um senhor já talhado pela vida... Ele olha para o céu como se estivesse em busca de palavras. Assim o senhor Tamir olha para mim e para os meus amigos, como se estivesse vendo seus filhos e netos, e então começa a nos contar suas memórias. – Ah! Tangará da Serra! Como foi difícil chegar até aqui! – Ele falava como se nós fizéssemos parte de sua vida, e continuava: – Eu e minha família demoramos um dia inteirinho para chegar até aqui, pois no meio do caminho havia uma serra imensa, quase intransponível. E quando chegamos... sabe o que vimos? Espera por uma resposta, e em meio a tanto silêncio retoma seu discurso: – Mato, mato e mato, barro vermelho e mais barro vermelho; crianças brincando eram poucas. Sim, eram, mas elas tinham a verdadeira infância. Ah! Como eram educadas, livres, como poucas nos dias de hoje! Tangará era apenas um vilarejo, formado por quinze barracos, todos ao redor de um riacho de águas cristalinas, do qual retirávamos a água para nossa sobrevivência e a usufruíamos para os banhos, nas tardes de domingo – era a nossa diversão. Enquanto as mulheres cuidavam dos barracos e das crianças, os homens iam trabalhar nas roças. Não sei contar as vezes que vi crianças brincarem nas poças de lama e as mães, muito bravas, ralharem e prometerem deixá-las de castigo. Vermelhos, do barro vermelho, parecendo índios – peles-vermelhas – americanos, corriam para suas casas, torcendo para que as mães esquecessem o prometido. Mas o prazer de fazer daquela poça o mais rico playground valia qualquer risco, e já no dia seguinte estavam todos a fazer, novamente, belos bolos de barro, brincadeiras esquecidas e trocadas pelos poderosos celulares com internet nos dias de hoje. Todos nós éramos unidos, tudo o que tínhamos dividíamos uns com os outros, não por obrigação, mas pelo prazer de ajudar. Às vezes era difícil suportar as amarguras da vida, mas lá no fundo sabíamos que íamos vencer todos os desafios. Apesar das dificuldades, havia felicidade. Mas que saudades do ar puro, das festas das comunidades e das pescarias com os compadres! O mais triste é que os recursos médicos eram precários, ou nem havia, as crianças nasciam pelas mãos de parteiras. O clima era dividido em dois: período da seca e período das águas. Como já perceberam, eu gostava do tempo chuvoso, assim como as crianças, por causa da lama e das poças que se formavam nos buracos da rua principal. De repente, faz-se silêncio e ele avista um passarinho e, alegremente, volta a se lembrar de mais um fato importante na história deste lugar. – Um passarinho...! Quase me esqueço...! Na minha época, os passarinhos faziam um espetáculo colorido no céu, todos paravam para ver a revoada das mais belas aves: curiós, araras, maritacas, anus, pardais, rolinhas, maracanãs, e um tão especial que, por sua beleza e divino canto, deu nome à nossa amada cidade: tangará. Pena que já não exista mais em nossa região, está extinto. Hoje, a única coisa que posso fazer é lembrar, me emocionar e sentir saudades desse tempo que não volta mais, dos meus amigos que se foram, pioneiros que ajudaram a fazer deste lugar um dos melhores do mundo e que me ajudaram a contar um pouco da história de um povo cheio de sonhos, forte como a pedra que demarca o município e

resiste ao tempo. A vida segue seu curso, outros amigos virão, outros tempos virão, mas meu amor por Tangará da Serra há de ficar...

**** *n_5

Blém, blém, blém! Tocava pontualmente às cinco e meia aquele sino inoportuno que arrancava sem dó nem piedade nossos sonhos e sono. Com o tempo começou a parecer mais sereno. Na verdade, era ele quem anunciava que mais um dia nascia no colégio interno Salesiano, em Jaciguá, lugarejo que acolheu muitos alfredenses. Levantava avidamente feito lebre, tinha cinco preciosos minutos para arrumar minha cama, calçar aqueles sapatos horríveis e sufocantes, saber que meus pés – sempre foram livres, descalços, que sentiram o orvalho da grama verde e o barro úmido durante toda a infância – ainda não se adaptaram bem a ficar embalados feito um produto. Vestia o uniforme e esperava a ordem de sair do dormitório. Ah! Como ainda queria ficar deitado na minha caminha, que parecia mais aconchegante de manhã! Descíamos em fila, um silêncio profundo e devastador. Reuníamos nos no pátio em círculo, sentados no chão de pedra polida com as pernas cruzadas, esperando o padre Patriarca chegar. Tão breve – sentíamos sua presença em meio ao círculo de cordeirinhos -, ali rezava, catequizava e refletia, o que me fazia recordar o sotaque ítalo-brasileiro de vovô Silvino. Certa manhã, a reflexão que fizemos foi sobre nossos medos. Medo? Eu só tinha um, o de escuro; sentimento meio contraditório para quem morava num lugar tão abençoado e iluminado por Deus como minha Nova Estrela do Espírito Santo. Digo por Deus, pois não havia postes de iluminação como hoje, fato que me rendeu momentos de pavor: – Seu Zé, me dá sete roscas? E lá ia ele com toda a sua habilidade de vendedor, pegava as roscas, grandes e robustas, passava um barbante entre elas e amarrava as pontas. Hoje consigo reconhecer nessa ação uma atitude ecofuturista, porque na época eu o achava um tremendo mão de vaca. Quando eu saía da venda, minha missão começava: enfrentar o caminho sombrio, de dar calafrios, da venda à minha bucólica casa. E eu ia em disparada, como cavalo entre os bananais, me atropelando nas orações. Quando chegava em casa, o pé, descalço, estava todo pocado e as unhas, ocas e esbranquiçadas como dentes de alho e serrilhadas como dentes de piranha. Levantei os olhos e ainda pude ouvir o padre dizer que devemos superar nossos medos. Blém, blém, blém! O sino das cinco e cinquenta avisava que era hora do delicioso café da manhã: pães saborosos, frutas tropicais, leite que nós mesmos tirávamos das vaquinhas e um café sabor de roça que me levava novamente às manhãs em minha casa: – Peneira na mão, Luiz? Sim. Eu e meu irmão Claudenir descambávamos do barranco no pequeno riacho, afluente do nosso rio maior, o Benevente, para começar nossa aventura de coletar peixes, munidos de peneiras feitas de taquara, produzidas por nossas mãos. Era pura emoção ver nossa arte finalizada. No final da manhã tínhamos jundiás, que eram os meus prediletos, não pelo sabor, mas por ter as cores do meu amado Flamengo. Além desses, o balde também abrigava carás, piabas e alguns pequenos, porém saborosos, caranguejos de água doce. Após o café da manhã, íamos finalmente estudar: biologia, português, matemática, latim. Às vezes me cansava. Minha sala de aula, bem diferente da de hoje, com alunos participativos; ao contrário, parecíamos múmias confinadas no silêncio, ou melhor, silêncio. As aulas mais emocionantes da escola eram as de teatro; tínhamos apresentações mensais, e Shakespeare era o meu favorito. Havia também campeonatos de futebol, vôlei, handebol. Eu era um atleta, mas o jogo em que a bola ficava presa a uma corda fixa a um tronco de carvalho envelhecido, era o de que eu mais gostava. A escola era realmente boa, mas ficar longe de minha família, das noites de reza na casa de vovô Silvino e das travessuras com os primos foi muito sofrido. Na primeira inacabável semana, eu chorava debaixo do cobertor, sentindo o ardor das lágrimas salgadas de saudade. Contudo, vi que podia fazer novas amizades, que a escola era minha nova família. Hoje, vejo com nitidez o quanto a disciplina muda o homem. Ele se torna mais responsável e atento. Ela me ajudou muito em minha inefável infância e em todas as difíceis, porém felizes fases de minha vida.

**** *n_6

O velho e companheiro podão, jogado a um canto deste quartinho dos fundos, me fez por alguns momentos reviver o passado de um homem que como tantos outros construiu

uma história... Lembrei_me de quando morava em uma casinha simples de 3 cômodos com minha mãe e meu irmão mais velho, no humilde bairro de Sertãozinho, hoje denominado Paraíso. Comecei a trabalhar aos 9 anos nas roças perto de casa. Um pouco mais mocinho, enfrentei trabalho bem pesado. Levantava cedinho, quando somente a prata do luar iluminava a cidade. Sem escolha, vestia a roupa surrada e encardida, palheta ruída na cabeça. Era mais um dia quente nos canaviais. Mesmo doente, a mãe sempre levantava junto para preparar minha marmita, embrulhava-a no desbotado guardanapo xadrez, desejava-me um bom dia de trabalho e que Deus me acompanhasse... Lá de dentro de casa ouvia o barulhento motor do caminhão de turma. Corria para fora e subia na traseira do velho e precário transporte. Sentava_me ao lado de outros companheiros e durante o trajeto alguém sempre tinha uma história para nos aquecer, pois no inverno ficávamos com os lábios roxos, mãos e nariz gelados e o corpo endurecido... tremíamos... de frio. Aquele vento cortante congelava nossos corpos e nossos sonhos. A caminho do canavial, eu via poucas casas, alguns comércios, a Escola Anacleto Cruz, a Igreja Matriz... Ao passar por uma vendinha, perto do Cemitério Papa Paulo, como num filme, via diante de mim os coleguinhas de infância sentados comigo na calçada. Todos com bolinhas de gude. Eu era o melhor naquele jogo. Ficava com os bolsos cheios. Guardava-as num vaso que ficava em cima da antiga cristaleira, na sala. Pegava uma por uma e observava as cores daquelas bolinhas coloridas... dentro delas havia várias bolhas pequeninas que se pareciam com um pequeno oceano cheio de peixinhos, os quais, ao respirarem, formavam aquele mundo mágico... Chegando ao destino, aqui mesmo em Sertãozinho, perto das usinas Santa Elisa, São Geraldo, Santo Antônio, todos desciam com as ferramentas nas mãos. Era uma legião de homens prontos para atacar os grandes canaviais – verdadeiros exércitos verdes a serem combatidos. Na hora do almoço, todos largavam os podões e iam pegar as marmitas. A comida, que vinha quentinha de casa, já estava fria. É daí que vem o apelido boias_frias! Voltávamos ao trabalho árduo. Só se ouvia o vrum vrum do podão, que mal dava tempo de calcular onde ia bater. Uma vez o bati bem em cima de uma unha. Até hoje tenho cicatrizes e carrego comigo essas marcas que me fazem lembrar essa vida dura que eu e outros irmãos de canavial levávamos. Recordo-me do caso dos onze boias_frias sertanezinhos, cujas vidas foram ceifadas naquele terrível acidente, vindos da vizinha cidade de Orlândia... Os corpos foram velados no Ginásio de Esportes Doçõ. Quanta tristeza! Toda a cidade chorou! À tardezinha, o sol ia se despedindo, meio envergonhado, por nos castigar tanto...mas logo tingia o céu com o mais belo tom alaranjado, que, misturado ao verde do canavial, formava a mais bela aquarela. O céu entrava em festa, era uma explosão de cores. O caminhão passava de porta em porta, deixando cada um dos trabalhadores, marcados pela cor negra da fuligem da cana. Só se viam os olhinhos cansados pedindo descanso. Terminava o meu dia com uma saborosa recompensa: o delicioso angu que minha mãe preparava no fogão a lenha. Ouço sua voz fraca e rouca dizendo: Demá, Demá, a janta vai esfriá! De barriga cheia, o cansaço se manifestava ainda mais e me obrigava a ir para a cama aproveitar e sonhar, antes que viesse outra vez o luar, indicando a hora de voltar para a minha dura realidade. Nesse instante, o velho podão que estava mal apoiado cai no chão e corta meus devaneios, trazendo-me de volta ao presente. Agora quem ouve o vrum vrum nas canas são as gigantescas máquinas que as cortam. As metalúrgicas e grandes indústrias, que trouxeram o progresso, ao lado dos canaviais, são referência mundial em montagens de usinas e equipamentos industriais. É a capital do açúcar e do álcool. Sinto_me orgulhoso em saber que com essas mãos calejadas ajudei a construir a história de um povo. A história do lugar onde eu vivo.

**** *n_7

Foi daquela doença de nome alemão! Essa frase adentrou meu ouvido quando atendi ao celular. – Foi no mesmo lugar onde as meninas foram sepultadas na inauguração do Cemitério Ecumênico da Paz – completou minha irmã. Queria estar presente para dar meu último adeus à dona Janetta, matriarca da família Saibel e uma das pioneiras de Espigão do Oeste. Desliguei o telefone, viajei dentro de minhas memórias e segui direto aos meus 12 anos, época em que deixamos o Estado do Espírito Santo e viemos rumo ao norte do Brasil. Foi uma viagem de catorze dias num caminhão pau de arara. Duas famílias: a Posmozer e a Pufal. Dividíamos o

espaço com latas de banha de porco e de açúcar, tachos e um traçador de madeira. Entrava e saía o sol, a lua mudava de fase, e a viagem não acabava. Eu, ainda criança, sonhava com a nova terra, sobre a qual papai dizia: Minha filha, lá é tão grande que nossos três alqueires se tornarão setenta. Contavam_nos que as árvores eram de sumir de vista e tínhamos que tomar muito cuidado para não sermos atacados pelos índios e comidos por onças. Era uma espécie de medo misturado com satisfação. Senti_me cansada, parecia que agora, passados mais de quarenta anos, é que fui sentir o efeito daquela viagem. Nesse instante lembrei_me de quando fiquei amiga de Irma e Nilda e de nossas tardes juntas. Em minha memória remexíamos sobrenomes que faziam parte daqueles meus dias, eram os Lawers, os Ludtkes, os Boones, os Tesches. Era minha infância que vinha me visitar. Visualizei bem muitos olhos verdes e azuis e cabelos loiros. Começaram a zunir nos meus ouvidos muitos ió, ió e nei, nei. Chegavam também muitos olhos escuros e puxados, muitos cabelos negros e seios de fora, muitos cocares coloridos. Arrepiavam_me os balaios que caminhavam pelas ruas. Eram muita água, muito verde, muito sol. Eram poucas casas, nenhuma escola, nenhum hospital. Naquela bagunça de pensamentos, como se formasse um quebra-cabeça, veio a tarde do dia 22 de outubro de 1972. Eu, Irma e Nilda voltávamos da entrega do almoço de nossos pais e, escondidas, paramos no rio próximo à mata onde nossos familiares trabalhavam. De repente um tampão escuro cobriu nossas cabeças, rajadas de trovões faziam tremer o chão, relâmpagos imensos cortavam os céus. Corremos antes que pingos chegassem, e, no cair de um raio, o pânico tomou conta de mim. Percebi que havia esquecido meu chapéu na beira do rio e se chegasse em casa sem ele seria mais perigoso do que aquela tempestade já anunciada. Pedi às duas que fossem na frente enquanto eu voltava para apanhá-lo. Vi pela última vez minhas duas amigas. Talvez tomadas pelo medo, seguiram de mãos dadas pela estrada. Seus passos eram uniformes e firmes. O céu negro foi cortado por um relâmpago que parecia não ter fim. Voltei meus olhos para o chapéu solitário a me esperar. Saltei para o leito do rio ao seu encontro. Nesse momento a rajada de um trovão sacudiu o chão e eu caí. Sentada, olhei o vento a soprar uma, duas, oito vezes meu chapéu. Sentada, assisti àquele balé. Esqueci_me do mundo, a tempestade acabou. Segui pela estrada com o meu pequeno bailarino na cabeça. Senti_me protegida. Cheguei em casa com a presença dos últimos raios do sol e já sentia o cheiro saindo do forno de dona Janetta. Atravessei os balaústres e segui direto à pequena e humilde cozinha da família Saibel. Um brote imenso, saído do forno, nos esperava. Rodeei a mesa à espera das minhas amigas. – E as meninas? Naquele momento tudo parou. Dona Janetta estremeceu. A pequena Vila de Espigão entristeceu. À noite, papai serrou uma cerejeira que havia sido atingida por um raio e que caíra sobre um barraquinho. Na manhã do dia 23 de outubro de 1972, dois caixões, feitos de uma cerejeira, inauguraram o Cemitério Ecumênico da Paz. Levanto_me agora, pois um cheiro de café me leva até a cozinha. Sento_me à mesa, parto uma pequena fatia de brote, lambuzo_a com nata e açúcar. Será que dona Janetta se lembrava de como se fazia um brote? – Foi daquela doença de nome alemão! Essa frase adentrou meu ouvido quando atendi ao celular. – Foi no mesmo lugar onde as meninas foram sepultadas na inauguração do Cemitério Ecumênico da Paz – completou minha irmã.

**** *n_8

Não faz muito tempo que eu moro aqui, no interior paranaense, em Jardim Alegre, no Assentamento Oito de Abril. Sua história também é minha história, aquela que não aparece nos noticiários, mas que agora será revelada... Quando aqui cheguei ainda era Fazenda Sete Mil. Eu esperava algo melhor, não pensava que seria complicado começar a fazer parte de um movimento social. Não sabia como as pessoas se organizavam para estar em grupos – as “brigadas” –, eram tantas lutas para conseguir comida, ficar doente e não ter assistência médica e ter apenas um pouco de tempo para dormir. A guarita não podia ficar sem ninguém, era a entrada da Fazenda Sete Mil, que precisava ser vigiada todo o tempo. Assim, poucas pessoas podiam descansar. No início da ocupação, cavaleiros do MST entraram na fazenda, sendo seguidos pelas mulheres com as crianças. No confronto entre os peões do fazendeiro e os cavaleiros do movimento destacavam-se as fumaças escuras dos tiros. Eram tantos os tiros que o barulho era insuportável e o cheiro de pólvora, forte. Para quem nunca viu,

estar ali, com eles... Poderia dizer que o mundo iria acabar. Quanto calor! Os tiros faziam nascer o fogo no colônho e assim expandiam-se no capim, provocando queimada. O fogo se alastrava mesmo no capim verde. Os gados do fazendeiro – soltos em sete mil alqueires – foram mortos de várias formas e por muitos motivos: algumas vezes para servirem de alimento; outras, vítimas de balas perdidas. Muitas pessoas, vizinhas da fazenda na época, em 1997, ficaram apavoradas com o caos. Era assim mesmo no início! Apavorantes eram as cenas que não cessavam. A sensação era de estar assistindo a um filme de suspense em uma tela enorme – a realidade – muito próxima a nós. Porém, ganhamos a luta! Todos os que eram valentes não desistiram; a força de poucos reuniu muitos para a conquista. Fomos nos acomodando, instalando os “barracos” de lona. Não havia energia elétrica, usávamos vela. Não havia água encanada, buscávamos em um riozinho. Assim foi o início do acampamento, futuro Assentamento Oito de Abril. Depois de muito tempo de luta, chegou a notícia da conquista definitiva: a terra era nossa! Um sonho para quem lutou tanto e esperou confiante, imaginando como seria. Houve festa, compareceram muitas pessoas. Foi muito emocionante! As pessoas dançando, a alegria de estar presenciando esse momento, a música contagiante, um grande espaço ao ar livre... Comemoração que começou de madrugada e se estendeu até a noite. A alegria era tanta que parecia até que as gréveas dançavam também, os pássaros voando sem cessar entre uma quina e outra dos barracos, cantando, pareciam estar fazendo parte da festa. Até o vento soprava suave, e as folhas secas, douradas, das árvores, caíam com muita delicadeza, parecendo flocos de ouro. Naquela noite, eu estava pensando que sonhava! Começaram a se acender as estrelas no céu, que, durante o dia, estava azulzinho e agora todo iluminado, brilhante! Quando o sereno caía, deixava gotinhas de orvalho sobre a verde e extensa grama que envolvia a festa. Depois de um dia maravilhoso, começamos a ter uma noite também inesquecível para todos nós do movimento e para quem não fazia parte do assentamento. O coração não parava de palpitar, principalmente quando soltaram o primeiro rojão. Parecia que meu peito iria explodir! O barulho era alto. Nessa hora, muitos soltaram foguetes, e foi uma longa noite, nem sono mais havia! No grande e redondo salão de reuniões, os músicos começaram a tocar; o volume parecia ter aumentado. Lá fora, os grilos tritinavam e as cigarras cantavam cada vez mais alto, acompanhando nossa alegria! Quantas sensações... Hoje a nossa luta, o dia da festa e da esperança está em minha caixinha de memórias como se todos os sentimentos envolvidos nessa conquista, nessa vitória, fossem meu tesouro, meu segredo...

**** *_n_9

Hoje acordei cedinho, passei um café e fui para o quintal botar milho para as galinhas. Nem percebi que encostara naquela pedra preciosa trazida das cacimbas nos tempos de dona Noca, época em que quem tinha uma tropa de jumento era rico. O tempo passou sem que eu percebesse e lá se foram mais de setenta anos da minha vida, todos vividos nesta pequena cidade de São João dos Patos, no sertão maranhense. Cá, sentada na velha cadeira de balanço, balançando a minha memória, relembro todas as histórias que vivi naquela casa de taipa, porta de talo de coco amarrada com um cordão velho, construída pelo meu avô. Uma saudade toma conta de mim e me embala rumo às minhas mais doces memórias de criança. Ouço passos silenciosos dentro de casa na caída da noite. Sinto um toque suave no meu rosto e o perfume inconfundível da minha mãe toma conta do quarto velho e abafado. Acordei de manhãzinha com a candeia na mão para acender as trempes, pensando que era apenas um sonho bom, mas na realidade ela havia mesmo ido embora, e eu fiquei com meu pai, que trabalhava vendendo arroz, feijão e milho nas redondezas. As viagens eram demoradas, porque de vez em quando o jumento amuava e a labuta era grande para ele levantar. Eu completava de 9 para 10 anos quando comecei a subir a ladeira para lavar roupa nas cacimbas, perto do olho da água. Muito antes de o sol nascer, as mulheres colocavam três caminhos de água e só depois saíam com suas trouxas de roupa na cabeça e uma penca de meninos correndo nas veredinhas atrás do churrim – cachorro vira-lata –, a poeira cobrindo o mundo e elas brigando com a gente. De longe dava para ouvir o tac, tac, tac da roupa batendo nas pedras e ressoando mato adentro. De primeiro era assim: as mulheres mais velhas possuíam sua pedra consinada. Quando chegavam à cacimba e havia outra

mulher lavando roupa no seu lugar, ela colocava a trouxa de roupa no pé da pedra e a outra logo levantava e ficava esperando até que pudesse terminar o trabalho. Imagine eu, na minha meninice, brincando com a espuma de sabão, correndo, pulando nas águas frias e cristalinas das cacimbas. O tempo passando e eu crescendo, até o dia em que finalmente ganhei a minha pedra preciosa. A felicidade foi tanta que nesse dia lavei até a minha alma. Naquele tempo não havia escova, sabão em pó ou qualquer outra coisa que pudesse nos ajudar. A roupa era esfregada na mão, batida na pedra e colocada no quarador até que ficasse limpa como o céu no mês de agosto. O cheiro amargo do sabão de tipi, feito nas gamelas, tomava conta de nós e dos meninos que se escondiam atrás dos pés de jatobás para olhar as mulheres nuas tomando banho. O rebuliço de mulheres correndo e se escondendo era grande, mas, no final, tudo terminava em graça. Eita meninos danados do capeta, num tem quem possa com essas trancas ruins, dizia dona Deusina. Depois daquele banho gostoso era hora de comer banana com farinha e fazermos o mesmo caminho de volta. À noite, o ponto de encontro para a prosa era no único poste da cidade que ficava bem ali na esquina. Sentada no tamborete, enquanto os outros papeavam, eu admirava a beleza daquela candeia que não precisava de querosene. Agora durmo até mais tarde, levanto e ligo a máquina de lavar roupa, que jamais pensei um dia possuir. Já velha e com a vista curta, avisto_a no fundo do meu quintal, aquela que mandei buscar de tão longe para ficar ao meu lado, aquela que sustentou os meus seis filhos, aquela que me faz mergulhar nas minhas lembranças: minha pedra preciosa, que está consinada no meu coração.

**** *_n_10

Cresci e vivo em Coronel Xavier Chaves, cidadezinha do interior de Minas. Esta manhã, ao ouvir o soar do apito do trem que passa levando minério de ferro e que avisto da janela do meu quarto, me lembrei do tempo em que não tínhamos pressa. Vivíamos soltos como os passarinhos que perambulavoavam pela cidade. Naquele tempo, por volta de 1957, onde hoje é a escola era só mato, um grande tapete verde, onde rolavam bolas e crianças. A cidade cheirava a mato, frutas, biscoitos de fubá e polvilho assando no forno a lenha. As poucas ruas eram de terra vermelha e se chamavam Rua de Baixo, de Cima, do Meio e da Estrada de Automóvel. Por elas andavam também cavalos e carros de boi. A fraca iluminação do Azevedo nos obrigava a armar da lamparina para varar a escuridão da noite. Na verdade, nem éramos ainda uma cidade. No nosso pequeno arraial havia apenas o Armazém do Zé Passarini, que vendia de tudo um pouco: tecidos; rendas; mantimentos, como arroz, feijão, farinha; e até pano para caixão. Naquela época, as roupas eram feitas em casa. Uma peça de fazenda vestia a família toda. Isso era muito chato, pois eu queria ficar diferente. Assim, costumávamos comprar alguns panos em São João del Rei. De Resende Costa vinha a jardineira – aqueles ônibus antigos – que nos levava à cidade, mas chegava aqui carregada como as goiabeiras no mês de março. Íamos então a pé até a estação, em César de Pina, para depois pegarmos o trem Maria Fumaça rumo a São João del Rei. Eram duas horas de caminhada e muita conversa jogada fora. Lá, visitávamos seu Zé das Dores, lavávamos os pés, trocávamos os sapatos e ainda tínhamos tempo para um dedo de prosa, acompanhado de café com biscoito. Já assentados nas poltronas de madeira do trem, podíamos sentir o cheiro da fumaça que deixava um rastro cinza para trás. Eu adorava andar de Maria Fumaça e observar, pela janela, os coqueiros dançando com o vento. O trem trilhava seu caminho colorindo dentro de mim e tudo à sua volta: as árvores, as pontes, os morros, a serra São José, os rios e os córregos de águas claras e sem poluição. Essa viagem sempre me fazia lembrar uma canção da época: “Lá vai o trem subindo a serra, que saudade nós sentimos de beijar nossa vizinha, chacatá, chacatá, chacatá, uuuuh...” O trem seguia devagar e sem pressa. Sabia que estava chegando quando avistava as margens do córrego do Lenheiro. A Maria Fumaça freava e seu apito soprava para descermos. Comprávamos os tecidos e eu aproveitava para ir ao salão do Vicente Vale para fazer permanente. Já ouviu falar disso? É exatamente o contrário da chapinha, um processo químico que torna encaracolados os cabelos lisos, pois antigamente a moda era cabelo anelado. Hoje, vejo que o cabelo liso e escorrido como o meu é o desejo da maioria das mulheres. Como as coisas mudam! Ao final da tarde, embarcávamos novamente na Maria Fumaça para retornarmos para casa. Eu voltava radiante com os cachos do meu

cabelo e meus panos exclusivos. Devagar, eu tinha ido longe. Às vezes, fico pensando: hoje temos pressa. Não sobra tempo para apreciar o nascer ou o pôr do sol, nem para conversar com a família e os amigos. Atualmente, quando passo na antiga estação, me dá um aperto no coração, a saudade toma conta do meu peito. Preferia aqueles tempos, quando tudo andava devagar, devagar como a Maria Fumaça...

**** *n_11

O tempo flui como um rio, aquele do qual Heráclito disse que não podemos descer duas vezes. Nas asas do tempo, descemos no rio da vida. Nosso passado não existe, salvo sob a forma de memórias. Nossas memórias são as ruínas do Canela. Se bem me lembro, o povoado Canela surgiu no século 19, com a chegada da família Batista. Mais tarde começou o crescimento com a chegada das famílias Lima e Santana. As terras eram boas para construir casas e plantar e, como não havia outros habitantes, mudaram-se para o local, que chamaram de Canela. O nome, como dizia a matriarca do Canela, dona Noca: É porque vinham muitas vacas pastar aqui e eram vacas caneludas. O sol da aurora se levantava por detrás da extensa e linda serra do Carmo. O sol do poente se deitava sobre as águas do rio Tocantins. Foi ali, entre duas belezas naturais – serra e rio –, que marcamos nossas vidas. O povoado Canela tinha sua particularidade na simplicidade de suas coisas e de sua gente. Vivíamos de forma harmônica. A arquitetura era rústica: barro e palha misturados davam um casarão. As residências não possuíam muros. Vivíamos intensamente a vida coletiva. Havia um barracão de palha no centro da comunidade. Era conhecido como Barracão da Esperança. Lá, ao som da rabeça (instrumento medieval que deu origem ao violino), o rei, a rainha, o capitão do mastro e a comunidade festejavam o Divino. Também festejamos o dia de Santa Terezinha, padroeira do Canela, a dança da súcia, da catira e das rodas de São Gonçalo. Dona Noca, que não sabia a própria idade, curvada pelos anos, dava notícia de muita coisa: a seca de 1960, as cheias, os casos sangrentos de Duro, a passagem da Coluna Prestes pelo povoado e outros fatos que já chegavam incompletos. A vida corria bem até o final do século 20, quando Palmas, capital do Tocantins, foi instalada ali bem pertinho. Inicialmente, a cidade recém_criada trouxe venturas, depois desventuras. Canela era ponto de apoio para trabalhadores da construção civil. Vimos Palmas nascer sob a luz do sol do cerrado e crescer com as obras luxuosas. Com a consolidação da cidade, turistas se divertiam às margens do rio. Na época de praia, aproveitávamos para aumentar nossas rendas, trabalhando em construções de barracas de praias, em pinturas de barcos, como canoieiros na travessia do rio, como cozinheiros e garçons. Também fornecíamos a Palmas mandioca e hortaliças. Em 2001, a formação do lago da usina hidrelétrica inundou o Canela, inundou as nossas vidas. O adeus ao povoado e a mudança do Canela para o centro de Palmas foram difíceis e um processo de adaptação trabalhoso, para crianças e idosos principalmente. As brincadeiras até tarde pelas ruas, a contação de casos nas noites de luar, as peladas em meio ao sol ignorado pela euforia, a conversa na calçada até mais tarde, a confecção no tear, o clima fresco e a arborização local são apenas recordações. Hoje, somos obrigados a permanecer trancados nos quintais, com muros em volta das casas. Na véspera da mudança, dona Noca não achava jeito no colchão de paina, não achava espaço em sua palhoça. Só pesar e lágrimas. Quando o céu tintou umas pinceladas de vermelho, saiu para visitar seus amigos: o pé de malva, o alecrim, a mangueira, velha amiga que todo ano enchia Noca de presentes. Desceu ao rio. Lá chorou com ele, e o rio ainda mais água jorrou. O rio, que cantava num ritmo de felicidade, mudou o tom de voz e se deixou levar num ritmo dolorido, ecoando, vale afora, a má notícia. Fecharam a barragem, a água engolindo tudo invadiu o Canela, cobriu flores de sabugueiro, de acácia, de ipê. Canela é uma estrela caída, encharcada, cinzenta e apagada, como se morta e fria sob as muitas águas. Estrela Canela já não respira, já não brilha, já não aquece vidas como antes, salvo bem no alto da via_láctea da nossa memória. Sempre encontraremos a estrela Canela no baú das nossas reminiscências, lá onde o seu brilho é intenso e tem iluminado nossa vida até agora.

**** *n_12

Existem várias maneiras de viajar...Hoje viajarei no tempo, lá no arruado de Utinga, no Município de Rio Largo, no Estado de Alagoas, em um pequeno local da zona rural chamado Gameleira. No ano de 1931 nascia Milton Monteiro da Rosa. Nesse lugar morava um povo

simples – trabalhadores de uma usina –, onde as casas eram doadas de acordo com o cargo exercido na empresa. Então, você já imagina! Tinha ruas para os endinheirados e para os modestos. Os elitizados recebiam casas grandes e formosas, com jardim na frente e ruas calçadas. Já a moradia dos humildes operários era colada umas nas outras, dividindo uma só parede, com o mesmo modelo. Se você conhecesse a minha residência, não precisaria conhecer a do vizinho. Tínhamos terreno na frente de casa onde plantávamos de tudo o que você imaginar: frutas, verduras, hortaliças...Sem falar dos canaviais e das matas que cercavam esse local. As ruas eram de barro, não tinha esgoto. Inclusive, a minha era uma dessas. Naquele tempo acordávamos cedo com um maravilhoso cheirinho de café torrado. Ao tempo que obedecíamos a um ritual que gostaria que fosse eternizado: rezava, pedia a bênção aos meus pais e ia para a escola. No caminho cumprimentava a todos com um bom_dia. Eita dia bom! Chegando à escola, cumprimentava a professora, pedia licença e ia fazer a lição, já que o ensino era rígido, tudo à base do respeito. O que não me agradava eram as punições aplicadas àqueles alunos que faziam alguma travessura. A mestra colocava de castigo, ajoelhado em grãos de milho e de frente para os colegas, servindo de referência para aqueles que tinham a intenção de bagunçar. No entanto, ninguém aprontava para não ocupar aquele lugar. A vida aqui era muito tranquila, nosso relógio era o tempo. Aliás, que tempo! Não tínhamos pressa, andávamos a pé, a cavalo ou de trem. Esses eram os únicos meios de transporte acessíveis. A locomotiva funcionava a lenha e nela existiam duas camadas sociais: A e B. Na primeira classe iam os passageiros que tinham condições econômicas, com cadeiras acolchoadas. Já os da outra classe tinham bancos duros e com mais passageiros. Porém, todos chegavam aos seus destinos do mesmo jeito. Se bem me lembro, os costumes populares imperavam. As pessoas se conheciam e trocavam experiências sentadas à porta de seus lares. Os mais velhos contavam causos e lendas para os mais jovens e eles repassavam seus ensinamentos. Brincávamos de boca de forno, o que é o que é, passa anel... Era uma interação só! Idosos, adultos, jovens e crianças, todos numa mesma emoção, que eu diria de diversão coletiva. Nessa época também as comemorações eram frequentes. A que mais gosto de lembrar é da Festa da Cana, concurso em que era premiado o povoado que trouxesse a maior cana. Ela deveria ser adubada e conservada para esse grande dia, que acontecia todo mês de dezembro. A usina convidava todas as pessoas dos povoados distantes. A alegria era garantida. Se alguém tentasse atrapalhar essa diversão, era punido na baiaca, local fechado, onde o transgressor recebia um banho de mel durante toda a noite. Podia ser até um engomadinho, era baiacado do mesmo jeito e só libertado no outro dia, todo lambuzado e na hora de o trem passar, para servir de exemplo. Ah, se pudesse voltar no tempo... Traria de volta a tranquilidade das brincadeiras sem malícias no rio Mundaú, principal percurso de águas naturais que banha algumas cidades do meu Estado. Amava nadar nele, cujas águas eram tão límpidas e transparentes que dava até para contar pedrinhas debaixo d'água. Enquanto isso, as mulheres lavavam roupas e cantavam músicas que a minha imaginação fluía. Não sabia se viajava em meus pensamentos ou mergulhava no rio de tanta inspiração. Eram sensações maravilhosas, momentos gostosos de liberdade...Hoje a modernidade me encanta e também me assusta. Tudo mudou! O trem é transporte igual para todos. Tenho televisão e vejo reportagens sobre a poluição do rio Mundaú e nem acredito que isso aconteceu. Agora sei das horas pelo relógio, vejo e converso com minha filha que está tão longe pelo computador. Coisas que jamais seriam pensadas... Paro e lembro_me de tudo como se fosse hoje...

**** *n_13

Trazer à tona vivências tão profundas como as que vou contar me faz um bem danado! São memórias muito antigas, assim como eu. Brotam do meu peito como boas lembranças da época em que as vivi. Histórias regadas de sonhos e de amor pela música. Falar do nome Todeschini é falar da minha cidade, Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha. Esta cidade, que hoje vive da uva, do vinho e dos móveis, já viveu da música. Na década de 1930, meu amado pai, Luís Mateus Todeschini, foi de amante dessa arte a dono de uma fábrica de acordeões que se consagrou no cenário musical e se tornou grande e única. Fui apresentada às notas musicais antes mesmo de ser alfabetizada. Uma paralisia infantil comprometeu meu andar e atrasou minha ida à escola. Isso fez com que papai me introduzisse bem cedo a esse fascinante

mundo. Me conduzia pela fábrica e eu observava quietamente a delicada e suave construção de um acordeão. Pequena ainda, já era artista! Sim, uma artista! Aos 8 anos ganhei de meu pai um acordeãozinho cor_de_rosa e já ensaiava algumas notas. Tive vários, eu crescia e o tamanho deles também. Crescia também a minha paixão pela música. Uma pianista do Rio de Janeiro veio conhecer os acordeões, encantou_se, aprendeu a tocar e ficou para ensinar. Dava aulas no Hotel Paris, para mim e para outras meninas. Era um orgulho para as famílias daquela época ter uma filha que tocasse acordeão. Sabe onde hoje é a Via Del Vino? Lá ficava o Hotel Paris, ao lado da prefeitura. Lindo! À entrada, longos tapetes de veludo vermelho evidenciavam todo o glamour do hotel. Eu não perdia uma aula. Minha cabeça voava no embalo das notas musicais limpas e harmoniosas saídas dos acordeões, que hoje ainda estão vivas em minhas memórias querendo ressurgir a cada música que ouço. Agora Bento é cidade grande, mas naquela época era pequena que nem sei! Só havia duas ruas: uma, que levava pro morro, atualmente Cidade Alta, onde ficavam a nossa casa e a fábrica; outra, no centro, a Marechal Deodoro, aparecendo a igreja com a torre do sino que, com suas badaladas, aos domingos, acordava a gente pra missa. E os casarões... Ah! Os casarões da Marechal Deodoro! Arquitetura belíssima, de alvenaria ou de madeira, abas bordadas com lambrequins. Causavam uma bela impressão... E que impressão! Dói saber que hoje poucos restam. Foram substituídos por prédios, prédios... Também no centro, no final da rua, ficava o Clube Aliança. Lá acontecia a vida social da cidade. Era o sonho de todas nós, meninas, frequentá-lo para dançar. Lembro-me da primeira vez que entrei no clube, junto com meu pai. Mamãe havia me preparado com um vestido de tafetá, godê, com um laçarote amarrado às costas. Dançavam-se valsas, tangos, e a minha preferida: milongas. Era abrir o acordeão, soltar a primeira nota, todos pegavam seus pares, se colocavam no meio do salão. Bailávamos sem parar, até amanhecer. Bons tempos aqueles! Os anos que se seguiram foram de glória para o Clube Aliança, para a fábrica de acordeões, para a cidade e para a minha vida. Entretanto, no final dos anos 1960 e início dos de 1970, com o violão e a guitarra, a procura pelos acordeões caiu. Mas nada, nem em meus piores pesadelos, me levaria a imaginar o que iria acontecer. Agosto, sexta-feira, 13, 1971, aquela fábrica rodeada de magia vinda do encanto de produzir acordeões virou cinzas. Um pequeno grande descuido levou tudo às chamas por três dias. Silenciou a minha vida e a vida da minha cidade. Assim como a fênix, a fábrica renasceu, não mais de acordões, mas de móveis. Hoje, quarenta anos depois, a Todeschini de móveis não pertence mais à minha família, mas as memórias e as lembranças da linda época que tive oportunidade de viver ninguém poderá me tirar. A Todeschini de acordeões está descansando debaixo do asfalto, das casas, dos prédios e de tudo o que para mim passou a ser novo no decorrer do tempo. Sobrou a música em minha vida e o orgulho de carregar este nome que é marca da cidade onde vivi e vivo, que com minhas meras palavras, conhecidas por um vocabulário pequeno, não consigo explicar.

**** *n_14

Lentamente o sol levanta-se na canhada para iluminar as pedras do meu galpão, trazendo consigo mais um dia no horizonte. Com a ponta do lápis e sentado ao redor do fogo que me aquece nas manhãs frias da serra catarinense, escrevo a saudade do meu passado...O berro do gado e o canto do galo me chamavam todos os dias logo nos primeiros raios do sol. Hoje é esse mesmo som que ecoa em minha mente, e, em uma sina de poeta, repontam lembranças de um tempo que não volta mais, como em versos que traduzem as cenas da minha vida. Logo cedo, era hora de encilhar meu cavalo, pois havia seis quilômetros de estrada pela frente até a escola. Estudar era um grande sacrifício, muito diferente de hoje em dia. Por isso, o fiz até quando pude, muito menos do que gostaria. Na volta da escola, sentia ao longe, temperando o vento, o cheiro do arroz carreteiro preparado por minha mãe em uma panela de ferro sobre o velho fogão de pedra. Tudo era feito com muito carinho! O café moído que vinha do galpão compunha o camargo, com leite quente tirado na hora, e era acompanhado pelo pão de milho, pelas broas e pelo cuscuz. Por um instante pareço sentir novamente o sabor e o cheiro de tudo aquilo... A Lajes de antigamente (sim, com j, pois nessa época seu nome se escrevia assim, em referência aos campos de lajens que a originaram) era uma cidade calma, mas repleta de alegria. Havia muitas festas nos salões, como o do Clube 1º de Maio,

local bastante frequentado. As ruas enchem-se de brilho e cores com os grandes carros alegóricos desfilar nos antigos carnavais.

Pelas mesmas ruas, cotidianamente, vêm-se cavalos, carros de molas e carroças de bois. Eram bonitas de se ver as praças da cidade que tiveram seus traços inspirados nos jardins europeus. Às tardes, saía para as campearadas pelos verdes planaltos da Coxilha Rica, lugarejo onde me criei. Meu destino era a invernada da Água Boa, terra de propriedade de meu pai que ele considerou melhor vender devido ao frio costumeiro e rigoroso da região e o gado a morrer. Nela havia uma vertente que chegava a jorrar água para o alto, vindo daí o nome do lugar. Meu amor por aquelas terras sempre foi tão grande que até às pedras que compõem as taipas de lá eu quero bem. Levo até hoje comigo o trabalho como uma diversão! Nesses campos onde vivi fazíamos a lida campeira de ordenhar vacas e trabalhar nas lavouras, já que tudo o que comíamos vinha do que produzíamos ou plantávamos. Porém, essa era apenas uma parte do trabalho. Assim como meus avós, e acompanhado de meu pai, muitas vezes tropeei de Lages até o litoral, levando o gado que ia pela estrada de terra levantando uma nuvem de pó, com o bater de cascos durante mais de 25 dias. Foi assim que surgiu nossa cidade como lugar de passagem e parada dos tropeiros. Em uma dessas tropeadas tive a sorte de encontrar um amor em Vacaria, cidade rio-grandense. O namoro na época era com muito respeito, não se ousava tomar liberdades, como hoje em dia. Pegar na mão já era uma conquista. E foi com essa prenda que me casei e tive meus quatro filhos. Ainda trago comigo a saudade daquele povo amigo, confiável, que estampava os sorrisos dançantes da cidade e a simplicidade silenciosa do interior. Aos poucos os campos e seu verde deram lugar à cor acinzentada que agora, para mim, traduz minha saudade. É bom recordar o passado, pois restaram apenas ruínas da cidade que conheci. Não que ela tenha se acabado, apenas deu lugar à modernidade. Minha Lajes vive apenas na memória! Desde a década de 1960 seu nome passou a ser escrito “Lages” e muita coisa mudou. Agora vivo sozinho, madrugando lembranças, ainda com o lápis na mão, já bem pequeno. Levando a vida adiante, ainda em meio à lida campeira, agora não mais tropeio o gado. O que me resta é reviver lembranças da minha querência! Em minha alma serrana tropeio apenas saudades...

**** *_n_15

Córrego do Burro ou Reflorestamento, onde nasci, em 1949, sinto tantas saudades! É tão bom voltar no tempo e reviver os momentos da minha infância e adolescência que guardo comigo num baú, meu baú de memórias. Parece até que estou pisando no molhado, admirando os burros no pasto, sentindo o cheiro dos grandes eucaliptos. Recordo-me bem da casa onde vivia, perto da mata, das panelas de barro compradas na feira da cidade e colocadas sobre o jirau, das formas também de barro para guardar água, do candeeiro a querosene com manga de vidro. É na mata e nas suas águas que minhas emocionantes lembranças flutuam. Lembranças que me acompanham por toda a vida. Vivíamos juntas, a mata e eu. Antes de entrar, meus irmãos e eu pedíamos licença aos seus guardiões. A cada passeio, uma emoção diferente diante dos seus encantos. Brincávamos de balanço, pendurados nos cipós. Sabia que do famoso cipó titara se faziam balaios! Corríamos atrás das rolinhas, azulões, bem-te-vis, canários da terra. Os pássaros pareciam me seguir quando me acordavam com seus agradáveis cantos, músicas para a minha alma. Outras vezes, espantávamos os gaviões, descobríamos até as cigarras com os seus si, si, si, si, si; como saguis, subíamos nas árvores que nas águas se espelhavam. As azeitoneiras eram nossas preferidas. Fui mesmo uma menina enfeitada pela mata! Lembro-me dos riachos como se fosse hoje. Em suas águas cristalinas lavávamos os pés, pegávamos piabinhas e depois devolvíamos ao seu hábitat. Tudo era tão divertido! O som da enxada de papai, Pedro Alves Cabral, batendo nos trilhos dizia que era hora de voltar para casa e lá íamos nós com um saquinho de azeitonas e a língua roxa. Como me lembro das minas! Cavava-se aqui, cavava-se ali, e as águas brotavam da terra, formando cacimbas, jorrando como fontes. Mais um espetáculo aos meus olhos! E os açudes? O Açude de Timbi, do seu Nicolau; o Açude da Mata; o Baldo do Açude, com uma passarela estreita de concreto que dava medo passar. Era um encanto ver o meu rosto refletido em suas águas claras e escutar o som delas. Na hora dos banhos fazíamos as maiores algazaras. Havia lugar para as meninas e lugar para os meninos. Como eu me sentia

feliz! Me recordo tão bem da grande pesca na época da semana santa. Essa cena nunca saiu de minha cabeça. Os donos da fábrica de tecidos abriam as comportas do Baldo do Açude e os peixes desciam, davam cambalhotas no ar e voltavam às águas ou caíam dentro dos jererés e cestos. Havia peixes de todo tipo: traíras, muçuns, carás, piabas. Os funcionários, sujos de lama, faziam a grande festa e até gritavam: Olha o tamanho da traíra que peguei! A cidade ainda guarda marcas do passado, como o prédio da antiga fábrica de tecidos e a casa-grande do Engenho Camaragibe, conhecida como a Casa de Maria Amazonas. Com o tempo vieram as mudanças. Os açudes não têm mais águas em abundância, o córrego do Burro desapareceu. A cidade cresceu. Surgiram hospitais, novas escolas, igrejas, novos loteamentos, conjuntos residenciais, o comércio aumentou, o transporte se diversificou. Há até metrô. É o progresso! Brevemente terá o Shopping Camará. Mas continuará sendo o lugar que marcou a minha vida no passado com o verde das matas e seus variados espelhos, as águas dos riachos, cacimbas e açudes, puras como meu coração de criança. Quando me lembro da tranquilidade em que vivia e do tempo que só volta em minhas memórias, dá vontade de chorar, mas sei que, se eu começar, vou encher um pote de lágrimas. Vocês ouviram um apito? Eu escutei o filhote (último apito da fábrica quando ela funcionava) em minha memória. É como se ele me dissesse que está na hora de dar uma pausa em minhas histórias. Ainda bem que consegui levar vocês para um passeio na mata e assistir comigo aos seus maravilhosos espetáculos, adormecidos até então. São vocês agora que também vão conduzir esse passeio. Como? É só compartilhar o meu baú de memórias da Terra dos Camarás.

**** *n_16

Sentado no alpendre da Fazenda Repouso, no município de São Miguel do Tapuio, lembro-me de momentos únicos que vivi. Era o meu lugar preferido, pois ficava pensando na vida alternada de momentos corridos e tranquilos, eu viajava nas histórias junto com os romances de literatura de cordel. Todas as férias, eu ia para a fazenda aproveitar a vida no campo que tanto amava. Lá, o cotidiano era acordar às 5 horas da manhã, mas bem antes disso os trabalhadores tinham a oportunidade de ver a aurora, a paisagem mais linda da fazenda. Era algo radiante que enchia os nossos olhos de esperança, de ânimo e de satisfação por estar naquele lugar, escutando os berros dos bezerros e o barulho dos trabalhadores que já estavam em pé desde às 4 horas, com seus cigarros de fumo para espantar os muruins. Era como uma distração em meio ao trabalho de tirar o leite das vacas, apartar os bezerros e levá-los para o pasto. Depois disso, os vaqueiros iam campear para ver as vacas amojadas e trazer para o curral as que haviam parido. Minhas obrigações também começavam cedo: a primeira era moer o milho para fazer o cuscuz e alimentar os pintos com o xerém. No café da manhã, era sempre uma fartura. Havia cuscuz, leite, coalhada, queijo de manteiga, café, frutas e carne assada em um forno de trempé. Depois eu tinha que ir para o pieiro dar água aos cavalos e banhá-los. Quando terminava, já estava bem cansado, ia me deitar em uma rede de tucum estendida no alpendre que dava para o pátio da fazenda para ler os meus incríveis romances de literatura de cordel. Eu gostava muito de ler essas histórias, ainda me lembro de algumas, como Pavão misterioso, Lágrimas de um jumento apaixonado, Cego Aderaldo, Os doze pares da França e Lampião, e também os clássicos infantis e obras de Machado de Assis. No alpendre, era um silêncio maravilhoso, só se escutava o barulho do vento indo e vindo, aquela sensação era de liberdade de poder viajar em um mundo imaginário onde tudo acontece. Ficava lá até a hora do almoço. Porém, muito antes disso, já sentia o cheiro espetacular das comidas feitas no forno a lenha. As mulheres enchiam as gamelas de arroz, feijão, carne, batata-doce, abóbora cozida e rapadura, que eram servidas aos trabalhadores em prato de esmalte para comerem na sombra de uma aroeira frondosa. Após o almoço, eles tiravam um cochilo sentindo o ar puro da fazenda e ouvindo os sussurros das folhas batendo umas nas outras, conduzidas pelo vento. À tarde, saía para procurar frutos bravos na mata, como crioli, maçaranduba, brutos, pequi e croatá. Na despensa da minha casa, a fartura era de banana. Havia muitas espécies dela (costela-de-vaca, jatobá, maçã, prata, maçã-roxa, casca-verde, nanica e outras), e também bastante queijo na prateleira e muita carne retalhada no varal. A partir das 16 horas iniciava-se o trabalho no curral. Colocava os bezerros para mamar, soltava os já mansos, colocava os bravos no mourão

para amansar e levava as vacas para a caiçara. Essa luta ia até as 20 horas. Depois, tomava um banho na gruta, que ficava perto de casa, jantava e dormia. Embora tendo tanto trabalho, eu me sentia realizado e feliz. Quando chegava o fim de semana, eu ia com meus irmãos tomar banho no açude dentro da solta, sempre íamos a pé pelas veredas. No açude, havia jacarés. Para espantá-los, subíamos nos galhos da oiticica e jogávamos grandes pedras. Ficávamos horas e horas aproveitando aquela água cristalina, brincando de cangapé e nadando de cavalete. À noite, jogávamos baralho e dávamos muitas gargalhadas. Tudo isso está guardado na minha memória e marcado em meu coração. Agradeço hoje pela vida que tive porque poucas pessoas puderam viver o que vivi, poucas tiveram essas experiências. Tive o privilégio de caçar, brincar no campo e ver paisagens maravilhosas. Tudo o que vivi foi verdadeiro, jamais poderá ser comprado. As lembranças que guardo nunca serão apagadas. Saudade é o que representa tudo o que sinto. Eu não dava tanto valor, achava o trabalho muito pesado. Mas, hoje, eu posso dizer que era feliz.

**** *n_17

Onde a transparência da água do mar reflete a paisagem da Mata Atlântica reflete também minha infância. Assim é minha cidade, Angra dos Reis, margeada pelo verdor das árvores e pelas esmeraldas das águas. Crescemos juntos, o bairro Areal e eu. Naquele tempo o bairro era apenas um pequeno arruado próximo à mata, onde brincávamos livremente pelas ruas de chão. E quantas brincadeiras! Era pique-pega, cabra-cega, queimada (que tinha que ser feita de meias), percorrer trilhas até a mata, subir em árvores para catar frutas e observar animais que por ali circulavam, e tantas outras que o tempo já me fez esquecer. O bairro cresceu, sufocou a mata e minhas brincadeiras. Hoje as crianças brincam em casa mesmo, fadadas à prisão dos *videogames*, jogos de celulares e computadores. Minha vida de criança foi uma extensa praia, com o mar cantarolando as letras das risadas dos meus amigos e primos quando íamos à praia todos os domingos. E era a baía de Ponta do Leste na maioria das vezes. Lembro-me de que corríamos para as piscinas que se formavam entre as pedras na tentativa de capturar os mais lindos peixinhos. E eram muitos: maria-da-toca, sabonete, borboleta... Ah, e não podia faltar o meu preferido: o respeitoso peixe_cirurgião. Eu ficava hipnotizada com seus movimentos, distraída, enquanto lambia o sal do meu braço. Nunca estive numa praia sem capturar peixinhos; bom mesmo era devolvê_los para o mar. Era mágico ver a vida brotar das águas! Era tudo tão leve, tão doce, que não tenho certeza se minhas memórias são reais ou relatos dos meus sonhos de criança. Às vezes chovia enquanto estávamos na praia. Aí a festa ficava completa, mas, mal a chuva batia no mar, já vinha um adulto arrastar-nos para a areia, misturando nossos risos com os sustos das trovoadas. E foram essas mesmas trovoadas que me assustaram e também me roubaram o riso. Fazia muito calor naquela noite carrancuda, e um vento quente corria assoviando pelas ruas, parecia querer me dizer algo. Pingos grossos de chuva despencaram do céu. De repente, um grito de mãe rasgou o silêncio da madrugada. Águas furiosas e lama brotavam por entre as frestas da minha casa, sem pedir licença. Como uma flecha, fui à janela e vi um rio de chocolate que engolia a rua, deixando um rastro de destruição e destroços de árvores. A natureza se rebelava. A tromba da água despiu parte da mata, se formou uma clareira. Senti que as águas que até ali me encantavam e acalmavam também eram indomáveis e reclamavam mais cuidados. Pensei, egoisticamente: Deus, salva minha família. Correu o tempo. Retornei às praias para reencontrar minhas águas... Chorei... E entendi que a Mãe Natureza, aos poucos, estendia seu cobertor verde sobre a nudez da mata, enquanto com suas mãos protetoras embalavam as “águas vivas”, agora adormecidas ao som do chuí chuí das ondas. Resultados traumáticos da tragédia ainda rondam a memória de muita gente. E sabe a minha pequena baía? Ah! Essa ainda sobrevive em Ponta do Leste, Praia do Anil, Bonfim, Pontal, Tanguá Tanguzinho, Ribeira, Araçatiba, Praia Brava, e tantas outras! E em todos esses mananciais fui tão menina que ainda não deixei de o ser: ainda encontro a mesma euforia, o mesmo júbilo, sempre que mergulho nessas águas vivas, onde procuro conchinhas e algas reluzentes para ornamentar castelos de areia.

**** *n_18

Abri meus olhos e vi um pequeno raio de sol desejando adentrar meu quarto pela telha que o tempo danificou, deixando-lhe rachaduras. O despertador correspondia a um galo. Também

se ouvia o cacarejar das aves vizinhas. Lembro-me, com saudade, da simples fazenda situada em Santa Fé do Sul, que possuía um revigorante aroma frutífero. A estrutura não pedia elogios aos admiradores nem aos compradores de terras. A vida simples trazia felicidade. Tateei o chão gelado em busca dos chinelos velhos e surrados. Assim que a coragem me encontrou, levantei, ainda carregando o sono nos olhos. Após ter me arrumado, dirigi-me à cozinha, já sentindo o cheiro do pão quente a coçar minhas narinas. Vi a mesa coberta com uma toalha bonita, decorada com bordados. Algum tempo depois, minha mãe trouxe leite de cabra fervido, pães e manteiga, os quais eram comprados com o suor de meu pai. Adicionei açúcar à bebida, pois para nós ainda não existia achocolatado. Permaneci observando as bolhas de leite subirem lentamente, enquanto relembrava e refletia sobre alguns acontecimentos. Mamãe, ao ver o ato filosófico que eu encenava naquele momento, me disse: – Vancê não vai estudar, não, Geraldo? – Sim, senhora!

Ao lembrar-me dos pães, já havia bebido o leite. Tive de engoli-los rapidamente com a manteiga. Peguei meu material sem a mochila, pois esta era artigo de luxo naquela época. Despedi-me de meus pais e pedi-lhes a bênção. O caminho era longo. Meu irmão e eu passávamos pelo mato, receosos de encontrar animais selvagens. O cemitério também causava calafrios em nosso corpo. A escola, que se chamava Ginásio Municipal, tinha uma aparência velha e acabada. A educação fora introduzida havia pouco tempo em Santa Fé. Os mestres eram rígidos com os alunos, aplicando-lhes disciplina, que correspondia ao impacto de uma régua em suas mãos. Parece que o momento reservou outras surpresas para os que se encontravam na escola. Lembro-me claramente do terror e do medo naquele dia...Um certo senhor muito conhecido chamado Rubens Camargo teve a ideia de sobrevoar Santa Fé do Sul para realizar uma propaganda partidária. O avião era denominado “teco-teco”, devido ao barulho de suas hélices. A máquina deslumbrava-nos com um amarelo forte e marcante.

Por triste obra do destino, enquanto sobrevoava as nuvens acima da escola, o piloto cometeu um grave erro, resultando na queda do avião. Ouvi o enorme estrondo do impacto sobre as pedras que cobriam a Praça Salles Filho. Uma grande nuvem de poeira vermelha levantou-se. Gritos de desespero e aflição marcados pela fumaça que concluía a queda. Pouco depois, olhares curiosos se juntaram para ver a tragédia. Candidato e piloto, ambos mortos. O primeiro daria nome, em homenagem póstuma, a uma escola da redondeza. O amarelo atraente do avião transformara-se em metal retorcido. Guardei esse acontecimento por anos a fio em minha memória...Há alguns dias, ouvi a campanha soar. Era meu querido neto. Desejava conhecer antigas histórias da cidade para um trabalho escolar. Recordei algumas lembranças, enquanto mentalizava a imagem das bolhas na caneca de leite que se tornavam espuma...Uma lágrima escapou-me, então pus-me a falar: – Vejamos... Se não me falha a memória, ocorreu um fato marcante em mil novecentos e ...

**** *n_19

Cinco horas da manhã: eu acordava com o diálogo barulhento dos longos e ressoantes passos de meu pai se preparando para ir ao trabalho – cortar seringa. Era a partir daí que meu dia, aos 12 anos, começava em minha antiga Boca do Acre. Se bem me lembro, ele saía com uma poronga abraçando sua cabeça – uma espécie de lamparina usada como chapéu – para iluminar o caminho floresta adentro até as seringueiras. Solitário, só retornava ao seio familiar às 17 horas. Ao reviver minhas lembranças, recordo-me das casas rústicas com telhados de palha da velha comunidade ribeirinha onde eu vivia, das matas frescas, das aves agradavelmente barulhentas, dos roçados fartos com cheiro de toda sorte de alimentos gentilmente oferecidos pela terra fértil, e, mais intensamente, me lembro das brincadeiras: pega-pega, peteca, amarelinha eram algumas de muitas outras típicas da minha época de criança, mas nenhuma delas se comparava aos banhos de rio atrás de casa. Era tudo o que eu mais gostava de fazer. Apesar de meus pais não gostarem muito da ideia, sempre às 14 horas, com um sol ardente feito brasa, eu convidava os amigos e saíamos rio afora à procura de um bom lugar para nos banharmos em meio à imensidão das águas do rio Purus. Ficávamos lá por um bom tempo. Eu sempre dava um jeito e ficava mais um pouco, ora pulando nas águas mornas e sedutoras durante o verão, ora deslizando nos barrancos enlameados e mergulhando nas águas frias do final do inverno, mesmo sabendo que em casa me esperavam umas boas

palmas. Talvez por isso minha professora costumava me chamar de menino das margens. Todos os dias, ao sair desses banhos, tínhamos afazeres a cumprir. Cada um de nós tinha uma função. A minha era ajudar minha irmã mais velha a preparar a farinha de mandioca nas casas de farinha – parte do sustento da família provinha disso. No final da tarde a farinha já estava torrada e pronta para ser colocada nos alqueires de farinha – como os moradores de minha cidade chamavam uma cesta ou bolsa usada para armazenar grãos. Naquele tempo, a vizinhança era como uma família. Cedo o dia começava e já podíamos sentir o cheiro de café lentamente passeando pelas casas, dando início às prosas matinais. Me lembro também das rígidas regras de minha mãe, segundo as quais não podíamos adentrar na sala quando tínhamos visitas em casa, e em hipótese alguma “responder” aos mais velhos. Naquele tempo tudo era mais respeitado e valorizado: as pessoas, os pais, os costumes... os valores eram mais preservados. Hoje, aos 70 anos, vejo que isso é algo raro, que deveria ser cultivado pelas famílias, assim como naquela época em que éramos amigos brincalhões – o rio Purus e eu. A vida na minha infância era bem melhor, apesar de um pouco sofrida e sem videogame. Com o passar dos anos percebo a mudança dos costumes e das pessoas. Com o mundo moderno, as gargalhadas coletivas durante os banhos de rio foram substituídas pelo silêncio solitário durante as sessões de desenhos animados da televisão. Porém, jamais serão substituídas em minhas lembranças – ficarão eternamente em minhas memórias.

**** *n_20

Entre montanhas e protegida pelo Salvador, está lá uma cidadezinha pequena, Pereiro. Mas a história que irei contar aconteceu muito tempo atrás, antes mesmo do Cristo Rei e de outras coisas que foram criadas. No entanto, está presente em meus pensamentos feito água que brota em nascente para revigorar e dar vida. Considerada época de festas, costumávamos nos reunir para comemorar o São João. Sempre com muito encantamento e diversão, as pessoas reencontravam os amigos e parentes e as crianças realizavam seus desejos havia muito esperados. Aqueles que moravam na cidade ainda deserta iam a cavalo ou em carroças para os sítios, sede da comemoração, no entardecer que coloria o céu. O ranger da carroça soava como uma orquestra em dias de festa. No caminho, havia muitas varedas (desvios) e uma única iluminação lá em cima, a lua. Já aqui embaixo as lamparinas em cada casinha de taipa que despontava nas margens das estradas eram nossas estrelas terrestres que nos guiavam pelo chão esburacado de terra batida. Quando chegávamos ao sítio dançávamos ao ar livre, rodopiando nossas saias de chita estampada. O céu estrelado, os corpos em movimento como vagalumes em noites escuras mostravam a magia da alegria como se estivessem em uma apresentação. As batidas das alparcatas levantavam a poeira do terreiro e alegravam nossos corações, que eram embalados por aquele som gostoso. Havia começado, então, o culto à alegria a um dos santos caipiras, São João. Os casais de namorados resolviam ir para o escurinho atrás das casas fugindo dos guardas noturnos, os pais das moças. O cheiro vindo do queijo de coalho derretido na pamonha temperada com muita nata ora exalava de dentro da cozinha, ora das mãos de quem já havia se deliciado com a guloseima. O aroma de bolo de milho sendo preparado no fogão a lenha ou nos fornos enchia os pulmões daqueles que aguardavam com ansiedade o tão esperado momento da aparição. O sítio se enchia de diferentes cheiros, fazendo com que aguçasse o paladar de quem ali passava ou dos vizinhos que se convidavam para o desfrute e para fazer parte da festa. Enquanto os mais velhos proseavam sentados em tamboretas nas calçadas, a criançada jogava pedra na fogueira para ver as chamas se misturarem às estrelas e juntas realizarem um show de luzes no céu. Nós, maiores, enchíamos as bacias da água e olhávamos dentro delas, temerosos de não ver nosso rosto e, desse modo, não estarmos presentes no próximo São João. Depois da festa ouvia-se um chiar no teto que era a chuva vinda para apagar as brasas da fogueira e para encher as bacias e baldes da água e garantir a fartura da semana toda. Quando a molecada ouvia o barulho da chuva, metia o pé na carreira para ver quem pegava uma biqueira que saísse bastante água. A animação da noite ainda não havia acabado. A minha calcinha de saco ficava ensopada e às vezes até torava o elástico de corda que a prendia em meu corpo fino, não de magreza por enfrentar tempos difíceis, mas de quem brincava muito durante o dia todo. O nosso São João era o mais divertido e festejado

da região. Hoje as pessoas acendem uma vela nas janelas, dançam quadrilha e acham que, desse modo, estão festejando os santos caipiras. Mas nunca vão sentir a magia de uma fogueira, a alegria de dançar e brincar a noite toda, o sabor do milho assado na brasa, o encantamento de ser guiado pelas lamparinas no chão de terra. Só o que nos resta é o gosto saboroso de ter na memória as lembranças do que não se vivencia mais.

**** *n_21

Como não me lembrar da infância e do lugar onde cresci, se foi nesse pedacinho de chão que a magia se fez presente nas descobertas que enlevaram os meus dias de criança? Eu, Nentcho, pequeno morador de Rio do Cedro, uma localidade da cidade de Mafra, tive o privilégio de ser um menino do campo e aproveitei o que de melhor a natureza me ofereceu. Nos dias quentes de verão, nadava nas lagoas que fazíamos com barreiras para conter o rio. Nas tardes de outono, quando o sopro do vento parecia carregar consigo o que estivesse à sua frente, eu, menino sonhador, abria os braços e me deixava levar. Olhos fechados, vento no rosto e o pensamento a voar. No inverno, à noite, colocava em cima do palanque da cerca uma caneca com água adoçada para congelar com a geada e na manhã seguinte deliciava-me com a iguaria. Mas a estação mais bela, a meu ver, era a das flores: os campos verdinhos, flores colorindo a paisagem, as borboletas num bailado encantador enfeitavam o jardim, e, no pomar, as mais variadas árvores eram cercadas por lindas asas multicores, um incansável vai e vem dos pequenos beija_flores. Minha vida sempre girou em torno da natureza. Sentir o cheirinho da terra molhada, ver brotar cada grão semeado, pegar no cabo da enxada, tocar os bois, tarefas que para muitos podem parecer corriqueiras, mas, para mim, um motivo de orgulho que ainda hoje carrego no peito. Éramos bastante humildes e não me recordo de possuir bens materiais de grande valor. Valores mesmo – eu guardo na memória e no coração – foram os ensinamentos que meus pais deixaram. Eles eram e serão meus heróis! Lembro-me das manhãs, quando acordava com o sol brilhando como ouro. Batia de mansinho na janela do meu quarto, dizendo que já era hora de acordar, pois um novo dia acabara de começar. O cheirinho de café e do pãozinho com manteiga na chapa do fogão a lenha tiravam-me o sossego, me fazendo levantar. Não tenho do que reclamar de minha infância, ela foi perfeita, tive amigos e brincadeiras, estas bem diferentes do que se vê hoje em dia. Naquele tempo, o dia girava fora das paredes de casa e quando à tardinha chegava era hora da reunião familiar. Não havia luz elétrica, e a nossa diversão noturna era sentar com um lampião ao redor do fogão e ouvir histórias. E que histórias! Algumas, verdadeiras; outras nada mais eram do que lendas, fruto da imaginação dos mais velhos, porém suficientes para deixarem nossas noites arrepiantes. Dessa forma, os medos também fizeram parte da minha infância. E acredito que meu maior medo fosse dos bugres – nome que os moradores deram aos índios da região. Todos diziam que eles roubavam as crianças brancas. Assim, criamos um imaginário, o qual não os favorecia em nada. Eles não eram muitos, mas estavam sempre pelas redondezas aterrorizando a mente de meninos como eu. Eram ariscos e não se mostravam, o que aumentava ainda mais a fantasia em torno deles. Quando estávamos na roça, mexiam nas árvores, imitavam animais, e isso já era o suficiente para me deixar suando frio, pois eu sabia que eles estavam lá, mesmo sem vê_los. E, de repente, tudo voltava ao normal. Porém, quando a noite caía sobre o céu e as estrelas pontilhavam o manto escuro iluminado pela luz da lua, novamente eles apareciam. Passavam uma varinha de taquara nas tábuas da casa, imitavam corujas, sapos e galos. Eu ficava assustadíssimo, o medo percorria meu corpo de uma forma tão dolorosa que me paralisava; então, aguardava o momento em que fossem embora e não via a hora de o crepúsculo ser dilacerado pelo brilho do sol e ter a certeza de que eu ainda estava em minha casa. Meu pai algumas vezes deixava na cerca aguardente e fumo, e os bugres, em troca, carne de caça ou artesanato que faziam. Hoje sei que era uma forma de manter contato, mas naquele tempo não pensava assim. Eles eram desconhecidos para mim, por isso eu tinha medo e acreditava na fantasia daquelas histórias contadas ao redor do fogão a lenha. Muito tempo já se passou desde que tudo isso aconteceu. Os bugres já não vivem por aqui e não me assustam mais. Sou homem feito, tenho a minha família e meu sonho realizado. O sonho de permanecer aqui, neste meu cantinho encantado.

**** *n_22

Quando eu era criança, minha netinha, a vida era outra. Este lugar era muito diferente. Outra vida, outros costumes. Ainda criança, ia poucas vezes à cidade. Naquele tempo, nós ficávamos em casa, esperando papai voltar da feira, trazendo um saquinho com umas dez balinhas de mel ou um pão-doce, cheio de coco em cima. Era a nossa festa semanal! Eu morava num paraíso, chamado Sítio Mendes, onde a paz reinava e o sol brilhava alegre. Poluição e violência? Ali não havia... Ah! Como era bom brincar com meus cinco irmãos correndo no meio do roçado! A gente brincava de roda, ciranda, bonecas de sabugo de milho, boi de osso... Mas felicidade de verdade tivemos no dia em que papai, voltando da feira, nos trouxe uma bicicleta Monark, vermelha, herdada de minha tia. Mesmo sendo usada, mesmo sendo uma só para seis, foi a maior alegria! Ela precisava de alguns consertos. De tanto insistirmos, meu pai foi consertá-la e ainda a inauguramos naquela noite, contando apenas com o clarão da lua... Nós éramos uma família grande, unida e muito feliz, pois tínhamos uma terra fértil cheia de frutas e verduras brotando por toda parte, água jorrando limpinha nos barreiros e o gado gordo nos currais. Só que essa grande felicidade acabou de repente. Tudo começou a mudar, aquele mundo verde começou a sumir, a água nos barreiros começou a faltar. Nessa fase, uma grande seca assolava nosso município e passamos por muitas dificuldades. Quando papai e vovô chegavam com os pedaços de xiquexique, facheiro e macambira, era preciso assá_los para saciar a fome das poucas reses que ainda nos restavam. Dava até pena ver as bichinhas, olhinhos pidões, e depois observá_las mascando aquela comida improvisada, ainda quente. Tanto que escorregava um líquido viscoso de seus olhos, como se chorassem. Que cena horrível comecei a presenciar, o gado magro morrendo! Tudo seco, sorriso no rosto não havia, pois, a comida era tão pouca... Tivemos que nos unir para poder afastar os fantasmas daquela grande seca. Ainda assim, alguns moradores partiram para outras regiões do país em busca de uma vida melhor. Nossa! Tivemos que vender tudo, nossa casa, nosso chão, nossa bicicletinha! Minha família decidiu permanecer ainda no local. Apenas nos mudamos para a zona urbana. Foi tão triste ver meus pais sofrendo e, no final, termos que sair de onde amávamos! Viemos morar numa pequena casa de taipa – feita de barro, coberta de palha, e porta improvisada com pendões. A minha família permaneceu toda amontoada naquela casinha. Não tínhamos mais nossos brinquedos, nossa liberdade. Entretanto, ainda carregava na lembrança a imagem da nossa bicicleta, tão querida. Tivemos que deixá-la para trás, junto com todos os bons momentos que passamos lá no velho Sítio Mendes, celeiro de nossa infância. E assim vivíamos na esperança de um dia a chuva voltar e, com ela, a nossa felicidade. Não voltamos mais a morar na zona rural. E, hoje, mesmo sem meus pais e meus irmãos, que foram cada um para um lado, só me resta contar aos meus netinhos, as histórias daquela maldita seca que levou minha felicidade e transformou nossa realidade.

**** *n_23

Meu nome é Dalva Alves, tenho 79 anos e moro em Igatu, distrito de Andaraí, Chapada Diamantina. Aqui nasci, cresci, formei família e eduquei meus filhos. Ainda hoje conservo lembranças do tempo do garimpo, me recordo do Brejo Verruga, onde trabalhavam mais de duzentos homens e se pegavam muitos diamantes, tantos que quase não dava para contar. Os donos dessa mina eram homens avarentos que gostavam de explorar os trabalhadores. Nos dias de lavar cascalho tão grande era a labuta, que aos fins de semana chegavam a pegar litros deles. Apesar de tantas pedras, a renda desses garimpeiros era pequena, porque a melhor parte do lucro ficava com os proprietários. Esses diamantes eram vendidos em outras cidades: Andaraí, Mucugê e Lençóis. Com o dinheiro das vendas em mãos, os donos davam o que bem queriam aos trabalhadores, que aceitavam sem reclamar, pois, tinham família para sustentar. Não dava para ter luxos, mas lhes garantia uma vida digna e honesta. Apesar de serem tratados como escravos, eram homens valentes que, com tantas dificuldades, não tinham medo de enfrentar a vida, porque levavam com eles a esperança de ver dias melhores. Quase todo o sustento das famílias vinha da atividade garimpeira, porque era o recurso mais abundante da época. Apesar disso, na minha família só quem trabalhava no garimpo era minha mãe, Djanira. Meu pai, Prachedes, vivia solto pelo mundo, era matador de aluguel. Trabalhava para o jagunço da cidade de Utinga. Mãe trabalhava todos os dias,

era guerreira, lutava muito pela família, mas em um dia de trabalho ela acabou se ferindo com a alavanca – ferramenta que se usa para derrubar o cascalho – e o ferimento acabou virando doença ruim, o que a impossibilitou de trabalhar e a levou à morte. Além da renda que vinha das lavras diamantinas, cultivávamos na roça algumas culturas como mandioca, feijão e abóbora. A sempre-viva (flor decorativa típica de chapadas) também era um meio de sobrevivência. A serra era repleta delas; as praças, os passeios em frente às casas chegavam a ficar alvos quando elas eram postas ao sol para secar. Muita gente foi beneficiada pelo garimpo. Eva, minha cunhada, realizou o sonho de se casar, graças a Deus e a um diamante que pegou labutando no garimpo. Osmar, meu marido, comprou roupa e pagou os papéis do casamento – tudo com esse dinheiro. Naqueles tempos de glória do garimpo, Igatu viveu um resplendor nunca antes vivido. A vila era um alvoroço só e ficava ainda mais alegre e bonita quando a orquestra sinfônica saía para desfilhar. Era bonito de ver! Até hoje me recordo do som dos instrumentos. Osmar tocava pistom e batia prato; o mestre de música de Mucugê – Tutu Perninha – vinha nos dias de apresentação. Ele era chamado assim porque tinha uma perna curta. Tinha também o cinema. O pessoal de fora vinha para colocar o filme para quem quisesse ver. Sempre que dava, eu ia. Era muito divertido. Aqui também tinha circo, usina hidroelétrica, delegacia, cartório, e hoje não vemos mais nada disso. Era gente como formiga no auge daqueles tempos. O Luiz dos Santos, hoje, é um bairro em ruínas, mas já foi um lugar cheio de vida, cor e alegria, onde havia a micareta e o bloco de carnaval. As ruas de baixo disputavam com a parte de cima para ver qual bloco era mais bonito e enfeitado. A cantoria e animação era grande. Bons tempos aqueles! O tempo foi passando e o garimpo, declinando. O diamante começou a acabar e muitas famílias começaram a ir embora, porque já não tinha com que se manter na vila. O destino foram as grandes cidades: São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Elas foram em busca daquilo que o garimpo não lhes proporcionava mais: uma vida digna. A Igatu de hoje não se parece em nada com a de outrora: tumultuada de pessoas, gritos de crianças, sons e muita conversa. Atualmente é uma vila pacata, onde se percebe mais o silêncio. Aqui, no auge do garimpo, existiam dez mil habitantes. Hoje, na sua decadência, possui apenas quatrocentos e poucos moradores. Nessa nova era o turismo é o principal fator econômico. Um dia o diamante foi a maior fonte de renda; agora, é apenas uma lembrança distante.

**** *n_24

O tempo passa rápido, à medida que nos apegamos à vida. E é justamente ele o nosso bem mais precioso. Consiste numa miscigenação de boas e más recordações, indispensáveis para o amadurecimento do homem e para a construção do seu passado. Só é precioso porque acaba e, quando o faz surge, uma nova estrela no céu, se cria mais um espaço vazio na terra, mais uma vida para trás e muitos desejos não realizados. São nesses pensamentos nostálgicos que começa minha história. Passei grande parte da infância e da juventude no Rio Vermelho, bairro da orla soteropolitana, onde as tardes eram recheadas de brincadeiras, amigos e paletadas. As manhãs eram abrilhantadas por um sol de raios vívidos, bem mais árdusos que o nosso dia a dia. A essência inocente daquela época fazia a vizinhança ser extremamente acolhedora como a brisa do mar, que acabava por suavizar o calor escaldante. Minha casa era bem simples e ficava em frente da casinha dos pescadores, hoje muito mais bem estruturada. O cheiro do sal e do peixe fresco inundava a cozinha de manhã cedo. Nos anos 1950, o Rio Vermelho não era tão ocupado por moradias. Predominavam casas, e os apartamentos eram raríssimos, o que permitia a circulação daquela brisa suave. A energia renovada nos pulmões fazia aflorar o desejo de sempre conhecer um cantinho diferente. Minha rotina consistia em, além de frequentar o colégio, idas à praia, brincadeiras de rua, festinhas com os amigos, andanças com a turma. Naquela época, os bondes facilitavam o deslocamento para grandes distâncias, porém andar era sinônimo de alegria e tornava o tempo mais descontraído. Entre tantos lugares que eu frequentava, gostava dos bailes de carnaval do Forte de São Diogo, um dos muitos que protegeram Salvador no passado. Ir ali era, além de muito divertido, sentir uma verdadeira transformação: o local que havia sido palco de guerras e violência cedia espaço à festa momesca. Nessa época, nem imaginava que o São Diogo passaria depois por uma reforma e que seria eu um dos responsáveis por

isso. Quis o destino que eu contemplasse suas estruturas de duas formas: uma, divertida, e outra, nostálgica. Sabem como é ter um lugar tão especial em suas mãos e poder reformá-lo? Francamente, esse é o egoísmo mais nobre que alguém pode sentir. Ah, quase me esqueço! Lembram as paletadas? Pois agora as explico: eram (e ainda se chamam assim) as caminhadas que eu fazia com meus amigos em busca de divertimentos. No meio dessas idas e vindas, gostava muito de visitar a Biblioteca Municipal, que fica na Cidade Alta. O lugar era incrível, insubstituível, uma vez que o conhecimento, naqueles tempos, se restringia aos livros, tornando a busca pelo conhecimento mais implacável e desafiadora. Passei longas tardes no meio daquelas prateleiras cheias de sonhos e magia. Cada livro era uma nova experiência, cada folha, uma nova porta aberta, folhas que, mais tarde, se converteriam em cinzas; prateleiras que se tornariam madeira contorcida. Um incêndio devastador acabou com tudo. Um fato sem volta. As paletadas pelo conhecimento nunca mais seriam as mesmas. Muitas mudanças acompanharam minha juventude, mas minha dádiva permanecia a mesma: ter estudado no Colégio Militar de Salvador, que antigamente ocupava um velho casarão nas Pitangueiras. Hoje se localiza num bairro moderno, em meio a altos edifícios e a um efervescente comércio. De aluno acabei sendo professor dele. Esse recinto sagrado fez de mim quem sou hoje e será ele o ponto final da minha jornada andarilha. Ele carrega em sua história as alegrias exacerbadas de um Coronel Passos. Salvador se transformou num grande centro urbano, e o Rio Vermelho acabou sofrendo as consequências disso. A ideologia simplista da minha época, a essência inocente e o cotidiano tão belo e inspirador foram corroídos pelo tempo. Tempo esse que levou consigo todo o charme do passado; tempo esse que trouxe a violência desumana, o progresso a um preço alto. O tempo tropical fora trocado por uma dura realidade, mas que, ainda, tem os seus encantos. Foi bom ser um paleta do Rio Vermelho e está sendo melhor ainda ver os novos andarilhos, os novos Passos caminhando nesse palco fascinante que é o tempo.

**** *n_25

Ainda tenho nítidas lembranças da minha infância. Minha família e eu morávamos em um pequeno sítio no bairro Mandu, em Ouro Fino, Minas Gerais. Lá era um lugar muito pacato, sossegado até demais. A noite era clara, cheia de estrelas, e sempre com uma lua para alegrar os olhos de quem a visse. Quando eu era pequena, ainda não existiam televisão e essas tecnologias de hoje. Ouvíamos o jornal e as novelas pelo rádio – e confesso que era muito bom poder imaginar as coisas como eu queria que elas fossem! Lembro-me de que ao entardecer fazíamos uma roda em volta de uma grande bacia cheia de brasas retiradas do velho fogão a lenha e lá ficávamos ouvindo o radialista contar aquelas empolgantes histórias. Logo após, os mais velhos contavam “causos” de todos os tipos, uns até me davam tanto medo que depois não conseguia dormir. O amanhecer era encantador naquele lugar. Eu sempre acordava a tempo de ver o nascer do sol que despontava colorindo as montanhas e os pastos. Tenho saudades de ouvir o barulho dos pássaros e de sentir o cheiro de terra molhada pelo forte sereno da noite. Lembro-me de que, às vezes, era esquecida em cima de uma mesa de madeira, do lado de fora da casa, uma jarra de plástico com um resto de suco de laranja docinho feito pela vovó. As noites naquele lugar eram tão frias que, ao amanhecer, o suco havia virado picolé. Eu adorava aquilo! Naquela época o bairro tinha uma estação ferroviária e o trem passava por lá toda manhã e voltava no finalzinho da tarde, quando a luz do sol já deixava o céu rosado. Eu e minha irmã amávamos brincar nos trilhos, dizíamos que era nosso caminho amassado e o trem, o amassador! A uns cinco quilômetros do sítio morava um fazendeiro, muito bem de situação e influente, que se incomodou pelo fato de o trem não parar em sua fazenda. Assim, ele mandou construir uma estação próxima à sua casa e desativar a nossa. Isso prejudicaria toda a população do nosso bairro. Minha avó, muito indignada, percebeu que meu avô e os homens da vizinhança não tomavam a iniciativa de resolver o problema. Assim, decidi fazer um movimento em prol de conseguir novamente o direito de fácil acesso ao trem. Ela reuniu as mulheres daquele lugar, as quais se vestiram com calças por baixo dos vestidos. Elas pegaram facões, enxadas, pás, foices, e, munidas com suas armas, subiram o inclinado morro até os trilhos para impedirem a passagem do trem. Por causa da coragem de minha avó e daquelas mulheres do povoado ficou resolvido

que o trem pararia nas duas estações. Hoje tudo está bem diferente, a vida mudou. Vovó Maria já não está entre nós. As estações ferroviárias não existem mais, o trem não passa mais cortando as terras do antigo bairro Mandu ... Mas o sorvete que virava picolé, o cheiro de terra molhada pelo sereno, as histórias em volta da bacia com brasa, o medo que elas causavam e principalmente a valentia de minha avó, tudo isso vai ficar guardado para sempre em minhas memórias!

**** *n_26

Já foram contadas muitas histórias de crianças que faziam suas estripulias, mas nenhuma contada aqui, em Ouroana, um cenário tão especial. Separei todas em uma gaveta da minha memória e no coração. Tudo o que guardei contribuiu para manter viva a história de minha cidade. Faz muito tempo, mas nada impede que coisas boas revirem em meu pensamento. Eu me emociono quando relembro e em questão de segundos os olhos me traem e as lágrimas rolam neste rosto com rugas que provam o quanto já vi e senti nesta minha vida completamente gratificante. Sei que nem todos conhecem Ouroana, cidadezinha escondida no sudoeste goiano, o lugar é protegido por lindas montanhas e cachoeiras. E ela cresce devagarzinho, sem perder sua graça e simplicidade. Não sei dizer quando Ouroana entrou em minha vida e quando eu entrei na de Ouroana. Naquele tempo, nesse lugar fechado de matas, vivíamos em fazendas, pois o lugarejo ainda era só mato. Sua existência foi surgindo devagarzinho e calma, como uma cantiga de ninar. Não me esqueço jamais da história que vivi e vivo aqui. Minha infância tem um cheiro de ar puro. Também vivíamos livres brincando nos quintais. Cabra_cega era nossa brincadeira predileta. Ficávamos o dia inteiro soltos: subindo em árvores, tomando banho no rio e ouvindo gritos de nossas mães desesperadas para não fazermos bagunça. Me recordo de uma travessura que me serviu de ensinamento. A família era movida por princípios de respeito e obediência. Eu era menino, um dia fiz a arte de fumar um cigarro. Aproveitei que minha mãe tinha ido a uma festa com meu pai e deixou a criança toda em casa. Para mim não tinha oportunidade melhor. Fumei mais ou menos a metade de um cigarro. Quando minha mãe chegou, ouviu a molecada e foi logo me indagar, e eu, como era um filho bem_criado, confessei logo, por ter aprendido desde criança a ser honesto. Minha mãe me fez comer a outra metade e ainda me deu uma boa surra. Quando alguém me pergunta se já fumei, respondo ter fumado uma metade e comido a outra. A cidade entrelaçou seu desenvolvimento com minha vida. Foi aqui que constituí minha família. Cada ano que passou foi marcante, veio junto com minha história, e esse lugarzinho abençoado por Deus foi se formando. Quando me casei, construíram o prédio da escola. Quando meu filho mais velho nasceu, vieram alguns comércios que facilitaram muito a nossa vida. Aos poucos as casas iam surgindo e formando a Ouroana aconchegante de hoje... Naquele tempo, não tínhamos carros. Aonde precisávamos chegar tinha que ser a pé ou a cavalo. Demorava muito para resolver qualquer problema, por mais simples que fosse. Não me esqueço das viagens para Serra Negra. O povo daqui era muito animado, festávamos a noite toda, iluminados por um João bobo – espécie de pano encharcado com manteiga e no qual se botava fogo. A dança ali corria solta. Confesso que ainda não me adaptei a esses tempos de hoje, em que um celular é mais importante que uma refeição com toda a família em volta da mesa, um passeio juntos, enviar uma carta etc. Mas eu sou feliz mesmo sendo ignorado por um neto quando está acessando uma rede social. Às vezes até participo do tal do selfie. Não sei dizer ao certo se sou feliz porque sou de outro tempo ou se ainda estou vivo para assistir a essas transformações que ocorrem e posso ser espectador. Eu só sei que, se não fosse esse pedaço de chão, eu não teria cenário melhor para contar minha história.

**** *n_27

Bem longe, a umas quatro léguas da pequena cidade de Barras, lá no Irapuá, na casinha de taipa, rebocada, no alto do morro, estava eu acordando cedo, tomando café com beiju de panela, na grande cozinha, com um forno de barro e uma fornalha no pé da parede. A cozinha era separada da casa e bem perto do curral das ovelhas. Naquele mesmo chão em que meu pai plantava milho, feijão, mandioca e arroz, o capim era nativo. Quando o sol estava no alto da manhã, minha irmã Eva e eu íamos soltar os bichos dos currais. Puxávamos água do poço

para encher os potes e dar aos animais, sem medo – estávamos acostumadas. Fazíamos a comida na fôrnia. O cheiro do arroz torrado na panela, com feijão e carne de criação, já nos convidava. Mamãe fazia cada delícia: grolados, bolos de goma, de macaxeira... Imagine! Eu ficava entusiasmada mesmo era quando mamãe nos levava ao rio. Enquanto ela batia roupa – agora dizem lavar roupa, Eva e eu jogávamos farinha na água e, num piscar de olhos, quando passávamos o lençol por baixo da água, estava cheio de piabas. Até ouço o som da água batendo nas pedras... Como rotina, ao terminar de almoçar, corria para o quarto grande, onde Eva e eu brincávamos com as bonecas que mamãe fazia. A brincadeira agora que ia começar... uma mistura de fantasia com realidade, eu já inventava vestidos para essas bonecas. Olha só como tudo começou! Colocávamos nome nas bonecas: Luísa, Joaquina... fazíamos seus batizados. Veja a mente adulta de uma criança! Enquanto isso, Maria, minha outra irmã, bordava e costurava com perfeição. Minha mãe até paletó na máquina de pedal fazia. Vimos aqui que a arte da costura já faz parte da família e do lugar. O primeiro vestido que fiz era de listras brancas, azuis e amarelas, cortado ao meio e de colarinho redondo – era de cetim. Minha mãe cortou-o e eu costurei. Senti-me orgulhosa por ter aprendido a fazer peças do quebra-cabeça da vida. Na juventude, gostava bastante das farinhadas. Sinto o cheiro da puba molhada dentro do coxo, uma vasilha grande, de madeira. Me lembro do converseiro das mulheres, do chão batido, onde sentávamos e descascávamos as mandiocas ao mesmo tempo que falávamos dos namoricos... fico até sem jeito... À noite, íamos para o terreiro da casa da minha madrinha Rosa. Temendo a escuridão, já levávamos a lamparina acesa. Lá a descontração rolava solta, conversávamos de tudo, até de assombração. Que medo! Ao me lembrar disso, ainda sinto o sangue correr nas veias. Quanta credence! As brincadeiras eram diversas: esconde_esconde, caiu no poço, ciranda... tudo na inocência e com respeito, costume de uma cidade_pacata. Quando chegava dezembro, nossa família saía bem cedo do Irapuá para os festejos de Nossa Senhora da Conceição na Igreja Matriz de Barras. Naquele tempo, as ruas não tinham tantas casas, e as pessoas eram sempre alegres. As bandinhas animavam os leilões; a igreja, com a entrada de frente para o rio Marathaoan, atraía muitos fiéis. As missas da padroeira, os cânticos, tudo faz parte da minha vida. Nessa mesma época havia as matinês, todos dançavam, se divertiam, e à noite os sanfoneiros animavam as festas no clube Centro Operário. Tantas recordações que, de qualquer forma, estão costuradas ao presente! A vida seguia e eu continuava com meu ofício, as costuras. Muitas delas eram para casamentos. Para as noivas, vestidos simples, cores claras e com muita renda, a moda do momento. Para os noivos, camisas e calças sociais. Mas sabe quando eu costurava pra valer? Era para os carnavais. Que festa empolgante! A Rua Taumaturgo de Azevedo ficava lotada de carros tocando marchas carnavalescas, pessoas pulando... Era só alegria! O tempo passou; hoje, moro no bairro Pedrinhas II. Época diferente, já tenho máquina elétrica, mas continuo com a de pedal, minha relíquia, que conta em detalhes a minha história, e é nela que eu faço tapetes para me distrair, recordando os bons tempos que não voltam mais. Tudo fui lembrando como se fosse um ponto de crochê, que de ponto em ponto se torna uma obra de arte. Sou idosa, mas ainda tenho prazer em costurar minha história, que está alinhavada à minha cidade. Vovó dizia, porém eu não escutava, só enxergava.

28 Que alegria veio ao meu coração quando me deram a oportunidade de relembrar... retirar do baú da memória coisas que tanto me alegraram na infância, vividas em um lugar mais especial e vivaz do que as belas recordações que ousou despertar. Minha humilde moradia, assim como todas as do meu bairro, era de feitio muito simples, em algumas ainda se viam os tijolos mal queimados e o barro escorrendo por entre os vãos, bem típico de casas feitas às pressas. Pois realmente elas foram construídas sem muito esmero, por pessoas que também ansiavam e se projetavam donos de sua própria residência. Pequenas construções erguidas muito próximas umas das outras; algumas compartilhavam o mesmo quintal. Talvez por isso fosse forte o sentimento de pertença: éramos donos, cúmplices do lugar. Esse era o meu cantinho que cheirava a leite de rosas – perfume usado por mamãe –, que exalava um doce aroma entre os cômodos apertados. Desde a tenra idade o meu bairro já não era bem visto pelas pessoas do centro da cidade. Sentíamos isso toda vez que brincávamos com alguém que a ele não pertencia. “Meninos das casinhas” era a frase que mais chocava

o nosso coração. Uma ofensa que tinha em nossos ouvidos como um chamamento bélico. Muitos enfrentamentos se davam quando esses dois lados se encontravam. Naquela época, diferentemente de hoje, as nossas ruas não eram asfaltadas, assim como as deles. As nossas casas, mais simples, ficavam escuras devido à queda de energia como as demais cá de baixo; muitos de nós tínhamos cisterna com uma carretilha para retirar água e abastecer-nos, como muitos do centro. Por isso, não compreendíamos o porquê de não sermos bem recebidos nos comércios e pequenas mercearias da época. Ainda hoje carregamos o nome, como se fosse uma nódoa da qual não se separa, meninos das casinhas. Contudo, elas são e foram para nós, quando outrora as recebemos, um lar, cujo nome real é tão fraterno quanto o legal Conjunto Fraternidade. Nesse ambiente vivi com meus pais. Me deram tudo aquilo de que precisava para crescer: um lar, estudo e, o mais importante, muito amor e carinho. Muitas crianças de hoje não têm o privilégio que eu tive. Fazíamos do nosso quintal um lugar de sonhar, um mundo imaginário, que era ofertado a nós crianças, capazes de extrair da imaginação a arte de brincar. Ele era cheio de plantas e delas a mamãe cuidava como se fossem filhos. Nos fins de semana e em outros dias comuns, eu e meus primos brincávamos de casinha. Com as flores e folhas que arrancávamos da nossa pequena floresta montávamos cardápios variados. Esse era só o prenúncio do estrago que fazíamos nas plantas da mamãe. Ela vinha vez e outra como uma fera em defesa de seus filhotes. Pior ainda quando inventávamos ser caçadores de tesouro e furávamos todo o quintal à procura do brinquedo escondido. O que restou do quintal florido são as boas lembranças que lá vivi; da dor que senti pela perda da mamãe, só o vazio, a saudade e o consolo de saber que fomos felizes o quanto pudemos. Hoje, contemplamos muitas mudanças na geografia e arquitetura do meu bairro e da minha amada cidade. Praças e outras construções ocupam lugares antes inabitados e solitários. Em pequenos espaços vemos a nossa cidade crescer com formas e cores diferentes. A imponência do comércio, o brilho das casas, os sabores dos doces quintais mudaram de fruteiras e bananeiras a lajeados acinzentados sem vida, sem risos e sem história, tudo em nome do progresso e da pretensa modernidade.

29 Hoje com 76 anos, da janela de casa observo todas as manhãs o movimento das pessoas. Pitanga, minha cidade, já foi mais tranquila. É um corre-corre: uns para o trabalho; outros, estudantes, que chegam a pé, de carro ou de ônibus escolar ao Colégio Dom Pedro I, ali do outro lado da rua. Trazem mochilas, livros e cadernos. Conversam animados. Penso: será que eles têm o sonho de aprender como eu tinha? Meu pensamento voa para uma época distante, vejo-me criança, quando eu e meu irmão íamos a pé para a escola. Nosso material ia num bocó – sacola de retalhos feita por mamãe na máquina de costura movida a mão. Naquele tempo não havia cadernos como agora. Eram folhas soltas e escrevíamos a lápis. Caneta tinteiro, só para os mais velhos. Queria ir à escola para aprender a ler, escrever e fazer contas. As braças, léguas, atilho... não entendia o que eram na matemática, sabia apenas que aprenderia na escolinha do Rio Batista, de Pitanga. Nasci e vivi minha infância neste lugar encantado para mim, fundado pelo pioneiro José Batista Melo, meu avô. A merenda era de casa: bolo de fubá, pão com banha ou doce de abóbora, bolinho da graxa, pinhão cozido, mandioca frita, batata-doce assada... Hummm... Que delícia! Só de pensar, o cheiro e o gosto da infância me dão água na boca. Um sabor do céu! Não sobrava nada, apenas tempo para brincar de passa-anel, peteca e futebol, no campinho da escola. Para chegar à escola passávamos por um faxinal – lugar onde os animais eram criados soltos. Para não fugirem, faziam mata-burro – ponte com tábuas vazadas. Sempre havia bois e vacas bravos. Eu morria de medo. Meu irmão, valentão, dizia: Venha, não tenha medo! Eu te protejo. Parece que ainda escuto sua voz, na mão um pedaço de pau, como a espada do Dom Quixote das histórias da professora Alice. Uma vez, levamos um corridão de um boi. Subimos como um corisco numa árvore... e o abençoado não saía. Na boca da noite nosso irmão mais velho veio a cavalo e tocou o bendito, no estalar do seu chicote: tha, a, a! Lembro que naqueles anos os invernos eram rigorosos, as geadas na terra vermelha faziam pavios de gelo e, ao pisarmos, as marcas no chão dizíamos ser pegadas de ursos. Às vezes, até caíamos. O mês de julho inteiro era férias devido ao frio. Mamãe fazia perena – acolchoado de penas de marreco. Não existia cobertor, edredom, nem aquecedor, como hoje. Minha família se reunia e se aquecia

em volta do fogão a lenha. As aulas da professora Alice ficaram na memória. Todos na mesma sala. Cada série sabia o que copiar. Ela contava histórias de reis, rainhas, bruxas, princesas... e do Dom Quixote. Tinha gravuras maravilhosas! A imaginação corria solta! Piii! Piii! O apito da serraria nos trazia ao mundo real. Às vezes, passava por ali a boiada, a estrada era nuvem vermelha de poeira, nós corríamos às janelas para ver. Era boi! Era boiada! Como era lindo escutar os tropeiros tocando seus berrantes! Fuóóóó! Fazia eco nas canchadas. Perto da antiga escolinha conserva-se, ainda hoje, o olho-d'água de São João Maria, aonde muitos vão rezar e pegar água. Mamãe contava que ali passou o monge João Maria, ensinando remédios caseiros e benzendo as pessoas – naquela época não havia médicos. Tudo o que vivi na época da escola parece distante no tempo, porém vivo na minha memória. O sacrifício valia a pena. Estudar era um sonho impossível para muitos, devido à distância ou pelo trabalho na roça. Ah! Como era simples a vida, sem correria! Sempre vou ao Rio Batista, visitar meus sobrinhos. Infelizmente, a escola não existe mais, só o campinho. Ao passar pelo lugar onde vivi a infância, as imagens afloram à minha mente: a escola sorrindo para mim, o triririm do sininho e a professora Alice nos chamando... Parece que ouço as risadas e os gritos da criançada. Fiz até a 4ª- série, não estudei no ginásio de Pitanga, mas meu sonho, completei nos filhos. Todos se formaram. Das pegadas deixadas ao longo de minha vida, só posso dizer que fui muito feliz.

**** *n_30

Olhando pela janela do antigo casarão, observo que tudo mudou completamente: as ruas asfaltadas, os postes de luz, as casas cercadas por muros. Recosto minha cabeça cansada e grisalha na janela e fecho os olhos... Ao longe, ouço gritos de crianças e muita algazarra, sinto cheiro do café fresco e do biscoito de polvilho que se misturam numa combinação perfeita. Na frente da minha casa crianças brincam com estilingues, utilizando os limões ainda pequenos do quintal do vizinho, frutas roubadas em silêncio, para fazer arte. De repente, ouço meu pai chamando meus irmãos para ralarem mandioca, prepararem o polvilho, que deverá ser torrado à noite, quando o tempo está mais fresco. Todos trabalhando juntos, rindo, cantando, fazendo piadas; para nós, tudo era diversão. Minha mãe preparava os ingredientes e meu pai acendia o forno. Delícias saíam daquele forno: biscoitos, sequinhos... tudo quentinho, era colocado sobre o guardanapo e dentro de uma grande cesta. Minha irmã Édina e eu pegávamos aquela cesta e saíamos pelas ruas de terra vermelha, de casa em casa, fazendo a alegria das crianças, adoçando a vida da pequena cidade de Irapuã. Depois que vendíamos tudo, voltávamos felizes com o dinheiro e o passeio. Ah, como eu queria que aquele dinheiro se multiplicasse e, além de suprir nossas necessidades, fosse suficiente para comprar minha boneca de louça! Sonhava com a boneca, mas, quando o galo cantava e o cheiro de café fresco invadia o quarto, já ouvia meu pai nos chamar para ir à escola. A escola... lugar de respeito e silêncio, de cobrança, de castigo, lugar que criança não gostava...mas, entre a escola e a enxada, escolhíamos sempre a escola. Ah, como eu queria, como eu sonhava com a minha boneca de louça! Pedia, chorava, acreditava que um dia ela viria para os meus braços. Meu pai, um homem sem estudo, porém sábio das coisas da vida, mostrava-me com ações, exemplos e palavras que a vida, apesar de difícil, poderia ser doce, e improvisava com abóboras e espigas de milho muitas bonecas. Sinto que alguém segura minha mão, abro os olhos cansados e, numa mistura de sensações, vejo minha neta, com sua boneca no colo. Meu Deus, eu não tive uma boneca de louça, mas o Senhor me deu uma boneca de verdade. Obrigada!

31 O pôr do sol me encanta, me chama mais uma vez para outros horizontes que se descortinam nos céus de minha alma. De repente, sou menina outra vez e o pó vermelho tinge meus pés descalços. Subo os degraus da varanda, respiro fundo, ajeito as tranças do cabelo, alinhando os laços de fita, com as costas da mão espanto para dentro dos olhos um resto de tristeza que teima em aguar meu rosto. Na minha peteca haverá espaços vazios para as cobiçadas penas do rabo do velho galo índio, que mais uma vez conseguiu escapar escandalosamente das minhas investidas. As feridas do meu joelho ralado vertem riozinhos de dor. Tudo isso está guardado na memória como registros fotográficos. Com frequência me vejo atravessando a pinguela de uma só tábua, subindo em pés de guabiroba e marmelo,

quebrando coquinho de butiá com pedra. Vivíamos no interior de Rio Negro, num casarão de madeira. Da janela do sótão era possível ler na poeira da estrada de chão batido, rubro como sangue em pó, o rastro de um carro, de uma carroça ou apenas de um cavaleiro a trotar toc... toc... no sul do Paraná. Nosso despertador era outro galo, o “encrenqueiro”; cantava em cima do mourão da porteira, levando para longe as últimas travessuras do meu sono. Minha cama era alta, o colchão listrado de rosa e azul, feito de macias palhas de milho, afogado todos os dias pelas mãos de minha mãe, que também costuraram a coberta de pena de ganso e faziam o sinal da cruz na minha testa, varrendo os meus medos. O cheiro do café vinha me buscar, com a canequinha branca esmaltada dava bom_dia ao meu pai na estrebaria; no fundo, ele sabia que, mais do que gostar do leite tirado na hora da Mansinha, eu queria mesmo era me parecer com ele, embora meu bigode de espuma fosse mais branco que o dele.

Ainda sinto o cheiro das delícias preparadas por minha mãe: doce de leite, manteiga, chouriço, linguiça, banha, leitão à pururuca, frango caipira em panela de ferro...Hoje, quando pego o giz, divido o quadro_negro em quatro, um costume herdado da minha professora, que também em quatro se dividia para dar conta de quatro séries na salinha de paredes caiadas. Foi lá que palpitou o coração dentro do peito, cada batida um estrondo grande como trovão em dias de aguaceiro, quando entendi que minha vida seria lecionar. Naquele tempo tudo era feito com alegria: moer milho na jorna – máquina antiga de fazer quirera –, fabricar a própria vassoura com lajeana – espécie de arbusto – e varrer a brasa do forno, onde o pão e a broa de milho tornavam-se crocantes, para depois espoucar no céu da boca. Meu pai, uma vez por mês, ia à cidade vender queijo, requeijão e verduras. No final da tarde, eu esperava o ônibus chegar anunciando novidades. No bolso do paletó, encontrava as delícias do Bar São Pedro: chocolate de guarda_chuvinha, sorvete seco. A luz elétrica não fazia parte da nossa vida, usávamos lampião e velas de cera de abelha feitas com pavio de retalhos de chita. A geladeira ficava no fundo do quintal, um lugar úmido e de sombra, onde enterrávamos gasosa – refrigerante – de laranja e framboesa. Num gole faminto, eu esvaziava o copo. Após o jantar, rezávamos o terço, minha mãe servia leite com farinha e uma taiada – pedaço – de doce de caixa, meu pai ligava o rádio para ouvir o Zé Bétio. No fogão as últimas rachas de lenha viravam grisalhos fiapos, e eu esperava que limpassem meu nariz preto de fumaça para me aquietar no quarto. Aos domingos tudo mudava, o lugar ficava movimentado. Ouvia-se o som dos carros trazendo visitas da cidade. Vestimentas coloridas e outro jeito de falar me desviavam das rezas dentro da capela, onde homens sentavam de um lado e mulheres, de outro. Entristece-me ver crianças brincando no celular, tablet ou computador, prisioneiras da individualidade. Não imaginam quão maravilhoso foi tirar de espigas velhas bonecas novinhas, esperar pelotes de argila secarem no forno para amedrontar passarinhos. Saudades e alegrias permeiam meu coração, observando o pôr do sol da janela de minha alma. Entre pinheiros e pés de marmelo me chegam lembranças e risadas da menina de pés rubros e descalços que viverá dentro de mim para sempre.

32 Guardo vivas em minha memória lembranças de meu tempo de menina. Vim morar, no início da década de 1970, nesta que já foi uma pacata cidade, numa época em que ainda não era tão desenvolvida, nem tínhamos diversões. Meus pais me trouxeram para cá para estudar, pensando no meu desenvolvimento escolar, pois vivíamos na zona rural, onde as condições para o estudo eram precárias. Minha primeira residência ficava na Avenida Rui Barbosa, uma das principais ruas da cidade. Bem defronte dos meus olhos havia um ponto comercial muito movimentado, a máquina de arroz. Para muitos, sinal de desenvolvimento; para nós, crianças, um parque de diversão. Era realmente uma máquina fascinante, principalmente quando estava em funcionamento. Como era divertido observar aquela máquina bem grande, girando suas engrenagens e correias, com muitos tubos e caixas, num processo de beneficiamento de arroz! Era para mim uma grande novidade em termos de engenharia, pois só conhecia lá da roça o arado de bois, o engenho de cana e outras pequenas engenhocas. Ali eu me perdia na imaginação e encantamento. E o tempo esvaía como palhas ao vento. Aos poucos fui entender e aprender que ali funcionava uma beneficiadora de arroz, e esse era o nome correto. Era para lá que os agricultores da região levavam sacas e mais sacas de arroz com casca para serem processadas naquela máquina e se transformarem em grãos limpos, prontos para o consumo.

Como os meus dias eram felizes! Tenho saudades das brincadeiras no entorno dela, pois o resultado final do processamento era uma montanha fofa de casca que se formava nos fundos. Nos fins de tarde, muitos ali se encontravam e brincavam até a boca da noite. Aquela serra de cascas tornava-se um pula-pula ou um escorrega. Lá vai um... A diversão era para todos: pique_esconde, porta_bandeira, pega_onça... Tudo contribuía para nossa felicidade. Os mais ousados davam saltos-mortais e cambalhotas. Era um verdadeiro parque de diversão. Me lembro ainda do cheiro que as casas molhadas pelo orvalho exalavam no ar e se impregnava em nossa pele; a poeira encrespava os cabelos que eram penteados embaixo de xingos pelos nossos pais. Meninos e meninas eram separados pela serra de cascas e nem imaginavam o que o destino reservava para eles. Brincavam ali duas crianças que se tornariam mais tarde os pais da autora deste texto. Mas nem tudo era só diversão. Foi lá também que ganhei meus primeiros trocados. A palha não podia ficar estocada e era utilizada para forrar o fundo das “gaiolonas” dos caminhões para transportar gado. Alguns meninos faziam esse serviço e precisavam de uma bacia grande. E era aí que eu ganhava meus trocados, pois alugava a bacia para eles. Assim passávamos o tempo e não percebíamos. Hoje tudo o que resta dessa magnífica história é uma casa em ruínas, acinzentada pelo tempo, caindo aos pedaços, mas nada apagará da minha memória o vivido ali. Sei que logo esse lugar será transformado em uma moderna construção, porque a nossa cidade vive o progresso ao longo da sua história. A máquina de arroz não funciona mais, mas está lá, merecedora de transformar-se em uma valiosa peça de museu por tudo o que representou na vida de tantos brasilminenses!

**** *n_33

Vim ao mundo pelas mãos de uma parteira, já que naquela ocasião não havia hospital, ou, se havia, não era comum a todas as pessoas. Nasci numa época em que o futuro da gente já parecia estar traçado. A casinha era bem simples e ficava na comunidade de Córrego São João, localizada no município de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Fui criada ali mesmo, em meio a uma simplicidade que não tem igual. Cresci junto com cinco irmãs e três irmãos. Recordo_me com saudades da minha infância e das brincadeiras que enchiam os meus dias de alegria. Naquele tempo, não conhecíamos o luxo dos brinquedos das crianças de hoje, nada era motorizado, nem a pilha, e os nossos carrinhos e bonecas eram fabricados por nós mesmos. As bonecas eram feitas de sabugos de milho e enroladas em pedaços de tecidos coloridos que sobravam das roupas que eram feitas uma vez ao ano. Às vezes, fecho os olhos e tenho a impressão de estar escutando as cantigas que cantávamos outrora, as cantigas de roda que embalavam meus sonhos de criança. Frequentar a escola naquela época era privilégio de poucos. Meus irmãos e eu não tivemos a oportunidade de conhecer de perto uma professora ou uma sala de aula, já que tínhamos que ajudar nossos pais na lida da roça. Os meninos pegavam firme no trabalho braçal, de sol a sol, e nós, meninas, realizávamos as tarefas da casa, como lavar vasilhas, varrer o quintal, lavar roupa e fazer comida, isso quando havia o que cozinhar. Apesar das dificuldades, aquela ocasião me traz lembranças que ainda hoje vivem guardadas bem dentro de mim. Sempre tive medo de animais peçonhentos e, como fui criada em meio a tantas crenças, aprendi com minha mãe a benzer contra picada de cobra, mau-olhado, dor de cabeça, quebrante e até disenteria. Entre as bananeiras espalhadas pelo quintal bem varrido eu suspeitava que o mundo fosse bem maior que o que meus olhos podiam vislumbrar, vivia imaginando outros lugares e criando em meus pensamentos personagens de outras cores, outros costumes, conforme o rádio de pilha, nosso único meio de comunicação, costumava apresentar. Nesse mundinho, entre o quintal, o córrego e a casinha caiada de branco e chão batido, é que os meus dias foram passando e minha infância se desfazendo. Da minha adolescência guardo poucas lembranças, pois antigamente as moças não podiam namorar como se faz hoje em dia. Também a vida era tão sofrida que acabávamos casando muito cedo por não ter outros planos a seguir. As bonecas de sabugo davam lugar aos filhos, que iam nascendo ano após ano... Vivi na comunidade de Córrego São João até pouco tempo, porque, depois de velha, acabei me mudando para a cidade em busca de maior conforto; afinal, a vida na roça não é nada fácil. Hoje, com um bocado de netos, gosto de falar do meu passado, de contar os acontecidos e de reviver aqueles momentos que povoam a minha memória, pois sei que só assim, através das lembranças, é que posso manter viva a minha

história.

**** *n_34

Brincar de ser gente grande era comum para mim e meus irmãos. Aos 7 anos, em vez de lápis, ganhei uma enxada; em vez de caderno, ganhei um chão seco para cavoucar; e em vez de uma escola para aprender, tive uma roça para semear. Brincar era somente aos domingos. Eu e meus irmãos brincávamos no fundo do quintal. Nossos pais não tinham dinheiro suficiente para comprar os poucos brinquedos que existiam. Então, usávamos a imaginação, melhor amiga que podíamos ter, para criar as fazendinhas. Afinal, era a única coisa que conhecíamos. Com a inocência de toda criança, tudo ganhava vida. Sabuguinho de milho se transformava em cavalo; laranja, em vaca; laranjinha, em bezerro; coco de bacuri, em porca; e coco de gerimbabo, em leitãozinho. Nos tempos de guri, vivi na roça capinando, plantando, colhendo. As famílias de Mato do Bálsamo, assim como a minha, criavam algumas vaquinhas, catavam feijão e produziam charque para vender nas cidades vizinhas. Esse era um costume comum dos primeiros moradores. O dinheiro dessa época era mil-réis. As viagens eram feitas a cavalo ou em carro de boi. Seguir para as outras cidades era uma luta que só! Vendo esses modernos carros de hoje, relembro os dias difíceis que passávamos para ir à cidade vizinha. Levávamos três dias para ir, um de falha e três para voltar. O dia da falha era o dia utilizado para comercializar os produtos produzidos nas fazendas e para comprar os mantimentos para abastecer as casas. Sendo a pessoa mais velha nascida e crescida aqui, vi Mato do Bálsamo, região formada por fazendas, se transformar no distrito de Anhanduí. Recebeu esse nome devido ao rio que o corta. Quando menino, jamais imaginaria que estivesse presenciando o nascimento deste lugar. E só agora, na velhice, percebo que acompanhei de perto seu desenvolvimento. Vi as primeiras casinhas serem levantadas por volta de 1954. A distância entre uma e outra era de aproximadamente uma légua, o que equivale a seis quilômetros. Aqui não tinha mercados, nem rodovia. Apenas fazendas e algumas casinhas construídas pelos próprios moradores. A nossa era coberta com folha de bacuri. Depois de prontas não entrava vento nem chuva. Com o aumento da quantidade de casas, meu tio Francisco abriu o primeiro bolicho. Na mesma época, foi criada a Escola Velha. A vinda de um posto telefônico foi um dos motivos que fizeram com que mais pessoas se alojassem aqui. Assim, pessoas que vinham de outros lugares podiam telefonar para seus familiares distantes. Foi graças ao posto que meus pais matavam as saudades da família que deixaram em Minas para tentar a vida aqui. Com o crescimento da população, penso que o governo foi obrigado a abrir estradas. Isso foi muito importante para a circulação de carros, ônibus, carretas. Apesar do progresso, Anhanduí ainda tem traços do passado, pois é cercado de fazendas, assentamentos e costumes de quem gosta da tranquilidade da vida no campo. Minha pele enrugada e os calos nas mãos de tantas enxadas puxadas são as marcas de quem construiu este lugar. Ao olhar para o passado, espero que essa juventude dos dias atuais tenha o estudo como propósito para o bem deles mesmos e para o de Anhanduí, que merece continuar se desenvolvendo e abrigar todas as famílias que aqui se encontram.

**** *n_35

Fazenda Serra Nova – Silvânia, lugar onde a paz e a felicidade reinam absolutas. Tenho a honra de fazer parte da história deste lugar. Aqui aprendi que a simplicidade é uma das coisas mais importantes na vida do ser humano e aqui no meio do mato as pessoas têm muito disso. Aqui vivi minhas primeiras emoções, minhas grandes alegrias, que marcam até hoje meu viver. Minha infância foi tão feliz, que ao me lembrar delas meus olhos se emocionam! Acordava com o cantar do galo, abria a janela para ver a bela paisagem e apreciar a melodia de meus cantores preferidos: o senhor canário e o sabiá. Depois mal dava tempo de pegar meu chinelinho, corria até o curral para tomar meu copo de leite que papai havia acabado de tirar da vaquinha mimosa, que por sinal sempre me deixava um bigodinho de espuma. Daí pegava algumas espigas de milho no paiol: palha aberta feito ouro, saltando disputados com algazarra pelas galinhas. Eu e meus irmãos tínhamos o dia inteiro para brincar, armávamos arapucas, armalaços, e ficávamos de butuca para ver se era inhambu ou codorna a presa da vez. Éramos autores dos brinquedos e das brincadeiras. Pausa só quando o cheiro de pequi

na panela nos conduzia à cozinha – hora do almoço. Mais tarde, mais brincadeiras. Ainda me lembro do versinho dos três marinheiros: Vamos três marinheiros na carroça do padeiro, cada um com três cruzeiros. Ah, que saudade daquele tempinho bom! Quando papai chegava do roçado de noitinha, era uma beleza, família reunida. Uns sentavam nos banquinhos, outros no “rabo” da fornalha, onde meus pais contavam causos e histórias. E, sem se importar com a fumaça nos olhos, mamãe fazia o jantar. Posso até sentir o cheiro do franguinho caipira que ela preparava deliciosamente em suas panelas de ferro. Aqui, antes era uma mata, e meu avô derrubou partes dela para pastagem. Anos depois foi construída nossa casinha, com apenas três cômodos, suficientes para abrigar meus sonhos de gente miúda. No quintal: mangueiras, jabuticabeiras, cajueiros e muitas outras árvores, nas quais eu adorava subir. O tempo passou, muita coisa mudou. Já não há a cantiga do carro de bois, ora estridente, ora manhosa, mas ela se acomodou dentro de mim e se remoça ao vê-lo ali, quieto num canto, onde o conservo como relíquia. Viajo a tempos remotos, vendo aqui do alpendre da minha casa um muro de pedras construído por escravos de um antigo dono. Esta lá, testemunha da força de um povo guerreiro. Não me esqueço de um fato marcante que minha sogra contava. Nossa região é cercada pelo Rio Vermelho. Em 1890, ano sem chuva, ele secou, ficando somente a terra rachada em seu leito. Os moradores, desesperados, fizeram uma promessa: se a água voltasse, rezariam uma novena e ergueriam uma cruz. Como Deus é justo, o rio renasceu e a cruz foi erguida, está lá, até os dias de hoje, altaneira como uma aliança entre Deus e o povo de minha terra. Tive o privilégio de passar minha infância onde a natureza tinha magia e encantos mil. No verão, a paisagem era como de tapete verde que dava gosto de ver. No outono, apreciava o gosto de diferentes frutas. No inverno, logo de manhã, pegava meu paletó de flanela e subia no mourão da porteira. Ali a natureza me abraçava com seu cheiro doce e sereno. Aqui aprendi que os ipês-roxos florescem no mês de julho; os amarelos, no mês de agosto; e os brancos, em setembro. O curioso é que as flores do ipê-branco só caíam na terra molhada. Sentia brotar do chão o cheiro de futura fartura. Ficava contando os dias para a chegada da primavera, só para ver o colorido das flores que enfeitavam os jardins da natureza. Me lembro de quão ansioso ficava para o fim do ano. Festa de Ano Novo era tradição lá em casa, tudo muito simples, mas com um sabor inigualável. Atualmente fazemos rodízios na casa dos filhos, um legado de meu pai. Levantar cedo com o cantar do galo, tomar leite no curral, jogar milho para as galinhas, prostrar com meus pais na beira da fornalha... tudo isso que aqui vivi serão sempre marcas... marcas da felicidade.

**** *n_36

Estas memórias partem do olhar feminino de três gerações da cidade de Garanhuns, conhecida como Cidade das Flores, localizada na mesorregião do Agreste de Pernambuco. Ah, como não se lembrar de Garanhuns daquele tempo! Pode ter certeza de que era melhor viver naquela cidade de antigamente, pois tínhamos uma vida simples e muito feliz. As pessoas se amavam mais, ninguém tinha pressa para nada, já que pra gente tudo na vida tinha seu tempo. Ainda me lembro das casas. Quando você vier aqui, ainda verá alguns casarões dos donos de terras que cultivavam café, principal renda econômica daquela época. Um mais lindo que o outro, com aqueles alpendres, que eu vivia sonhando em um dia poder morar. Mesmo pequena, ia para os cafezais como muitas outras crianças que ajudavam os pais e que brincavam percorrendo aquelas ruas estreitas cercadas de pés de café recheados de bolinhas verdes, amarelas e vermelhas. Ainda escuto o som do trem que vinha de Recife com destino ao São Francisco e parava na estação ferroviária da cidade, que ficava onde hoje é o Centro Cultural. Ele despertava a nossa curiosidade porque as novidades vinham por aquele caminho estreito de ferro que parecia não ter fim. Cresci sem muito luxo, mas me recordo das festas juninas, o natal dos nordestinos, e da festa mais importante, a de Santo Antônio, padroeiro da cidade, que abençoou esta terra. Mesmo com dificuldade, garanti o sustento e a educação dos meus catorze filhos, criados com dignidade. Se eu pudesse voltar no tempo, queria viver tudo de novo... A casa cheia com meus treze irmãos, com os quais, na inocência, eu dava asas à imaginação. Recordo-me das bonecas de pano que vovó fazia, das frutas e verduras que viravam brinquedos, como o chuchu que era nosso cavalo e a espiga de milho novo que, com os cabelos amarelos, se tornava a princesa mais bela. Lata

de óleo ou garrafa de água sanitária logo viravam carros onde meus irmãos enchiam de areia e os prendiam por um cordão. As brincadeiras de hoje no meu tempo tinham outro nome: amarelinha era “academia”, pega-pega era “Milu”. E, com essas brincadeiras, vi erguerem o Cristo do Magano, um dos pontos turísticos mais belos da cidade, com 1.030 metros de altura, o ponto mais frio e mais alto. Nunca me esquecerei da construção do Relógio das Flores, o único do Norte e do Nordeste, nosso mais belo cartão_postal. Pode ter certeza de que eu tinha aquele cabelo armado que a chapinha acabou, pois na época da discoteca – quando se tocavam músicas de qualidade, das quais sinto saudades – a regra era ser livre e soltar as nossas feras. Vejo uma cidade muito diferente da contada. Só o que não mudou foram as ladeiras, pois vivemos entre sete colinas. Hoje todos andam conectados, compartilham fotos, vídeos, e muitos não querem nada. Noto um consumismo exagerado e vejo todos correrem para se tornar aquele modelo pregado pela mídia; por outro lado, com a globalização, o lugar onde vivo evoluiu muito, pois temos acesso gratuito à educação, saúde e segurança. Sei que faço parte dessa nova geração, mas, ao contar as lembranças de minha avó Zuleide de Santana e de minha mãe, Eliane Barbosa, elas proporcionaram a oportunidade de imaginar como era Garanhuns, as transformações que passou e como será futuramente. Confesso que senti saudade daquela época em que as pessoas não ligavam com o que a sociedade pensava delas, pois não tinham que agradar a ninguém, só a si mesmas, e isso é que é bom: viver por viver, nada mais. Tempos bons eram aqueles que sabemos que não voltam mais.

**** *n_37

Às vezes me pego pensando em como enfrentei com dificuldade certos momentos de minha vida, pois não tínhamos muitas condições financeiras. Época em que a comunidade brotava por entre cacauais e seringais, as casas eram cobertas de palhas e distantes umas das outras, principalmente a taberna. Eu e meus irmãos andávamos um tempão a pé para comprar o rancho, íamos juntos, tal qual uma fileira de patinhos! E, para animar, chupávamos cacau pelo caminho. Outras vezes brincávamos de manja pega, pra ver se chegávamos mais rápido, pois a taberna ficava lá onde o Judas perdeu as botas, de tão longe! Me lembro de que minha mãe nos mandava comprar as coisas e dizia: “Vá num pé e volte noutro”. Eu não entendia o significado dessa ordem e ficava imitando o Saci_Pererê. Então, minha mãe ralhava e, como num ritual, cuspi no chão e, se o cuspe secasse antes de a gente voltar, apanhávamos com cipó de cuieira assado. Era nego correndo o mais depressa possível com medo de levar uma surra! Meu nome é João Evangelista Cunha Nogueira, mais conhecido como Nequito. Nasci em 1951, em Terra Nova, Careiro da Várzea, Amazonas. Tenho 63 anos e esta é minha história. Cresci em uma localidade chamada Canteirão, em Terra Nova. Não tive infância, porque comecei a trabalhar muito cedo. Ajudava meu pai nos cultivos de mandioca. Eram tempos trabalhosos: acordávamos, tomávamos café com beiju e íamos ao roçado limpar os pés de mandioca. Logo cedo aprendi a manejar bem um terçado. Aos 15 anos, minhas mãos estavam grossas e calejadas! E me orgulhava quando as pessoas falavam que eu tinha mãos de macho!

Estudos? Quase nada! O pouco ensino que tive foi numa escolinha de madeira que ficava na casa da professora Edwirges. Naquele tempo, eu e meus irmãos andávamos cerca de duas horas para chegar à escola. Transporte? Nem em imaginação! O ensino também era rígido, se não aprendesse a tarefa, pegava bolo na mão com a famosa palmatória, que a professora fazia questão de deixar em cima da mesa como uma ameaça. Ainda lembro que tremia de medo quando ela dizia: Escreveu, não leu, o pau comeu! Uma das aulas de que mais tínhamos medo era da sabatina da tabuada: a professora colocava os alunos ao seu redor e, com a palmatória na mão, saía perguntando. Tínhamos que responder rapidamente e o que errava pegava bolo na mão pelo colega que acertava. O bolo tinha que ser forte! Era um castigo, e quem tivesse pena do outro pegava bolo também. Naquela época, ou o caboclo aprendia ou ficava burro de uma vez! Naquele tempo não tínhamos merenda e chegávamos em casa cansados e mortos de fome! Tive que abandonar a escola na 2ª série, depois de repetir alguns anos. Hoje os tempos são outros: luz elétrica, água encanada. Usávamos lamparina para alumiar e carregávamos água do rio em baldes de cuieiras e colocávamos no jirau para lavar louça e no pote para beber. Hoje em dia os alunos têm tudo na escola

para aprender: livros, transportes, merenda. Só não aprende se não quiser! Até a malvada da palmatória não existe mais! Pena que mesmo assim ainda não dão valor. Ah! Uma das coisas de que tenho mais saudades daqueles tempos era das peripécias que fazia na juventude. Os antigos contavam histórias assustadoras, de Matins e Misuras, que assombravam as pessoas nos cacauais e seringais ou nos terreiros em noites de luar. Então, eu me aproveitava disso e me disfarçava de assombração para assustar as pessoas (risos). Como eu me divertia com aquilo! Na minha juventude tive momentos bons, me diverti bastante! Ia para as festas e festejos do padroeiro e namorava, dançava, passeava e brincava. Casei-me e tive cinco filhos, os quais me deram seis netos que me fazem muito feliz! Atualmente, sento à sombra da mangueira que plantei quando criança e olho ao redor, observando meus netos. Então, percebo como o tempo passou. Muita coisa mudou, outras já não existem mais! Lembro-me dos acontecimentos marcantes, enraizados neste lugar, tal qual está árvore que tive a honra de plantar. São nítidos na memória, os tempos difíceis, os tempos da palmatória, bem como os bons tempos que foram felizes e compensatórios!

**** *n_38

Da janela do meu antigo casarão eu tinha um olhar desta cidade com ruas adormecidas, frondosos pés de algarobas e frequentes seresteiros em noites de lua cheia. Uma melodia clássica vinda da vitrola de dona Ester, minha vizinha, me distraía sempre. A música? Ah! A música me fazia bailar em pensamentos, pois a severa educação imposta por meu pai impedia-me de estar no meio daqueles. Minha liberdade era medida entre a escola e a minha casa. Assim era o dia a dia de muitas moças santo_antonienenses. Naquela época, a falta de energia elétrica nos direcionava a sentarmos nas calçadas para um bate-papo entre familiares e amigos. Nas noites de lua cheia, a visão que tínhamos dela era como se destampasse seu olhar deixando-nos em êxtase, pois não havia torres, nem fios de eletricidade cruzando o ar como hoje. Ventos leves traziam os aromas de currais de gado que circundavam o nosso município. Em meio a esse aconchego, debruçava-me no colo de minha mãe e ouvia os contos populares, e em especial a lenda do Salto da Onça. A vida aqui era muito mansa. Lentos eram os gestos, as rezas, as conversas. Agora, as coisas já não são mais assim. Temos que acompanhar o ritmo da modernidade. Não sentamos nas calçadas como antes. As moradas parecem gaiolas por causa da violência. Um aglomerado de lojas, galerias, edifícios apagou as paisagens das serras e de frondosas árvores, mas não o que minha mente fotografou. Me lembro também de quando não tínhamos água encanada. Vi cenas de pessoas carregando água em jumentos com cangalhas e barris. Havia até quem se equilibrasse com latas de água na cabeça desde o açude do senhor José do Carmo. E quando chovia? Ah! Era aquela festa! Antigamente dava para ver o claro dos relâmpagos nos céus do sertão. Hoje há muitos prédios que cobrem minha frágil visão. Meu pai dizia que os relâmpagos eram sinais de uma boa cheia no rio Jacu – rio que banha a nossa região. Quando isso acontecia, se espalhava a notícia de que tinha chovido na cabeceira do rio e daí começava o corre-corre das pessoas à espera das enchentes. Até os sapos se espalhavam por toda a cidade, saudando os novos visitantes trazidos pelas águas. Nos intervalos das enxurradas, formavam-se morros de areia trazida pelas águas que serviam de brinquedo para a garotada. Hoje o rio chora de saudades dos tempos de águas claras que serviam de berçário para os peixinhos, das carícias das canoas que faziam o percurso de uma cidade à outra. O tempo me fez ver o progresso desta cidade dar os primeiros passos. Atualmente o casarão é uma vitrine onde deixo expostas essas memórias.

ANEXO 3 – RELATÓRIO DO ALCESTE GERADO A PARTIR DO PROCESSAMENTO DO CORPUS

Rapport détaillé

(Lundi 19 Décembre 2016 à 11 h 05)

Résultats généraux

Paramétrage utilisé

<input checked="" type="checkbox"/> Etape A : Analyse du vocabulaire <input checked="" type="checkbox"/> Lemmatisation <input checked="" type="checkbox"/> Calcul automatique de la taille des u.c.e <input type="checkbox"/> Prendre les paragraphes du texte comme u.c.e	<input checked="" type="checkbox"/> Etape C : Définition des classes et A.F.C Seuil minimal d'u.c.e pour retenir une classe: <input type="text" value="Auto"/> calculé par Alceste
<input checked="" type="checkbox"/> Etape B : Définition des u.c.e et classification <input checked="" type="radio"/> Classification double sur les u.c <input type="radio"/> Classification simple sur les u.c.i <input type="radio"/> Classification simple sur les u.c.e Nombre de classes terminales par classification <input type="text" value="10"/> 1ère classif. nbre de mots analysés par u.c <input type="text" value="2"/> 2ème classif. nbre de mots analysés par u.c <input type="text" value="2"/>	<input checked="" type="checkbox"/> Etape D : Calculs complémentaires <input checked="" type="checkbox"/> Liste des u.c.e significatives <input checked="" type="checkbox"/> Recherche des segments répétés <input checked="" type="checkbox"/> Classification ascendante hiérarchique

A propos du traitement

Nom du corpus	Mem literaria
Date du traitement	19 Décembre 2016 à 11
Taille du corpus	139 Ko
Dernière modification du corpus	19 Décembre 2016 à 08
Type de traitement (et son code)	Classification double (121)
Réduction du vocabulaire	Oui
Nombre de mots par unité de contexte pour la première classification	Calculé par Alceste
Nombre de mots par unité de contexte pour la seconde classification	Calculé par Alceste
Nombre de classes demandées par classification	10 (valeur par défaut)
Nombre de classes stables retenues	3

Informations préliminaires

Nombre d'individus ou d'unités de contexte initiales (u.c.i.)	38
Nombre total de formes contenues dans le corpus	23296
Nombre de formes distinctes	5399
Effectif moyen d'une forme	4
Effectif maximum d'une forme	987
Nombre de hapax (formes présentes une seule fois dans le corpus)	3371
Nombre de formes prises en compte dans l'analyse après réduction	803
Nombre de formes supplémentaires (articles, pronoms, etc.)	26
Nombre de modalités de variables ou mots étoilés	62
Nombre d'unités textuelles ou unités de contexte élémentaires (u.c.e)	575
Nombre d'occurrences pour définir une unité textuelle	27
Richesse du vocabulaire (part des mots pleins en pourcentage)	97.91 %
Fréquence minimum d'un mot pris en compte dans l'analyse	4
Nombre moyen de mots analysés par unité textuelle	22
Nombre de couples de mots	13455

Catégories grammaticales

Ce tableau représente les catégories grammaticales et leur statut dans l'analyse. Ces catégories peuvent être soit analysées (prises en compte dans l'analyse) , soit supplémentaires (présentes uniquement dans la description du profil des classes, non prises en compte dans l'analyse), soit rejetées. Ces catégories sont affectées a priori aux formes reconnues du corpus. Par défaut, seuls les noms, les verbes (mis à part les auxiliaires être, avoir et les verbes modaux), les adjectifs, les adverbes et les formes non reconnues sont analysés, dans la mesure où ces formes sont présentes au moins 4 fois dans le corpus.

Liste des catégories grammaticales	Valeur d'analyse
Adjectifs et adverbes	Analysée
Adverbes en "ment"	Analysée
Couleurs	Analysée
Mois/jour	Analysée
Epoques/ Mesures	Analysée
Famille	Analysée
Lieux, pays	Analysée
Interjections	Supplémentaire
Nombres	Supplémentaire
Nombres en chiffres	Éliminée
Mots en majuscules	Supplémentaire
Noms	Analysée
Mots non trouvés dans DICIN (si existe)	Analysée
Verbes	Analysée
Prénoms	Supplémentaire
Formes non reconnues et fréquentes	Supplémentaire
Formes reconnues mais non codées	Analysée
Mots outils non classés	Supplémentaire
Verbes modaux (ou susceptibles de l'être)	Supplémentaire
Marqueurs d'une modalisation (mots outils)	Supplémentaire
Marqueurs d'une relation spatiale (mots outils)	Supplémentaire
Marqueurs d'une relation temporelle (mots outils)	Supplémentaire
Marqueurs d'une intensité (mots outils)	Supplémentaire
Marqueurs d'une relation discursive (mots outils)	Supplémentaire
Marqueurs de la personne (mots outils)	Supplémentaire
Démonstratifs, indéfinis et relatifs (mots outils)	Supplémentaire
Auxiliaires être et avoir (mots outils)	Supplémentaire
Formes non reconnues	Analysée

Dictionnaire des formes après réduction

Pendant la phase préliminaire, Alceste, après avoir constitué le dictionnaires des formes du corpus, procède à leur réduction afin de constituer un dictionnaire des formes réduites. Ces formes sont classées en fonction de leur effectif dans le corpus.

Forme réduite	Effectif	Catégorie Grammaticale
da	316	Formes non reconnues
do	305	Formes non reconnues
parer	291	Verbes
em	257	Formes non reconnues
um	246	Formes non reconnues
com	244	Formes non reconnues
os	238	Noms
era	233	Formes non reconnues
minha	223	Formes non reconnues
uma	206	Formes non reconnues
no	198	Formes non reconnues
nao	184	Formes non reconnues
na	179	Formes non reconnues
como	150	Formes non reconnues
meu	126	Formes non reconnues
das	116	Formes non reconnues
por	107	Formes non reconnues
ao	94	Formes non reconnues
muito	91	Formes non reconnues
tempo	89	Noms
dos	84	Noms
eram	81	Formes non reconnues
caser	81	Verbes
quando	80	Formes non reconnues
cidade	78	Formes non reconnues
hoje	77	Formes non reconnues
vider	77	Verbes
dia	75	Formes non reconnues
ainda	72	Formes non reconnues
mouvoir	72	Verbes
agua	71	Formes non reconnues
ja	66	Formes non reconnues
tudo	66	Formes non reconnues
mas	63	Noms
nossa	60	Formes non reconnues
ate	59	Formes non reconnues
foi	58	Noms
ess	57	Formes non reconnues
lugar	57	Formes non reconnues

pelar	57	Verbes
nas	54	Formes non reconnues
havia	54	Formes non reconnues
rio	52	Formes non reconnues
naquel	52	Formes non reconnues
onde	51	Noms
seu	49	Formes non reconnues
todo	49	Formes non reconnues
so	47	Formes non reconnues
bem	47	Formes non reconnues
vez	47	Formes non reconnues
pelo	46	Formes non reconnues
suer	46	Verbes
epoca	45	Formes non reconnues
grand	44	Adjectifs et adverbes
crianca	44	Formes non reconnues
historia	43	Formes non reconnues
aquel	42	Formes non reconnues
tambem	42	Formes non reconnues
pois	41	Noms
nosso	41	Formes non reconnues
outrer	41	Verbes
memoria	40	Formes non reconnues
assim	39	Formes non reconnues
mesmo	39	Formes non reconnues
aos	37	Formes non reconnues
familia	37	Formes non reconnues
ele	36	Formes non reconnues
num	36	Formes non reconnues
muita	36	Formes non reconnues
tinha	36	Formes non reconnues
ano	35	Formes non reconnues
escola	35	Formes non reconnues
noite	34	Formes non reconnues
ela	33	Formes non reconnues
mao	33	Formes non reconnues
sem	33	Formes non reconnues
tao	33	Formes non reconnues
ver	33	Noms
aqui	33	Formes non reconnues
pessoa	33	Formes non reconnues
est	32	Formes non reconnues
ser	32	Formes non reconnues
viv	32	Formes non reconnues
hora	32	Formes non reconnues
outro	32	Formes non reconnues

cheiro	32	Formes non reconnues
ficava	32	Formes non reconnues
mae	31	Formes non reconnues
toda	31	Formes non reconnues
terror	31	Verbes
sao	30	Formes non reconnues
sol	30	Noms
daquel	30	Formes non reconnues
ruer	29	Verbes
foram	29	Formes non reconnues
sempre	28	Formes non reconnues
isso	27	Formes non reconnues
lembranca	27	Formes non reconnues
trem	26	Formes non reconnues
meio	25	Formes non reconnues
olho	25	Formes non reconnues
payer	25	Verbes
partir	25	Verbes
infancia	25	Formes non reconnues
tinhamos	25	Formes non reconnues
ali	24	Formes non reconnues
nem	24	Formes non reconnues
ped	24	Formes non reconnues
medo	24	Formes non reconnues
ness	24	Formes non reconnues
feira	24	Formes non reconnues
depois	24	Formes non reconnues
saudade	24	Formes non reconnues
ter	23	Formes non reconnues
tive	22	Formes non reconnues
irmao	22	Formes non reconnues
velho	22	Formes non reconnues
tempos	22	Formes non reconnues
ceu	21	Formes non reconnues
agora	21	Formes non reconnues
manha	21	Formes non reconnues
mater	21	Verbes
pouco	21	Formes non reconnues
sonho	21	Formes non reconnues
apenas	21	Formes non reconnues
paitre	21	Verbes
tarder	21	Verbes
mim	20	Formes non reconnues
cafe	20	Noms
chao	20	Formes non reconnues
dava	20	Formes non reconnues

nome	20	Formes non reconnues
quem	20	Formes non reconnues
alegria	20	Formes non reconnues
coisa	19	Formes non reconnues
fazer	19	Formes non reconnues
fazia	19	Formes non reconnues
porque	19	Formes non reconnues
momento	19	Formes non reconnues
pequena	19	Formes non reconnues
trabalho	19	Formes non reconnues
brincadeira	19	Formes non reconnues
ia	18	Formes non reconnues
dess	18	Formes non reconnues
volt	18	Formes non reconnues
milho	18	Formes non reconnues
dentro	18	Formes non reconnues
menino	18	Formes non reconnues
caminho	18	Formes non reconnues
fazenda	18	Formes non reconnues
del	17	Formes non reconnues
sei	17	Formes non reconnues
verd	17	Formes non reconnues
algum	17	Formes non reconnues
antes	17	Formes non reconnues
tanto	17	Formes non reconnues
bairro	17	Formes non reconnues
melhor	17	Formes non reconnues
casinha	17	Formes non reconnues
pequeno	17	Formes non reconnues
cada	16	Formes non reconnues
nova	16	Formes non reconnues
feliz	16	Formes non reconnues
filho	16	Formes non reconnues
quint	16	Formes non reconnues
sobre	16	Adjectifs et adverbes
tenho	16	Formes non reconnues
arvore	16	Formes non reconnues
boneca	16	Formes non reconnues
maquina	16	Formes non reconnues
pe	15	Formes non reconnues
ouvi	15	Formes non reconnues
amigo	15	Formes non reconnues
carro	15	Formes non reconnues
feito	15	Formes non reconnues
porem	15	Formes non reconnues
roupa	15	Formes non reconnues

frente	15	Formes non reconnues
sentir	15	Verbes
simple	15	Adjectifs et adverbes
me_lembro	15	Formes non reconnues
bom	14	Formes non reconnues
sai	14	Formes non reconnues
duas	14	Formes non reconnues
nada	14	Formes non reconnues
fosse	14	Noms
leite	14	Formes non reconnues
mundo	14	Formes non reconnues
music	14	Formes non reconnues
estava	14	Formes non reconnues
faziam	14	Formes non reconnues
menina	14	Formes non reconnues
mulher	14	Formes non reconnues
serrer	14	Verbes
passado	14	Formes non reconnues
deu	13	Formes non reconnues
durer	13	Verbes
final	13	Adjectifs et adverbes
iamos	13	Formes non reconnues
mamae	13	Formes non reconnues
sabia	13	Formes non reconnues
tanta	13	Formes non reconnues
vento	13	Formes non reconnues
vinha	13	Formes non reconnues
janela	13	Formes non reconnues
enquanto	13	Formes non reconnues
silencio	13	Formes non reconnues
brinquedo	13	Formes non reconnues
diferente	13	Formes non reconnues
pes	12	Formes non reconnues
tem	12	Formes non reconnues
cedo	12	Formes non reconnues
doce	12	Formes non reconnues
fuir	12	Verbes
joao	12	Formes non reconnues
lado	12	Formes non reconnues
logo	12	Formes non reconnues
arroz	12	Formes non reconnues
banho	12	Formes non reconnues
barro	12	Formes non reconnues
forno	12	Formes non reconnues
gente	12	Formes non reconnues
junto	12	Formes non reconnues

pouca	12	Formes non reconnues
sendo	12	Formes non reconnues
alguns	12	Formes non reconnues
cavalo	12	Formes non reconnues
passou	12	Formes non reconnues
tinham	12	Formes non reconnues
coracao	12	Formes non reconnues
madeira	12	Formes non reconnues
diversao	12	Formes non reconnues
vermelho	12	Formes non reconnues
ir	11	Formes non reconnues
avo	11	Formes non reconnues
mato	11	Formes non reconnues
roca	11	Formes non reconnues
cresc	11	Formes non reconnues
entao	11	Formes non reconnues
feita	11	Formes non reconnues
ferro	11	Formes non reconnues
ficar	11	Formes non reconnues
perto	11	Formes non reconnues
ponto	11	Formes non reconnues
velha	11	Formes non reconnues
aprend	11	Formes non reconnues
contar	11	Formes non reconnues
former	11	Verbes
estrada	11	Formes non reconnues
professor	11	Formes non reconnues
felicidade	11	Formes non reconnues
trabalhador	11	Formes non reconnues
ar	10	Formes non reconnues
boa	10	Formes non reconnues
som	10	Formes non reconnues
atra	10	Formes non reconnues
cima	10	Formes non reconnues
fora	10	Formes non reconnues
gado	10	Formes non reconnues
irma	10	Formes non reconnues
pode	10	Formes non reconnues
acude	10	Formes non reconnues
cheia	10	Formes non reconnues
cinco	10	Formes non reconnues
disso	10	Formes non reconnues
estar	10	Formes non reconnues
lenha	10	Formes non reconnues
longe	10	Noms
maior	10	Formes non reconnues

mesma	10	Formes non reconnues
nunca	10	Formes non reconnues
papai	10	Formes non reconnues
praia	10	Formes non reconnues
apesar	10	Formes non reconnues
cabeca	10	Formes non reconnues
cabelo	10	Formes non reconnues
canela	10	Formes non reconnues
especi	10	Formes non reconnues
voltar	10	Formes non reconnues
destino	10	Formes non reconnues
estrela	10	Formes non reconnues
parecia	10	Formes non reconnues
primeira	10	Formes non reconnues
progresso	10	Formes non reconnues
dar	9	Formes non reconnues
iam	9	Formes non reconnues
vai	9	Formes non reconnues
cana	9	Formes non reconnues
dona	9	Noms
galo	9	Formes non reconnues
novo	9	Formes non reconnues
pena	9	Formes non reconnues
quai	9	Noms
qual	9	Formes non reconnues
vaca	9	Formes non reconnues
vivo	9	Formes non reconnues
dizia	9	Formes non reconnues
fogao	9	Formes non reconnues
fundo	9	Formes non reconnues
palha	9	Formes non reconnues
sinto	9	Formes non reconnues
centro	9	Formes non reconnues
conter	9	Verbes
eramos	9	Formes non reconnues
frutas	9	Formes non reconnues
pegava	9	Formes non reconnues
queria	9	Formes non reconnues
brincar	9	Formes non reconnues
comecou	9	Formes non reconnues
costume	9	Noms
fabrica	9	Formes non reconnues
farinha	9	Formes non reconnues
present	9	Formes reconnues mais non codées
trilhos	9	Formes non reconnues
verdade	9	Formes non reconnues

mandioca	9	Formes non reconnues
primeiro	9	Formes non reconnues
repentir	9	Verbes
viviamos	9	Formes non reconnues
lembro_me	9	Formes non reconnues
pensamento	9	Formes non reconnues
lua	8	Formes non reconnues
luz	8	Formes non reconnues
alto	8	Noms
bolo	8	Formes non reconnues
curr	8	Formes non reconnues
dest	8	Formes non reconnues
dono	8	Formes non reconnues
povo	8	Formes non reconnues
sabe	8	Formes non reconnues
vejo	8	Formes non reconnues
bacia	8	Formes non reconnues
beler	8	Verbes
campo	8	Formes non reconnues
chuva	8	Formes non reconnues
flore	8	Noms
local	8	Noms
mudou	8	Formes non reconnues
olhar	8	Formes non reconnues
antiga	8	Formes non reconnues
chegar	8	Formes non reconnues
comida	8	Formes non reconnues
feijao	8	Formes non reconnues
homens	8	Formes non reconnues
parece	8	Formes non reconnues
passar	8	Formes non reconnues
regiao	8	Formes non reconnues
senhor	8	Formes non reconnues
barulho	8	Formes non reconnues
cozinha	8	Formes non reconnues
distant	8	Adjectifs et adverbes
garimpo	8	Formes non reconnues
gostava	8	Formes non reconnues
morador	8	Formes non reconnues
faziamos	8	Formes non reconnues
ficavamos	8	Formes non reconnues
movimento	8	Formes non reconnues
imaginacao	8	Formes non reconnues
brincavamos	8	Formes non reconnues
bon	7	Adjectifs et adverbes
faz	7	Formes non reconnues

sou	7	Noms
arte	7	Formes non reconnues
aula	7	Formes non reconnues
boca	7	Formes non reconnues
cama	7	Formes non reconnues
fato	7	Formes non reconnues
fort	7	Adjectifs et adverbes
marc	7	Formes non reconnues
nest	7	Formes non reconnues
ouco	7	Formes non reconnues
pont	7	Formes non reconnues
pude	7	Formes non reconnues
seca	7	Formes non reconnues
segu	7	Formes non reconnues
voce	7	Formes non reconnues
vovo	7	Formes non reconnues
busca	7	Formes non reconnues
cheio	7	Formes non reconnues
cores	7	Formes non reconnues
corpo	7	Formes non reconnues
falar	7	Formes non reconnues
ficou	7	Formes non reconnues
folha	7	Formes non reconnues
grito	7	Formes non reconnues
homem	7	Formes non reconnues
lavar	7	Formes non reconnues
nasci	7	Formes non reconnues
passo	7	Formes non reconnues
posso	7	Formes non reconnues
renda	7	Formes non reconnues
rosto	7	Formes non reconnues
sabor	7	Formes non reconnues
santo	7	Formes non reconnues
seman	7	Formes non reconnues
sitio	7	Formes non reconnues
tomar	7	Formes non reconnues
troux	7	Formes non reconnues
usina	7	Formes non reconnues
vinda	7	Formes non reconnues
acabou	7	Formes non reconnues
animer	7	Verbes
antigo	7	Formes non reconnues
canavi	7	Formes non reconnues
comigo	7	Formes non reconnues
conhec	7	Formes non reconnues
corria	7	Formes non reconnues

espaco	7	Formes non reconnues
panela	7	Formes non reconnues
poeira	7	Formes non reconnues
porter	7	Verbes
quarto	7	Formes non reconnues
quatro	7	Formes non reconnues
quente	7	Formes non reconnues
carroca	7	Formes non reconnues
celular	7	Formes non reconnues
chegava	7	Formes non reconnues
corrego	7	Formes non reconnues
estacao	7	Formes non reconnues
lembrar	7	Formes non reconnues
passeio	7	Formes non reconnues
sentado	7	Formes non reconnues
somente	7	Formes non reconnues
chegavam	7	Formes non reconnues
correndo	7	Formes non reconnues
natureza	7	Formes non reconnues
vermelha	7	Formes non reconnues
acordeoes	7	Formes non reconnues
esperanca	7	Formes non reconnues
lamparina	7	Formes non reconnues
novamente	7	Formes non reconnues
atualmente	7	Formes non reconnues
comunidade	7	Formes non reconnues
construcao	7	Formes non reconnues

Informations techniques

Après l'analyse du vocabulaire, Alceste procède au découpage du texte et à la classification. C'est lors de cette opération que les différentes techniques spécifiques d'Alceste sont utilisées, comme le découpage en unités de contexte et la classification descendante hiérarchique. Rappelons que dans une analyse standard, les paramètres sont prédéfinis par le logiciel, et qu'Alceste procède à deux classifications successives afin de retenir les classes les plus stables, alors que dans une analyse paramétrée, c'est l'utilisateur qui définit ses propres paramètres ainsi que le type de classification (simple ou double). En règle générale, on utilise une classification simple lorsque le corpus est de petite taille, par exemple pour le traitement de réponses à des questions ouvertes, etc. En revanche, une classification double devient très intéressante lorsque le corpus est de grande taille (voir les différentes techniques d'optimisation et de paramétrage). Rappelons par ailleurs qu'un mot n'est analysé que lorsqu'il est présent dans au moins 4 unités textuelles.

Valeurs	1ère classification	2ème classification
Nombre minimum de mots par unité de contexte	20 mots analysés	23 mots analysés
Nombre d'unités de contexte (regroupement des unités)	430 unités de contexte	392 unités de contexte
Nombre de formes analysées différentes	803 formes analysées	803 formes analysées

Liste des formes analysées

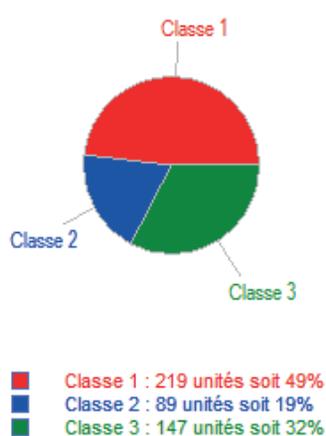
da, do, parer, em, um, com, os, era, minha, uma, no, nao, na, como, meu, das, por, ao, muito, tempo, dos, eram, caser, quando, cidade, hoje, vider, dia, ainda, mouvoir, agua, ja, tudo, mas, nossa, ate, foi, ess, lugar, peler, nas, havia, rio, naquel, onde, seu, todo, so, bem, vez, pelo, suer, epoca, crianca, grand, historia, aquel, tambem, nosso, pois, outrer, memoria, assim, mesmo, aos, familia, ele, num, muita, tinha, ano, escola, noite, ela, mao, sem, tao, aqui, pessoa, ver, est, ser, viv, hora, outro, cheiro, ficava, mae, toda, terror, sao, daquel, sol, foram, ruer, sempre, isso, lembranca, trem, meio, olho, infancia, tinhamos, payer, partir, ali, nem, ped, medo, ness, festa, depois, saudade, ter, tive, irmao, velho, tempos, ceu, agora, manha, pouco, sonho, apenas, mater, paitre, tarder, mim, chao, dava, nome, quem, alegria, cafe, coisa, fazer, fazia, porque, momento, pequena, trabalho, brincadeira, ia, dess, volt, milho, dentro, menino, caminho, fazenda, del, sei, verd, algum, antes, tanto, bairro, melhor, casinha, pequeno, cada, nova, feliz, filho, quint, tenho, arvore, boneca, maquina, sobre, pe, ouvi, amigo, carro, feito, porem, roupa, frente, me_lembro, simple, sentir, bom, sai, duas, nada, leite, mundo, music, estava, faziam, menina, mulher, passado, fosse, serrer, deu, iamos, maae, sabia, tanta, vento, vinha, janela, enquanto, silencio, brinquedo, diferente, final, durer, pes, tem, cedo, doce, joao, lado, logo, arroz, banho, barro, forno, gente, junto, pouca, sendo, alguns, cavalo, passou, tinham, coracao, madeira, diversao, vermelho, fuir, ir, avo, mato, roca, cresc, entao, feita, ferro, ficar, perto, ponto, velha, aprend, contar, estrada, professor, felicidade, trabalhador, former, ar, boa, som, atra, cima, fora, gado, irma, pode, acude, cheia, cinco, disso, estar, lenha, maior, mesma, nunca, papai, praia, apesar, cabeca, cabelo, canela, especi, voltar, destino, estrela, parecia, primeira, progresso, longe, dar, iam, vai, cana, galo, novo, pena, qual, vaca, vivo, dizia, fogao, fundo, palha, sinto, centro, eramos, frutas, pegava, queria, brincar, comecou, fabrica, farinha, trilhos, verdade, mandioca, primeiro, viviamos, lembro_me, pensamento, dona, quai, costume, conter, repentir, present, lua, luz, bolo, curr, dest, dono, povo, sabe, vejo, bacia, campo, chuva, mudou, olhar, antiga, chegar, comida, feijao, homens, parece, passar, regiao, senhor, barulho, cozinha, garimpo, gostava, morador, faziamos, ficavamos, movimento, imaginacao, brincavamos, distant, alto, flore, local, beler, faz, arte, aula, boca, cama, fato, marc, nest, ouco, pont, pude, seca, segu, voce, vovo, busca, cheio, cores, corpo, falar, ficou, folha, grito, homem, lavar, nasci, passo, posso, renda, rosto, sabor, santo, seman, sitio, tomar, troux, usina, vinda, acabou, antigo, canavi, comigo, conheç, corria, espaco, panela, poeira, quarto, quatro, quente, carroca, celular, chegava, correço, estacao, lembrar, passeio, sentado, somente, chegavam, correndo, natureza, vermelha, acordeoes, esperanca, lamparina, novamente, atualmente, comunidade, construaço, bon, fort, sou, animer, porter, cai, ora, alma, apos, belo, blem, fria, lata, luta, mesa, nasc, neto, raio, veio, aluno, brasa, davam, desde, dizer, gosto, jeito, magia, pegar, quase, redor, solto, vivia, alguem, devido, enxada, fumaca, inicio, levava, morava, parede, pedaco, predio, cacimba, calcada, casarao, comprar, energia, lagrima, molhada, mudanca, povoado, vizinha, bastante, colocava, comercio, dinheiro, eletrica, manteiga, pensando, juventude, levantava, municipio, realidade, trabalhar, me_recordo, antigamente, dificuldade, oportunidade, principalmente, desenvolvimento, livre, miner, presser,

Croisement des classifications

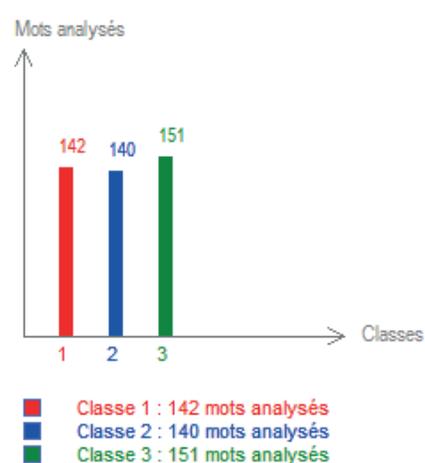
Après la phase de classification, voici les résultats retenus par Alceste :

Nombre de classes stables	3
Nombre minimum d'unités textuelles pour retenir une classe	29
Pourcentage d'unités textuelles classées	79 %

Répartition des unités classées

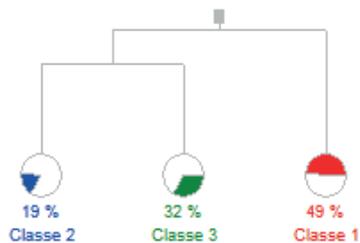


Nombre de mots analysés par classe

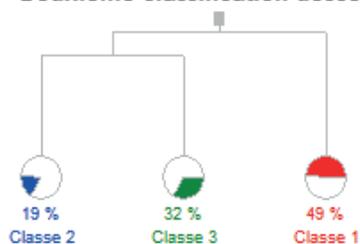


Dendrogramme de classification descendante

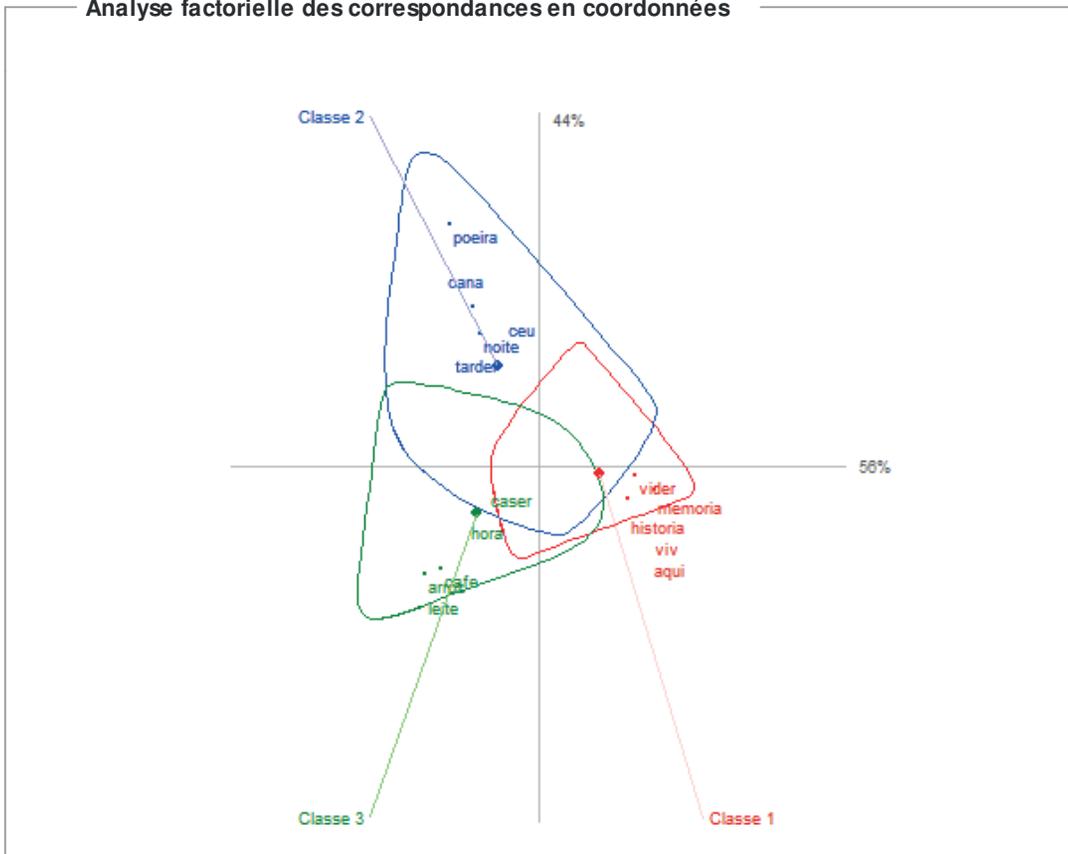
Première classification descendante



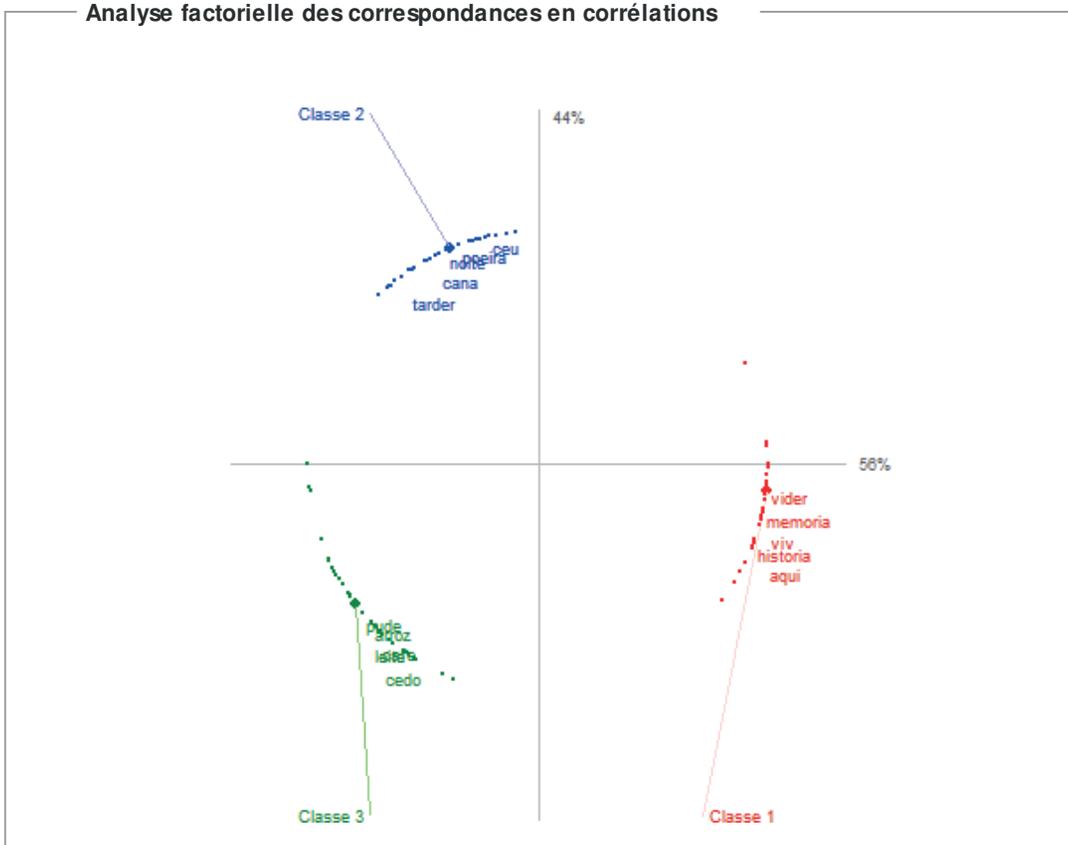
Deuxième classification descendante



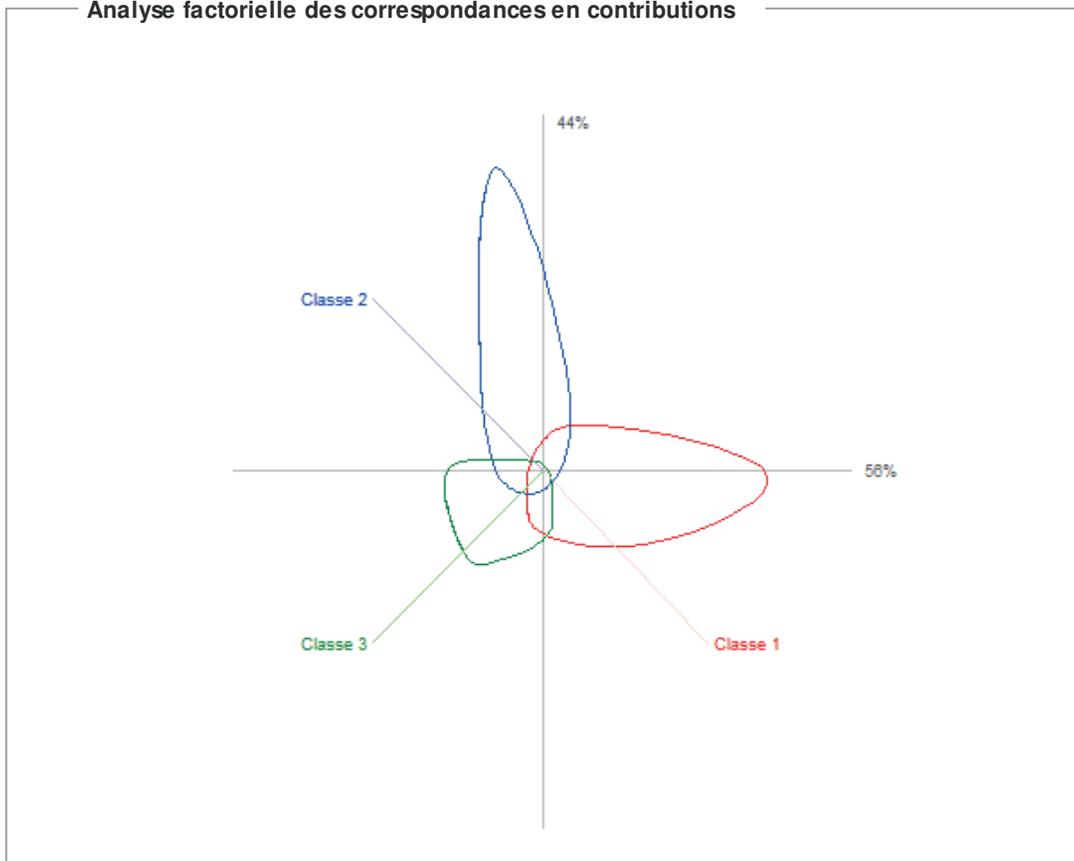
Analyse factorielle des correspondances en coordonnées



Analyse factorielle des correspondances en corrélations



Analyse factorielle des correspondances en contributions



Classification ascendante hiérarchique sur le corpus

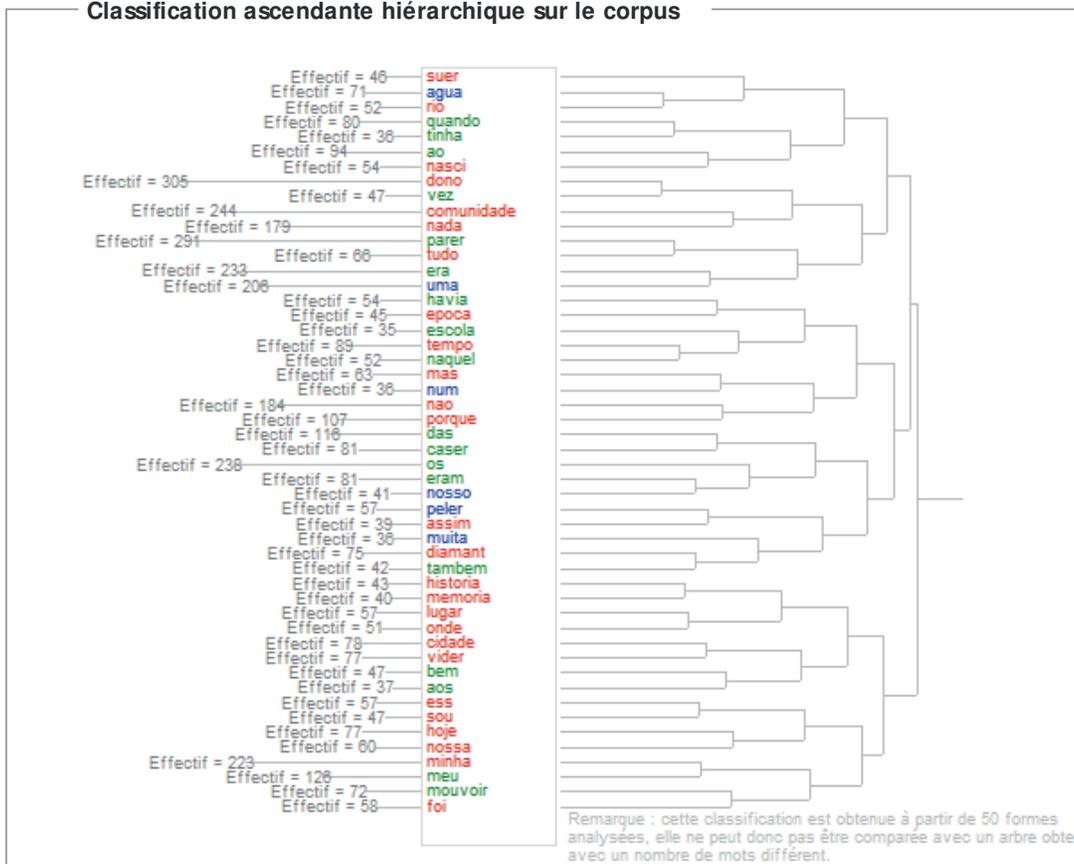


Tableau croisant classes et catégories

Ce tableau à double entrée représente les catégories grammaticales corrélées aux classes.
Les valeurs dans le tableau indiquent les valeurs de Khi2 d'association d'une catégorie grammaticale pour une classe donnée. Les valeurs positives correspondent à une forte présence, en revanche, les valeurs négatives montrent une absence significative. Le mot "Abs" signifie que la catégorie est absente du corpus.

Catégories grammaticales	Classe 1	Classe 2	Classe 3
Adjectifs et adverbes	-1	0	0
Adverbes en "ment"	Absent	Absent	Absent
Couleurs	Absent	Absent	Absent
Mois/jour	Absent	Absent	Absent
Epoques/ Mesures	Absent	Absent	Absent
Famille	Absent	Absent	Absent
Lieux, pays	Absent	Absent	Absent
Interjections	2	0	-1
Nombres	Absent	Absent	Absent
Nombres en chiffres	Absent	Absent	Absent
Mots en majuscules	0	0	0
Noms	1	-3	0
Mots non trouvés dans DICIN	Absent	Absent	Absent
Verbes	-1	0	0
Prénoms	Absent	Absent	Absent
Mots non reconnus et fréquents	Absent	Absent	Absent
Mots reconnus mais non codés	6	0	-5
Mots outils non classés	0	1	0
Verbes modaux	0	0	0
Marqueurs d'1 modalisation	4	-1	-1
Marqueurs d'1 relation spatiale	-1	1	0
Marqueurs d'1 relation temporelle	Absent	Absent	Absent
Marqueurs d'1 intensité	0	0	0
Marqueurs d'1 relation discursive	0	0	0
Marqueurs de la personne	0	1	0
Démonstratifs, indéfinis et relatifs	1	-1	0
Auxiliaires être et avoir	0	0	0
Formes non reconnues	Absent	Absent	Absent

Résultats de la classe n°1

Présences significatives

Voici le vocabulaire caractéristique (forme réduite) de la classe 1 trié suivant les valeurs du Khi2 :

Effectif : effectif réel du mot dans la classe ;
 Unités : nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot ;
 Total : nombre total d'unités textuelles classées contenant le mot ;
 % Unités : pourcentage du nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot par rapport au nombre total d'unités classées contenant le mot.

Forme réduite	Khi2	Effectif	Unités	Total	% Unités	Catégorie Grammaticale
vider	40	59	53	62	85%	Verbes
memoria	31	33	32	34	94%	Formes non reconnues
viv	22	28	24	26	92%	Formes non reconnues
aqui	22	26	24	26	92%	Formes non reconnues
historia	22	35	32	38	84%	Formes non reconnues
minha	21	120	92	144	64%	Formes non reconnues
lugar	19	42	40	52	77%	Formes non reconnues
lembranca	19	23	22	24	92%	Formes non reconnues
foram	17	23	22	25	88%	Formes non reconnues
*est_68	16	30	30	38	79%	Formes non reconnues
est	15	24	24	29	83%	Formes non reconnues
ess	14	35	33	44	75%	Formes non reconnues
foi	14	35	30	39	77%	Noms
nao	14	95	74	117	63%	Formes non reconnues
*est_80	13	14	14	15	93%	Formes non reconnues
*suj_13	13	14	14	15	93%	Formes non reconnues
passado	13	12	12	12	100%	Formes non reconnues
passou	12	11	11	11	100%	Formes non reconnues
*est_64	12	23	23	29	79%	Formes non reconnues
*suj_28	11	10	10	10	100%	Formes non reconnues
hoje	10	42	39	58	67%	Formes non reconnues
fabrica	10	9	9	9	100%	Formes non reconnues
povo	9	8	8	8	100%	Formes non reconnues
vivo	9	8	8	8	100%	Formes non reconnues
centro	9	8	8	8	100%	Formes non reconnues
*est_76	9	20	20	26	77%	Formes non reconnues
infancia	9	16	16	20	80%	Formes non reconnues
bon	8	7	7	7	100%	Adjectifs et adverbes
faz	8	7	7	7	100%	Formes non reconnues
dono	8	8	7	7	100%	Formes non reconnues
mudou	8	7	7	7	100%	Formes non reconnues
*suj_23	8	12	12	14	86%	Formes non reconnues
*suj_26	8	12	12	14	86%	Formes non reconnues
corrego	8	7	7	7	100%	Formes non reconnues
garimpo	8	8	7	7	100%	Formes non reconnues
ter	7	15	14	18	78%	Formes non reconnues

nest	7	7	6	6	100%	Formes non reconnues
sabe	7	6	6	6	100%	Formes non reconnues
homem	7	6	6	6	100%	Formes non reconnues
posso	7	6	6	6	100%	Formes non reconnues
tenho	7	13	13	16	81%	Formes non reconnues
peessoa	7	21	19	26	73%	Formes non reconnues
vermelho	7	6	6	6	100%	Formes non reconnues
acordeoes	7	6	6	6	100%	Formes non reconnues
important	7	6	6	6	100%	Formes reconnues mais non
progresso	7	9	9	10	90%	Formes non reconnues
se	6	78	68	117	58%	Marqueurs de la personne
nada	6	10	10	12	83%	Formes non reconnues
nome	6	12	12	15	80%	Formes non reconnues
suer	6	25	22	32	69%	Verbes
coisa	6	13	13	17	76%	Formes non reconnues
cresc	6	8	8	9	89%	Formes non reconnues
bairro	6	11	10	12	83%	Formes non reconnues
cidade	6	44	39	63	62%	Formes non reconnues
rio	5	27	23	35	66%	Formes non reconnues
sao	5	17	17	24	71%	Formes non reconnues
nova	5	11	9	11	82%	Formes non reconnues
andar	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
clara	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
feliz	5	12	11	14	79%	Formes non reconnues
gente	5	9	9	11	82%	Formes non reconnues
nossa	5	30	26	40	65%	Formes non reconnues
praia	5	9	5	5	100%	Formes non reconnues
melhor	5	12	12	16	75%	Formes non reconnues
menina	5	9	9	11	82%	Formes non reconnues
tempos	5	16	14	19	74%	Formes non reconnues
*suj_15	5	11	11	14	79%	Formes non reconnues
diamant	5	5	5	5	100%	Noms
lagrima	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
mudanca	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
reviver	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
saudade	5	15	15	21	71%	Formes non reconnues
salvador	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
me_esqueco	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
simplicidade	5	5	5	5	100%	Formes non reconnues
bau	4	5	4	4	100%	Formes non reconnues
mas	4	31	30	48	63%	Noms
mil	4	4	4	4	100%	Noms
sou	4	6	4	4	100%	Noms
tem	4	8	8	10	80%	Formes non reconnues
amor	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
dest	4	6	6	7	86%	Formes non reconnues

facó	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
neto	4	5	4	4	100%	Formes non reconnues
trem	4	15	12	17	71%	Formes non reconnues
assim	4	19	19	29	66%	Formes non reconnues
canto	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
fosse	4	9	9	12	75%	Noms
music	4	7	6	7	86%	Formes non reconnues
nasci	4	6	6	7	86%	Formes non reconnues
tanta	4	9	9	12	75%	Formes non reconnues
contar	4	8	8	10	80%	Formes non reconnues
jamais	4	6	6	7	86%	Marqueurs d'une modalisation
quanto	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
vívdo	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
*est_71	4	8	8	10	80%	Formes non reconnues
*suj_24	4	11	11	15	73%	Formes non reconnues
*suj_34	4	8	8	10	80%	Formes non reconnues
*suj_36	4	9	9	12	75%	Formes non reconnues
encanto	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
fazenda	4	11	10	13	77%	Formes non reconnues
lembrar	4	6	6	7	86%	Formes non reconnues
ninguem	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
marcante	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
todeschini	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
modernidade	4	4	4	4	100%	Formes non reconnues
ha	3	3	3	3	100%	Interjections
avo	3	8	7	9	78%	Formes non reconnues
del	3	8	8	11	73%	Formes non reconnues
ela	3	16	16	25	64%	Formes non reconnues
sei	3	11	10	14	71%	Formes non reconnues
tao	3	16	15	23	65%	Formes non reconnues
alma	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues
fato	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
marc	3	6	5	6	83%	Formes non reconnues
pode	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
sete	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues
tudo	3	33	31	52	60%	Formes non reconnues
amigo	3	10	10	14	71%	Formes non reconnues
campo	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
davam	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
entao	3	7	7	9	78%	Formes non reconnues
epoca	3	23	22	35	63%	Formes non reconnues
linda	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues
quase	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
sendo	3	7	7	9	78%	Formes non reconnues
tempo	3	46	39	68	57%	Noms
ouvido	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues

podiam	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues
porque	3	11	11	16	69%	Formes non reconnues
serrer	3	8	7	9	78%	Verbes
batista	3	4	3	3	100%	Formes non reconnues
celular	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
coracao	3	7	7	9	78%	Formes non reconnues
existir	3	3	3	3	100%	Verbes
presser	3	3	3	3	100%	Verbes
guardado	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues
conquista	3	3	3	3	100%	Formes non reconnues
juventude	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
construcao	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
passarinho	3	4	3	3	100%	Formes non reconnues
oportunidade	3	5	5	6	83%	Formes non reconnues
so	2	19	19	31	61%	Formes non reconnues
deu	2	7	6	8	75%	Formes non reconnues
luta	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
onde	2	26	26	44	59%	Noms
dizer	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
estao	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
filho	2	9	9	13	69%	Formes non reconnues
levar	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
miner	2	4	4	5	80%	Verbes
guardo	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
marier	2	4	4	5	80%	Verbes
*est_86	2	9	9	13	69%	Formes non reconnues
*suj_11	2	9	9	13	69%	Formes non reconnues
passeio	2	5	4	5	80%	Formes non reconnues
vivamos	2	6	6	8	75%	Formes non reconnues
municipio	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
atualmente	2	4	4	5	80%	Formes non reconnues
comunidade	2	5	4	5	80%	Formes non reconnues
*Suj_01	0	3	3	8	0%	Formes non reconnues
*est_60	0	4	4	11	0%	Formes non reconnues
*est_63	0	10	10	26	0%	Formes non reconnues
*est_70	0	7	7	12	0%	Formes non reconnues
*est_72	0	20	20	42	0%	Formes non reconnues
*est_75	0	14	14	33	0%	Formes non reconnues
*est_77	0	7	7	15	0%	Formes non reconnues
*est_78	0	4	4	9	0%	Formes non reconnues
*est_79	0	3	3	8	0%	Formes non reconnues
*est_83	0	16	16	38	0%	Formes non reconnues
*sex_40	0	77	77	163	0%	Formes non reconnues
*sex_41	0	142	142	292	0%	Formes non reconnues
*suj_02	0	4	4	11	0%	Formes non reconnues
*suj_04	0	7	7	12	0%	Formes non reconnues

*suj_08	0	7	7	11	0%	Formes non reconnues
*suj_10	0	4	4	9	0%	Formes non reconnues
*suj_14	0	7	7	13	0%	Formes non reconnues
*suj_17	0	4	4	9	0%	Formes non reconnues
*suj_21	0	6	6	15	0%	Formes non reconnues
*suj_25	0	6	6	10	0%	Formes non reconnues
*suj_27	0	7	7	15	0%	Formes non reconnues
*suj_29	0	5	5	12	0%	Formes non reconnues
*suj_30	0	2	2	6	0%	Formes non reconnues
*suj_33	0	7	7	12	0%	Formes non reconnues
*suj_35	0	8	8	14	0%	Formes non reconnues
*suj_37	0	7	7	15	0%	Formes non reconnues
*suj_38	0	3	3	8	0%	Formes non reconnues
*est_61	-1	5	5	15	0%	Formes non reconnues
*suj_03	-1	3	3	10	0%	Formes non reconnues
*suj_12	-1	5	5	15	0%	Formes non reconnues
*suj_16	-1	4	4	13	0%	Formes non reconnues
*suj_19	-1	3	3	11	0%	Formes non reconnues
*suj_32	-1	3	3	11	0%	Formes non reconnues
*est_81	-3	2	2	10	20%	Formes non reconnues
*suj_07	-3	2	2	10	20%	Formes non reconnues
*suj_31	-3	2	2	10	20%	Formes non reconnues
*est_67	-4	2	2	11	18%	Formes non reconnues
*est_69	-4	3	3	14	21%	Formes non reconnues
*est_74	-4	2	2	11	18%	Formes non reconnues
*suj_05	-4	2	2	11	18%	Formes non reconnues
*suj_09	-4	3	3	14	21%	Formes non reconnues
*suj_22	-4	2	2	11	18%	Formes non reconnues
*suj_06	-5	3	3	15	20%	Formes non reconnues
*suj_18	-5	2	2	12	17%	Formes non reconnues
*suj_20	-8	2	2	15	13%	Formes non reconnues
*est_65	-9	6	6	28	21%	Formes non reconnues
*est_84	-10	10	10	41	24%	Formes non reconnues

Distribution des formes d'origine par racine

Le tableau ci-dessous donne pour chaque forme réduite les formes d'origine, ainsi que leur effectif dans la classe 1.

Formes d'origine et leur effectif	Forme réduite
vida(53) vidas(6)	vider
memoria(18) memorias(15)	memoria
viva(2) vivas(3) viver(6) vivera(1) vivi(16)	viv
aqui(26)	aqui
historia(25) historias(10)	historia
minha(106) minhas(14)	minha
lugar(38) lugares(4)	lugar
lembranca(1) lembrancas(22)	lembranca
foram(23)	foram
esta(20) estas(2) este(2)	est
essa(9) essas(6) esse(15) esses(5)	ess
foi(35)	foi
nao(95)	nao
passado(12)	passado
passou(11)	passou
hoje(42)	hoje
fabrica(9)	fabrica
povo(7) povos(1)	povo
vivo(8)	vivo
centro(8)	centro
infancia(16)	infancia
bons(7)	bon
faz(7)	faz
dono(2) donos(6)	dono
mudou(7)	mudou
corrego(6) correjos(1)	corrego
garimpo(8)	garimpo
ter(14) tera(1)	ter
nesta(3) neste(4)	nest
sabe(3) saber(3)	sabe
homem(6)	homem
posso(6)	posso
tenho(13)	tenho
pessoa(1) pessoas(20)	pessoa
vermelho(6)	vermelho
acordeoes(6)	acordeoes
importante(5) importantes(1)	important
progresso(9)	progresso

se(78)
 nada(10)
 nome(12)
 sua(15) suas(10)
 coisa(5) coisas(8)
 cresce(1) crescer(2) cresci(5)
 bairro(11)
 cidade(41) cidades(3)
 rio(26) rios(1)
 sao(17)
 nova(8) novas(3)
 andar(3) andarai(2)
 clara(1) claras(4)
 feliz(8) felizes(4)
 gente(9)
 nossa(20) nossas(10)
 praia(8) praias(1)
 melhor(9) melhores(3)
 menina(3) meninas(6)
 tempos(16)
 diamante(3) diamantes(2)
 lagrima(1) lagrimas(4)
 mudanca(2) mudancas(3)
 reviver(5)
 saudade(7) saudades(8)
 salvador(5)
 me_esqueco(5)
 simplicidade(5)
 bau(5)
 mas(31)
 mil(4)
 sou(6)
 tem(8)
 amor(4)
 desta(1) deste(5)
 faco(2) facoes(2)
 neto(1) netos(4)
 trem(15)
 assim(19)
 canto(4)
 fosse(9)
 musica(5) musicais(2)
 nasci(5) nascia(1)
 tanta(1) tantas(8)
 contar(8)

se
 nada
 nome
 suer
 coisa
 cresc
 bairro
 cidade
 rio
 sao
 nova
 andar
 clara
 feliz
 gente
 nossa
 praia
 melhor
 menina
 tempos
 diamant
 lagrima
 mudanca
 reviver
 saudade
 salvador
 me_esqueco
 simplicidade
 bau
 mas
 mil
 sou
 tem
 amor
 dest
 faco
 neto
 trem
 assim
 canto
 fosse
 music
 nasci
 tanta
 contar

jamais(6)
 quanto(4)
 vivido(3) vividos(1)
 encanto(2) encantos(2)
 fazenda(7) fazendas(4)
 lembrar(6)
 ninguem(4)
 marcante(3) marcantes(1)
 todeschini(4)
 modernidade(4)
 ha(3)
 avo(8)
 delas(4) dele(1) deles(3)
 ela(8) elas(8)
 sei(10) seis(1)
 tao(16)
 alma(3)
 fato(5)
 marca(1) marcas(5)
 pode(2) poder(1) podera(2)
 sete(3)
 tudo(33)
 amigo(1) amigos(9)
 campo(4) campos(1)
 davam(5)
 entao(7)
 epoca(23)
 linda(2) lindas(1)
 quase(5)
 sendo(7)
 tempo(46)
 ouvido(2) ouvidos(1)
 podiam(3)
 porque(11)
 serra(8)
 batista(4)
 celular(4) celulares(1)
 coracao(7)
 exista(1) existe(2)
 pressa(3)
 guardado(3)
 conquista(3)
 juventude(5)
 construcao(5)
 passarinho(2) passarinhos(2)

jamais
 quanto
 vivido
 encanto
 fazenda
 lembrar
 ninguem
 marcante
 todeschini
 modernidade
 ha
 avo
 del
 ela
 sei
 tao
 alma
 fato
 marc
 pode
 sete
 tudo
 amigo
 campo
 davam
 entao
 epoca
 linda
 quase
 sendo
 tempo
 ouvido
 podiam
 porque
 serrer
 batista
 celular
 coracao
 existir
 presser
 guardado
 conquista
 juventude
 construcao
 passarinho

oportunidade(5)	oportunidade
so(19)	so
deu(3) deus(4)	deu
luta(3) lutas(1)	luta
onde(26)	onde
dizer(4)	dizer
estao(4)	estao
filho(1) filhos(7) filhote(1)	filho
levar(4)	levar
mina(1) minas(3)	miner
guardo(4)	guardo
maria(4)	marier
passeio(5)	passeio
vivamos(6)	vivamos
municipio(4)	municipio
atualmente(4)	atualmente
comunidade(5)	comunidade

Absences significatives

Voici le vocabulaire (forme réduite) significativement absent de la classe 1 suivant les valeurs du Khi2 :

Unités : nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot ;
 Total : nombre total d'unités textuelles classées contenant le mot ;
 % Unités : pourcentage du nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot par rapport au nombre total d'unités classées contenant le mot.

Forme réduite	Khi2	Unités	Total	% Unités	Catégorie Grammaticale
vez	-17	4	31	13%	Formes non reconnues
havia	-15	10	47	21%	Formes non reconnues
era	-14	52	147	35%	Formes non reconnues
noite	-14	6	34	18%	Formes non reconnues
cheiro	-14	2	22	9%	Formes non reconnues
naquel	-13	11	47	23%	Formes non reconnues
caser	-12	19	66	29%	Verbes
payer	-12	2	20	10%	Verbes
tarder	-11	1	15	7%	Verbes
nos	-10	23	74	31%	Marqueurs de la personne (mots
sol	-10	3	21	14%	Noms
ouvi	-10	0	11	0%	Formes non reconnues
milho	-10	1	14	7%	Formes non reconnues
*est_84	-10	10	41	24%	Formes non reconnues
diversao	-10	0	11	0%	Formes non reconnues
sai	-9	0	10	0%	Formes non reconnues
perto	-9	0	9	0%	Formes non reconnues
*est_65	-9	6	28	21%	Formes non reconnues
cana	-8	0	8	0%	Formes non reconnues
hora	-8	6	27	22%	Formes non reconnues
arroz	-8	1	12	8%	Formes non reconnues
iamos	-8	1	12	8%	Formes non reconnues
leite	-8	1	12	8%	Formes non reconnues
manha	-8	1	12	8%	Formes non reconnues
escola	-8	5	25	20%	Formes non reconnues
frutas	-8	0	8	0%	Formes non reconnues
paitre	-8	3	19	16%	Verbes
*suj_20	-8	2	15	13%	Formes non reconnues
cozinha	-8	0	8	0%	Formes non reconnues
o	-7	114	266	43%	Formes non reconnues
nas	-7	10	37	27%	Formes non reconnues
cafe	-7	2	14	14%	Noms
pude	-7	0	7	0%	Formes non reconnues
corpo	-7	0	7	0%	Formes non reconnues
feita	-7	0	7	0%	Formes non reconnues
irmao	-7	4	20	20%	Formes non reconnues

nosso	-7	8	31	26%	Formes non reconnues
roupa	-7	1	11	9%	Formes non reconnues
sobre	-7	2	14	14%	Adjectifs et adverbos
tinha	-7	6	26	23%	Formes non reconnues
estava	-7	1	11	9%	Formes non reconnues
carroca	-7	0	7	0%	Formes non reconnues
farinha	-7	0	7	0%	Formes non reconnues
pe	-6	2	13	15%	Formes non reconnues
luz	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
mal	-6	0	6	0%	Mots outils non classés
uma	-6	57	144	40%	Formes non reconnues
cima	-6	1	10	10%	Formes non reconnues
curr	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
dona	-6	0	6	0%	Noms
eram	-6	17	52	33%	Formes non reconnues
forno	-6	1	10	10%	Formes non reconnues
lenha	-6	1	10	10%	Formes non reconnues
panela	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
poeira	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
quarto	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
quente	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
brinquedo	-6	1	10	10%	Formes non reconnues
lamparina	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
trabalhar	-6	0	6	0%	Formes non reconnues
cai	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
cedo	-5	2	12	17%	Formes non reconnues
medo	-5	4	18	22%	Formes non reconnues
carne	-5	0	5	0%	Adjectifs et adverbos
cheia	-5	1	9	11%	Formes non reconnues
dizia	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
fogao	-5	1	9	11%	Formes non reconnues
papai	-5	1	9	11%	Formes non reconnues
peler	-5	11	36	31%	Verbes
roder	-5	0	5	0%	Verbes
vento	-5	1	9	11%	Formes non reconnues
animer	-5	0	5	0%	Verbes
cabelo	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
ficava	-5	7	26	27%	Formes non reconnues
pegava	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
tambem	-5	10	34	29%	Formes non reconnues
*suj_06	-5	3	15	20%	Formes non reconnues
*suj_18	-5	2	12	17%	Formes non reconnues
barulho	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
chegava	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
colocava	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
tinhamos	-5	4	18	22%	Formes non reconnues

brincavamos	-5	0	5	0%	Formes non reconnues
eu	-4	42	105	40%	Auxiliaires être et avoir (mots
ia	-4	3	14	21%	Formes non reconnues
ate	-4	15	44	34%	Formes non reconnues
boi	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
mes	-4	0	4	0%	Marqueurs de la personne (mots
boca	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
olho	-4	5	19	26%	Formes non reconnues
sono	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
fazia	-4	4	16	25%	Formes non reconnues
folha	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
jeito	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
saler	-4	0	4	0%	Verbes
ajudar	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
almoco	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
aprend	-4	1	8	13%	Formes non reconnues
cavalo	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
comida	-4	1	8	13%	Formes non reconnues
eramos	-4	1	8	13%	Formes non reconnues
escuro	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
feijao	-4	1	8	13%	Formes non reconnues
fresco	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
mulher	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
quando	-4	22	60	37%	Formes non reconnues
queijo	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
*est_67	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
*est_69	-4	3	14	21%	Formes non reconnues
*est_74	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
*suj_05	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
*suj_09	-4	3	14	21%	Formes non reconnues
*suj_22	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
calcada	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
castigo	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
comecei	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
delicia	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
estrada	-4	2	11	18%	Formes non reconnues
inverno	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
passava	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
comecava	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
fornalha	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
trabalho	-4	3	14	21%	Formes non reconnues
verduras	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
ficavamos	-4	1	8	13%	Formes non reconnues
levantava	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
travessura	-4	0	4	0%	Formes non reconnues
encantamento	-4	0	4	0%	Formes non reconnues

ir	-3	2	10	20%	Formes non reconnues
os	-3	57	136	42%	Noms
po	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
ceu	-3	4	15	27%	Formes non reconnues
dai	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
dia	-3	18	50	36%	Formes non reconnues
mae	-3	8	25	32%	Formes non reconnues
mao	-3	8	26	31%	Formes non reconnues
pau	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
via	-3	0	3	0%	Marqueurs d'une relation
fora	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
galo	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
grao	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
lata	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
nasc	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
seca	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
suor	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
vaca	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
batia	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
casca	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
fogue	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
livro	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
local	-3	1	7	14%	Noms
pasto	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
pedia	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
tabua	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
troux	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
veler	-3	0	3	0%	Verbes
velho	-3	6	20	30%	Formes non reconnues
batida	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
conter	-3	1	7	14%	Verbes
depois	-3	5	18	28%	Formes non reconnues
fumaca	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
parede	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
rocado	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
sentia	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
ultima	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
*est_81	-3	2	10	20%	Formes non reconnues
*suj_07	-3	2	10	20%	Formes non reconnues
*suj_31	-3	2	10	20%	Formes non reconnues
batendo	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
caipira	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
coberta	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
deixava	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
gostava	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
janetta	-3	0	3	0%	Formes non reconnues

madeira	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
verdade	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
voltava	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
barracos	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
chegavam	-3	1	7	14%	Formes non reconnues
professor	-3	2	10	20%	Formes non reconnues
lentamente	-3	0	3	0%	Formes non reconnues
do	-2	75	172	44%	Formes non reconnues
na	-2	52	123	42%	Formes non reconnues
aos	-2	10	29	34%	Formes non reconnues
com	-2	64	148	43%	Formes non reconnues
das	-2	31	77	40%	Formes non reconnues
lua	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
nem	-2	5	17	29%	Formes non reconnues
agua	-2	15	41	37%	Formes non reconnues
apos	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
atra	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
chao	-2	5	17	29%	Formes non reconnues
mesa	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
vovo	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
feito	-2	2	9	22%	Formes non reconnues
fundo	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
longe	-2	1	6	17%	Noms
mamae	-2	2	9	22%	Formes non reconnues
pouca	-2	2	9	22%	Formes non reconnues
tomar	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
canavi	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
chegar	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
corria	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
caminho	-2	5	17	29%	Formes non reconnues
bastante	-2	1	6	17%	Formes non reconnues
vermelha	-2	1	6	17%	Formes non reconnues

Catégories grammaticales

Voici la liste des catégories grammaticales présentes dans la classe 1, avec leur Khi2 et leur effectif.
 Khi2 > 0 signifie une présence relative de la catégorie.
 Khi2 < 0 signifie une absence relative de la catégorie.
 Khi2 = 0 signifie que la présence de la catégorie n'est pas significative.

Catégorie Grammaticale	Khi2	Effectif
Formes reconnues mais non codées	6	10
Marqueurs d'une modalisation (mots outils)	4	6
Interjections	2	9
Démonstratifs, indéfinis et relatifs (mots outils)	1	149
Noms	1	282
Mots outils non classés	0	13
Verbes modaux (ou susceptibles de l'être)	0	1
Marqueurs d'une intensité (mots outils)	0	5
Marqueurs d'une relation discursive (mots outils)	0	64
Marqueurs de la personne (mots outils)	0	91
Auxiliaires être et avoir (mots outils)	0	125
Mots en majuscules	0	82
Marqueurs d'une relation spatiale (mots outils)	-1	1
Adjectifs et adverbes	-1	43
Verbes	-1	322

Unités textuelles de la classe 1

Ci-dessous la liste des unités textuelles caractéristiques de la classe 1, triées par ordre d'importance suivant le Khi2 dans la classe et précédées des variables signalétiques des individus associés. Les formes les plus caractéristiques de la classe sont signalées entre parenthèses.

- Unité textuelle n° 201 Khi2 = 43 Individu n° 13 *suj_13 *sex_41 *est_80
silenciou a (minha) (vida) e a (vida) da (minha) (cidade). (assim) (como) a fenix, a (fabrica) renasceu, (nao) mais de acordoes, (mas) de moveis. (hoje), quarenta (anos) depois, a (todeschini) de moveis (nao) pertence mais a (minha) (familia), (mas) as (memorias) e as (lembranc)
- Unité textuelle n° 484 Khi2 = 24 Individu n° 32 *suj_32 *sex_41 *est_72
(sei) (que) logo (esse) (lugar) (sera) transformado em uma moderna (construcao), (porque) a (nossa) (cidade) vive o (progresso) ao longo da (sua) (historia). A maquina de arroz (nao) funciona mais, (mas) (esta) la, merecedora de transformar_se em uma valiosa peca de museu po
- Unité textuelle n° 9 Khi2 = 18 Individu n° 1 *Suj_01 *sex_40 *est_84
O (tempo) (passou), a (cidade) evoluiu, (porem), as (minhas) maos calejadas ainda persistem, (assim) (como) as (melhores) (lembrancas) de um (tempo) (vívdo) (que) insistem em permanecer na (minha) (memoria), na (minha) (alma) e, principalmente, na (historia) do (lugar) (onde) ()
- Unité textuelle n° 188 Khi2 = 18 Individu n° 13 *suj_13 *sex_41 *est_80
trazer a tona vivencias (tao) profundas (como) as (que) vou contar_me (faz) um bem danado. (sao) (memorias) (muito) antigas, (assim) (como) eu. brotam do meu peito (como) (boas) (lembrancas) da (epoca) em (que) as (vivi). (historias) regadas de (sonhos) e de (amor) pela (musica)
- Unité textuelle n° 253 Khi2 = 18 Individu n° 16 *suj_16 *sex_41 *est_65
A noite, jogavamos baralho e davamos muitas gargalhadas. (tudo) (isso) (esta) (guardado) na (minha) (memoria) e marcado em meu (coracao). agradeço (hoje) pela (vida) (que) (tive) (porque) poucas (pessoas) puderam (viver) o (que) (vivi), poucas tiveram (essas) experiencias. (ti)
- Unité textuelle n° 400 Khi2 = 17 Individu n° 26 *suj_26 *sex_41 *est_68
eu (so) (sei) (que), (se) (nao) (fosse) (esse) pedaco de chao, eu (nao) teria cenario (melhor) para (contar) (minha) (historia).
- Unité textuelle n° 50 Khi2 = 16 Individu n° 4 *suj_04 *sex_41 *est_70
de repente, faz_se silencio e ele avista um (passarinho) e, alegremente, (volta) a (se) (lembrar) de mais um (fato) (importante) na (historia) (deste) (lugar). um (passarinho) (quase) (me_esqueco).
- Unité textuelle n° 52 Khi2 = 16 Individu n° 4 *suj_04 *sex_41 *est_70
pena (que) ja (nao) (exista) mais em (nossa) (regiao), (esta) extinto. (hoje), a (unica) (coisa) (que) (posso) fazer e (lembrar), me_emocionar e sentir (saudades) (desse) (tempo) (que) (nao) (volta) mais, dos meus (amigos) (que) (se) (foram),
- Unité textuelle n° 203 Khi2 = 15 Individu n° 13 *suj_13 *sex_41 *est_80
sobrou a (musica) em (minha) (vida) e o orgulho de carregar (este) (nome) (que) e (marca) da (cidade) (onde) (vivi) e (vivo), (que) com (minhas) meras palavras, conhecidas por um vocabulario pequeno, (nao) consigo explicar.
- Unité textuelle n° 342 Khi2 = 15 Individu n° 23 *suj_23 *sex_40 *est_64
meu (nome) e dalva alves, (tenho) 79 (anos) e moro em igatu, distrito de (andarai), chapada diamantina. (aqui) (nasci), (cresci), formei (familia) e eduquei meus (filhos). ainda (hoje) conservo (lembrancas) do (tempo) do (garimpo), me_recordo do brejo verruga, (onde) trabal
- Unité textuelle n° 415 Khi2 = 15 Individu n° 27 *suj_27 *sex_40 *est_77
O (tempo) (passou); (hoje), moro no (bairro/) pedrinhas ii. (epoca) (diferente), ja (tenho) maquina eletrica, (mas/) continuo com a de pedal, (minha) reliquia, (que) conta em detalhes a/ (minha) (historia), e e nela (que) eu (facó) (tapetes) para me_distrair, recordando os ()
- Unité textuelle n° 496 Khi2 = 15 Individu n° 33 *suj_33 *sex_41 *est_72
(hoje), com um bocado de (netos), gosto de falar do meu (passado), de (contar) os acontecidos e de (reviver) aqueles (momentos) (que) povoam a (minha) (memoria), pois (sei) (que) (so) (assim), atraves das (lembrancas), e (que) (posso) (manter) (viva) a (minha) (historia).
- Unité textuelle n° 520 Khi2 = 15 Individu n° 35 *suj_35 *sex_41 *est_68
viajo a (tempos) remotos, vendo (aqui) do (alpendre) da (minha) casa um (muro) de pedras construido por escravos de um antigo (dono). (esta) la, testemunha da forca de um (povo) guerreiro. (nao) (me_esqueco) de um (fato) (marcante) (que) (minha) sogra contava. (nossa) (regia)
- Unité textuelle n° 542 Khi2 = 15 Individu n° 36 *suj_36 *sex_41 *est_76
(sei) (que) (facó) parte (dessa) (nova) geracao, (mas), ao (contar) as (lembrancas) de (minha) (avo) zuleide de santana e de (minha) mae, eliane barbosa, (elas) proporcionaram a (oportunidade) de imaginar (como) era garanhuns, as transformacoes (que) (passou) e (como) (sera) fu
- Unité textuelle n° 562 Khi2 = 15 Individu n° 37 *suj_37 *sex_41 *est_63

(entao), percebo (como) o (tempo) (passou). muita (coisa) (mudou), (outras) ja (nao) existem mais. lembro_me_dos acontecimentos (marcantes), enraizados (neste) (lugar), tal (qual) (esta) arvore (que) (tive) a honra de plantar.

Unité textuelle n° 281 Khi2 = 14 Individu n° 18 *suj_18 *sex_40 *est_84

uma (lagrima) escapou_me, (entao) pus_me a falar, vejamos. (se) (nao) me_falha a (memoria), ocorreu um (fato) (marcante) em (mil) novecentos e.

Unité textuelle n° 374 Khi2 = 14 Individu n° 24 *suj_24 *sex_40 *est_64

(salvador) (se) transformou num grande (centro) urbano, e o (rio) (vermelho) acabou sofrendo as consequencias (disso). A ideologia simplista da (minha) (epoca), a essencia inocente e o cotidiano (tao) belo e inspirador (foram) corroidos (pelo) (tempo).

Unité textuelle n° 356 Khi2 = 13 Individu n° 23 *suj_23 *sex_40 *est_64

O (destino) (foram) as grandes (cidades:) (sao) paulo, (rio) de janeiro e (salvador). (elas) (foram) em busca daquilo (que) o (garimpo) (nao) lhes proporcionava mais: uma (vida) digna.

Unité textuelle n° 510 Khi2 = 13 Individu n° 35 *suj_35 *sex_41 *est_68

(fazenda) (serra) (nova), silvania, (lugar) (onde) a paz e a felicidade reinam absolutas. (tenho) a honra de fazer parte da (historia) (deste) (lugar). (aqui) aprendi (que) a (simplicidade) e uma das (coisas) mais (importantes) na (vida) do ser humano e (aqui) no meio do (mat)

Unité textuelle n° 38 Khi2 = 12 Individu n° 3 *suj_03 *sex_41 *est_83

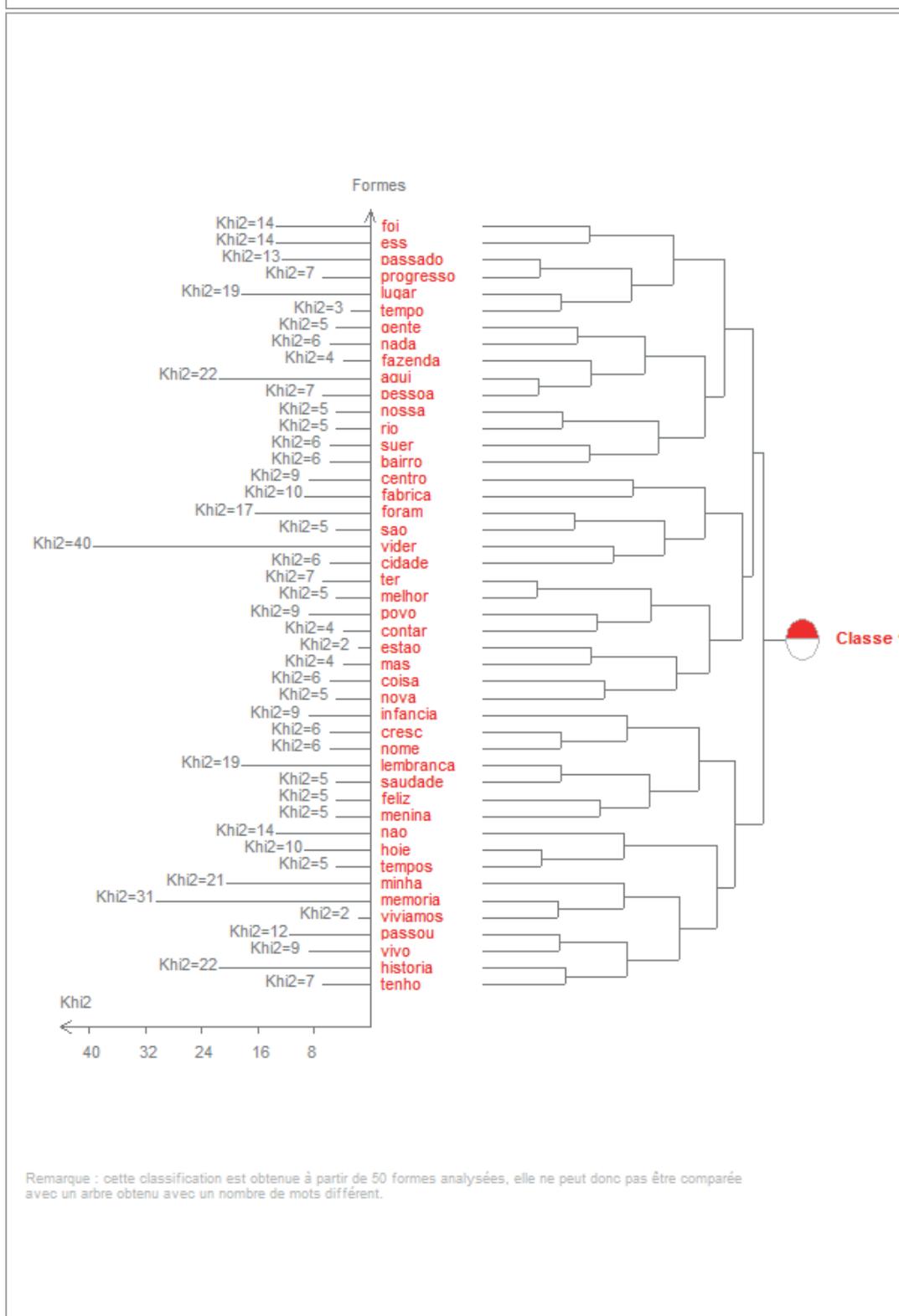
(como) eu sofri para memorizar (esse) codigo. (E) (como) valeu a pena. (assim) (minha) (vida) (foi) (se) gastando, acompanhando as idas e vindas do (trem). com o passar do (tempo), veio o (progresso). (nossa) (cidade) cresceu e evoluiu, (mas) junto com a evolucao a maquina d

Unité textuelle n° 219 Khi2 = 12 Individu n° 14 *suj_14 *sex_40 *est_83

(nao) (que) (ela) tenha (se) acabado, apenas (deu) (lugar) a (modernidade). (minha) lajes vive apenas na (memoria). (desde) a decada de 1960 (seu) (nome) (passou) a ser escrito, lajes e muita (coisa) (mudou).

Classification Ascendante Hiérarchique

La classification ascendante constitue un résultat complémentaire et une aide à la représentation des relations locales entre formes d'une même classe. Ci-dessous l'arbre de la classification ascendante pour la classe 1 ; on observe les paquets d'agrégation de formes ainsi que le Khi2 de chaque forme dans la classe.



Résultats de la classe n°2

Présences significatives

Voici le vocabulaire caractéristique (forme réduite) de la classe 2 trié suivant les valeurs du Khi2 :

Effectif : effectif réel du mot dans la classe ;

Unités : nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot ;

Total : nombre total d'unités textuelles classées contenant le mot ;

% Unités : pourcentage du nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot par rapport au nombre total d'unités classées contenant le mot.

Forme réduite	Khi2	Effectif	Unités	Total	% Unités	Catégorie Grammaticale
noite	48	22	22	34	65%	Formes non reconnues
*suj_20	29	11	11	15	73%	Formes non reconnues
poeira	25	6	6	6	100%	Formes non reconnues
cana	24	8	7	8	88%	Formes non reconnues
ceu	22	11	10	15	67%	Formes non reconnues
tarder	22	12	10	15	67%	Verbes
barulho	21	5	5	5	100%	Formes non reconnues
seca	20	6	6	7	86%	Formes non reconnues
carroca	20	6	6	7	86%	Formes non reconnues
verdade	20	6	6	7	86%	Formes non reconnues
nas	18	18	17	37	46%	Formes non reconnues
ar	17	7	7	10	70%	Formes non reconnues
boi	17	4	4	4	100%	Formes non reconnues
festa	17	11	11	20	55%	Formes non reconnues
escuro	17	4	4	4	100%	Formes non reconnues
calçada	17	4	4	4	100%	Formes non reconnues
passava	17	4	4	4	100%	Formes non reconnues
lua	16	5	5	6	83%	Formes non reconnues
luz	16	5	5	6	83%	Formes non reconnues
atra	16	5	5	6	83%	Formes non reconnues
olhar	16	6	6	8	75%	Formes non reconnues
quente	16	5	5	6	83%	Formes non reconnues
*est_65	14	13	13	28	46%	Formes non reconnues
diversao	14	7	7	11	64%	Formes non reconnues
pouca	13	6	6	9	67%	Formes non reconnues
vento	13	6	6	9	67%	Formes non reconnues
nasc	12	3	3	3	100%	Formes non reconnues
corpo	12	5	5	7	71%	Formes non reconnues
fogue	12	3	3	3	100%	Formes non reconnues
veler	12	3	3	3	100%	Verbes
comecou	12	6	4	5	80%	Formes non reconnues
correndo	12	4	4	5	80%	Formes non reconnues
nosso	11	15	13	31	42%	Formes non reconnues
janela	10	5	5	8	63%	Formes non reconnues
repentir	10	5	5	8	63%	Verbes
*est_74	9	6	6	11	55%	Formes non reconnues

*suj_22	9	6	6	11	55%	Formes non reconnues
estrada	9	6	6	11	55%	Formes non reconnues
parecia	9	4	4	6	67%	Formes non reconnues
povoado	9	4	4	6	67%	Formes non reconnues
vermelha	9	4	4	6	67%	Formes non reconnues
lamparina	9	4	4	6	67%	Formes non reconnues
nem	8	9	8	17	47%	Formes non reconnues
sol	8	9	9	21	43%	Noms
boca	8	3	3	4	75%	Formes non reconnues
quem	8	8	8	17	47%	Formes non reconnues
sono	8	3	3	4	75%	Formes non reconnues
verd	8	5	5	9	56%	Formes non reconnues
cheia	8	5	5	9	56%	Formes non reconnues
folha	8	4	3	4	75%	Formes non reconnues
sereno	8	3	3	4	75%	Formes non reconnues
estrela	8	5	5	9	56%	Formes non reconnues
sentado	8	3	3	4	75%	Formes non reconnues
ali	7	8	8	18	44%	Formes non reconnues
ruer	7	10	9	22	41%	Verbes
terror	7	9	9	22	41%	Verbes
do	6	50	44	172	26%	Formes non reconnues
cima	6	5	5	10	50%	Formes non reconnues
local	6	4	4	7	57%	Noms
sitio	6	4	4	7	57%	Formes non reconnues
troux	6	4	4	7	57%	Formes non reconnues
*est_83	6	13	13	38	34%	Formes non reconnues
*suj_03	6	5	5	10	50%	Formes non reconnues
madeira	6	4	4	7	57%	Formes non reconnues
cai	5	3	3	5	60%	Formes non reconnues
num	5	12	10	28	36%	Formes non reconnues
pes	5	3	3	5	60%	Formes non reconnues
chao	5	7	7	17	41%	Formes non reconnues
meio	5	9	8	21	38%	Formes non reconnues
magia	5	3	3	5	60%	Formes non reconnues
pele	5	13	12	36	33%	Verbes
santo	5	3	3	5	60%	Formes non reconnues
sobre	5	6	6	14	43%	Adjectifs et adverbes
*Suj_01	5	4	4	8	50%	Formes non reconnues
*est_79	5	4	4	8	50%	Formes non reconnues
*suj_38	5	4	4	8	50%	Formes non reconnues
alegria	5	7	7	17	41%	Formes non reconnues
iluminado	5	3	3	5	60%	Formes non reconnues
movimento	5	3	3	5	60%	Formes non reconnues
A	4	24	20	72	28%	Mots en majuscules
po	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
dia	4	16	15	50	30%	Formes non reconnues

mal	4	3	3	6	50%	Mots outils non classés
vao	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
ver	4	8	8	23	35%	Noms
via	4	2	2	3	67%	Marqueurs d'une relation
apos	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
gado	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
olho	4	7	7	19	37%	Formes non reconnues
puro	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
suor	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
vovo	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
chuva	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
grito	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
livro	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
tabua	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
vinda	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
batida	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
canavi	4	3	3	6	50%	Formes non reconnues
depois	4	7	7	18	39%	Formes non reconnues
fumaca	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
futuro	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
nenhum	4	3	2	3	67%	Formes non reconnues
palmas	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
partir	4	8	8	22	36%	Verbes
vender	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
*est_78	4	4	4	9	44%	Formes non reconnues
*suj_17	4	4	4	9	44%	Formes non reconnues
caipira	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
deixava	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
voltava	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
barracos	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
violencia	4	2	2	3	67%	Formes non reconnues
o	3	90	59	266	22%	Formes non reconnues
nos	3	20	20	74	27%	Marqueurs de la personne
por	3	20	19	71	27%	Formes non reconnues
sai	3	4	4	10	40%	Formes non reconnues
uma	3	45	35	144	24%	Formes non reconnues
agua	3	15	12	41	29%	Formes non reconnues
havia	3	14	14	47	30%	Formes non reconnues
velho	3	7	7	20	35%	Formes non reconnues
sentir	3	4	4	10	40%	Verbes
*est_84	3	12	12	41	29%	Formes non reconnues
caminho	3	6	6	17	35%	Formes non reconnues
felicidade	3	4	4	10	40%	Formes non reconnues
mes	2	2	2	4	50%	Marqueurs de la personne
algo	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
fora	2	3	3	7	43%	Formes non reconnues

lama	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
ouvi	2	4	4	11	36%	Formes non reconnues
riso	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
banho	2	4	4	11	36%	Formes non reconnues
busca	2	3	3	7	43%	Formes non reconnues
carro	2	4	4	11	36%	Formes non reconnues
durer	2	4	4	11	36%	Verbes
livre	2	2	2	4	50%	Noms
mesma	2	3	3	7	43%	Formes non reconnues
muita	2	8	8	26	31%	Formes non reconnues
podao	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
praca	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
almoco	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
apenas	2	6	6	18	33%	Formes non reconnues
cavalo	2	4	4	11	36%	Formes non reconnues
enchia	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
*suj_08	2	4	4	11	36%	Formes non reconnues
distant	2	3	3	7	43%	Adjectifs et adverbes
energia	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
fazendo	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
margens	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
molhada	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
tivemos	2	3	2	4	50%	Formes non reconnues
chegavam	2	3	3	7	43%	Formes non reconnues
contavam	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
eletrica	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
sentindo	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
verduras	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
divertido	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
trabalhador	2	4	4	11	36%	Formes non reconnues
encantamento	2	2	2	4	50%	Formes non reconnues
*sex_40	1	37	37	163	0%	Formes non reconnues
*suj_06	1	5	5	15	0%	Formes non reconnues
*est_60	0	2	2	11	0%	Formes non reconnues
*est_61	0	3	3	15	0%	Formes non reconnues
*est_67	0	2	2	11	0%	Formes non reconnues
*est_69	0	3	3	14	0%	Formes non reconnues
*est_70	0	3	3	12	0%	Formes non reconnues
*est_72	0	7	7	42	0%	Formes non reconnues
*est_75	0	8	8	33	0%	Formes non reconnues
*est_81	0	2	2	10	0%	Formes non reconnues
*est_86	0	4	4	13	0%	Formes non reconnues
*suj_02	0	2	2	11	0%	Formes non reconnues
*suj_04	0	3	3	12	0%	Formes non reconnues
*suj_05	0	2	2	11	0%	Formes non reconnues
*suj_07	0	2	2	10	0%	Formes non reconnues

*suj_09	0	3	3	14	0%	Formes non reconnues
*suj_10	0	2	2	9	0%	Formes non reconnues
*suj_11	0	4	4	13	0%	Formes non reconnues
*suj_12	0	3	3	15	0%	Formes non reconnues
*suj_14	0	4	4	13	0%	Formes non reconnues
*suj_16	0	2	2	13	0%	Formes non reconnues
*suj_18	0	3	3	12	0%	Formes non reconnues
*suj_21	0	4	4	15	0%	Formes non reconnues
*suj_24	0	3	3	15	0%	Formes non reconnues
*suj_25	0	3	3	10	0%	Formes non reconnues
*suj_29	0	2	2	12	0%	Formes non reconnues
*suj_31	0	2	2	10	0%	Formes non reconnues
*suj_32	0	2	2	11	0%	Formes non reconnues
*est_64	-1	3	3	29	0%	Formes non reconnues
*sex_41	-1	52	52	292	0%	Formes non reconnues
*suj_30	-1	0	0	6	0%	Formes non reconnues
*est_71	-2	0	0	10	0%	Formes non reconnues
*suj_28	-2	0	0	10	0%	Formes non reconnues
*suj_34	-2	0	0	10	0%	Formes non reconnues
*suj_19	-3	0	0	11	0%	Formes non reconnues
*suj_33	-3	0	0	12	0%	Formes non reconnues
*suj_36	-3	0	0	12	0%	Formes non reconnues
*est_77	-4	0	0	15	0%	Formes non reconnues
*est_80	-4	0	0	15	0%	Formes non reconnues
*suj_13	-4	0	0	15	0%	Formes non reconnues
*suj_15	-4	0	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_23	-4	0	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_26	-4	0	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_27	-4	0	0	15	0%	Formes non reconnues
*suj_35	-4	0	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_37	-4	0	0	15	0%	Formes non reconnues
*est_63	-7	0	0	26	0%	Formes non reconnues
*est_76	-7	0	0	26	0%	Formes non reconnues
*est_68	-10	0	0	38	0%	Formes non reconnues

Distribution des formes d'origine par racine

Le tableau ci-dessous donne pour chaque forme réduite les formes d'origine, ainsi que leur effectif dans la classe 2.

Formes d'origine et leur effectif	Forme réduite
noite(15) noites(7)	noite
poeira(6)	poeira
cana(7) canas(1)	cana
ceu(10) ceus(1)	ceu
tarde(9) tardes(3)	tarder
barulho(5)	barulho
seca(5) secas(1)	seca
carroca(4) carrocas(2)	carroca
verdade(4) verdadeira(2)	verdade
nas(18)	nas
ar(7)	ar
boi(4)	boi
feira(9) festas(2)	feira
escuro(3) escuros(1)	escuro
calcada(2) calcadas(2)	calcada
passava(4)	passava
lua(5)	lua
luz(4) luzes(1)	luz
atraente(1) atras(4)	atra
olhar(5) olhares(1)	olhar
quente(4) quentes(1)	quente
diversao(7)	diversao
pouca(1) poucas(5)	pouca
vento(6)	vento
nascer(3)	nasc
corpo(2) corpos(3)	corpo
fogueira(2) foguetes(1)	fogue
vela(1) velas(2)	veler
comecou(6)	comecou
correndo(4)	correndo
nosso(4) nossos(11)	nosso
janela(3) janelas(2)	janela
repente(5)	repentir
estrada(5) estradas(1)	estrada
parecia(4)	parecia
povoado(3) povoados(1)	povoado
vermelha(4)	vermelha
lamparina(1) lamparinas(3)	lamparina

nem(9)
 sol(9)
 boca(3)
 quem(8)
 sono(3)
 verde(4) verdes(1)
 cheia(3) cheias(2)
 folha(1) folhas(3)
 sereno(3)
 estrela(1) estrelas(4)
 sentado(1) sentados(2)
 ali(8)
 rua(3) ruas(7)
 terra(8) terras(1)
 do(50)
 cima(5)
 local(4)
 sitio(3) sitios(1)
 trouxas(1) trouxe(2) trouxesse(1)
 madeira(4)
 cai(1) caia(2)
 num(10) numa(2)
 pes(3)
 chao(7)
 meio(9)
 magia(3)
 pela(7) pelas(6)
 santo(1) santos(2)
 sobre(6)
 alegria(7)
 iluminado(3)
 movimento(3)
 A(24)
 po(2)
 dia(12) dias(4)
 mal(3)
 vao(2)
 ver(8)
 via(2)
 apos(3)
 gado(3)
 olhos(7)
 puro(2)
 suor(2)
 vovo(3)
 chuva(3)

nem
 sol
 boca
 quem
 sono
 verd
 cheia
 folha
 sereno
 estrela
 sentado
 ali
 ruer
 terror
 do
 cima
 local
 sitio
 troux
 madeira
 cai
 num
 pes
 chao
 meio
 magia
 peler
 santo
 sobre
 alegria
 iluminado
 movimento
 A
 po
 dia
 mal
 vao
 ver
 via
 apos
 gado
 olho
 puro
 suor
 vovo
 chuva

grito(1) gritos(2)
 livro(1) livros(1)
 tabua(1) tabuas(1)
 vinda(2) vindas(1)
 batida(1) batidas(1)
 canaviais(1) canavial(2)
 depois(7)
 fumaca(2)
 futuro(2)
 nenhum(2) nenhuma(1)
 palmas(2)
 parte(8)
 vender(2)
 caipiras(2)
 deixava(2)
 voltava(2)
 barracos(2)
 violencia(2)
 o(90)
 nos(32)
 por(20)
 saia(4) sair(2)
 uma(44) umas(1)
 agua(10) aguas(5)
 havia(23)
 velho(2) velhos(5)
 senti(1) sentir(3)
 caminho(3) caminhos(2) caminhos(1)
 felicidade(4)
 mes(2)
 algo(2)
 fora(3)
 lama(2)
 ouvia(4) ouvir(3)
 riso(1) risos(1)
 banho(3) banhos(1)
 busca(3)
 carro(1) carros(3)
 durante(4)
 livre(1) livres(1)
 mesma(1) mesmas(2)
 muita(3) muitas(5)
 podao(2)
 praca(1) pracas(1)
 almoco(2)
 apenas(6)

grito
 livro
 tabua
 vinda
 batida
 canavi
 depois
 fumaca
 futuro
 nenhum
 palmas
 partir
 vender
 caipira
 deixava
 voltava
 barracos
 violencia
 o
 nos
 por
 sai
 uma
 agua
 havia
 velho
 sentir
 caminho
 felicidade
 mes
 algo
 fora
 lama
 ouvi
 riso
 banho
 busca
 carro
 durer
 livre
 mesma
 muita
 podao
 praca
 almoco
 apenas

cavalo(2) cavalos(2)	cavalo
enchia(2)	enchia
distante(2) distantes(1)	distant
energia(2)	energia
fazendo(2)	fazendo
margens(2)	margens
molhada(1) molhadas(1)	molhada
tivemos(3)	tivemos
chegavam(3)	chegavam
contavam(2)	contavam
eletrica(2)	eletrica
sentindo(2)	sentindo
verduras(2)	verduras
divertido(2)	divertido
trabalhadores(4)	trabalhador
encantamento(2)	encantamento

Absences significatives

Voici le vocabulaire (forme réduite) significativement absent de la classe 2 suivant les valeurs du Khi2 :

Unités : nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot ;
 Total : nombre total d'unités textuelles classées contenant le mot ;
 % Unités : pourcentage du nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot par rapport au nombre total d'unités classées contenant le mot.

Forme réduite	Khi2	Unités	Total	% Unités	Catégorie Grammaticale
minha	-21	10	144	7%	Formes non reconnues
tempo	-10	4	68	6%	Noms
*est_68	-10	0	38	0%	Formes non reconnues
historia	-10	0	38	0%	Formes non reconnues
memoria	-9	0	34	0%	Formes non reconnues
vider	-8	4	62	6%	Verbes
bem	-7	1	37	3%	Formes non reconnues
*est_63	-7	0	26	0%	Formes non reconnues
*est_76	-7	0	26	0%	Formes non reconnues
lembranca	-6	0	24	0%	Formes non reconnues
est	-5	1	29	3%	Formes non reconnues
hoje	-5	5	58	9%	Formes non reconnues
familia	-5	1	30	3%	Formes non reconnues
mouvoir	-5	4	52	8%	Verbes
na	-4	17	123	14%	Formes non reconnues
ano	-4	1	24	4%	Formes non reconnues
das	-4	9	77	12%	Formes non reconnues
mae	-4	1	25	4%	Formes non reconnues
mao	-4	1	26	4%	Formes non reconnues
viv	-4	1	26	4%	Formes non reconnues
aqui	-4	1	26	4%	Formes non reconnues
cafe	-4	0	14	0%	Noms
isso	-4	1	23	4%	Formes non reconnues
nome	-4	0	15	0%	Formes non reconnues
lugar	-4	5	52	10%	Formes non reconnues
mesmo	-4	2	31	6%	Formes non reconnues
dentro	-4	0	14	0%	Formes non reconnues
*est_77	-4	0	15	0%	Formes non reconnues
*est_80	-4	0	15	0%	Formes non reconnues
*suj_13	-4	0	15	0%	Formes non reconnues
*suj_15	-4	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_23	-4	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_26	-4	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_27	-4	0	15	0%	Formes non reconnues
*suj_35	-4	0	14	0%	Formes non reconnues
*suj_37	-4	0	15	0%	Formes non reconnues

momento	-4	0	15	0%	Formes non reconnues
pequena	-4	0	14	0%	Formes non reconnues
aos	-3	2	29	7%	Formes non reconnues
del	-3	0	11	0%	Formes non reconnues
meu	-3	10	81	12%	Formes non reconnues
nao	-3	16	117	14%	Formes non reconnues
cedo	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
nada	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
onde	-3	4	44	9%	Noms
algum	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
arroz	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
fosse	-3	0	12	0%	Noms
junto	-3	0	11	0%	Formes non reconnues
leite	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
outro	-3	1	21	5%	Formes non reconnues
quint	-3	0	13	0%	Formes non reconnues
menina	-3	0	11	0%	Formes non reconnues
passou	-3	0	11	0%	Formes non reconnues
*suj_19	-3	0	11	0%	Formes non reconnues
*suj_33	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
*suj_36	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
passado	-3	0	12	0%	Formes non reconnues
E	-2	3	32	9%	Mots en majuscules
foi	-2	4	39	10%	Noms
mim	-2	1	18	6%	Formes non reconnues
duas	-2	0	9	0%	Formes non reconnues
roca	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
tive	-2	1	17	6%	Formes non reconnues
coisa	-2	1	17	6%	Formes non reconnues
disso	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
fogao	-2	0	9	0%	Formes non reconnues
foram	-2	2	25	8%	Formes non reconnues
mamae	-2	0	9	0%	Formes non reconnues
pouco	-2	1	18	6%	Formes non reconnues
velha	-2	0	9	0%	Formes non reconnues
apesar	-2	0	9	0%	Formes non reconnues
contar	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
voltar	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
*est_71	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
*suj_28	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
*suj_34	-2	0	10	0%	Formes non reconnues
fabrica	-2	0	9	0%	Formes non reconnues
professor	-2	0	10	0%	Formes non reconnues

Catégories grammaticales

Voici la liste des catégories grammaticales présentes dans la classe 2, avec leur Khi2 et leur effectif.
 Khi2 > 0 signifie une présence relative de la catégorie.
 Khi2 < 0 signifie une absence relative de la catégorie.
 Khi2 = 0 signifie que la présence de la catégorie n'est pas significative.

Catégorie Grammaticale	Khi2	Effectif
Mots outils non classés	1	9
Marqueurs d'une relation spatiale (mots outils)	1	2
Marqueurs de la personne (mots outils)	1	46
Verbes modaux (ou susceptibles de l'être)	0	1
Marqueurs d'une intensité (mots outils)	0	1
Marqueurs d'une relation discursive (mots outils)	0	28
Auxiliaires être et avoir (mots outils)	0	52
Adjectifs et adverbes	0	24
Interjections	0	2
Mots en majuscules	0	37
Verbes	0	147
Formes reconnues mais non codées	0	2
Marqueurs d'une modalisation (mots outils)	-1	0
Démonstratifs, indéfinis et relatifs (mots outils)	-1	52
Noms	-3	96

Unités textuelles de la classe 2

Ci-dessous la liste des unités textuelles caractéristiques de la classe 2, triées par ordre d'importance suivant le Khi2 dans la classe et précédées des variables signalétiques des individus associés. Les formes les plus caractéristiques de la classe sont signalées entre parenthèses.

- Unité textuelle n° 117 Khi2 = 36 Individu n° 8 *suj_08 *sex_41 *est_75
quando (o) (sereno) (caia), (deixava) gotinhas de orvalho (sobre) a (verde) (e) extensa grama que envolvia a (festa). (depois) de um (dia) maravilhoso, começamos a ter (uma) (noite) também inesquecível para todos nos (do) (movimento) (e) para (quem) não (fazia) (parte) (do) asse
- Unité textuelle n° 325 Khi2 = 35 Individu n° 21 *suj_21 *sex_41 *est_83
E, de (repente), tudo (voltava) ao normal. porém, quando a (noite) (caia) (sobre) (o) (ceu) (e) (as) (estrelas) pontilhavam (o) manto (escuro) (iluminado) (pela) (luz) da (lua), (novamente) eles apareciam.
- Unité textuelle n° 278 Khi2 = 31 Individu n° 18 *suj_18 *sex_40 *est_84
ouvi (o) enorme estrondo (do) impacto (sobre) (as) pedras que cobriam a (praca) salles filho. (uma) grande nuvem de (poeira) (vermelha) levantou-se. (gritos) de desespero (e) aflicao marcados (pela) (fumaca) que concluia a queda. pouco (depois), (olhares) curiosos se juntar
- Unité textuelle n° 310 Khi2 = 26 Individu n° 20 *suj_20 *sex_40 *est_65
mas nunca (vão) (sentir) a (magia) de (uma/) (fogueira), a (alegria) de dançar (e) brincar a (noite) toda, (o) sabor (do/) milho assado na brasa, (o) (encantamento) de ser guiado (pelas) (lâmparas/) (no) (chão) de (terra).
- Unité textuelle n° 58 Khi2 = 20 Individu n° 5 *suj_05 *sex_40 *est_67
tão breve, sentíamos sua presença em (meio) ao círculo de cordeirinhos, (ali) rezava, catequizava (e) refletia, (o) que me fazia recordar (o) sotaque italo-brasileiro de (vovo) silvino. certa manhã, a reflexao que fizemos foi (sobre) (nossos) medos. medo. eu só tinha
- Unité textuelle n° 304 Khi2 = 20 Individu n° 20 *suj_20 *sex_40 *est_65
enquanto os mais (velhos) proseavam (sentados) em tamboretas (nas) (calcadas), a criança jogava pedra na (fogueira) para (ver) (as) chamas se misturarem (as) (estrelas) (e) juntas realizarem um show de (luzes) (no) (ceu).
- Unité textuelle n° 30 Khi2 = 18 Individu n° 3 *suj_03 *sex_41 *est_83
um (dia), (sentado) ao (lado) (do) meu avô na boleia da (carroca), trilhávamos um estreito carreiro, ladeado de imponentes araucárias. meu (olhar) pousava (nas) grimpas (verdes), buscando contemplar (uma) gralha azul. mas, ao percorrer (o) (caminho), não avistei (nenhum)
- Unité textuelle n° 127 Khi2 = 18 Individu n° 9 *suj_09 *sex_41 *est_69
muito antes de (o) (sol) (nascer), (as) mulheres colocavam três (caminhos) de (água) (e) só (depois) saíam com suas (roupas) de roupa na cabeça (e) (uma) penca de (meninos) (correndo) (nas) veredinhas (atrás) (do) churrim, cachorro vira lata,
- Unité textuelle n° 299 Khi2 = 18 Individu n° 20 *suj_20 *sex_40 *est_65
quando chegávamos ao (sítio) dançávamos ao (ar) (livre), rodopiando nossas saias de chita estampada. O (ceu) estrelado, os (corpos) em (movimento) como vagalumes em (noites) escuras mostravam a (magia) da (alegria) como se estivessem em (uma) apresentação.
- Unité textuelle n° 460 Khi2 = 16 Individu n° 31 *suj_31 *sex_40 *est_75
com frequência me vejo atravessando a pinguela de (uma) só (tabua), subindo em (pes) de guabiroba (e) marmelo, quebrando coquinho de butia com pedra. vivíamos (no) interior de rio negro, (num) (casarão) de (madeira). da (janela) (do) sótão era possível (ler) na (poeira) d
- Unité textuelle n° 115 Khi2 = 15 Individu n° 8 *suj_08 *sex_41 *est_75
comemoração que (começou) de madrugada (e) se estendeu até a (noite). (A) (alegria) era tanta que (parecia) até que (as) grévileas dançavam também, os (passaros) voando sem cessar entre (uma) quina (e) outra (dos) (barracos), cantando, pareciam (estar) (fazendo) (parte) da ()
- Unité textuelle n° 297 Khi2 = 14 Individu n° 20 *suj_20 *sex_40 *est_65
O ranger da (carroca) soava como (uma) orquestra em (dias) de (festa). (no) (caminho), havia (muitas) varedas, desvios, (e) (uma) única iluminação lá em (cima), a (lua).
- Unité textuelle n° 367 Khi2 = 14 Individu n° 24 *suj_24 *sex_40 *est_64
ir (ali) era, além de muito (divertido), (sentir) (uma) (verdadeira) transformação: (o) (local) que havia sido palco de guerras (e) (violência) cedia espaço a (festa) momesca. (nessa) época, (nem) imaginava que (o) são diogo passaria (depois) (por) (uma) reforma (e) que seria
- Unité textuelle n° 371 Khi2 = 14 Individu n° 24 *suj_24 *sex_40 *est_64
passei longas (tardes) (no) (meio) daquelas prateleiras (cheias) de sonhos (e) (magia). cada (livro) era (uma) nova experiência, cada (folha), (uma) nova (porta) aberta, (folhas) que, mais (tarde), se converteriam em cinzas; prateleiras que se tornariam (madeira) contorcida
- Unité textuelle n° 1 Khi2 = 13 Individu n° 1 *Suj_01 *sex_40 *est_84

vi a cidade crescendo lentamente diante de meus proprios (olhos) fatigados (e) sinto_me como se fizesse (parte) (dela), como se fossemos crescendo (no) mesmo ritmo (do) (podao) cortando a (cana), da (poeira) (dos) (caminhoes) de pau de arara que levantava (no) (ar) a (terr)

Unité textuelle n° 140 Khi2 = 13 Individu n° 10 *suj_10 *sex_41 *est_72

(A) cidade cheirava a mato, frutas, (biscoitos) de fuba (e) polvilho assando (no) forno a lenha. (as) (poucas) (ruas) eram de (terra) (vermelha) (e) se chamavam (rua) de baixo, de (cima), (do) (meio) (e) da (estrada) de automovel.

Unité textuelle n° 141 Khi2 = 13 Individu n° 10 *suj_10 *sex_41 *est_72

(por) elas andavam tambem (cavalos) (e) (carros) de (boi). (A) fraca iluminacao (do) azevedo nos obrigava a armar da (lamparina) para varar a escuridao da (noite). na (verdade), (nem) eramos ainda (uma) cidade.

Unité textuelle n° 163 Khi2 = 13 Individu n° 11 *suj_11 *sex_40 *est_86

(as) brincadeiras ate (tarde) (pelas) (ruas), a contacao de casos (nas) (noites) de luar, (as) peladas em (meio) ao (sol) ignorado (pela) euforia, a conversa na (calcada) ate mais (tarde), a confeccao (no) tear, (o) clima fresco (e) a arborizacao (local) sao (apenas) recordaco

Unité textuelle n° 380 Khi2 = 13 Individu n° 25 *suj_25 *sex_41 *est_72

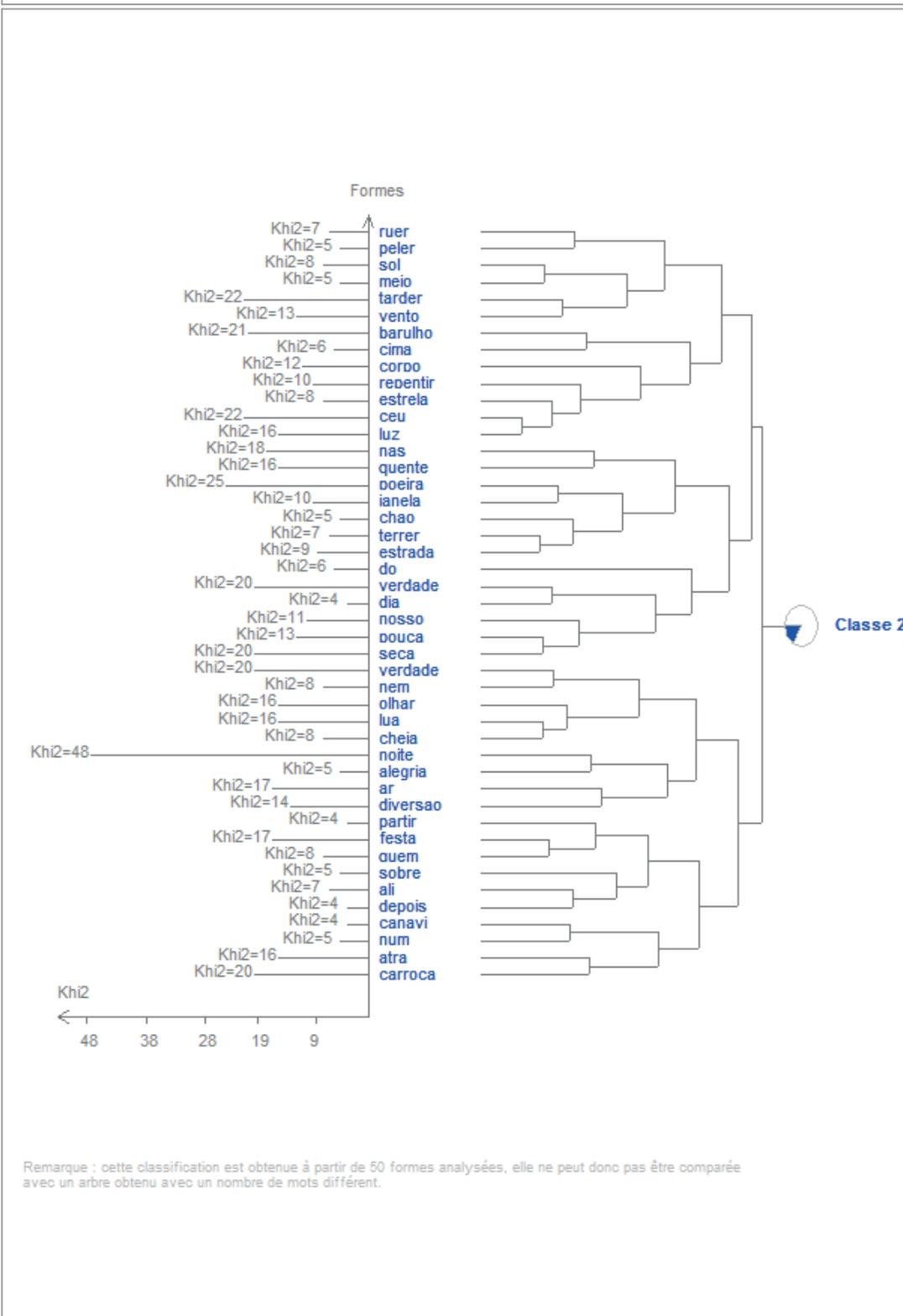
tenho saudades de ouvir (o) (barulho) (dos) (passaros) (e) de (sentir) (o) cheiro de (terra) (molhada) pelo forte (sereno) da (noite). lembro_me de que, (as) vezes, era esquecida em (cima) de (uma) mesa de (madeira), (do) (lado) de (fora) da casa, (uma) jarra de plastico com um

Unité textuelle n° 564 Khi2 = 13 Individu n° 38 *suj_38 *sex_41 *est_79

da (janela) (do) meu (antigo) (casarao) eu tinha um (olhar) desta cidade com (ruas) adormecidas, frondosos (pes) de algarobas (e) frequentes seresteiros em (noites) de (lua) (cheia).

Classification Ascendante Hiérarchique

La classification ascendante constitue un résultat complémentaire et une aide à la représentation des relations locales entre formes d'une même classe. Ci-dessous l'arbre de la classification ascendante pour la classe 2 ; on observe les paquets d'agrégation de formes ainsi que le Khi2 de chaque forme dans la classe.



Résultats de la classe n°3

Présences significatives

Voici le vocabulaire caractéristique (forme réduite) de la classe 3 trié suivant les valeurs du Khi2 :

Effectif : effectif réel du mot dans la classe ;
 Unités : nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot ;
 Total : nombre total d'unités textuelles classées contenant le mot ;
 % Unités : pourcentage du nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot par rapport au nombre total d'unités classées contenant le mot.

Forme réduite	Khi2	Effectif	Unités	Total	% Unités	Catégorie Grammaticale
arroz	20	11	11	12	92%	Formes non reconnues
leite	20	11	11	12	92%	Formes non reconnues
cafe	19	14	12	14	86%	Noms
cedo	15	10	10	12	83%	Formes non reconnues
hora	15	19	18	27	67%	Formes non reconnues
pude	15	7	7	7	100%	Formes non reconnues
caser	15	36	35	66	53%	Verbes
escola	15	19	17	25	68%	Formes non reconnues
farinha	15	9	7	7	100%	Formes non reconnues
mao	14	18	17	26	65%	Formes non reconnues
irmao	14	14	14	20	70%	Formes non reconnues
milho	14	11	11	14	79%	Formes non reconnues
payer	14	14	14	20	70%	Verbes
fogao	13	8	8	9	89%	Formes non reconnues
roupa	13	11	9	11	82%	Formes non reconnues
panela	13	6	6	6	100%	Formes non reconnues
quarto	13	6	6	6	100%	Formes non reconnues
mae	12	17	16	25	64%	Formes non reconnues
das	11	44	37	77	48%	Formes non reconnues
era	11	77	63	147	43%	Formes non reconnues
carne	11	5	5	5	100%	Adjectifs et adverbes
lenha	11	8	8	10	80%	Formes non reconnues
tinha	11	16	16	26	62%	Formes non reconnues
animer	11	5	5	5	100%	Verbes
aprend	11	7	7	8	88%	Formes non reconnues
feijao	11	7	7	8	88%	Formes non reconnues
*est_63	11	16	16	26	62%	Formes non reconnues
chegava	11	5	5	5	100%	Formes non reconnues
cozinha	11	7	7	8	88%	Formes non reconnues
brinquedo	11	8	8	10	80%	Formes non reconnues
ficavamos	11	7	7	8	88%	Formes non reconnues
professor	11	8	8	10	80%	Formes non reconnues
eu	10	53	47	105	45%	Auxiliaires être et avoir (mots
na	10	64	54	123	44%	Formes non reconnues
aos	10	17	17	29	59%	Formes non reconnues
vez	10	21	18	31	58%	Formes non reconnues

iamos	10	9	9	12	75%	Formes non reconnues
cheiro	10	14	14	22	64%	Formes non reconnues
tinhamos	10	12	12	18	67%	Formes non reconnues
feita	9	7	6	7	86%	Formes non reconnues
mamae	9	7	7	9	78%	Formes non reconnues
pe	8	9	9	13	69%	Formes non reconnues
jeito	8	4	4	4	100%	Formes non reconnues
ajudar	8	4	4	4	100%	Formes non reconnues
estava	8	8	8	11	73%	Formes non reconnues
ficava	8	16	15	26	58%	Formes non reconnues
naquel	8	25	24	47	51%	Formes non reconnues
*suj_19	8	8	8	11	73%	Formes non reconnues
castigo	8	4	4	4	100%	Formes non reconnues
mouvoir	8	27	26	52	50%	Verbes
comecava	8	4	4	4	100%	Formes non reconnues
fornalha	8	4	4	4	100%	Formes non reconnues
travessura	8	4	4	4	100%	Formes non reconnues
com	7	77	60	148	41%	Formes non reconnues
meu	7	40	36	81	44%	Formes non reconnues
curr	7	6	5	6	83%	Formes non reconnues
medo	7	13	11	18	61%	Formes non reconnues
roca	7	7	7	10	70%	Formes non reconnues
forno	7	8	7	10	70%	Formes non reconnues
fundo	7	5	5	6	83%	Formes non reconnues
havia	7	23	23	47	49%	Formes non reconnues
longe	7	5	5	6	83%	Noms
manha	7	9	8	12	67%	Formes non reconnues
dentro	7	9	9	14	64%	Formes non reconnues
frutas	7	6	6	8	75%	Formes non reconnues
mandioca	7	7	6	8	75%	Formes non reconnues
trabalho	7	9	9	14	64%	Formes non reconnues
dai	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
grao	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
lata	6	4	3	3	100%	Formes non reconnues
paitre	6	11	11	19	58%	Verbes
parede	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
sentia	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
ultima	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
coberta	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
janetta	6	3	3	3	100%	Formes non reconnues
bolo	5	6	4	5	80%	Formes non reconnues
ouvi	5	7	7	11	64%	Formes non reconnues
raio	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
vaca	5	5	5	7	71%	Formes non reconnues
aluno	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
barro	5	5	4	5	80%	Formes non reconnues

dizia	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
lavar	5	5	4	5	80%	Formes non reconnues
papai	5	6	6	9	67%	Formes non reconnues
perto	5	6	6	9	67%	Formes non reconnues
pouco	5	10	10	18	56%	Formes non reconnues
embora	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
frente	5	8	8	13	62%	Formes non reconnues
levava	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
pegava	5	5	4	5	80%	Formes non reconnues
quando	5	30	27	60	45%	Formes non reconnues
quatro	5	6	4	5	80%	Formes non reconnues
queria	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
*est_67	5	7	7	11	64%	Formes non reconnues
*suj_05	5	7	7	11	64%	Formes non reconnues
cacimba	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
estudar	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
colocava	5	5	4	5	80%	Formes non reconnues
respeito	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
me_lembro	5	7	7	11	64%	Formes non reconnues
brincavamos	5	4	4	5	80%	Formes non reconnues
ao	4	30	30	71	42%	Formes non reconnues
ia	4	8	8	14	57%	Formes non reconnues
ir	4	6	6	10	60%	Formes non reconnues
nos	4	32	31	74	42%	Marqueurs de la personne
sai	4	6	6	10	60%	Formes non reconnues
eram	4	24	23	52	44%	Formes non reconnues
algum	4	7	7	12	58%	Formes non reconnues
fazer	4	9	9	16	56%	Formes non reconnues
*est_69	4	8	8	14	57%	Formes non reconnues
*est_81	4	6	6	10	60%	Formes non reconnues
*est_84	4	19	19	41	46%	Formes non reconnues
*suj_07	4	6	6	10	60%	Formes non reconnues
*suj_09	4	8	8	14	57%	Formes non reconnues
*suj_18	4	7	7	12	58%	Formes non reconnues
*suj_31	4	6	6	10	60%	Formes non reconnues
dar	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
eva	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
iam	3	5	5	8	63%	Formes non reconnues
sin	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
dona	3	4	4	6	67%	Noms
mesa	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
novo	3	5	5	8	63%	Formes non reconnues
ouco	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
parer	3	90	60	159	38%	Verbes
saler	3	3	3	4	75%	Verbes
santa	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues

sinto	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
solta	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
tomar	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
acucar	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
comida	3	5	5	8	63%	Formes non reconnues
eramos	3	5	5	8	63%	Formes non reconnues
fresco	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
mulher	3	7	6	11	55%	Formes non reconnues
possui	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
queijo	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
senhor	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
*est_77	3	8	8	15	53%	Formes non reconnues
*suj_16	3	7	7	13	54%	Formes non reconnues
*suj_27	3	8	8	15	53%	Formes non reconnues
*suj_30	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
*suj_32	3	6	6	11	55%	Formes non reconnues
*suj_37	3	8	8	15	53%	Formes non reconnues
comecei	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
costume	3	5	5	8	63%	Noms
delicia	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
inverno	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
sentada	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
manteiga	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
levantava	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
trabalhar	3	4	4	6	67%	Formes non reconnues
passavamos	3	3	3	4	75%	Formes non reconnues
o	2	93	93	266	35%	Formes non reconnues
os	2	65	51	136	38%	Noms
bem	2	17	16	37	43%	Formes non reconnues
dava	2	7	7	14	50%	Formes non reconnues
galo	2	4	4	7	57%	Formes non reconnues
quai	2	4	4	7	57%	Noms
feito	2	5	5	9	56%	Formes non reconnues
outro	2	11	10	21	48%	Formes non reconnues
palha	2	4	4	7	57%	Formes non reconnues
boneca	2	5	5	9	56%	Formes non reconnues
conter	2	5	4	7	57%	Verbes
tambem	2	15	15	34	44%	Formes non reconnues
gostava	2	4	4	7	57%	Formes non reconnues
enquanto	2	5	5	9	56%	Formes non reconnues
primeira	2	5	4	7	57%	Formes non reconnues
lembro_me	2	4	4	7	57%	Formes non reconnues
brincadeira	2	9	7	14	50%	Formes non reconnues
*est_61	1	7	7	15	0%	Formes non reconnues
*suj_06	1	7	7	15	0%	Formes non reconnues
*suj_12	1	7	7	15	0%	Formes non reconnues

*est_60	0	5	5	11	0%	Formes non reconnues
*est_65	0	9	9	28	0%	Formes non reconnues
*est_71	0	2	2	10	0%	Formes non reconnues
*est_72	0	15	15	42	0%	Formes non reconnues
*est_74	0	3	3	11	0%	Formes non reconnues
*est_75	0	11	11	33	0%	Formes non reconnues
*est_76	0	6	6	26	0%	Formes non reconnues
*sex_40	0	49	49	163	0%	Formes non reconnues
*sex_41	0	98	98	292	0%	Formes non reconnues
*suj_02	0	5	5	11	0%	Formes non reconnues
*suj_03	0	2	2	10	0%	Formes non reconnues
*suj_10	0	3	3	9	0%	Formes non reconnues
*suj_15	0	3	3	14	0%	Formes non reconnues
*suj_21	0	5	5	15	0%	Formes non reconnues
*suj_22	0	3	3	11	0%	Formes non reconnues
*suj_29	0	5	5	12	0%	Formes non reconnues
*suj_33	0	5	5	12	0%	Formes non reconnues
*suj_34	0	2	2	10	0%	Formes non reconnues
*suj_35	0	6	6	14	0%	Formes non reconnues
*suj_36	0	3	3	12	0%	Formes non reconnues
*Suj_01	-1	1	1	8	0%	Formes non reconnues
*est_70	-1	2	2	12	0%	Formes non reconnues
*est_78	-1	1	1	9	0%	Formes non reconnues
*est_79	-1	1	1	8	0%	Formes non reconnues
*est_83	-1	9	9	38	0%	Formes non reconnues
*suj_04	-1	2	2	12	0%	Formes non reconnues
*suj_14	-1	2	2	13	0%	Formes non reconnues
*suj_17	-1	1	1	9	0%	Formes non reconnues
*suj_38	-1	1	1	8	0%	Formes non reconnues
*est_68	-2	8	8	38	21%	Formes non reconnues
*suj_23	-2	2	2	14	14%	Formes non reconnues
*suj_25	-2	1	1	10	10%	Formes non reconnues
*suj_26	-2	2	2	14	14%	Formes non reconnues
*suj_20	-3	2	2	15	13%	Formes non reconnues
*est_80	-5	1	1	15	7%	Formes non reconnues
*suj_08	-5	0	0	11	0%	Formes non reconnues
*suj_13	-5	1	1	15	7%	Formes non reconnues
*suj_24	-5	1	1	15	7%	Formes non reconnues
*suj_28	-5	0	0	10	0%	Formes non reconnues
*est_86	-6	0	0	13	0%	Formes non reconnues
*suj_11	-6	0	0	13	0%	Formes non reconnues
*est_64	-7	3	3	29	10%	Formes non reconnues

Distribution des formes d'origine par racine

Le tableau ci-dessous donne pour chaque forme réduite les formes d'origine, ainsi que leur effectif dans la classe 3.

Formes d'origine et leur effectif	Forme réduite
arroz(11)	arroz
leite(11)	leite
cafe(14)	cafe
cedo(10)	cedo
hora(12) horas(7)	hora
pude(3) pudesse(4)	pude
casa(32) casas(4)	caser
escola(19)	escola
farinha(9)	farinha
mao(9) maos(9)	mao
irmao(3) irmaos(11)	irmao
milho(11)	milho
pai(14)	payer
fogao(8)	fogao
roupa(9) roupas(2)	roupa
panela(5) panelas(1)	panela
quarto(6)	quarto
mae(16) maes(1)	mae
das(44)	das
era(77)	era
came(5)	carne
lenha(8)	lenha
tinha(16)	tinha
animais(5)	animer
aprender(4) aprendesse(1) aprendi(2)	aprend
feijao(7)	feijao
chegava(5)	chegava
cozinha(7)	cozinha
brinquedo(2) brinquedos(6)	brinquedo
ficavamos(7)	ficavamos
professora(8)	professor
eu(53)	eu
na(64)	na
aos(17)	aos
vez(12) vezes(9)	vez
iamos(9)	iamos
cheiro(14)	cheiro
tinhamos(12)	tinhamos

feita(3) feitas(4)
 mamee(7)
 pe(9)
 jeito(4)
 ajudar(4)
 estava(8)
 ficava(16)
 naquela(8) naquele(16) naqueles(1)
 castigo(4)
 meus(27)
 começava(4)
 fomalha(4)
 travessura(2) travessuras(2)
 com(77)
 meu(40)
 currais(1) curral(5)
 medo(11) medos(2)
 roca(5) rocas(2)
 forno(7) fornos(1)
 fundo(4) fundos(1)
 havia(23)
 longe(5)
 manha(7) manhas(2)
 dentro(9)
 frutas(6)
 mandioca(6) mandiocas(1)
 trabalho(9)
 dai(3)
 graos(3)
 lata(4)
 pais(11)
 parede(1) paredes(2)
 sentia(3)
 ultima(1) ultimas(2)
 coberta(3)
 janetta(3)
 bolo(5) bolos(1)
 ouvia(4) ouvir(3)
 raio(3) raios(1)
 vaca(1) vacas(4)
 alunos(4)
 barro(5)
 dizia(4)
 lavar(5)
 papai(6)
 perto(6)

feita
 mamee
 pe
 jeito
 ajudar
 estava
 ficava
 naquel
 castigo
 mouvoir
 começava
 fomalha
 travessura
 com
 meu
 curr
 medo
 roca
 forno
 fundo
 havia
 longe
 manha
 dentro
 frutas
 mandioca
 trabalho
 dai
 grao
 lata
 paitre
 parede
 sentia
 ultima
 coberta
 janetta
 bolo
 ouvi
 raio
 vaca
 aluno
 barro
 dizia
 lavar
 papai
 perto

pouco(5) poucos(5)
 embora(4)
 frente(8)
 levava(4)
 pegava(5)
 quando(30)
 quatro(6)
 queria(4)
 cacimba(1) cacimbas(3)
 estudar(4)
 colocava(5)
 respeito(4)
 me_lembro(7)
 brincavamos(4)
 ao(30)
 ia(8)
 ir(6)
 nos(32)
 saia(4) sair(2)
 eram(24)
 algum(1) alguma(2) algumas(4)
 fazer(9)
 dar(4)
 eva(3)
 iam(5)
 sinal(3)
 dona(4)
 mesa(4)
 novo(4) novos(1)
 ouco(4)
 para(89) pares(1)
 sala(3)
 santa(3)
 sinto(4)
 solta(2) soltas(1)
 tomar(4)
 acucar(3)
 comida(4) comidas(1)
 eramos(5)
 fresco(3)
 mulher(1) mulheres(6)
 possuía(1) possuir(2)
 queijo(3)
 senhor(1) senhora(2)
 comecei(3)
 costume(2) costumes(3)

pouco
 embora
 frente
 levava
 pegava
 quando
 quatro
 queria
 cacimba
 estudar
 colocava
 respeito
 me_lembro
 brincavamos
 ao
 ia
 ir
 nos
 sai
 eram
 algum
 fazer
 dar
 eva
 iam
 sin
 dona
 mesa
 novo
 ouco
 parer
 saler
 santa
 sinto
 solta
 tomar
 acucar
 comida
 eramos
 fresco
 mulher
 possui
 queijo
 senhor
 comecei
 costume

delicia(1) delicias(2)	delicia
inverno(2) invernos(1)	inverno
sentada(2) sentadas(1)	sentada
manteiga(4)	manteiga
levantava(3)	levantava
trabalhar(4)	trabalhar
passavamos(3)	passavamos
o(90)	o
os(65)	os
bem(17)	bem
dava(7)	dava
galo(4)	galo
quais(4)	quai
feito(4) feitos(1)	feito
outro(5) outrora(1) outros(5)	outro
palha(2) palhas(2)	palha
boneca(1) bonecas(4)	boneca
conta(4) contas(1)	conter
tambem(15)	tambem
gostava(4)	gostava
enquanto(5)	enquanto
primeira(5)	primeira
lembro_me(4)	lembro_me
brincadeiras(9)	brincadeira

Absences significatives

Voici le vocabulaire (forme réduite) significativement absent de la classe 3 suivant les valeurs du Khi2 :

Unités : nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot ;

Total : nombre total d'unités textuelles classées contenant le mot ;

% Unités : pourcentage du nombre d'unités textuelles de la classe contenant le mot par rapport au nombre total d'unités classées contenant le mot.

Forme réduite	Khi2	Unités	Total	% Unités	Catégorie Grammaticale
vider	-19	5	62	8%	Verbes
sao	-12	0	24	0%	Formes non reconnues
memoria	-12	2	34	6%	Formes non reconnues
ess	-10	5	44	11%	Formes non reconnues
viv	-10	1	26	4%	Formes non reconnues
aqui	-10	1	26	4%	Formes non reconnues
foram	-10	1	25	4%	Formes non reconnues
lugar	-10	7	52	13%	Formes non reconnues
se	-9	25	117	21%	Marqueurs de la personne (mots
muita	-8	2	26	8%	Formes non reconnues
nossa	-8	5	40	13%	Formes non reconnues
alegria	-8	0	17	0%	Formes non reconnues
foi	-7	5	39	13%	Noms
*est_64	-7	3	29	10%	Formes non reconnues
lembranca	-7	2	24	8%	Formes non reconnues
nao	-6	27	117	23%	Formes non reconnues
trem	-6	1	17	6%	Formes non reconnues
partir	-6	2	22	9%	Verbes
terror	-6	2	22	9%	Verbes
*est_86	-6	0	13	0%	Formes non reconnues
*suj_11	-6	0	13	0%	Formes non reconnues
passado	-6	0	12	0%	Formes non reconnues
ar	-5	0	10	0%	Formes non reconnues
ceu	-5	1	15	7%	Formes non reconnues
est	-5	4	29	14%	Formes non reconnues
mas	-5	9	48	19%	Noms
nova	-5	0	11	0%	Formes non reconnues
festa	-5	2	20	10%	Formes non reconnues
cidade	-5	13	63	21%	Formes non reconnues
melhor	-5	1	16	6%	Formes non reconnues
passou	-5	0	11	0%	Formes non reconnues
*est_80	-5	1	15	7%	Formes non reconnues
*suj_08	-5	0	11	0%	Formes non reconnues
*suj_13	-5	1	15	7%	Formes non reconnues
*suj_24	-5	1	15	7%	Formes non reconnues
*suj_28	-5	0	10	0%	Formes non reconnues

historia	-5	6	38	16%	Formes non reconnues
infancia	-5	2	20	10%	Formes non reconnues
progresso	-5	0	10	0%	Formes non reconnues
avo	-4	0	9	0%	Formes non reconnues
rio	-4	6	35	17%	Formes non reconnues
ter	-4	2	18	11%	Formes non reconnues
joao	-4	0	9	0%	Formes non reconnues
ness	-4	2	19	11%	Formes non reconnues
povo	-4	0	8	0%	Formes non reconnues
verd	-4	0	9	0%	Formes non reconnues
vivo	-4	0	8	0%	Formes non reconnues
cresc	-4	0	9	0%	Formes non reconnues
noite	-4	6	34	18%	Formes non reconnues
olhar	-4	0	8	0%	Formes non reconnues
tanto	-4	1	14	7%	Formes non reconnues
centro	-4	0	8	0%	Formes non reconnues
pessoa	-4	4	26	15%	Formes non reconnues
estrela	-4	0	9	0%	Formes non reconnues
fabrica	-4	0	9	0%	Formes non reconnues
so	-3	6	31	19%	Formes non reconnues
bon	-3	0	7	0%	Adjectifs et adverbes
faz	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
lua	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
atra	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
dest	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
dono	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
fato	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
gado	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
nest	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
pelo	-3	6	31	19%	Formes non reconnues
pode	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
sabe	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
seca	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
suer	-3	6	32	19%	Verbes
assim	-3	5	29	17%	Formes non reconnues
busca	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
campo	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
chuva	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
davam	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
gente	-3	1	11	9%	Formes non reconnues
grito	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
homem	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
mesma	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
mudou	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
muito	-3	15	66	23%	Formes non reconnues
music	-3	0	7	0%	Formes non reconnues

nasci	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
nunca	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
posso	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
sitio	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
tenho	-3	2	16	13%	Formes non reconnues
vinda	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
bairro	-3	1	12	8%	Formes non reconnues
comigo	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
poeira	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
*suj_20	-3	2	15	13%	Formes non reconnues
celular	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
corrego	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
garimpo	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
lembrar	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
parecia	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
povoado	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
present	-3	0	6	0%	Formes reconnues mais non
verdade	-3	0	7	0%	Formes non reconnues
vermelho	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
acordeoes	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
esperanca	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
important	-3	0	6	0%	Formes reconnues mais non
construcao	-3	0	6	0%	Formes non reconnues
trabalhador	-3	1	11	9%	Formes non reconnues
seu	-2	6	30	20%	Formes non reconnues
tao	-2	4	23	17%	Formes non reconnues
tem	-2	1	10	10%	Formes non reconnues
hoje	-2	14	58	24%	Formes non reconnues
ruer	-2	4	22	18%	Verbes
veio	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
amigo	-2	2	14	14%	Formes non reconnues
andar	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
clara	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
entre	-2	2	14	14%	Mots outils non classés
estao	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
feliz	-2	2	14	14%	Formes non reconnues
levar	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
magia	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
praia	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
santo	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
sonho	-2	3	19	16%	Formes non reconnues
antigo	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
canela	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
marier	-2	0	5	0%	Verbes
morava	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
sentir	-2	1	10	10%	Verbes

tempos	-2	3	19	16%	Formes non reconnues
*est_68	-2	8	38	21%	Formes non reconnues
*suj_23	-2	2	14	14%	Formes non reconnues
*suj_25	-2	1	10	10%	Formes non reconnues
*suj_26	-2	2	14	14%	Formes non reconnues
barulho	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
casarao	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
comecou	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
diamant	-2	0	5	0%	Noms
lagrima	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
mudanca	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
reviver	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
correndo	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
salvador	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
iluminado	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
movimento	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
municipio	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
comunidade	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
felicidade	-2	1	10	10%	Formes non reconnues
me_esqueco	-2	0	5	0%	Formes non reconnues
simplicidade	-2	0	5	0%	Formes non reconnues

Catégories grammaticales

Voici la liste des catégories grammaticales présentes dans la classe 3, avec leur Khi2 et leur effectif.
 Khi2 > 0 signifie une présence relative de la catégorie.
 Khi2 < 0 signifie une absence relative de la catégorie.
 Khi2 = 0 signifie que la présence de la catégorie n'est pas significative.

Catégorie Grammaticale	Khi2	Effectif
Mots outils non classés	0	10
Verbes modaux (ou susceptibles de l'être)	0	2
Marqueurs d'une relation spatiale (mots outils)	0	2
Marqueurs d'une intensité (mots outils)	0	2
Marqueurs d'une relation discursive (mots outils)	0	44
Marqueurs de la personne (mots outils)	0	58
Démonstratifs, indéfinis et relatifs (mots outils)	0	94
Auxiliaires être et avoir (mots outils)	0	95
Adjectifs et adverbes	0	36
Mots en majuscules	0	49
Noms	0	188
Verbes	0	234
Marqueurs d'une modalisation (mots outils)	-1	1
Interjections	-1	2
Formes reconnues mais non codées	-5	0

Unités textuelles de la classe 3

Ci-dessous la liste des unités textuelles caractéristiques de la classe 3, triées par ordre d'importance suivant le Khi2 dans la classe et précédées des variables signalétiques des individus associés. Les formes les plus caractéristiques de la classe sont signalées entre parenthèses.

- Unité textuelle n° 402 Khi2 = 32 Individu n° 27 *suj_27 *sex_40 *est_77
(com) (um) (forno) de (barro) e uma (fornalha) no (pe) da (parede). A (cozinha) (era) separada da (casa) e (bem) (perto) do (curral) (das) ovelhas. (naquele) (mesmo) chao em que (meu) (pai) plantava (milho), (feijao), (mandioca) e (arroz), o capim (era) nativo. (quando) o sol (estava)
- Unité textuelle n° 403 Khi2 = 24 Individu n° 27 *suj_27 *sex_40 *est_77
puxavamos agua do poco (para) (encher) (os) potes e (dar) (aos) (animais), sem (medo) (estavamos) acostumadas. faziamos a (comida) (na) (fornalha). O (cheiro) do (arroz) torrado (na) (panela), (com) (feijao) e (carne) de criacao, (ja) (nos) convidava. (mamae) fazia cada (delicia:)
- Unité textuelle n° 528 Khi2 = 20 Individu n° 35 *suj_35 *sex_41 *est_68
atualmente fazemos rodizios (na) (casa) dos filhos, (um) legado de (meu) (pai). levantar (cedo) (com) o cantar do (galo), (tomar) (leite) no (curral), jogar (milho) (para) as galinhas, prosear (com) (meus) (pais) (na) beira da (fornalha).
- Unité textuelle n° 174 Khi2 = 19 Individu n° 12 *suj_12 *sex_41 *est_61
as ruas (eram) de (barro), nao (tinha) esgoto. inclusive, a minha (era) uma dessas. (naquele) tempo acordavamos (cedo) (com) (um) maravilhoso cheirinho de (cafe) torrado. (ao) tempo que obedeciamos a (um) ritual que gostaria que fosse eternizado: rezava, (pedia) a bencao
- Unité textuelle n° 244 Khi2 = 19 Individu n° 16 *suj_16 *sex_41 *est_65
no (cafe) da (manha), (era) (sempre) uma fartura. (havia) cuscuz, (leite), coalhada, (queijo) de (manteiga), (cafe), (frutas) e (carne) assada em (um) (forno) de trempe. depois (eu) (tinha) que (ir) (para) o pieiro (dar) agua (aos) cavalos e banha_los.
- Unité textuelle n° 453 Khi2 = 19 Individu n° 30 *suj_30 *sex_41 *est_84
sonhava (com) a (boneca), mas, (quando) o (galo) (cantava) e o (cheiro) de (cafe) (fresco) invadia o (quarto), (ja) (ouvia) (meu) (pai) (nos) chamar (para) (ir) a (escola).
- Unité textuelle n° 464 Khi2 = 15 Individu n° 31 *suj_31 *sex_40 *est_75
ainda (sinto) o (cheiro) (das) (delicias) preparadas por minha (mae:) (doce) de (leite), (manteiga), chourico, linguica, (banha), leitao a pururuca, frango caipira em (panela) de (ferro). hoje, (quando) pego o giz, divido o quadro_negro em (quatro), (um) (costume) herdado da
- Unité textuelle n° 489 Khi2 = 15 Individu n° 33 *suj_33 *sex_41 *est_72
frequentar a (escola) (naquela) epoca (era) privilegio de (poucos). (meus) (irmaos) e (eu) nao tivemos a oportunidade de conhecer de (perto) uma (professora) ou uma (sala) de (aula), (ja) que (tinhamos) que (ajudar) nossos (pais) (na) lida da (roca).
- Unité textuelle n° 554 Khi2 = 15 Individu n° 37 *suj_37 *sex_41 *est_63
ainda lembro que tremia de (medo) (quando) ela (dizia:) escreveu, nao leu, o (pau) comeu. uma (das) (aulas) de que mais (tinhamos) (medo) (era) da sabatina da tabuada: a (professora) (colocava) (os) (alunos) (ao) seu (redor) e, (com) a (palmatoria) (na) (mao), (saia) perguntando.
- Unité textuelle n° 176 Khi2 = 14 Individu n° 12 *suj_12 *sex_41 *est_61
O que nao me_agrada (eram) as punicoes aplicadas aqueles (alunos) que (faziam) (alguma) (travessura). A mestra (colocava) de (castigo), ajoelhado em (graos) de (milho) e de (frente) (para) (os) colegas, servindo de referencia (para) aqueles que tinham a intencao de bagun
- Unité textuelle n° 248 Khi2 = 14 Individu n° 16 *suj_16 *sex_41 *est_65
(ficava) la (ate) a (hora) do almoco. porem, muito antes disso, (ja) (sentia) o (cheiro) espetacular (das) (comidas) (feitas) no (forno) a (lenha). as (mulheres) enchiam as gamelas de (arroz), (feijao), (carne), batata_doce, (abobora) cozida e rapadura, que (eram) servidas (ao)
- Unité textuelle n° 252 Khi2 = 13 Individu n° 16 *suj_16 *sex_41 *est_65
(quando) (chegava) o (fim) de semana, (eu) (ia) (com) (meus) (irmaos) (tomar) banho no acude (dentro) da (solta), (sempre) (iamos) a (pe) pelas veredas. no acude, (havia) jacares. (para) espanta_los, subiamos (nos) galhos da oiticica e jogavamos grandes (pedras). (ficavamos) (ho)
- Unité textuelle n° 250 Khi2 = 12 Individu n° 16 *suj_16 *sex_41 *est_65
(havia) muitas especies dela, costela_de_vaca, jatoba, maca, prata, maca_roxa, casca_verde, nanica e outras, e (tambem) (bastante) (queijo) (na) prateleira e muita (carne) retalhada no varal. A partir (das) 16 (horas) iniciava_se o (trabalho) no (curral). (colocava) (os)
- Unité textuelle n° 290 Khi2 = 12 Individu n° 19 *suj_19 *sex_41 *est_63
(me_lembro) (tambem) (das) rigidas regras de minha (mae), segundo as (quais) nao (podiamos) adentrar (na) (sala) (quando) (tinhamos) visitas em (casa), e em hipotese (alguma) responder (aos) mais velhos.
- Unité textuelle n° 435 Khi2 = 12 Individu n° 29 *suj_29 *sex_40 *est_75

nosso material (ia) num boco sacola de retalhos (feita) por (mamae) (na) (maquina) de costura movida a (mao). (naquele) tempo nao (havia) cadernos como agora. (eram) folhas (soltas) e escreviamos a (lapis). caneta tinteiro, so (para) (os) mais velhos. (queria) (ir) a (escola)

Unité textuelle n° 514 Khi2 = 12 Individu n° 35 *suj_35 *sex_41 *est_68

(dai) (pegava) (algumas) (espigas) de (milho) no paiol: (palha) aberta (feito) (ouro), saltando disputados (com) algazarra pelas galinhas. (eu) e (meus) (irmaos) (tinhamos) o dia inteiro (para) brincar, armavamos arapucas, armalacos, e (ficavamos) de butuca (para) ver se (era)

Unité textuelle n° 125 Khi2 = 11 Individu n° 9 *suj_09 *sex_41 *est_69

acordei de manhazinha (com) a candeia (na) (mao) (para) acender as trempes, (pensando) que (era) apenas (um) sonho (bom), mas (na) realidade ela (havia) (mesmo) ido (embora), e (eu) fiquei (com) (meu) (pai), que trabalhava vendendo (arroz), (feijao) e (milho) nas redondezas.

Unité textuelle n° 449 Khi2 = 11 Individu n° 30 *suj_30 *sex_41 *est_84

(na) (frente) da minha (casa) (criancas) brincam (com) estilingues, utilizando (os) limoes ainda (pequenos) do quintal do vizinho, (frutas) roubadas em silencio, (para) (fazer) arte. de repente, (ouco) (meu) (pai) chamando (meus) (irmaos) (para) ralarem (mandioca), prepararem

Unité textuelle n° 463 Khi2 = 11 Individu n° 31 *suj_31 *sex_40 *est_75

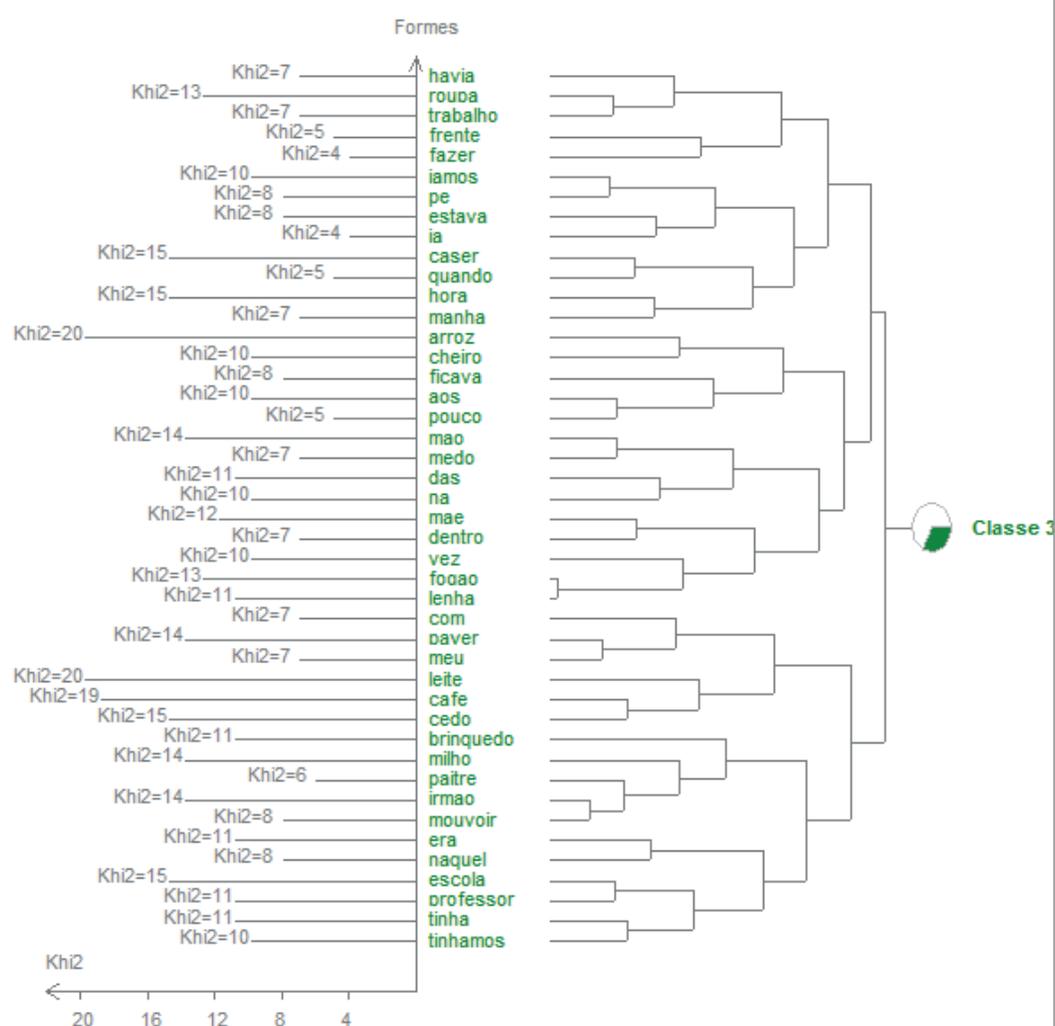
O (cheiro) do (cafe) vinha me_buscar, (com) a canequinha branca esmaltada (dava) bom_dia (ao) (meu) (pai) (na) estrebaria; no (fundo), ele sabia que, mais do que gostar do (leite) tirado (na) (hora) da mansinha, (eu) (queria) (mesmo) (era) me_parecer (com) ele, (embora) (meu) (me) bi

Unité textuelle n° 550 Khi2 = 11 Individu n° 37 *suj_37 *sex_41 *est_63

nao tive infancia, porque (comecei) a (trabalhar) muito (cedo). ajudava (meu) (pai) (nos) cultivos de (mandioca). (eram) tempos trabalhosos: acordavamos, tomavamos (cafe) (com) beiju e (iamos) (ao) (rocado) limpar (os) pes de (mandioca).

Classification Ascendante Hiérarchique

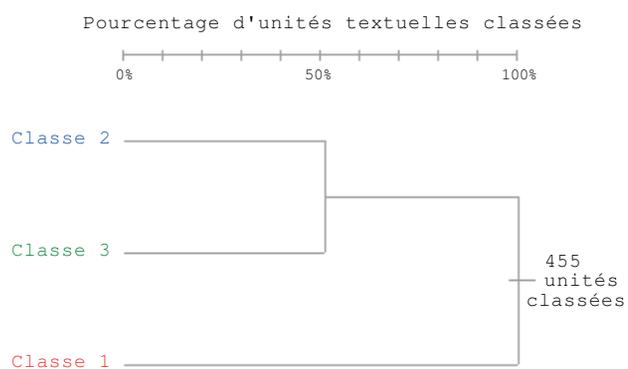
La classification ascendante constitue un résultat complémentaire et une aide à la représentation des relations locales entre formes d'une même classe. Ci-dessous l'arbre de la classification ascendante pour la classe 3 ; on observe les paquets d'agrégation de formes ainsi que le Khi2 de chaque forme dans la classe.



Remarque : cette classification est obtenue à partir de 50 formes analysées, elle ne peut donc pas être comparée avec un arbre obtenu avec un nombre de mots différent.

Dendrogrammes de Classification Descendante

Première classification



Deuxième classification

